



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Thalita Saldanha Coelho

BAGAGENS DO EXÍLIO:
JORGE AMADO E UM ROMANCE SEM FIM

Florianópolis

2021

Thalita Saldanha Coelho

BAGAGENS DO EXÍLIO:
JORGE AMADO E UM ROMANCE SEM FIM

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutora em Literaturas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tânia Regina Oliveira Ramos

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Coelho, Thalita Saldanha
Bagagens do exílio : Jorge Amado e um romance sem fim /
Thalita Saldanha Coelho ; orientador, Tânia Regina Oliveira
Ramos, 2021.
260 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Literatura, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Literatura. 3. Arquivo Literário. 4.
Gênero. 5. Jorge Amado. I. Oliveira Ramos, Tânia Regina.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Literatura. III. Título.

Thalita Saldanha Coelho

Bagagens do exílio: Jorge Amado e um romance sem fim

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Maria Eunice Moreira, Dra.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Profa. Rosana Cássia dos Santos, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Profa. Simone Pereira Schmidt, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Literaturas.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Tânia Regina Oliveira Ramos, Dra.

Orientadora

Florianópolis, 2021

Dedico esta tese à Sald, companheira de estudo e de vida.

À Mala de Jorge Amado, pelo romance sem fim.

À Família Cruz Marcondes, pela contribuição tão afetuosa.

À Maria Cruz, Pompeu Borges e Jorge Amado, pela potência de suas memórias.

AGRADECIMENTOS

À Professora Tânia, pelo companheirismo, apoio e compreensão durante estes quase dez anos de parceria e orientação. Agradeço imensamente os laços que permanecerão além da Universidade;

À Professora Leonor Scliar Cabral e sua mãe, Rosa, por terem sido as guardiãs da Mala de Jorge Amado durante tantos anos;

A José Eduardo e Luiz Fernando, respectivamente, neto e filho de Maria Cruz e Pompeu Borges, pelo carinho, pela confiança, pelas histórias incríveis, pela abertura em compartilhar a história de pessoas tão especiais em suas vidas. Minha eterna gratidão;

À Sald, esposa e parceira de pesquisa e estudo. Sem você nada disso seria possível, não só pelo acalanto durante os períodos de crise nestes últimos anos do doutorado, mas, principalmente, pelos trabalhos de detetive no processo de descobertas da Mala de Maria;

À Maria Lair e Beto, meus avós, pelo apoio incondicional aos meus estudos, pelo cuidado, afeto e zelo de sempre;

À Simone, minha mãe, pelas conversas longas sobre a vida e sobre educação; pelo referencial de mulher estudiosa que carreguei comigo;

A Maíra e Felipe, pelo acolhimento, amor e potência de quem escolhe ser família;

À Juliana Soares, pela amizade carinhosa e compartilhamento constantes;

Às minhas colegas do nuLIME, tão engajadas no cuidado e pesquisa com a Mala de Jorge Amado;

Aos dirigentes, filhos e filhas do Terreiro Filhos de Aruanda, pelo abraço e cuidado em momentos difíceis;

Aos orixás e meus guias espirituais, em especial minha Senhora, Dona Maria Mulambo, pelas orientações, proteção e conselhos sempre tão certos. Laroyê, Maria Mulambo!

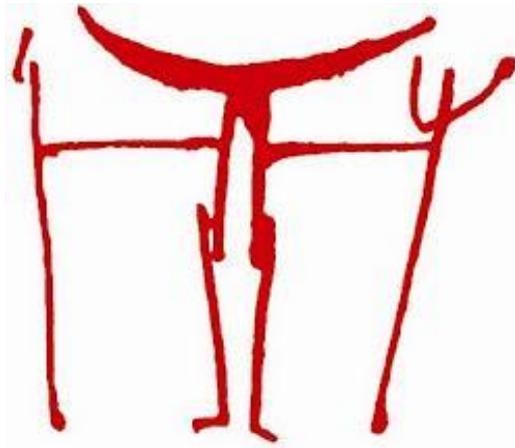
Aos meus gatinhos, Lordinha, Panqueca e Dendê, pelo carinho diário e companhia nas noites frias de escrita da tese;

Por último, mas não menos importantes:

A Pompeu Borges, Jorge Amado e Maria José Cruz Borges, por permanecerem vivos e vivendo através destes arquivos;

A todes que lutam pela manutenção da democracia e proteção dos seus.

**Se for de paz, pode entrar.
Laroyê!**



Arte de Carybé feita para Jorge Amado

“Nosso amor contém as cidades, os homens, as mulheres e o mar.”

Jorge Amado – Conversa do homem do caes com Yemanjá – A mala de Maria

“As doações devem atingir tão profundamente quem as recebe a ponto de causar-lhes
espanto.”

Walter Benjamin – Rua de mão única

RESUMO

Esta tese tem como objetivo analisar no romance inédito e inacabado de Jorge Amado as personagens mulheres, suas representações, seus desdobramentos e as fabulações possibilitadas pela materialidade de um outro acervo, guardado pela família de dois militantes, cujas presenças são significativas na vida e obra do Autor no exílio de 1941-1942. O romance faz parte das 1543 páginas de documentos do acervo denominado Mala de Jorge Amado, pertencente ao núcleo Literatura e Memória (nuLIME CCE – UFSC). O novo acervo analisado contém 1013 páginas de documentos e são historicamente iluminadores para o conteúdo da Mala e para a obra e a vida afetiva, política e literária do escritor baiano no período compreendido entre 1938 e 1942, ao complementar na sua materialidade o patrimônio literário e político de Jorge Amado e ao permitir apresentar Maria Cruz, personagem importante nos dois acervos e para a história das mulheres no Brasil nos anos 30.

Palavras-chave: Jorge Amado. Arquivo. Literatura. Gênero.

ABSTRACT

Drawing from an unpublished and unfinished novel by Jorge Amado, this theses aims at analyzing the novel's female characters, their representation, development and narratives, whose construction was enabled by the materiality of a [new] documental collection made available by two activists families that significantly participated in the author's life during the exile of 1941-1942. The novel incorporates the 1543 pages of documents part of the "A Mala de Jorge Amado" collection pertaining to the group "Literatura e Memória" (nuLIME CCE UFSC). The new documental collection assessed in this theses has 1013 pages of documents that are historically enlightening to the content of the "A Mala de Jorge Amado", as well as to Jorge Amado's work, and its political, affective and literary life from 1938 to 1942, as its materiality complements Jorge Amado's political and literary heritage by allowing the introduction of Maria Cruz, a relevant character in both collections and to the history of women in Brazil in the 1930s.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carteira de trabalho do Jornal A Noite	81
Figura 2 – Endereço que estava na carteira do jornal A noite	82
Figura 3 – Imagem do jornal O Imparcial	88
Figura 4 – Correspondência de Maria Cruz para o Liceo Rosarino de Mujeres	90
Figura 5 – Envelope da correspondência enviada por Maria Cruz	90
Figura 6 – Correspondência de Maria Cruz para Jorge Amado	96
Figura 7 – Correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado	97
Figura 8 – Correspondência de Pompeu Borges para Jorge Amado	99
Figura 9 – Fotos de Pompeu Borges e Maria Cruz disponíveis no site MyHeritage	102
Figura 10 – Foto de Sérgio Armando Cruz Marcondes, disponível no site My Heritage	102
Figura 11 – Foto de Maria Crua na Santa Casa de Misericórdia	104
Figura 12 – Capa da 1ª edição da Revista Esfera	104
Figura 13 – Recorte de jornal com previsão de matéria em homenagem a Pompeu	109
Figura 14 – Recorte de jornal com obituário de Pompeu Borges	110
Figura 15 – Recorte de jornal com obituário de Pompeu Borges	111
Figura 16 – Certidão de nascimento de Pompeu Borges	112
Figura 17 – Certidão de óbito de Pompeu Borges	113
Figura 18 – Matéria da Folha em homenagem a Pompeu Borges	114

Figura 19 – Absolvição de Pompeu Borges referentes ao período do Estado Novo	118
Figura 20 – Pintura de Maria, do artista Yoshiya Takaoka	121
Figura 21 – Autorretrato de Carlos Scliar	122
Figura 22 – Foto da família de Pompeu e Maria	123
Figura 23 – Maria Cruz e Elisa Nutels na praia	124
Figura 24 – Foto de Maria e Pompeu com Zélia Maria	125
Figura 25 – Foto de Maria e Pompeu	126
Figura 26 – Foto de Maria na varanda do apartamento no Rio de Janeiro	126
Figura 27 – Foto de Sérgio Armando e Pompeu Borges em Botafogo	127
Figura 28 – Foto de Pompeu, Maria e Luiz Fernando na Fazenda Marabô	127
Figura 29 – Foto de Pompeu, Maria e Luiz Fernando na Fazenda Marabô	128
Figura 30 – Bilhete de Jorge Amado enviado a Maria Cruz	149
Figura 31 – Bilhete de Jorge Amado enviado a Maria Cruz	150
Figura 32 – Bilhete de Jorge Amado para Maria	151
Figura 33 – Bilhete de Jorge Amado para Maria	152
Figura 34 – Bilhete de Jorge Amado para Maria	153
Figura 35 – Bilhete de Jorge Amado para Maria	154
Figura 36 – Bilhete de Jorge Amado para Maria	155

Figura 37 – Folha com rabiscos de nomes possíveis de Maria	155
Figura 38 – Folha com desenhos da casa de Maria na infância	156
Figura 39 – Convite para o Banquete aos ficcionistas brasileiros	157
Figura 40 – Cartão enviado a Maria Cruz, de Jorge Amado	159
Figura 41 – Correspondência de Jorge Amado para Maria	161
Figura 42 – Correspondência de Jorge Amado para Maria	163
Figura 43 – Correspondência de Jorge Amado para Maria	165
Figura 44 – Correspondência de Jorge Amado para Maria	167
Figura 45 – Recorte de jornal sobre a ida de Jorge Amado a Ilhéus	168
Figura 46 – Telegrama de Jorge Amado para Maria	169
Figura 47 – Correspondência de Jorge Amado para Maria	170
Figura 48 – Capa do periódico Vamos Ler!	171
Figura 49 – Retratos de Jorge Amado e Maria Cruz, de Carlos Scliar	172
Figura 50 – Cartão de voo da Varig em nome de Jorge Amado e Maria	173
Figura 51 – Parte interna do cartão de voo da Varig em nome de Jorge Amado e Maria	173
Figura 52 – Recorte de Notícias Gráficas com foto de Jorge Amado e Maria Cruz	174
Figura 53 – Foto de grupo de intelectuais em Buenos Aires	175
Figura 54 – Foto de grupo de intelectuais em Buenos Aires	175
Figura 55 – Jorge e Maria em Buenos Aires	176

Figura 56 – Originais do ABC de Castro Alves	177
Figura 57 – Primeira publicação do ABC de Castro Alves	178
Figura 58 – Envelope enviado a Ivan Pedro Martins, por Roberto Sisson	179
Figura 59 – Correspondência enviada a Ivan Pedro Martins por Jorge Amado	180
Figura 60 – Correspondência enviada a Maria Cruz por Jorge Amado	183
Figura 61 – Envelope da correspondência enviada a Maria Cruz	183
Figura 62 – Correspondência enviada a Maria Cruz por Jorge Amado	184
Figura 63 – Correspondência enviada a Maria Cruz por Jorge Amado	186
Figura 64 – Correspondência enviada a Maria Cruz por Jorge Amado	186
Figura 65 – Correspondência enviada a Maria Cruz por Jorge Amado	188
Figura 66 – Recorte de foto com Pompeu Borges, Jorge Amado e, possivelmente, Maria	190
Figura 67 – Desenho de Jorge Amado, assinado por Inaê	191
Figura 68 – Linha do tempo do exílio	192
Figura 69 – Recortes de jornal com supostos trechos de Estrada do Mar	193
Figura 70 – Texto “Volta”, publicado na Revista Esfera	194
Figura 71 – Crítica do texto “Volta”, publicado na Revista Esfera	195

Figura 72 – Texto “Pedido para a amada”, de Jorge Amado	197
Figura 73 – Texto “Poema de Natal”, de Jorge Amado	199
Figura 74 – Texto “Não chores”, de Jorge Amado	201
Figura 75 – Texto “Domingo de bairro”, de Jorge Amado	203
Figura 76 – Texto “Porque me odeias hoje?”, de Jorge Amado	205
Figura 77 – Texto “Poema de nossa grande aventura”, de Jorge Amado	207
Figura 78 – Letra da canção É doce morrer no mar, escrita por Jorge Amado	215
Figura 79 – Texto “Visão do mar no teu corpo”, de Jorge Amado	218
Figura 80 – Bilhete enviado a Maria, de Jorge Amado	219
Figura 81 – Ilustração de Iemanjá, de Pedro Rafael	220
Figura 82 – Texto “Poema de Inaê”, de Jorge Amado	223
Figura 83 – Texto sem título, de Jorge Amado	226
Figura 84 – Ilustração de Iansã, de Pedro Rafael	240

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDE – Associação Brasileira de Escritores

ANL – Aliança Nacional Libertadora

PCB – Partido Comunista Brasileiro

nuLIME – núcleo Literatura e Memória

SUMÁRIO

1	Error! Bookmark not defined.
1.1	Error! Bookmark not defined.
1.2	Error! Bookmark not defined.
1.3	Error! Bookmark not defined.
1.4	Error! Bookmark not defined.
1.5	Error! Bookmark not defined.5
1.5.1	Error! Bookmark not defined.
1.5.2	Error! Bookmark not defined.
2.	Error! Bookmark not defined.
2.1	Error! Bookmark not defined.
2.2	Error! Bookmark not defined.
2.3	Error! Bookmark not defined.
2.4	Error! Bookmark not defined.
2.5	Error! Bookmark not defined.
2.5.1	Error! Bookmark not defined.
2.5.2	Error! Bookmark not defined.73
3.	Error! Bookmark not defined.2
4.	Error! Bookmark not defined.0
4.1	Error! Bookmark not defined.
4.2	Error! Bookmark not defined.
4.3	Error! Bookmark not defined.
5.	Error! Bookmark not defined.

POSFÁCIOS

251

REFERÊNCIAS

256

1. INTRODUÇÃO

O acervo Mala de Jorge Amado 1941-1942 chegou até o nuLIME (núcleo Literatura e Memória), na Universidade Federal de Santa Catarina, no fim de 2011. Em 2012, iniciamos efetivamente o trabalho com os documentos contidos na mala que um dia pertenceu a Jorge Amado. Durante seu exílio na Argentina e no Uruguai, nos anos de 1941 e 1942, respectivamente, o escritor reuniu documentos pessoais e de amigos, rascunhos, originais, inéditos e muitas correspondências. Não apenas os rastros do escritor estão pelo acervo, mas toda uma história do PCB, de militantes comunistas e da literatura latino-americana. Ao retornar para o Brasil, na expectativa de não mais ser perseguido pelo Estado Novo, mas ainda temendo certa hostilidade, Jorge Amado decide deixar tudo que pudesse comprometê-lo, e a seus companheiros, sob os cuidados da amiga e militante comunista Rosa. Ela tenta devolver a ele seus papéis guardados numa Mala, mas não houve interesse em reatar com aquele passado militante, dando início a guarda e cuidado com o arquivo, primeiro para Rosa, até os momentos que antecederam sua morte e ocasião em que a guardiã decide repassar a responsabilidade para sua filha, Leonor Scliar-Cabral. Até chegar ao nuLIME, a Mala permaneceu intocada, fechada.

No epílogo de seu livro *The Fantasy of Feminist History*, a escritora e historiadora Joan Scott reflete sobre a experiência arquivística da forma que, enquanto pesquisadora, a enxerguei e vivenciei:

A busca pelo conhecimento nos arquivos é uma tarefa altamente individualizada, mas não solitária. A pesquisadora cerca-se dos espíritos sussurrantes que conjura a partir do material lido. Se é uma boa leitora, ela ouve, também, os silêncios e omissões. (tradução minha)¹ (SCOTT, 2011, p. 145).

Muitas vezes permaneci, por horas a fio, escavando entre os documentos dos dois arquivos que compuseram esta pesquisa, jamais senti-me sozinha. Estive sempre acompanhada, é claro, de minhas companheiras de pesquisa e de minha orientadora, contudo, a sensação abarcava mais do que essas presenças constantes e físicas, parecia estar, frequentemente,

¹ “The pursuit of knowledge in the archive is a highly individualized task, but it’s not lonely. The researcher surrounds herself with the whispering souls she conjures from the material she reads. If she’s a goodreader, she listens, too, for silences and omissions (...)”

rodeada desses “sussurros de almas conjuradas pelo material”, como se vivas fossem e, talvez, de fato estejam, se nos lembrarmos das cosmogonias africanas, que enxergam a morte como o esquecimento, não como o desencarne. Se há memória, portanto, há vida. O fato mais marcante de minha experiência enquanto pesquisadora foi perceber que a permanência da memória não está somente naqueles documentos que foram deliberadamente guardados, por serem, sob qualquer perspectiva, relevantes, mas sobrevive também, quiçá principalmente, nos suvenires involuntários, nos fragmentos caóticos, aparentemente sem sentido, peças avulsas, como nos conta Joan Scott:

O arquivo é composto de documentos conscientemente selecionados e escolhidos do passado e também de fragmentos caóticos que ninguém teve a intenção de preservar, mas estão ali por acaso. Fragmentos caóticos espreitam nas frestas das categorias designadas, esperando capturar a atenção da pesquisadora solitária que, atualmente, não costuma procurar por origens, mas por registros que fundamentem uma interpretação com a qual ela deseja trabalhar. Devo ressaltar que as pesquisadoras raramente restringem-se à classificação formal; constantemente se recusam a fazer-se limitar por ela. Outrossim, parte da diversão envolvida na pesquisa arquivística é imaginar o que poderia estar escondido em uma caixa de papéis cuja inscrição catalográfica aparentemente não guarda relações com a pesquisa em questão.² (tradução minha) (SCOTT, 2011, p. 145)

A despeito de compreender a presença viva do material e de, reiteradamente, ser perpetrada pela confusão de vozes que compunham as narrativas do arquivo, foi no silêncio e nas omissões que fixei minha atenção, nos fragmentos que pareciam alheios, especialmente naquilo não dito sobre as mulheres e suas representações dentro da Mala de Jorge Amado, de que maneira elas, enquanto indivíduos, surgiam nas páginas amareladas. No romance inédito escrito pelo baiano e abandonado na bagagem, uma voz masculina ecoa enquanto herói coletivo do enredo; em um texto do autor, escrito especialmente para uma palestra no *Liceo Rosarino de Mujeres*, na Argentina, as figuras de Leocádia Prestes, Olga Benário e Anita Prestes aparecem relegadas às suas relações com o líder comunista Luís Carlos Prestes: mãe, esposa e filha. Simultaneamente, a poeta Gabriela Mistral é citada no prólogo do romance de Amado e estão no acervo

² “The archive is made from selected and consciously chosen documentations from the past and also from the mad fragmentations that no one intended to preserve and that just ended up there”. Mad fragmentations sit waiting in the interstices of assigned categories to engage the imagination of the lonely researcher who, these days, is not usually looking for origins, but rather documentation for an interpretation she wants to advance. I should add that researchers are rarely confined by the formal classifying rubrics; They routinely refuse to be limited by them. Indeed, part of the fun of archival research is guessing what might be found in a box of papers whose label is seemingly irrelevant to the inquiry at hand”.

correspondências da feminista chilena que elogiam o escritor; Leocádia é a responsável por manter contato com os militantes comunistas, inclusive Jorge Amado, e organizar e inflamar a campanha de liberdade de seu filho e sua nora, ambos presos: Prestes em Ilha Grande e Olga Benário no campo de extermínio de Bernburg; além disso, a responsável por receber as correspondências dos militantes brasileiros exilados chamava-se Maria Cruz, responsável, também, pelo contato com Luís Carlos Prestes enquanto este esteve preso, como nos indica uma das correspondências presentes na Mala.

Desde o início, voltei-me aos rastros e marcas de mulheres na Mala de Jorge Amado e, tendo sido uma das primeiras a ler e tentar desvendar as pistas ali contidas, realizando as primeiras catalogações dos documentos, tive a oportunidade de me debruçar sobre o arquivo incansavelmente. Logo, em meio às minhas leituras e organizações, um nome específico sobressaiu-se aos demais e deu início à obsessão de minha pesquisa: Maria. O nome aparecia um número considerável de vezes em diversas correspondências recebidas por Jorge Amado, enviadas por Pompeu Borges, companheiro da ANL (Aliança Nacional Libertadora) e tradutor da biografia de Prestes; em determinado momento, encontrei um rascunho de carta escrita por ela: assinava Maria Amado e se referia ao escritor como marido, contudo, à época, este era casado com Matilde Garcia Rosa, que, na ocasião, se encontrava no Rio de Janeiro; pouco depois, deparei-me com uma carta enviada a Jorge Amado: o teor era político, mas também afetivo. No romance inédito abandonado na Mala, outra Maria surgia: Maria Franco, a única personagem mulher que possuía voz dentro da narrativa. Aficionada, voltei-me para *Navegação de cabotagem*, livro que compõe o mais próximo de um livro de memórias do baiano: lá, algumas outros vestígios: duas memórias curtíssimas que citavam “Maria, a Chinesa”, datadas do mesmo período do exílio e o aviso no início do livro: todas as mulheres com quem Jorge Amado havia se envolvido, com exceção de Zélia e Matilde, seriam chamadas de Maria. Todos os indícios me provocavam: estariam, de alguma forma, todas as Marias interligadas? Seria possível que todas fossem a mesma?

Procurar a identidade de Maria tornou-se minha obsessão enquanto pesquisadora. Decidi, após finalizar meu Mestrado, que estudaria as personagens mulheres do romance inédito contido na Mala, analisando suas construções e personalidades, acreditando, inclusive, que Maria Franco, personagem do romance, havia sido inspirada em Maria Cruz, personagem do acervo. Então, dei seguimento à tese, sem novas descobertas sobre a personagem que tanto me

intrigava, até que minha fixação rendeu frutos inimagináveis: as pesquisas na internet me proporcionaram mais detalhes sobre a personagem da Mala e corporificaram Maria: consegui o contato da família e mantivemos diálogo sobre as pesquisas e sobre a vida de Maria Cruz e Pompeu Borges, culminando na doação de um arquivo-herança de família que veio somar à Mala de Jorge Amado e que preenchia muitas das lacunas que ainda existiam nas narrativas do acervo. Isto posto, apresento os capítulos da tese, tendo em mente a trajetória de pesquisa que levou à construção deste trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado “Caminhos, percalços e alongamentos”, verso sobre Jorge Amado enquanto comunista e militante e descrevo, em detalhes, a chegada do Acervo Mala de Jorge Amado ao nuLIME e o itinerário de pesquisa, com todas as suas paradas, obstáculos e destinos. Em seguida, nas subseções do capítulo inicial, retomo o conceito de amor camaradagem, apresentado por Alexandra Kollontai, na pretensão de preparar o caminho para as narrativas de afeto das personagens – dos arquivos e do romance inédito. Para compreender a construção do enredo do inacabado e das características do realismo socialista, abordo um pouco do histórico da Associação Brasileira de Escritores para, então, apresentar o romance inédito presente na Mala, em que contexto isso se dá, em que momento histórico e político o escritor baiano surge na cena literária brasileira e como isso afeta sua literatura. Por fim, após apresentação da narrativa, revelo os pormenores de duas personagens mulheres da trama: Edith e Dalva, passando por Heitor, personagem masculino crucial para desvendar Edith, analisando suas construções à luz das teorias de Dan Healey, Monique Wittig, Luce Irigaray e Cláudia de Lima Costa.

Em “Fazendo as malas: arquivos em exílio”, segundo capítulo desta tese, debruço-me na ida de Jorge Amado para o exílio em 1941 e 1942, elucidando, como já afirmei, as lacunas biográficas do escritor a partir dos rastros deixados na Mala. Na seção seguinte, é chegada a hora de conhecer mais de perto três personagens, sob a perspectiva do arquivo do baiano: Jorge Amado, Pompeu Borges e Maria Cruz para, posteriormente, em “Heranças: laços e afetos em família” abordar as descobertas sobre Maria Cruz que culminaram na doação de seu arquivo pessoal relacionado ao autor, transcrevendo os *e-mails* trocados com seus familiares e, com prévia autorização destes, reproduzindo fotos de seus acervos pessoais. A seção “O arquivo-herança: abrindo a Mala de Maria” contém uma breve descrição dos documentos encontrados no arquivo doado a mim pelo filho mais velho de Maria Cruz Borges, no intuito de desvelar o conteúdo da documentação, contudo, sem pretensão de catalogar efetivamente o arquivo neste

momento. Então, é necessária uma pausa para reflexão e análise em “Reviravoltas na narrativa”, para reconhecimento daquilo que se modificou a partir da existência da Mala de Maria a partir de fabulações e narrativas repensadas sob as perspectivas de Maurice Blanchot, elucidadas por Tatiana Salem Levy. “Trajetos”, próxima parte, é construída enquanto uma narrativa da história de Jorge Amado e Maria Cruz entre os anos de 1938 e 1942, especificamente nas cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires, a partir das correspondências e textos literários presentes na Mala de Maria.

A partir de “Maria como personagem literária”, terceiro capítulo deste trabalho, apresento os textos de caráter literário escritos por Jorge Amado com Maria como interlocutora e inspiração; seguindo esse percurso, faço um desvio para discutir em “Macumba enquanto linguagem” a importância das epistemologias e experiências de religiosidade e vivência afro-brasileiras, partindo das reflexões de Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, com foco em apreender essa linguagem para que seja possível enxergar sua influência nos escritos do autor baiano, principalmente pela figura marcante de Iemanjá³ na Mala de Maria⁴ e na construção da representação desta. Dessa forma, passamos a “Iemanjá, Inaê, Princesa de Aioká, Maria”, que discute a representação de Iemanjá, partindo de seus itans, apresentados por Reginaldo Prandi, para, finalmente, discutir a alegoria de Maria como Iemanjá/Inaê, a partir de correspondências e textos literários transcritos, todos presentes na Mala de Maria.

Na quarta parte, “Toda felicidade é traição: Maria Franco, José e Mario”, apresento e analiso as personagens do romance inédito, trabalhando com a ideia de inspiração na relação com Maria Cruz e no envolvimento e amizade com Pompeu Borges, tudo a partir das descobertas do arquivo de Maria e do romance inédito contido na Mala de Jorge Amado. Em “O sopro destrutivo de Oiá”, levanto a hipótese da transformação de Maria, antes Iemanjá, em Oiá/Iansã, a orixá dos ventos e tempestades, a partir da descrição desta no romance, mais uma vez, retomo os itans de Reginaldo Prandi acerca da divindade do panteão africano. Por fim, retomo as três personagens, rapidamente, Maria, Dalva e Edith, comparando suas construções.

³ Posteriormente, a orixá será apresentada, em detalhes. Elucido que a grafia de seu nome flutuará, a depender do contexto em que se encontra. Quando falarmos sobre a tradição africana, é provável que ela seja grafada Yemanjá ou Yemojá. O mesmo ocorre quando Jorge Amado estiver se referindo a ela, tendendo a usar múltiplas grafias, o que é comum de palavras emprestadas de outros idiomas.

⁴No arquivo Mala de Maria, a presença da orixá Iemanjá é indiscutivelmente relevante e profícua, contudo, já na Mala de Jorge Amado a sereia se faz presente, seja pela espiritualidade do próprio Jorge Amado ou nos poemas de Alberto Soriano Thebas, a quem Jorge escreveu o prólogo do livro *Las cinco llegadas de Madre d'água*.

Ao fim da tese, na conclusão, retomo a importância do estudo de arquivos para a história literária, política e para a biografia de Jorge Amado e demais personagens presentes nas bagagens das duas Malas, bem como a onipresença de Maria que é percebida através dos documentos apresentados. E então, no Posfácio, inspirada pelos eventos de construção da tese e incapaz de ignorar minha parte escritora, deixo crônicas que nasceram juntamente a esse trabalho. Acredito que, durante a escrita da tese e todo o itinerário da pesquisa, foram os interditos, as ausências, os fragmentos quase imperceptíveis que me cativaram. Esta tese é o resultado da incorporação⁵, ao imaginário de uma pesquisadora, de fragmentos sem sentido, sussurros fantasmagóricos e silêncios prolongados, todos em uníssono.

⁵Roland Barthes (2015), ao falar de Michelet e sua experiência de trabalho com arquivos, utiliza o vocábulo. Retomo, dessa forma, as noções barthesianas e tomo a liberdade de pensá-las, também, dentro do espectro das epistemologias das macumbas, em que a incorporação significa dar passagem ao espírito para um corpo físico.

1.CAMINHOS, PERCALÇOS, ALONGAMENTOS

Jorge Amado é nome conhecido no Brasil e internacionalmente pelas suas traduções, seja por sua obra profusa ou pelas adaptações destas para o cinema e para as novelas televisivas; é ainda o nome referência em sua Bahia de Todos os Santos, onde viveu a maior parte da sua vida. Quando se fala no escritor baiano é quase instantâneo lembrar de suas últimas e mais célebres obras, como *Gabriela Cravo e Canela*, *Dona Flor e seus dois maridos* e *Tieta do Agreste*. No entanto, ainda há muito a conhecer sobre sua história como militante comunista, antes mesmo de ser deputado estadual pelo PCB, em 1946 e esteve exilado em dois momentos diferentes durante a ditadura estadonovista. É exatamente esse Jorge Amado que me é conhecido e de quem venho estudando as lacunas biográficas e literárias desde 2011, quando o Acervo Mala de Jorge Amado chegou até a UFSC.

Durante as férias de julho de 2011 recebemos no nuLIME todo o conteúdo que um dia estivera numa mala que pertencia ao escritor baiano. A Professora Doutora Leonor Scliar Cabral chegou à porta da sala de minha orientadora, Professora Doutora Tânia Ramos, e soltou, sonoramente, como quem conclui algo óbvio, finalmente: “Tânia, acho que vou te dar a mala de Jorge Amado”. Sem imaginar que fosse *literalmente* um conteúdo que pertencera ao baiano e que fora guardado pela mãe de Scliar, uma militante comunista chamada Rosa, amiga de Jorge Amado, Tânia aceitou o presente e, no dia seguinte, ao abrir a sacola trazida por Leonor e se dar conta da riqueza contida ali, espantou-se e resolveu trancar o material dentro de um arquivo de aço da sala do nuLIME (núcleo Literatura e Memória). Da mala para uma gaveta, os documentos permaneceram trancafiados até outubro daquele ano, quando a professora Tânia chamou uma graduanda de Letras Português, sua aluna na disciplina de Literatura e Ensino, para trabalhar voluntariamente no nuLIME, especificamente com o estranhamento preso na gaveta: assim começava minha trajetória nesta pesquisa.

Começamos a abrir a Mala em outubro do mesmo ano, aflitas com o que poderia significar ter aquele material conosco, em termos legais referentes a direito autoral. Então, o trabalho de leitura e reconhecimento da Mala durante seu primeiro ano foi todo feito em necessário recolhimento. No decorrer do ano seguinte, coincidentemente o ano de centenário do nascimento de Jorge Amado, permanecemos trabalhando, descobrindo textos literários originais e inéditos, correspondências íntimas e de cunho político, documentos pessoais,

recortes de jornais, endereços, materiais de pesquisa sobre a vida de Prestes, tudo datado de 1941 e 1942, dois anos em que Jorge esteve exilado na Argentina e no Uruguai.

À época, uma exposição com parte do acervo do escritor, presente na Fundação Casa de Jorge Amado, bem como alguns itens da Casa do Rio Vermelho, foi montada no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo: Jorge Amado e Universal, vigente de 17/04/2012 a 22/07/2012. Durante a visita, pude conferir quais eram as informações referentes àqueles dois anos da vida do escritor que constavam nos arquivos de Salvador. Na exposição colorida, cheia da baianidade que era característica do autor, com mais de 6 mil fitinhas de Nosso Senhor do Bonfim, uma quantidade considerável de imagens de orixás e cheirando a dendê, cravo e canela, pude constatar uma grande lacuna na biografia oficial no que concernia 1941 e 1942: sobre os dois anos de exílio, apenas a informação de que Jorge publicou a biografia de Prestes em 42.

A pesquisa continuou. Recebemos a visita no nuLIME – núcleo Literatura e Memória membros da Comissão de Ética orientados pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e nos sentimos mais legitimados para a continuidade da pesquisa. Em 2013, iniciei meu Trabalho de Conclusão de Curso, criando oficialmente uma catalogação formal da documentação, seguindo as coordenadas da Professora Doutora Maria da Glória Bordini, responsável por catalogar o acervo de Érico Veríssimo. No mesmo ano, a saudosa Myriam Fraga, amiga de Jorge Amado, escritora e, naquele momento, diretora da Fundação Casa de Jorge Amado, entra em contato com o Núcleo, informada da existência da Mala pelo Professor Dr. Eduardo de Assis Duarte, que havia visitado o nuLIME e conhecido o material. Começa, então, um momento de parceria entre Salvador e Florianópolis: com o apoio da Fundação, nossa pesquisa pôde, finalmente, ter se tornado oficialmente conhecida, seja através de eventos seja através de publicações. Produzimos trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, artigos, fomos contempladas pelo Projeto Universal do CNPq em 2014, em primeiro lugar possibilitando uma viagem a Salvador para o evento oficial sobre Jorge Amado, que aconteceu em 2015, e a compra de todo o material necessário para a restauração e conservação do acervo.

Defendido o TCC, ingressei no Mestrado em Literatura da UFSC, no ano de 2014 e, dessa forma, pudemos dar continuidade à pesquisa, aprofundando-a cada vez mais e contando com a ajuda de mais e mais pesquisadoras. Logo, sentimos a necessidade de recatalogar o acervo. Minha dissertação focou, novamente, na organização material do conteúdo da Mala. Finalizado o Mestrado, iniciei o doutorado com um projeto que objetivava, como já mencionado, no debruçar-se sobre presenças femininas no Acervo e a importância do romance

inacabado que fazia parte da catalogação. Entre as minhas hipóteses destacava já no projeto a possibilidade de projetar Maria Cruz e Pompeu Borges, personagens centrais do arquivo, na minha leitura de dois personagens do romance.

Como estudiosa de arquivo se tornou fulcral para a pesquisa conhecer a história de Maria Cruz. Não através de documentos, mas na tentativa de relações familiares e afetivas da mulher que para a pesquisa trazia uma importante narrativa política e afetiva para o enredo que buscávamos construir paralelamente ao romance engajado que estudávamos. Inevitavelmente o conhecimento do nome próprio completo, graças ao livro *O partido comunista que eu conheci*, de João Falcão, e a pesquisa virtual nos permitiram o encontro com a família de Maria Cruz e Pompeu Borges e recebi, das mãos do filho mais velho do casal, um novo arquivo com documentos relacionados a toda pesquisa que fizemos com a Mala de Jorge Amado, 1013 páginas de materiais datados entre 1939 e 1942, em sua grande parte, e alguns outros. Com a chegada deste novo arquivo, a tese ruma a seu final: a existência da documentação ratificava uma série de narrativas construídas nas biografias de Jorge Amado e na própria narrativa da Mala e, ainda mais importante para minha pesquisa, as documentações do arquivo de Maria traziam elementos estruturais que me permitam entender a construção de Maria Franco, personagem do romance inédito que analisávamos. O diálogo entre os dois arquivos, refletindo sobre que discursos são modificados, que indícios se complementam, que lacunas são preenchidas foram fundamentais para a nossa tese.

A onipresença de Maria Cruz enquanto militante, companheira de Amado, personagem do romance inédito, enquanto representação de todas as mulheres com quem o autor se envolveu, como acontece em *Navegação de Cabotagem*, quando Jorge, logo no início, nos avisa que todas as mulheres que fizeram rápida passagem por sua vida seriam ali chamadas de Maria, ou como musa inspiradora chamada pelo baiano de Yemanjá e Inaê, colocando-a numa posição divina ao ser comparada com a orixá protetora dos marinheiros. Pensando nessa onipresença latente, entraremos na discussão sobre o amor camaradagem, de Alexandra Kollontai, essencial para o entendimento da afetividade de Jorge Amado e Maria Cruz, bem como para a compreensão de Edith, Dalva e Maria Franco, personagens do romance inédito contido na Mala de Jorge Amado.

1.2. O AMOR CAMARADAGEM: IDEOLOGIAS NO AFETO

A Revolução Russa vem sendo estudada, revirada, teorizada à exaustão, ainda assim, o nome da primeira mulher a ser embaixadora no Ocidente e que participou dos eventos que construíram a virada revolucionária soviética não é de conhecimento comum e suas teorizações não são amplamente divulgadas ou analisadas. Alexandra Kollontai nasceu em 31 de março de 1872, no território da URSS que, hoje, corresponde à Finlândia; filha de latifundiários, estudou Economia Política em Zurich, foi professora voluntária em periferias da URSS, escritora de contos, além de, posteriormente, líder comunista, militante e teórica.

Apesar da militância no partido comunista soviético, lutando pelos direitos dos trabalhadores e, especialmente, trabalhadoras, a autora possuía raízes aristocratas, tendo passado o início da sua vida muito longe das agruras do sofrimento dos operários ou camponeses. Foi durante a participação numa greve da fábrica têxtil Krenholm, em 1886, que Kollontai deparou-se com a realidade da exploração capitalista. Em 1898 resolve não cumprir mais as obrigações impostas pelo matrimônio e sai de casa, deixando marido e filho, para assim se dedicar inteiramente à militância – e a si mesma, como relata em sua Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada:

Amava a meu belo marido e dizia a todos que era extraordinariamente feliz. Mas essa felicidade parecia manter-me prisioneira. Eu queria ser livre. O que eu entendia por isso? Eu não queria viver como viviam todas as minhas amigas e conhecidas recém-casadas. O marido ia trabalhar e a mulher ficava em casa, dedicando-se a cozinhar, e fazer as compras domésticas. (KOLLONTAI, 2007, p. 34).

É nesse contexto que Kollontai inicia sua militância, primeiramente ao lado dos mencheviques no Partido Operário Social Democrata Russo, desenvolvendo estudos sobre socialismo, dando palestras e construindo uma reputação no campo político. Quando entra no Partido Socialista Internacional, através de missões pontuais transportando documentos secretos, Kollontai já era reconhecida como militante, teórica e especificamente pela luta ao lado das mulheres trabalhadoras. Ao final do século XIX, início do XX, incumbida do cargo, agora ao lado dos bolcheviques, conhece Lenin, Rosa de Luxemburgo e demais críticos da ala revisionista do partido. Em janeiro de 1905, participa de uma marcha pacífica de camponeses e operários em São Petesburgo, que foi fortemente reprimida e fica conhecida como Domingo

Sangrento, evento causador do efeito dominó que resulta na Revolução de Outubro. Kollontai atuava na Segunda Internacional, especificamente lutando pelas mulheres trabalhadoras. Ela também fez parte da organização do Dia Internacional da Mulher no seu país. Segundo Abadia (2018),

Foi Comissária do Povo no setor de atendimento à maternidade e à infância, tendo contribuído com muitas das leis que foram aprovadas nos congressos do partido em favor da mulher operária. Sua postura excessivamente crítica no que se refere à moral tradicional e às relações afetivas dotou-a de uma conduta libertária e de uma reflexão profunda no debate sobre a psicologia dos homens e das mulheres, acerca do modo como a sociedade estava sendo afetada pela moral sexual burguesa. (p. 17)

Para Kollontai, a libertação da mulher só pode ocorrer com a libertação da classe trabalhadora, por isso, passou sua vida tentando convencer seus companheiros de que as mudanças de questões consideradas privadas, como amor, comportamento, sexualidade, também se incluíam nos assuntos da revolução. Para ela, a gestação de uma nova moral deveria ser parte do processo de luta, o que ia de encontro a uma visão predominante que defendia que esses debates deveriam ser trazidos apenas após uma mudança drástica nas relações de trabalho.

O foco deveria ser a autonomia econômica e construção da individualidade independente das mulheres, bem como o desenvolvimento profissional e intelectual. Para que fosse possível realizar essa modificação na moral, a filósofa pontuava que seria necessário um investimento político de mulheres e homens.

Para Alexandra Kollontai (2011), a mulher moderna "(...) nasceu com o ruído infernal das máquinas da usina e das sirenes das fábricas" (p.15). Ela é filha do capitalismo, ou seja, sua essência tem ligação direta com o modo de produção e o sistema econômico. A autora chama essa indivíduo de "mulher celibatária", isto é, desvinculada do casamento, que trabalha fora; está em oposição direta às mulheres que contraíram matrimônio e são "sustentadas" pelo marido – à custa de muito trabalho doméstico não remunerado.

A nova mulher protesta contra o tipo de mulher implantado no imaginário; possui seu próprio mundo interior, mantém-se com a cabeça erguida. Revolta-se contra o próprio cativo amoroso e se mantém com o seu próprio suor [...]. A nova mulher traz consigo algo de estranho, de desagradável às vezes em sua originalidade. Olhamos para elas procurando os traços conhecidos, amados, de nossas mães e avós. Mas, ergue-se diante de nós, velando o passado, uma nuvem de

emoções, de sentimentos, de necessidades novas [...] Temos diante de nós uma individualidade, uma personalidade que se afirma. É uma mulher que rompe as cadeias enferrujadas de sua escravidão. (KOLLONTAI, 1982, p. 56-69).

A imensa transformação que as condições de produção sofreram no decorrer dos anos subsequentes à Revolução Industrial obrigou a mulher a se adaptar às novas condições criadas pela realidade (KOLLONTAI, 2011) e, se está longe de significar felicidade plena, é impossível voltar atrás:

“(...) a mulher que experimentou alegrias mais vastas, que tomou consciência de si mesma como ser humano independente e preciosa companheira de trabalho, já não vende sua personalidade liberada por um prato de lentilhas, a concha fechada do recôndito do lar” (KOLLONTAI, 1982, p. 46).

À primeira vista, o que pode parecer simplesmente uma conquista da independência financeira e do mercado de trabalho, revela-se, efetivamente, em dupla ou tripla jornada de trabalho para a mulher. O capitalismo, em suma, se apresenta como uma alternativa libertadora ao trabalhador, como nos fala Heleieth Saffioti, contudo:

A economia de mercado implica, pois, simultaneamente, na igualdade jurídica dos homens e, conseqüentemente, num afloramento à superfície da sociedade do fator econômico como distribuidor de oportunidades sociais. A dimensão econômica das relações sociais não mais se oculta sob e na desigualdade de status jurídico dos homens (status de homem livre, de servo, de escravo). É como livres possuidores de sua força de trabalho que os homens participam do mercado. Nem por isso, contudo, o mecanismo de operação do modo de produção capitalista pode ser imediatamente apreendido. Aparentemente, a igualdade de status jurídico é indicador suficiente da igualdade social. A liberdade de que cada homem goza na situação de mercado leva à ilusão de que as realizações de cada um variam em razão direta de suas capacidades individuais. (SAFFIOTI, 1976, p. 26)

Os homens sonham se emancipar dos patrões; algumas mulheres burguesas, com a emancipação dos maridos. Inseridas no mercado de trabalho, visando conquistar uma liberdade financeira e social, não mais dependendo (exclusivamente, no caso das já casadas) de um contrato de casamento para sobreviver, acabam por ter o trabalho duplicado: agora, além de responsáveis pelo lar e, se for o caso, pelos filhos, são também trabalhadoras da fábrica – quase sempre com cargas horárias maiores e ganhando menos do que os colegas do sexo masculino.

Com a acumulação de capital sendo agora parte central da essência da família burguesa, a acumulação de jornadas de trabalho para as mulheres também entra em jogo, já que os afazeres domésticos não se tornam facultativos com a entrada das mulheres nas fábricas:

(...) a família burguesa não se baseava na posse de riquezas patrimoniais, e sim na acumulação do capital. A família convertia-se em guardiã viva das riquezas acumuladas. Mas, para que esta acumulação se realizasse o mais rapidamente possível, era muito importante para a classe burguesa que os bens adquiridos pelo marido ou pelo pai fossem gastos com economia, de um modo inteligente, a fim de não desperdiçá-los. Era, pois, necessário que a mulher fosse, também, uma boa dona de casa, amiga e auxiliar do marido. (KOLLONTAI, 2000, p. 115 -116)

Para Kollontai, a moral dominante da sociedade é ditada pelas condições econômicas e, a partir daí, inicia-se um processo reflexivo, em que ambas se modificam. Em *A nova mulher e a moral sexual* a autora traz a necessidade de repensar uma moral revolucionária que pudesse servir de contraponto à moral burguesa. Logo no início, o foco é a tese de Grete Meisel-Hess em *A crise sexual*; Kollontai analisa o estudo que desmascara a moral sexual contemporânea e afirma que esta nada mais é do que uma ficção. Na obra, a autora faz uma análise sistemática de três formas fundamentais de união entre os sexos: matrimônio legal, livre união e prostituição e, sumariamente, conclui que, no capitalismo, essas três formas levam obrigatoriamente à infelicidade. Logo, dentro dessa sociedade capitalista, não há solução possível para a crise sexual.

Apresentando o argumento de Meisel-Hess, Kollontai conclui que apenas uma transformação da psicologia humana poderia produzir um amor verdadeiro nas relações entre os sexos, para que estas pudessem criar afinidades genuínas e uniões sexuais que trouxessem felicidade a todos e todas envolvidos. E isso exigiria uma modificação das relações econômicas e sociais, ou seja, o estabelecimento do regime comunista.

O amor é um sentimento, mas é, também, um fator social (KOLLONTAI, 2011). Logo, as noções de amor relacionadas ao matrimônio só vão ser desenhadas a partir do fim do século XIV e início do XV, quando entra em jogo o amor enquanto ferramenta da moral burguesa. Antes disso, outras formas de amor foram mais valorizadas, a depender do contexto histórico e social. Quando a burguesia precisa consolidar uma família nuclear para servir de base para o sistema capitalista, para que a acumulação de terras do feudalismo substitua a acumulação de capital, faz-se necessário manter os ganhos dentro da mesma família, então, o burguês inova

afirmando que o matrimônio não deve mais ser feito por interesses econômicos ou de reinado, agora, apenas o sentimento legítimo deve unir duas pessoas num casamento:

A hipocrisia moral da cultura burguesa, que obrigava o amor a visitar somente o casal unido legalmente, arrancava sem piedade toda a sua beleza. Fora do matrimônio, só podia existir para a ideologia burguesa a atração passageira entre os sexos sob a forma de carícias compradas (prostituição) ou de carinhos roubados (adultério). (KOLLONTAI, 2011, p. 128)

Contudo, a boa nova nada mais é do que uma armadilha: unindo amor ao matrimônio, a burguesia submete o primeiro às regras do segundo e transforma qualquer tipo de afeto que se dê fora da instituição matrimonial em ilegítimo.

Sob o regime burguês o desdobramento da alma e do sentimento traz consigo inevitáveis sofrimentos. A ideologia baseada no instinto da propriedade inculcou no homem, durante séculos e séculos, que todo sentimento de amor deve estar fundamentado num princípio de propriedade. A ideologia burguesa gravou na cabeça dos homens a ideia de que o amor dá direito a possuir inteiramente, sem compartilhá-lo com ninguém, o coração do ser amado. Este ideal, esta exclusividade no sentimento de amor, era consequência natural da forma estabelecida do matrimônio indissolúvel e do ideal burguês de amor absorvente entre os esposos. (KOLLONTAI, 2011, p. 126)

O casamento é utilizado como instrumento para submissão das mulheres dentro do sistema capitalista, portanto, dessa forma, o amor passa a ser, como ressalta Silvia Federici (2017), desculpa para uma série de trabalhos realizados por mulheres: reprodução, sexo, cuidar da casa e dos filhos, trabalhos não remunerados que, a partir daquele momento, ganham status de "provas de amor" mandatórias. Sendo o matrimônio indissolúvel e estritamente monogâmico, ou seja, baseado na noção de propriedade entre os pares, ao se casar por amor verdadeiro, como clama a moral burguesa, a mulher acaba por assinar um contrato de trabalho não remunerado, hierarquizado e vitalício:

A ideia da propriedade inviolável do esposo foi cultivada com todo o esmero pelo código moral da classe burguesa, com sua família individualista encerrada em si mesma, construída totalmente sobre as bases da propriedade privada. A burguesia conseguiu com perfeição inocular essa ideia na psicologia humana. (KOLLONTAI, 2011, p. 50)

Perguntada por um jovem camarada sobre o lugar do amor dentro do comunismo, Kollontai reflete sobre a questão e constata que, antes ocupados com os sofrimentos da revolução, com resistir e permanecer vivos, não havia tempo na mente dos revolucionários e revolucionárias para pensar o amor; porém, após 1917, é hora de olhar para os afetos e como estes impulsionam a transformação:

É chegado o momento de reconhecer abertamente que o amor não é somente poderoso fator da natureza, não é apenas uma força biológica, mas também, um fator social. Em sua própria essência é o amor um sentimento de caráter profundamente social. O certo é que o amor, em suas diferentes formas e aspectos, constitui, em todos os níveis do desenvolvimento humano, uma parte indispensável e inseparável da cultura de cada época. Até a burguesia, que reconhece algumas vezes que o amor é um assunto de ordem particular, sabe, na realidade, como encadear o amor a suas normas morais, a fim de servir ao sucesso e à afirmação de seus interesses de classe. (KOLLONTAI, 2011, p. 107)

Se à primeira vista a pergunta do companheiro parecia levemente superficial e até deslocada num momento de recente revolução, de repente parece óbvia a relação entre amor e estratégias de manipulação da burguesia: a acumulação de capital só pode ser alcançada se houverem núcleos familiares fechados – ganhando pouco, trabalhando muito para dar conta de quase nada; logo, se o amor, sublime e intocável sentimento estiver atrelado ao matrimônio – indissolúvel e monogâmico – mora aí uma arma potente e que pode passar praticamente despercebida como um assunto individual e particular. Se o amor estava servindo aos ideais burgueses, como serviu anteriormente em outros períodos da história a outros interesses e configurações sociais, era preciso, aos olhos de Alexandra Kollontai, refletir sobre um modelo de afeto que pudesse ser genuinamente cooperativo, verdadeiro – e marxista:

A classe trabalhadora, armada com o método científico do marxismo e com a experiência do passado, compreenderá o lugar que a nova humanidade deve reservar ao amor nas relações sociais. Qual é, pois, o ideal de amor que corresponde aos interesses da classe que luta para estender seu domínio por todo o mundo? (KOLLONTAI, 2011, p. 119)

Para Alexandra Kollontai, o amor se manifesta em várias dimensões: espiritual, carnal, intelectual, amistosa; Ela argumenta que a concepção de amor verdadeiro como a existência de todas essas dimensões numa mesma pessoa é fruto da moral burguesa, para estabelecer uma

monogamia que exerça controle e facilite a acumulação – porém, serão controladas e monogâmicas, verdadeiramente, apenas as mulheres, já que, como é próprio de um sistema patriarcal, os homens possuem o direito inalienável de procurar fora do matrimônio aquilo que os satisfaça, sem necessidade de explicações ou justificativas muito elaboradas. Dessa forma, era primordial que fôssemos capazes de admitir o papel do amor na formação de uma nova moral que atendesse os desejos e necessidades da classe trabalhadora – incluindo também as mulheres –, uma moral que não estivesse a serviço do capital, e que, por isso, tornava-se também responsabilidade da revolução.

Para Alexandra Kollontai, o amor não burguês deveria estar amparado na solidariedade que, além de descrever a consciência de uma comunidade de interesses, configura-se como "laços sentimentais e espirituais estabelecidos entre os membros da mesma comunidade trabalhadora" (2000, p. 122). Se conseguirmos consolidar uma sociedade baseada na solidariedade, revolucionando essa ideia, vamos ser capazes de ampliar nosso potencial de amor, que seria a empatia à integralidade dos outros humanos. O amor-camaradagem, como é chamado por ela o conceito de amor pensado para além da ótica capitalista, é, então, o contraponto do amor romântico, do amor da moral burguesa; versa sobre a insurgência de quaisquer tipos de dominação, sendo delicado, sensível e útil aos outros, sabendo respeitar o outro e a si mesmo. O amor camarada não é aquele que contém todas as dimensões num só indivíduo, mas o que compreende que podem coexistir as diferentes expressões desse afeto em relações com sujeitos distintos e, principalmente, sem a necessidade de atrelamento ao matrimônio, mas visando a solidariedade coletiva.

O amor nos moldes forjados pelo capital, que levam à luxúria, às relações apenas carnisais, à prostituição, todas essas formas superficiais de se relacionar, para Kollontai, atrapalham o proletariado na criação de um ideal de amor condizente com as ideologias comunistas:

A luxúria está em contradição com os interesses da classe operária. Em primeiro lugar, este amor supõe inevitavelmente os excessos e o esgotamento físico, que contribuem para diminuir a reserva de energia da humanidade. Em segundo lugar, empobrece a alma porque impede o desenvolvimento, entre os seres humanos, de laços psíquicos e de sensações de simpatia. Em terceiro lugar, este amor tem por base a desigualdade de direitos entre os sexos nas relações sexuais; ou seja, está baseado na dependência da mulher em relação ao homem, na vaidade ou insensibilidade do homem, o que afoga necessariamente

toda a possibilidade de experimentar um sentimento de camaradagem. (KOLLONTAI, 2000, p. 128)

Para que o amor camaradagem fosse, de fato, alcançado, Kollontai aponta para algumas condições sociais necessárias: 1) igualdade nas relações entre homens e mulheres; 2) reconhecimento recíproco dos direitos de homens e mulheres, sem pretensão de posse entre os seres envolvidos na relação, ou seja, o desaparecimento do sentimento de propriedade da moral burguesa; 3) sensibilidade fraternal. “Tudo para o homem amado, proclamava a moral burguesa. Tudo para a coletividade, estabelece a moral proletária.” (KOLLONTAI, 2000, p. 131)

O olhar de Alexandra Kollontai para o amor e sobre a nova mulher⁶ traz também uma perspectiva atenta para as figuras femininas na literatura produzida na época. Nada mais coerente, então, que ela seja norteadora para a minha leitura das personagens dos dois romances.

Proponho que nos voltemos ao amor, camarada e burguês, em evidente contraponto, enquanto categorias de análise das relações das personagens inseridas no romance de Jorge Amado. Se nos rascunhos dessa tese almejava analisar apenas as mulheres do Inédito, logo que entrei em contato com o conceito proposto por Kollontai, percebi o quanto era primordial que a leitura das mulheres fosse feita na dinâmica com seus pares – na obra, por contexto histórico, social e, inegavelmente, em decorrência da autoria, limitada a relações heteronormativas e, quase que em sua totalidade, brancas. Ainda assim, pareceu-me claro que, para além das relações amorosas, nenhuma das personagens de Jorge Amado existiria, nem mesmo esboçada, a não ser uma delas. Foi nesse ponto, especificamente, que trabalhar com o amor-camaradagem já não se tratava mais de uma escolha, era peça inevitável para a leitura do romance – e do próprio acervo em que este se insere.

Kollontai já fazia uma crítica aos escritores russos de 1870 e 1880, apegados a um ideal de mulher que já não existia, replicando heroínas vazias, superficiais ou apenas cascas de mulheres.

O número de mulheres do novo tipo aumentava, multiplicava-se no transcurso dos anos, mas os escritores e os poetas passavam a seu lado sem vê-las, como se uma espessa venda lhes cobrisse os olhos. A visão

⁶ Faz-se importante salientar que Kollontai, bem como suas ideologias, foram fortemente reprimidas e perseguidas pelo Partido após a Revolução de 1917.

do escritor, apaixonada pelos tipos tradicionais de mulher, não podia penetrar nem compreender a nova realidade que passava diante de seus olhos. A literatura evoluía, aperfeiçoava-se e seguia novos caminhos; enriquecia seus meios de expressão com novos matizes e palavras. Mas, em compensação, continuava obstinada em nos apresentar débeis criaturas enganadas, mulheres abandonadas, entregues à dor, esposas ávidas de vingança, fêmeas sedutoras, almas “sem vontade, não compreendidas”, e encantadoras jovens “puras e sem personalidade”. (KOLLONTAI, 2000, p. 64)

Num geral, as personagens mulheres do romance inédito de Jorge Amado não se encaixam nos padrões da nova mulher. Bem ao contrário, são moldes da mulher tradicional, reflexos de seus matrimônios contraídos ou a contrair, delineadas muito longe da verossimilhança de 1940, inclusive para a realidade brasileira, ainda que a inserção da mulher branca⁷ no mercado de trabalho tenha acontecido em maior escala a partir de 1970. Em seguida, entrarei na discussão sobre os moldes do realismo socialista e os impactos na literatura de Jorge Amado, inclusive no romance inédito e nas personagens mulheres que fazem parte deste.

1.3 REALISMO SOCIALISTA E ABDE (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES)

Para que o realismo socialista chegasse aos intelectuais brasileiros e, a partir daí, começasse a fazer parte das obras literárias comunistas, seguindo o método de Zhdanov, foi primordial a criação da Associação Brasileira de Escritores, em 1942, sob influência direta da Associação de Escritores Soviéticos. Esse agrupamento de autores foi também importantíssimo num contexto de ditadura e censura durante o Estado Novo, num ano em que dezenas de periódicos foram fechados pelo governo e começavam a reabrir com novas alcunhas:

O primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, convocado pela recém-formada Associação Brasileira de Escritores (ABDE), reunido no Teatro Municipal de São Paulo ultrapassou de muito os limites de festivo convívio literário para ganhar foros de acontecimento histórico, marco na luta contra a ditadura do Estado Novo ainda no poder mas já abalada nos seus fundamentos pelas derrotas militares de Hitler. (AMADO, 2012. Posição 359 a 375)

⁷ Acredito ser de suma importância que nos lembremos que as mulheres negras escravizadas estão trabalhando desde o início da colonização no Brasil, fato muitas vezes esquecido pela história quando o assunto é a inserção da mulher no mercado de trabalho. Esse esquecimento se trata de mais uma faceta do racismo estrutural que constrói o imaginário branco em que negros e negras são desumanizados.

A ABDE aprovou seu Estatuto em fevereiro de 1943, tendo como Presidente Otávio Tarquínio e Carlos Drummond de Andrade como Vice-Presidente no primeiro biênio. Também faziam parte da diretoria Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Dinah Silveira de Queiroz.

A ideia da Associação era criar uma entidade de classe que unisse os profissionais da literatura e protegesse o ofício de escritor, principalmente acerca das questões de direitos autorais. Contudo, como o contexto político era a ditadura do Estado Novo, era de se esperar que entrasse em pauta a discussão sobre o papel do autor na sociedade, ultrapassando os limites da arte pela arte. Dessa forma, o Partido Comunista Brasileiro participava extensamente das atividades da ABDE, beneficiando-se do momento de tensão gerado pela ditadura Vargas para articular a militância nos espaços artísticos, estratégia substancial para a difusão dos preceitos ideológicos. Porém, ainda que estivessem em consenso sobre fazerem oposição ao governo, não existia unidade quanto às orientações do PCB. Alguns autores apoiavam Vargas e pediam uma nova Constituinte, como Jorge Amado⁸ – à época, 1944, vice-presidente da ABDE – e alguns desejavam a queda do ditador. Apesar disso, três preceitos básicos foram estabelecidos de maneira unânime: legalidade democrática como garantia de liberdade plena; eleições diretas pelo voto secreto; e o pleno exercício da soberania popular. O auge da adesão ao PCB deu-se em 1945, período de legalidade que durou pouco, mas em que o Partido gozava de muita credibilidade graças à eleição de parlamentares para o Congresso Nacional – entre eles, Jorge Amado como deputado federal.

Nesse cenário propício, ocupando cadeiras no Congresso e com uma quantidade enorme de artistas militantes, era profícua a produção de uma literatura engajada que inflamava os leitores à revolução. Além da esfera literária, muitos membros do partido estavam também na imprensa e eram responsáveis por periódicos, importante ferramenta na expansão dos princípios comunistas, na época, surgem alguns veículos comprometidos com a causa: Fundamentos, em São Paulo (1948); Para Todos, no Rio de Janeiro (1949); Horizonte, em Porto Alegre (1950); Seiva, em Salvador (1950) e Orientação, em Recife (1951), Voz Operária e Imprensa Popular (RJ), Jornal do Povo (MA), Jornal do Povo (PB), Folha do Povo (PE), O Momento (BA), A Voz do Povo (AL), Notícias de Hoje (SP), Tribuna Gaúcha (RS), Tribuna do Povo (PR) e Folha Capixaba (ES) (MENEZES, 2016). Com a censura do Governo Vargas, o investimento do

⁸ Em Navegação de cabotagem o autor explicita seu papel no Congresso de Escritores, a mando do PCB: “Fui despachado da Bahia para São Paulo pelo pecê com a tarefa de colaborar na organização do conclave, tentar impor-lhe a linha política dos comunistas. A chamada *Unha justa* daqueles que estavam de acordo com a direção partidária saída da Conferência da Mantiqueira, pois muitos dela discordavam e só vieram acolher-se ao redil quando receberam ordens expressas de Prestes, ainda preso mas já mandando e desmandando” (AMADO, 2012, posição 375).

Partido na literatura e na imprensa foi fundamental para divulgação de sua ideologia e, a partir de 1945, o PCB passou a ter editoria própria, sendo a Editora Vitória e Horizonte os principais difusores da literatura comunista no Brasil. Das obras do Editorial Vitória, sobressaem as coleções Romances do Povo e Novos Horizontes; além disso, 1945 foi marcado pela republicação de obras comunistas russas, incluindo as de Marx e Engels. Apesar do governo Vargas, para o PCB foi um ano produtivo, com a eleição de Luís Carlos Prestes ao Senado e Jorge Amado para o Congresso Federal. De 22 a 27 de janeiro de 1945 realizou-se, no Teatro Municipal de São Paulo, o I Congresso de Escritores Brasileiros, organizado por delegações de cada Estado, tendo Alina Paim como a representante da Bahia e a presença de vários escritores, incluindo Jorge Amado⁹, Jacinta Passos e James Amado. Ao todo foram mais de 26 estados presentes no Congresso.

Nem todos os autores julgaram boa ideia os preceitos zhdanovistas; um deles foi Graciliano Ramos que, ouvindo o documento que versava sobre arte, literatura e Realismo Socialista, soltou em alto e bom som “Isso está escrito em chinês?”(BEHAR, 1992, p. 99). Contudo, a adesão foi maior do que a recusa, num primeiro momento. Alguns membros da ABDE acataram as instruções do Partido no que se concerne à estética literária com fins didático-políticos, foi o caso de Dalcídio Jurandir, José Ortiz Martins, Oswald de Andrade, Patrícia Galvão, além de Jorge Amado, responsável pela Coleção Romances do Povo, e Alina Paim¹⁰, que retratou o sofrimento dos trabalhadores durante uma das greves da Rede Mineira. Havia uma prescrição de como escrever os romances, feita pelo Comitê Central do Partido Comunista: era preciso que os heróis do proletariado fossem construídos de tal forma que alavancassem a luta contra a dominação burguesa. Era também exigência do Partido que os escritores conhecessem de perto a realidade das lutas para que as obras fossem o mais verossímeis possível, então, algumas personalidades específicas foram incumbidas de escrever as histórias da luta proletária e, conseqüentemente, foram enviados para o meio dos campos de disputa de classes; entre os nomes estavam Dalcídio Jurandir, Plínio Cabral e Alina Paim.

Ao fim do primeiro Congresso de Escritores, apesar das desavenças e discordâncias entre os escritores comunistas e os liberais, social-democratas e democratas-cristãos comandados por Carlos Lacerda que, recém rompido com o PCB, iniciava sua trajetória para

⁹ Foi ali no Congresso que Jorge Amado conheceu Zélia Gattai, como o próprio conta no seu livro *Navegação de cabotagem*: “Quando durante o Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, reunido em São Paulo no início de 1945, me apaixonei por Zélia.” (AMADO, 2012, posição 217)

¹⁰ Citada por Jorge Amado no hall dos escritores “comunistas ortodoxos, menos numerosos, porém ativos, atuantes” (AMADO, 2012, posição 375)

se tornar o chefe civil o golpe militar de 1964, formulou-se um documento em nome de todos e todas:

Levadas pela habilidade e pela cortesia de Aníbal Machado, as duas correntes chegaram a um acordo para a redação do documento final, a declaração solene dos escritores brasileiros. Pela primeira vez, no manifesto resultante do Congresso, condenou-se a ditadura do Estado Novo sem no entanto mencionar a pessoa do ditador, Getúlio Vargas, na ocasião nosso aliado, dos comunistas. (AMADO, 2012, posição 392)

Durante intrigas internas da ABDE, especialmente entre os comunistas do PCB, os anticomunistas e os trotskistas que faziam frente no PSB, já no II Congresso Brasileiro de Escritores, em Belo Horizonte,

Alina Paim foi eleita segunda secretária da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), para o Biênio 1947-1948, no qual representou a Bahia ao lado de Jacinta Passos, numa participação significativa de mulheres, registrada em *Momento Feminino* (1947). O novo período de clandestinidade em que vive o Partido Comunista a partir de 1947 tem um peso ainda maior que os anteriores, porque custou o mandato de importantes quadros, sendo todos cassados. O projeto literário é retomado atendendo às definições do Realismo Socialista sob a responsabilidade de Jorge Amado. Houve, neste período, grande fluxo e refluxo de intelectuais em todas as áreas das artes. O partido foi enrijecendo o setor cultural, e Jorge Amado defendia que a política deveria predominar sobre a arte. (MENEZES, 2016, p. 61)

Entre os escritores da ABDE pairava uma aura de discórdia e esperava-se, entre os descontentes, que o próximo congresso fosse um desastre completo. Surpreendendo a todos, o evento, realizado em Salvador, acabou reunindo um número espantoso de intelectuais que, contudo, realizaram debates separados devido a cisão entre as delegações de São Paulo e Rio de Janeiro. Para a imprensa do Partido Comunista do Brasil o congresso foi “uma afirmação vigorosa do espírito democrático de nossos escritores e intelectuais, na defesa da cultura de nossa Pátria e de nosso povo” (*MOMENTO FEMININO* *apud* MENEZES, 2016, p. 60). Para Gramsci, a “cultura é uma concepção de mundo e de vida, coerente, unitária e de difusão nacional; é uma religião laica. Uma filosofia que se tornou cultura gerou um modo de viver, uma conduta civil e individual” (GRAMSCI, 2006, p.103). É por isso que a literatura era parte importante do projeto de expansão comunista. Podemos jogar luz sobre a questão a partir conceitos de ideologia e hegemonia de Gramsci: a ideologia é o campo de tensão em que se disputam ideias de um contexto histórico específico. A hegemonia é o poder que, não sendo garantido, precisa ser defendido e conquistado através do consenso que proporciona a

reprodução da ideologia dominante. Essa propagação de ideologias ocasionando na sua visibilidade é feita pela imprensa. Logo, os meios culturais e de comunicação possuem papel fundamental nesse embate já que é pela “emissão das mensagens que podem amplificar, obscurecer ou silenciar partes da realidade, conforme as diretivas do sistema enunciador” (MORAES, 1994, p.28).

Contudo, devido às orientações do PCB, algumas seções da ABDE começavam a romper a estrutura de intelectuais que corroboraria com a difusão dos preceitos comunistas. As dissidências dentro da Associação dividiram também o Congresso em interesses diversos, justamente por haver um descontentamento por parte de alguns escritores com o distanciamento dos objetivos originais da ABDE. Por isso, o IV Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em Porto Alegre em 1951, focou muito mais nas questões referentes ao ofício de escrever: problemas econômicos, direitos autorais e defesa da cultura. Havia uma tentativa de criar novamente uma unidade entre os escritores. Nessa época, Alina Paim representava o Distrito Federal pela segunda vez e era integrante da diretoria da Associação, comandada pelo Presidente Graciliano Ramos. O escritor de *Memórias do Cárcere*, ao realizar o discurso de encerramento, reconheceu as intrigas internas, mas afirmou que as externas eram muito maiores e que, por isso, era necessário que houvesse união contra os interesses estrangeiros e em defesa da cultura nacional, ainda que não cessassem os debates e brigas. Dentro desse cenário, Jorge Amado se consolidava enquanto representante maior do realismo socialista entre os escritores, já tendo, inclusive, iniciado a escrita de um de seus romances mais engajados com os preceitos mas que, contudo, fora abandonado dentro da mala que permanecera no Uruguai, às vésperas da volta ao Brasil.

1.4. O ROMANCE INÉDITO DENTRO DA MALA

“a obra não é acabada ou inacabada: ela é.”

BLANCHOT, 2011, p.12.

Foi num período conturbado para a nossa história política que Jorge Amado surgiu na cena intelectual: quando os primeiros impactos da Revolução de 30¹¹ e a consequente ascensão

¹¹A Revolução de 30 foi, nas palavras de Rossi (2009) “Movimento armado de 3 de outubro daquele ano que, tramado por grupos dirigentes de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Paraíba e encabeçado por Getúlio Vargas, resultou na deposição do então presidente da república, Washington Luís. Este movimento significou a tentativa de desestabilizar o poder regional das antigas oligarquias

de Getúlio Vargas ao poder já começavam a ser sentidos no Brasil. A criação de organizações como a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL)¹², as crises econômicas e instabilidades do Estado colocavam em xeque a identidade do Brasil como nação, e conseqüentemente a dos brasileiros. Naquele momento a literatura se voltava para discutir os caminhos políticos do Estado, sua formação como brasileiros, suas raízes, as razões para o atraso e as possibilidades de mudança. É nesta corrente que escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, Érico Veríssimo, Dionélio Machado, José Lins do Rego, Patrícia Galvão (Pagu), Octávio de Farias, Lúcio Cardoso e muitos outros irão centrar as suas obras, tornando-se os grandes representantes do romance social da década de 30¹³.

A primeira fase de Jorge Amado é marcada pela ideologia comunista, já em suas obras publicadas, o que dizer então de meu objeto de pesquisa, presente em um arquivo com mais de 1400 documentos que situa o escritor num momento de exílio na Argentina e em Uruguai, em 1941 e 1942, no calor do Estado Novo e da perseguição aos militantes de esquerda? O arquivo contém, além de registros da atividade política de Jorge Amado e demais militantes do PCB e da ANL, um romance inédito de conteúdo engajado à ideologia comunista e, paradoxalmente, de caráter intimista, o que marca a diferença na leitura da obra do escritor baiano. Este romance, ora chamado de São Jorge dos Ilhéus e ora de Agonia da noite¹⁴ nas diferentes cópias contidas no Acervo Jorge Amado, faz parte do objeto central de minha pesquisa, mais especificamente as personagens mulheres e suas construções no que contém de diferenças de outras mulheres narradas no período. Após 1935, Jorge Amado, que acabara de entrar em contato com ideais apresentados por Gilberto Freyre (ROSSI, 2009), muda seu discurso e passa a dar mais importância ao negro na formação da cultura brasileira, bem como a representar e dar valor

rurais, buscando atender as novas demandas sociais, políticas e culturais das crescentes camadas médias urbanas, geradas pela incipiente industrialização do país” (p. 24).

¹²A AIB defendia preceitos nazifascistas vindos da Europa e a ANL agrupava diferentes grupos de esquerda, com destaque para o PCB.

¹³Podemos observar que mesmo numa literatura de cunho engajado houve um apagamento de autoras mulheres. Rachel de Queiroz e Pagu foram minimizadas pela história da literatura em comparação com seus colegas escritores do mesmo período, ainda que tenham publicado obras como O Quinze, de Raquel de Queiroz, e Parque Industrial, de Patrícia Galvão, tão ricas não só para a representação do povo não hegemônico, mas também para a representatividade de mulheres no mercado e estudo literário.

¹⁴Faz-se importante elucidar que apesar dos títulos atribuídos ao inédito serem os de livros posteriormente publicados pelo autor, a obra em nada se relaciona com o que foi a público. Após pesquisa aprofundada de enredo e personagens pudemos verificar o caráter inédito do romance.

positivo ao sincretismo das religiões afro-brasileiras. Já em contato com grupos comunistas nessa fase, Jorge Amado aborda temas ideológicos em suas obras e com a repressão a militantes após o levante armado de 1935, sua escrita é profundamente influenciada por tais fatores políticos e aborda consideravelmente menos os assuntos voltados ao comunismo, o que se reflete também em suas publicações na imprensa. Jorge Amado era membro ativo do PCB e da ANL, estava envolvido também na coleção Romances do Povo, da Editora Vitória, vinculada ao Partido Comunista.

Então, a hipótese que se desvela aborda precisamente esse ponto: diferentes visões e vivências, situadas num espaço político e social de dominação patriarcal, interferem na construção de personagens, especialmente femininas. Como se dá a narrativa e o papel das mulheres num romance militante que retrata a luta do proletariado e a revolução comunista? Contudo, deve-se levar em conta que a obra abordada é inédita e inacabada, logo, não foi a público e não obteve repercussão, muito menos crítica literária produzida acerca desta, apesar de ser, provavelmente, o romance mais engajado e intimista da obra de Jorge Amado.

Faz-se necessário salientar que o intelectual e escritor não está livre das influências do meio social em que convive, e conseqüentemente, de reproduzir conceitos, situações ou caracterizações. Em seu romance publicado em 1933, *Cacau*, a memória do personagem principal nos conta que numa fábrica com 700 empregados, 500 eram mulheres e que “Os homens emigravam, dizendo que trabalhar em fiação era só para mulher” (AMADO, 1961a, p. 161), ficando para trás apenas os homens ditos mais “fracos”, que se casavam e tinham uma legião de filhas. Já em *Suor*, há a personagem Linda, que começa a trabalhar como costureira e se torna uma agitadora, continuando o trabalho de seu namorado assassinado pela polícia, Álvaro Lima, operário que liderava a greve. Em *Mar Morto*, Livia, ao perder o marido Guma, e contrariando todas as expectativas sociais de uma viúva de marinheiro que costumava tornar-se prostituta ou trabalhava em casas de família, ela tomou posse do saveiro e foi para o mar. Ainda assim, Jorge Amado apresenta alguns estereótipos e traços do modelo vigente de dominação, inclusive no seu livro inédito.

O romance inacabado de Jorge Amado se passa numa noite de tempestade, às vésperas da revolução comunista. Na fazenda de Augusto, os companheiros se reuniram ao redor de um aparelho de rádio, esperando pelo sinal que desencadearia o levante armado. Portanto, a narrativa acompanha de perto os medos e esperanças das personagens, permitindo que enxerguemos no íntimo de cada uma delas. Contudo, as personagens mulheres construídas pelo

escritor permanecem às margens da própria história. Cada uma delas, da sua forma específica, desvela os *topois* apresentados por Luiza Marinho Antunes, isso é, reflete as características atribuídas a mulheres através do discurso misógino perpetuado pelo cânone. Ironicamente, a revolução, protagonista do romance, nunca chega, abrindo aqui espaços para reflexão, inclusive, da função social atribuída por Jorge Amado a este livro.

O abandono do romance na mala de viagem, que posteriormente se tornaria a Mala, o arquivo, pode ter se dado por inúmeros motivos, alguns deles ousos. De início, o romance tinha o objetivo de influenciar a instituição do comunismo através de uma revolução armada: ou seja, derrubando a ditadura do Estado Novo. Quando o Brasil entra na guerra contra o Eixo, os objetivos de grande parte dos comunistas mudam:

Falo da posição dos comunistas, igual no mundo inteiro, tudo pela guerra, abandono do radicalismo, mudança se necessário do nome do partido – vem de acontecer em Cuba onde os comunistas e o ditador Batista se uniram em frente antifascista –, o que importa é derrotar Hitler, tudo o mais torna-se secundário, as palavras de ordem convocando à luta contra o Estado Novo já não têm razão de ser, nem a agitação social, reivindicações e greves, o importante é unir toda a nação em torno do governo, em torno de Getúlio. (AMADO, 2012, posição 5132)

Pouco tempo depois, os ares de união se desfazem: o PCB é posto novamente na ilegalidade em 1947, sob o argumento de ser instrumento de intervenção soviética no Brasil. Os políticos eleitos pelo partido tiveram seus mandatos cassados e boa parte buscou asilo político em países vizinhos, dentre eles, o deputado estadual Jorge Amado, que emigrou para Paris e, posteriormente, para a antiga Tchecoslováquia.

Antes de ser eleito deputado, Jorge Amado já era militante comunista desde o início de sua carreira, tendo sido um dos maiores nomes da literatura socialista brasileira, como dito anteriormente. Dessa forma, as marcas de sua ideologia política se espalharam por seus romances, inclusive naqueles que foram publicados entre os anos 1930 e 1940, fase proletária do escritor baiano, contudo, talvez seja um dos seus romances inéditos e inacabados aquele que traz mais fortemente os preceitos do Partido.

Ao deixar o romance dentro da Mala, Jorge Amado abandona também uma revolução que nunca veio. Chamou-a de *São Jorge dos Ilhéus* e, em outro original presente no Acervo Mala de Jorge Amado, *Agonias da noite*, dois títulos que nomearam romances posteriores do escritor. No fim das contas, a revolução ficou sem nome definido e sem desfecho. O romance

escrito entre os dois anos em que Jorge Amado esteve em exílio na Argentina e no Uruguai, 1941 e 1942, seguia os exatos preceitos do Realismo Socialista, até ser abandonado abruptamente. Jorge Amado era o maior representante literário dos ideais do PCB. O Realismo Socialista, criado pelo método de Zhdanov, visava a disseminação da ideologia do Partido, exigindo que as obras comunistas possuíssem um caráter pedagógico. Ainda que apenas durante o Congresso Nacional de Escritores, da ABDE, tenha sido passada a orientação oficial aos escritores brasileiros acerca do método comunista de fazer arte, Jorge Amado já havia começado a escrever uma obra dentro dos moldes do realismo socialista, talvez a mando do PCB ou antecipando a ordem. Numa das cópias do romance presentes na Mala, no prefácio, o escritor evidencia a coletividade enquanto protagonista do livro:

Talvez vos pareça absurda a situação em que apresento as personagens desta história. A verdade é que se reuni esses homens em torno a um rádio numa noite de chuva é porque não creio que existam situação impossíveis na vida tão mais cheia de surpresas que qualquer romance. Esses homens são muitos outros, cada qual é bem mais de um, todos aqueles que conheci entre o amor e a morte. Eu os reuni em torno a um rádio, deixei-os pensar no que amavam e na morte presente nos ruidos da noite. (AMADO, 1942.)¹⁵

Sendo assim, o romance inacabado, inédito e inominado de Jorge Amado conta a história de um grupo de militantes prestes a se reunir na fazenda de um dos companheiros, numa simbólica noite de tempestade, todos ao redor de um aparelho de rádio que daria o sinal para o levante armado. A história possui muitos personagens e tem uma narrativa intimista, porém, não foca em nenhum deles especificamente, construindo, assim, um herói coletivo, característica primordial dos romances de Realismo Socialista. O romance de Jorge Amado possui protagonistas coletivos, como exigiam os preceitos do Partido: A revolução por vir. Contudo, a voz que ecoa desses coletivos é um uníssono masculino que escanteia as mulheres que compõem a narrativa, estas que são, em sua maioria, ocas, vazias, sem a subjetividade que constrói os indivíduos. A seguir, farei uma reflexão sobre a construção de duas das principais personagens: Dalva e Edith. As reflexões sobre a personagem mais inquietante, Maria Franco, ficarão para o segundo momento da tese, após reflexão sobre os materiais presentes nos arquivos, que modificam significativamente a narrativa.

¹⁵Terceira cópia do romance inédito encontrado no Acervo do nuLIME de 1941- 1942 (documento 213-334 01 A).

1.5 EDITH E DALVA: CASCAS E MÁSCARAS

A partir da crítica do sujeito universal masculino que constitui a mulher enquanto negatividade, partindo sempre da visão do homem para construí-la como o Outro, produzindo a subjetividade feminina como espelho do sujeito homem, buscou-se compreender o que constitui o sujeito feminino. Embora o estado da arte que versa sobre os sujeitos dos feminismos aborde a insuficiência da definição de feminilidade como negatividade e aposte na potência criativa do caráter ambíguo dessa posição, o que Cláudia de Lima Costa caracteriza como positividade do sujeito feminino, foi-me necessário buscar teorias que operassem com conceituações binárias, já que é de forma binária que o pensamento de Jorge Amado se constitui para estruturar as personagens a serem abordadas neste capítulo. Sendo assim, opero com Luce Irigaray e Monique Wittig para refletir sobre as fronteiras possíveis da feminilidade, principalmente em relação à linguagem masculina.

Em crítica à semiótica, Monique Wittig, feminista e escritora francesa, registra a despolitização da linguagem na medida em que não se investe em compreender as imbricações entre a sua formação e as relações de poder nas quais elas emergem. Esta disjunção permite que se tomem as categorias como fundamento, como dado imutável, a-histórico, de significado absoluto, naturalizando as relações de poder e, portanto, as condições de dominação e subordinação que lhes servem de fundamento.

Por mais que se tenha admitido nos últimos anos que não há natureza, que tudo é cultura, permanece habitando o seio desta cultura um núcleo de natureza que resiste à apreciação, uma relação excluída do social na análise e que reveste a cultura e a natureza de um caráter incontestável: a relação heterossexual. Eu descreveria como a relação social obrigatória entre o "homem" e a "mulher". (Aqui me refiro a Ti-Grace Atkinson e a sua análise da relação sexual como uma instituição). Havendo definido a incontestabilidade dessa relação como uma verdade, um princípio evidente, um dado anterior a toda a ciência, o pensamento heterossexual investe em uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e de todos os fenômenos subjetivos. Não posso deixar de apontar o caráter opressivo do pensamento heterossexual em sua tendência a universalizar imediatamente sua produção de conceitos, a formular leis gerais que valem para todas as sociedades, todas as épocas, todos os indivíduos. (tradução minha)¹⁶ (WITTIG, 2006, p. 51 - 52).

¹⁶ “Y por mucho que se haya admitido en estos últimos años que no hay naturaleza, que todo es cultura, sigue habiendo en el seno de esta cultura un núcleo de naturaleza que resiste al examen, una relación excluida de lo social el análisis y que reviste un carácter de ineluctabilidad la cultura como en la naturaleza: es la relación heterossexual. Yo la llamaría relación obligatoria social entre el «hombre» y la «mujer». (Aqui me remito a Ti-

Em seguida, Wittig parte de uma crítica à psicanálise para denunciar a inexistência de uma linguagem que permita a expressão das experiências não normativas de gênero e sexualidade, uma vez que as linguagens existentes têm por fundamento a heterossexualidade e, portanto, somente podem representar a homossexualidade – e outras diferenças – como inversão imperfeita da norma, nunca como experiência singular.

Luce Irigaray (2002), filósofa e psicanalista belga, ao criticar Freud, chama a definição da mulher enquanto negativo do homem de “pensamento simétrico” ou “economia do mesmo” e, argumenta, que essa lógica exige do sujeito feminino uma adaptação para que seja inteligível dentro desta linguagem falocêntrica, resultando num estereótipo, uma casca vazia pensada para ser desejada pelo olhar masculino, ou seja, numa feminilidade como mascarada, como define a autora. Em sua tese, Rafael Cossi resume bem o pensamento de Irigaray:

Para ela, a construção da máscara se edificaria a partir dos valores que os homens reconheceriam como importantes para uma mulher. Trata-se de um processo fálico e que, no seu desenrolar, exige que a mulher descarte o que, de fato, lhe seria "seu" para corresponder aos padrões masculinos que ditariam como ela deve se dar a ver. (COSSI, 2016, p. 37)

Dessa forma, Irigaray aponta para uma feminilidade verdadeira¹⁷, passível de ser construída a partir de novos referenciais que não os masculinos, numa subversão da lógica patriarcal. Como argumenta Mônica Saldanha:

Deste modo, a mulher só pode inscrever-se no discurso psicanalítico laciano – assim como na economia simbólica do falo – como falta para o homem, nunca como um elemento singular; o masculino é, portanto, o único sexo e o único gênero. Sendo assim, Irigaray alerta que a simples constituição de um inconsciente feminino como oposição reiteraria o regime fálico e seus binários hierarquizantes. Seria necessária uma forma positiva de pensar a diferença, que altere os modos através dos quais se entendem a alteridade e o mesmo, que perturbe os referenciais masculinos legitimados. Essa ruptura não poderia existir senão através da emergência de um outro real, um elemento que

Grace Atkinson y su análisis de la relación sexual como una institución). Habiendo planteado como un saber, como un principio evidente, como un dato anterior a toda ciencia, la ineluctabilidad de esta relación, el pensamiento heterosexual se entrega a una interpretación totalizadora a la vez de la historia, de la realidad social, de la cultura, del lenguaje y de todos los fenómenos subjetivos. No puedo sino subrayar aquí el carácter opresivo que reviste el pensamiento heterosexual en su tendencia a universalizar inmediatamente la producción de conceptos, a formular leyes generales que valen para todas las sociedades, todas las épocas, todos los individuos.”

¹⁷ Saliento que as discussões e estudos de gênero questionam fortemente o caráter essencialista de definições como esta, às quais reitero enquanto pesquisadora do campo. Contudo, a utilização do conceito foi feita de forma pontual e dentro de um contexto específico, em que seria necessário operar com uma definição extremamente binária e restrita de feminilidade/mulheridade.

permitisse aos homens exceder o domínio de seu imaginário, mas, para tanto, as mulheres têm de se fazer representar para além deste imaginário masculino (...).
(SALDANHA, 2018, p. 12)

Sendo assim, enquanto Wittig deseja propor outra linguagem e recusa as identidades masculinas e femininas tecidas pelo pensamento simétrico, já que enxerga a feminilidade enquanto negativo do masculino, Irigaray recusa a definição da feminilidade como negatividade, que caracteriza como mascarada, acreditando na existência de uma feminilidade autêntica que é, no entanto, impossível de ser dita pela linguagem masculina.

Dito isso, chegamos ao ponto crucial para a análise de Dalva, previamente, e Edith, subsequentemente: ao criar as duas personagens, Jorge Amado parte de um imaginário baseado na economia do mesmo, em que Dalva é o Outro de Augusto e Edith é o Outro de Heitor, seus maridos. Não há essência, conteúdo ou completude na personalidade das mulheres; então, ao escrever duas mulheres sem inspiração em sujeitas reais, nascidas unicamente de seu imaginário masculino, Jorge Amado dá conta de delinear uma feminilidade enquanto mascarada e passa longe de alcançar autenticidade ou positividade do sujeito feminino, contrariando o que acontece com Maria Franco, quando parte da convivência com uma mulher completa e de um lugar de afetividade. A seguir, discorro sobre trechos específicos do romance inédito que vêm ilustrar as cascas ocas de Dalva.

Dalva e Augusto vivem numa fazenda que é cenário da história, junto de seus dois filhos pequenos. É na sala da casa da família que os militantes se reúnem ao redor do rádio, à espera do chamado para o levante. Augusto, contrariado, torce para que os companheiros não apareçam para o encontro e agradece a tempestade que chega: talvez isso impedisse a chegada dos homens. Dalva, aflita, aguarda as visitas para o que seu marido chamou de reunião para realizar uma experiência. Se o homem está arrependido de haver se metido com a militância e sofre em silêncio, temendo seu futuro e como explicaria à esposa o que se passava, logo se recorda:

Por que se metera? Não encontrava uma justificativa, nada que dizer a Dalva e aos meninos. Quis rir lembrando-se que nada lhes perguntavam, que Dalva estava longe de imaginá-lo envolvido em conspirações, que a mais velha das crianças tinha apenas quatro anos e a outra sete meses. Nada sabiam, Dalva pensava que se tratava de uma experiência que amigos vinham tentar. Mas essa ignorância amedrontava ainda mais Augusto porque compreendia que seria fatal a descoberta e então onde encontra palavras com que explicar? Hoje mesmo vira um olhar de dúvida no rosto frágil da mulher, rosto cansado e tão precocemente envelhecido. Ela já duvidava, por mais de uma vez perguntara de que ele tinha receio. Respondera brutalmente e fugira de casa, saíra pelo

campo em grandes passadas, o rio embaixo de correnteza forte tentava como um convite. Mas que seria feito de Dalva e dos meninos se ele se matasse? (AMADO, 1942, p. 4. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado)

O casamento de Dalva e Augusto vai mal, para ele, “sua vida era sem desejos e sem fé e ele nada encontrou dentro de si que o afastasse da realidade da noite medonha”. Tampouco Dalva era feliz ou apreciava a companhia do marido. A tristeza e o cansaço tomaram conta da mulher. Ao descrever a aparência de Dalva, o narrador trabalha dentro dos limites da feminilidade mascarada, que almeja a figura feminina como frágil, doente, ou seja, passível de proteção:

Ela fora bela, de uma beleza frágil e doentia quando ele a conhecera. Parada, os olhos tristes, as mãos caídas como que desesperançadas de tudo. Depois, quando findaram os sonhos e esperanças do noivado, o trabalho a dominara e a envelhecera. Da sua beleza só restava a tristeza dos olhos, certa graça da voz quando cantava para as crianças dormirem. (AMADO, 1942, p. 4. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado)

Os sonhos do casal foram trucidados pela exploração capitalista e impactaram, também, no casamento. Augusto, não tendo se acostumado com o trabalho de vendedor, largou tudo e comprou uma fazendinha simples em que a família poderia plantar e colher para sobrevivência. A narrativa do sofrimento dos trabalhadores faz parte dos preceitos do realismo socialista, trabalhados no trecho a seguir:

Hoje Augusto achava quase impossível que em alguma ocasião houvesse sonhado. Esses sonhos do noivado apareciam-lhe agora como coisas tão distantes que por mais esforços que fizesse só conseguia se apossar de farrapos deles, não reconstruía um único totalmente. Viagens? Onde? Lembrava quando muito um detalhe: gondolas em Veneza. Dinheiro? Recordava de um medíocre colar que ela vira na vitrine de uma joalheria. Não conseguia possuir integralmente mais um único sonho. Os anos se passavam e o sonho agora, sonho de Dalva em que ele pouca parte sonhava, era um aparelho de radio para a solidão da fazenda. Talvez fosse possível com as economias desse ano. Talvez no Natal... (AMADO, 1942, p. 4. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado)

Ironicamente, o sonho de Dalva era um rádio para aplacar os dias solitários, o mesmo aparelho que agora estava em sua casa, prestes a trazer a revolução e a provável morte de seu marido. Augusto, esperançoso de que os companheiros de luta não apareçam, começa a sonhar com o próximo Natal e o presente que dará à esposa:

Chegaria na noite de Natal com o aparelho. Ela só esperaria pelo presente dos meninos e talvez até chorasse de alegria. Ouviriam músicas de distantes terras,

melodias na solidão da fazenda, os sonhos de noivado teriam alguma alegria. A música que ela adorava (tocara piano quando moça) encheria a casa, quem sabe se não encheria de alegria aquele rosto triste, se não animaria aquelas mãos caídas?

(AMADO, 1942, p. 4. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado)

Todas as descrições de Dalva transitam no campo das características esperadas de uma mulher através de olhos masculinos: fragilidade, tristeza, cansaço da mãe e esposa que trabalha no lar, ingenuidade e medo. Especificamente sobre os temores de Dalva, vislumbra-se, inclusive, frutos da memória intertextual que Luísa Marinho Antunes (2014) trabalha: os ecos de discursos misóginos, muitos utilizando referências judaico-cristãs para a composição de estereótipos femininos, ou como diria Irigaray, para a construção desta feminilidade como mascarada. Cito a resenha do livro de Antunes, publicada na Revista de Estudos Feministas para elucidar melhor as ideias trabalhadas pela autora:

Nas linhas do livro de Antunes, percebemos: a construção de um cânone baseando-se em regras sociais hierárquicas, e este cânone será repetido e repetido, ano após ano, século após século e seu resultado será uma voz hegemônica que nada mais é do que o eco de fantasmas. É este conceito que nos proporciona a repetição de autores canônicos e de suas vozes. O discurso é construído a partir de uma intertextualidade, inclusive aquele que segrega e perpetua o status quo, criando raízes na história e ganhando espaço como modelo a ser seguido.

(COELHO, 2019, p. 3)

Os estereótipos de mulher enraizados na cultura ocidental estão, basicamente, nas figuras clichês da mulher beata e da mulher demônio, representadas, dentro do repertório cristão como Maria e Eva. De um lado, a benevolência, a inocência, a castidade e a submissão. De outro, a sede pelo conhecimento, a transgressão, a sensualidade. Dalva, por diversas vezes, nos parece um reflexo da Virgem Maria; santa e religiosa que, ao contrário de Eva, teme a serpente que invade o Jardim do Éden, concretizado na ofiofobia da personagem:

Dalva tem sempre a impressão que as cobras terminarão por subirem na varanda e chegarem ao seu pescoço no qual se enroscarão como um colar (...) Nas noites da fazenda o bicho-papão que jamais a amedrontara na infância se realizava agora na figura das cobras se arrastando para o pulo fatal sobre as rãs. Tremia sempre que pensava que sobre o telhado podia estar uma delas, sutil e silenciosa (...)

(AMADO, 1942, p. 18 – 19. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado)

A narrativa retoma o pavor das cobras por diversas vezes, inclusive, para contar a história de Joana, uma mulher “que bebia como qualquer dos homens” e que, certo dia, teve seu

bebê picado por uma serpente venenosa, enlouquecendo após a morte da criança; o tom do caso soa como que castigo divino por Joana se atrever a largar a máscara da feminilidade. Dalva passa boa parte do enredo temendo enlouquecer, destino trágico dado a muitas mulheres através de perseguições históricas, vide a histeria que foi medicalizada e deu aval para a internação e tortura de mulheres durante o século XIX.

A máscara da feminilidade também se certifica de manter Dalva inocente, ingênua, quase como uma criança. Avisada pelo marido de que se realizaria uma experiência com os companheiros, Dalva não estranha a movimentação, as conversas ou as cantorias dos homens, mantém-se sempre sem compreender o que se passa, embora, em alguns momentos, se indague sobre as condições de tal “experiência”:

E por que teriam escolhido aquela noite tão feia para a experiência? Em meio à chuva e ao vento quando é difícil captar sequer as estações de onda longa deve ser quase impossível que uma experiência dê bons resultados. Perguntara a Augusto e ele ficara furioso, não respondera, dissera que ela queria saber demais, que se não estava acreditando no que ele dissera paciência. Mas ela não estava duvidando e se espantava do repentino furor do marido. Ele andava incompreensível durante todo aquele dia, nervoso e inquieto, sombrio, evitando conversar. Parecia até dono da invenção. E tinha súbitas crises de carinho, se aproximava das crianças, fazia-lhe agrados, brincava com eles, beijava Dalva, dissera-lhe mesmo que “quem sabe nesse Natal não teremos o nosso rádio?”. Porque numa noite de chuva e temporal? Ia fracassar com certeza a experiência e Dalva estava com pena do inventor. Parecia tão triste e tão nervoso. Quanto anos não perdera da sua vida trabalhando no aparelho, em silêncio, gastando dinheiro.

(AMADO, 1942, p. 19. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado)

Dalva é a única das três personagens mulheres que está, de fato, presente na reunião dos militantes comunistas. Contudo, talvez seja a que mais está alheia aos acontecimentos e a que menos entende a situação, mesmo que a veja com seus próprios olhos. Permanece no escuro, sem informações que venham do marido, sem conversar com os homens que estão na sala de sua casa, nem ao menos é apresentada a estes, Dalva aguarda que o marido a busque para que possa se apresentar e desejar boa sorte com a experiência. Mesmo ignorada, a benevolência de Dalva é tanta que, em silêncio, pede a Deus que a invenção funcione, para que os homens sejam felizes. Então, inicia uma oração, aos pés da Virgem Maria, coroando seu lugar de santidade na narrativa e, aqui, novamente, a imagem da serpente volta a atormentar a personagem, como se de fato a cobra fosse a metáfora do conhecimento que Dalva teme:

Do fundo do seu coração roga a Deus que tudo pode, que a experiência seja coroada de êxito. Assim aqueles homens ficarão alegres, o inventor que está nervoso à janela não torcerá mais as mãos nem fitará angustiado a noite de chuva e vento. Eles acabam o serviço de ligações e agora se aproximam todos

do aparelho. Dalva lê a esperança e o medo no rosto dos homens desconhecidos. E, não sabe por que, os ama como a parentes e amigos queridos, sente com eles e deseja que saiam vitoriosos. Deixa devagarinho a porta entreaberta, se dirige para o quarto de dormir onde um pequeno oratório a luz de uma lamparina ilumina a imagem da Virgem. Dalva cae de joelhos e reza, pedindo com o mesmo fervor com que pede à Virgem que afaste as cobras de perto dela, do marido e dos filhos. Suas mãos tristes e caídas se levantam às súplicas. Tudo que ainda resta nela de desejo de alegria se une nessa prece rezada pela felicidade de homens que Dalva não conhece. Enquanto seus lábios murmuram maquinalmente as palavras da Ave-Maria e seu coração diz à Virgem:

“Senhora, vede que eles estão com medo, os rostos tristes,
As mãos tremendo. Senhora, a noite é triste, a chuva cae,
O vento geme nas árvores e no coração dos homens. Um deles
Trabalhou muito, Senhora, espere hoje a recompensa. Não consenti,
Senhora,
Que ele perca a esperança. Pelo amor do vosso Filho fiz com que a
experiencia

Desses homens seja bem sucedida. Assim eles serão alegres”.
(AMADO, 1942, p. 20. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado)

Retirada de alegrias, de desejo próprio, resta a Dalva rezar por quem ela não conhece, amar aqueles com quem nunca trocou sequer uma palavra. Pela alegria dos homens é que ora Dalva, aos pés da Virgem Maria, e nada mais importa. Essa casca bondosa e incondicionalmente cheia de amor é vazia e sem voz. Em determinado trecho da narrativa, quando o rádio, finalmente, funciona e a música invade a sala da fazenda, “A voz de Dalva vem da sala em surdina, mas eles nem a percebem, não percebem voz nenhuma, só o conjunto alegre e confiante.” Quem não possui personalidade, não possui voz, nesse fragmento do romance, literalmente. A voz só e de mulher de Dalva não alcança o uníssono coletivo e masculino, não é capaz de ecoar nem mesmo dentro de sua casa. À Dalva, resta apenas o espaço privado e, mesmo sua sala de visitas tornou-se espaço público quando ocupada pelos homens; à ela restam o quarto com a imagem da Virgem e a cozinha, local para qual ela vai quando o maior momento de emoção e alegria da personagem chega: “Dalva tem uma inspiração súbita: E se eu fizesse um cafésinho para eles?. Dirige-se para a cosinha e vae alegre, todo o seu ser palpita”.

Por fim, volto-me ao início do romance; a primeira frase parece já nos antecipar todo o destino de Dalva: “O relógio discordava dos moveis da sala, antigos e pesados, um relógio pequeno e moderno, presente que Dalva recebera no último aniversário”. O relógio, talvez metáfora para o novo tempo que virá a partir da revolução, foi um presente do marido, o que pode nos apontar que a revolução virá das mãos dos homens e chegará para todos, mesmo para aqueles que de nada sabem, como Dalva. A mulher, figura estereotípica da submissão feminina,

usando perfeitamente a máscara de que Luce Irigaray fala, é tão vazia e sem complexidade que, em determinado trecho, Augusto diz que pensava em “rolar na cama e a possuir cheio de alegria”, o que pode transparecer apenas como a noção básica de posse masculina dos corpos objetificados de mulheres, lembrou-me a possessão¹⁸ espiritual; como se, sem alma própria, Dalva servisse de receptáculo para a alma masculina, como se, apenas no momento em que o marido a possui, ela estivesse, de fato, preenchida de espírito.

1.5.1 HEITOR E A COVARDIA NO ARMÁRIO

É impossível falar de Edith sem antes pensar Heitor, seu marido, já que, assim como Dalva, Edith é uma casca moldada para que coubessem os desejos do esposo.

Não só o Realismo Socialista influenciou diretamente as obras comunistas brasileiras, mas todos os preceitos soviéticos ajudaram a construir a ideologia do PCB. Neste momento vamos analisar mais atentamente Heitor: um dos personagens militantes do romance inédito, o único que não se constrói em bases normativas no que se refere à sexualidade. Embora reconheça que a utilização de categorias como "homofobia" no estudo de textos que precederam a elaboração dessas ferramentas analíticas possa se converter em anacronismo, é fato que a análise - e a conseqüente reelaboração - do passado se dá no presente, como argumenta Joan Scott (2011), e algumas questões somente se tornam passíveis de elaboração em outros contextos sociais e políticos, quando as disputas morais e éticas tensionam o acordo tácito que produz significados legítimos para a vida social. Conforme explica Judith Butler, em sua retomada das reflexões de Adorno, "(...) as questões morais surgem apenas quando *ethos* coletivo deixa de imperar" (BUTLER, 2015, p. 14).

Começamos, então, pela origem da ideologia comunista, sua relação com as sexualidades dissidentes e seu conseqüente impacto na Rússia. As políticas soviéticas e pós-soviéticas em relação a homossexualidade foram divididas por Kon (1995) em cinco momentos. De forma muito resumida: de 1917 a 1933, há a descriminalização da sodomia, num “ato ambíguo e revolucionário”, como define Healey (2003), mas a homossexualidade masculina foi rotulada como doença; de 1934, início do governo stalinista, a 1986, a sodomia é recriminalizada e há forte repressão; entre 1987 e 1990 há profusas discussões públicas sobre o

¹⁸Acredito ser necessário diferenciar *possessão* e *incorporação* espiritual. Nas culturas de matriz africana, a incorporação faz parte dos ritos com orixás e entidades. Diferentemente da possessão, ao incorporar, o médium dá passagem à energia de espíritos ancestrais, conscientemente.

status da homossexualidade a partir de um ponto de vista científico e humanitário, culminando na descriminalização entre 1990 e 1993, conquistada pela pressão de movimentos gays e lésbicos. Infelizmente, em 2013, a Rússia põe em vigor a lei que proíbe propaganda de "relações sexuais não tradicionais" a menores de idade, o que, de forma indireta, reacende a repressão às sexualidades não heterossexuais.

Há um debate acalorado acerca do tratamento da homossexualidade masculina¹⁹ na história russa, porém, é preciso destacar que esse campo de disputa existe justamente porque nenhuma visão acerca do tema era unânime à época. Alguns historiadores e cientistas sociais, como Barry Adam (1997), John Lauritsen e David Thorstad (1974), alegam que a descriminalização após a Revolução de 1917 seria um sinal de progressismo, indo de encontro ao controle dos corpos e repressão a homossexuais durante a Rússia czarista. Contudo, outros autores, como Karlinsky, conhecido por seu anticomunismo, rebatem a ideia alegando que as supostas medidas bolcheviques revolucionárias referentes à homossexualidade masculina foram, na verdade, uma tentativa de se opor ao aparato institucional czarista; dessa forma, a descriminalização da sodomia não significava ausência de perseguição a gays.

Ademais, renegar a existência da homossexualidade na Rússia ajudava a construir uma "imagem de heterossexualidade universal e pura como um padrão natural no tecido social, de forma que a homossexualidade masculina era paulatinamente relegada à Europa Ocidental - vista como reprodutora de "doenças da civilização" - e ao Oriente, concebido como "exótico" e "atrasado" (JESUS, 2010, p. 282). Dan Healey (2003) cita essa estratégia, a "geografia da perversão", que mapeia em territórios estrangeiros a culpa pela degradação homossexual, reiterando o mito da inocência sexual russa, reforçado pela figura do camponês trabalhador, puro, inocente e fértil que se reproduz para criar soldados, como parte da nacionalidade herdada da história da homossexualidade no país. Para o autor, “a oportunidade de deslocar a homossexualidade para grupos e ideologias opostas ao comunismo, para qualquer outro lugar, era simplesmente muito atraente para se deixar passar” (tradução minha) (HEALEY, 2003, p.3).

¹⁹ As relações entre mulheres não irão aparecer na maior parte dos relatos de perseguição, principalmente por vias legais. Isso ocorre porque recai sobre o amor lésbico uma invisibilidade que sequer o considera possível de existir. Mal reconhecidas enquanto seres, não fazia sentido falar sobre sexualidade sem a presença de homens. Na Inglaterra, na Era Vitoriana, no século XIX, após a reforma do código civil, a pederastia continuou criminalizada; quando perguntada sobre o “lesbianismo”, a Rainha Vitória afirmou que isso não existia. (FACCO, 2004) Segundo Dan Healey (2001), um processo parecido ocorre na Rússia.

No período pré-revolução, Jesus (2010) descreve a Rússia como indulgente em relação a punições à sodomia; alguns intelectuais famosos da época viviam abertamente relações homossexuais, como Tchaikovsky. Somente com Pedro, o Grande, o Império Russo criou uma lei que punia a homossexualidade masculina, ainda assim, apenas sob crime de pederastia²⁰. Foi a partir de 1835 que o Código Penal adicionou artigo punindo também civis que mantivessem relações homossexuais com exílio ou trabalho forçado na Sibéria. Contudo, foi a regulação do corpo de mulheres que possibilitou maior acesso a subcultura gay, culminando numa regulação mais rígida: o novo Código Penal também versava sobre as atividades sexuais pagas, perseguindo as profissionais; como prostitutas e homens gays utilizavam os mesmos espaços, às margens, nos espaços públicos, foi como um efeito dominó. Além disso, durante os anos 1850 e 1860, alguns cientistas forenses da Europa Ocidental, como Ambroise Tardieu, da França, e Johann Ludwig Casper, da Alemanha, sistematizaram em manuais conhecimentos sobre sinais de penetração anal entre homens e outros sinais de contato erótico, incluindo também as relações lésbicas.

A primeira obra científica russa a falar sobre a homossexualidade – tanto masculina quanto feminina –, na tentativa de “domesticar o conhecimento estrangeiro” (HEALEY, 2001, p. 83) relativo ao tema, foi chamada “*ForensisGynecology*”, de VladislavMerzheevskii, publicado em 1878. O livro continha um capítulo de cinquenta e sete páginas sobre “pederastia”, “amor lésbico” e bestialidade, apesar de, na verdade, se tratar de uma obra sobre a violência masculina contra a mulher. No livro, Merzheevskii denominava a homossexualidade como um hermafroditismo mental e, especificamente, a pederastia como uma expressão do desejo incontrolável masculino, podendo escolher como objeto tanto uma mulher, um homem ou um animal; dessa forma, retira-se de cena a possibilidade de afeto entre homens, colocando as relações dentro de um espectro de violência.

Sete anos depois, o estudo e detecção de “perversões sexuais” deixa o campo da medicina forense e entra na psiquiatria forense, com V. M. Tarnovskii. No livro, o autor ensinava técnicas para descobrir “pederastas passivos”, colocando-os de joelhos afastados, com as nádegas para cima, observando a cavidade anal para sinais de penetração (HEALEY, 2001). Foram utilizados tratamentos de hipnose para a cura da homossexualidade – fosse para sodomitas ou para tribadistas –; como justificativa para a perversão sexual, a “troca” de cérebros

²⁰ - Termo que, inicialmente, era utilizado para se referir a qualquer relação sexual dentro do quartel e que, com o tempo, transmutou-se dentro do campo semântico e acabou como sinônimo de relação sexual entre homens.

– corpos masculinos e femininos aprisionando cérebros não condizentes com seu gênero. Apesar desse cenário sombrio para a questão, o Império russo era quase indiferente e pouco se empenhava em perseguir, julgar ou condenar os chamados pederastas. Havia, então, um espaço interdito para a existência, ainda que invisível.

As relações com a Alemanha, bem como a dinâmica alemã de tratamento de relações não-heterossexuais, foram essenciais para os rumos da história homossexual na Rússia. A herança do escândalo de Eulenburg²¹, na Era Guilhermina, causou forte impacto na República de Weimar²², culminando em confrontos com movimentos de emancipação homossexual. Contudo, o Partido Comunista Alemão (KPD), até o regime nazista, apoiava a exclusão da criminalização da sodomia, na intenção de retirar toda e qualquer lei sobre sexo que fosse considerada reacionária. A ascensão de Hitler desempenhou papel fundamental na recriminalização da homossexualidade masculina em território soviético, que se deu logo após a ruptura das relações entre Rússia e Alemanha. Com uma propaganda pesada na Europa, iniciou-se um embate entre Fascismo e Comunismo em que, para atingir a honra e a masculinidade, acusações de sodomia eram feitas – de ambos os lados. Segundo Healey, “Pela primeira vez nos anos 30, essa retórica homofóbica internacional elevou significativamente o discurso antihomossexual moderno na arena diplomática”²³ (2001, p. 182). Em 1933, após o incêndio no Palácio de Reichstag, creditado a Marinus van der Lubbe, ex-comunista, utilizado pelos nazistas como construção da ameaça vermelha, o Partido Comunista Alemão usou de ostensiva retórica homofóbica para desvincular a imagem de Lubbe da esquerda. Segundo eles, Marinus foi pago pelo Partido Nazista e estava sob influência sexual e moral de Ernst Röhm, líder das Tropas do Partido.

Inegavelmente, é durante o governo de Stalin que as ações de repressão aumentam, inclusive em relação aos homossexuais e, novamente, há uma tentativa de responsabilizar Outros pela contaminação das “perversões”, utilizando-se de retórica homofóbica:

²¹ Conhecido também como o Escândalo da Távola Redonda. Teve início com a publicação de artigos, pelo jornalista Maximilian Harden, sobre envolvimento homossexuais entre o Príncipe Philipp zu Eulenburg-Hertefeld e o general Kuno von Moltke. O caso, amplamente divulgado pela imprensa alemã, foi parar nas cortes marciais. Com frequência é comparado ao escândalo de Oscar Wilde, na Inglaterra.

²² A República de Weimar é uma designação histórica para a república estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial.

²³ “This international homophobic rhetoric significantly elevated a modern antihomosexual discourse to the diplomatic arena for the first time in the 1930s” (tradução minha).

Quando Stalin tornou a sodomia ilegal novamente para todas as repúblicas da União Soviética em 1934, seu porta-voz Maxim Gorky justificou a reversão recorrendo ao venerável mito da energia bárbara Russa que o humanismo proletário estava agora transformando em vigor industrial. Ele contrastou essa saúde rude com o cinza da Alemanha nazista, “rostos desidratados, sua juventude doentia desmoralizada e corrompida pela homossexualidade e outras doenças da civilização: alcoolismo, sífilis, histeria” (HEALEY, 2003, p.3).

Diferentemente da campanha pública e em alto e bom som contra homossexuais feita por Hitler, na Alemanha, a recriminalização da sodomia na Rússia foi feita por baixo dos panos, silenciosamente. Dessa forma, permaneceram durante muito tempo no campo das suposições os motivos que levaram à proibição da sodomia (e por que as relações lésbicas permaneceram fora da legislação, apontando para uma invisibilidade latente do amor entre mulheres).

Segundo os documentos do “*Archive of the President of the Russian Federation*” (APRF), liberados somente em 1993, a iniciativa para a criação da lei antissodomia veio do chefe da polícia política, Iagoda, que em carta a Stalin afirma que os grupos pederastas utilizavam suas ligações para a construção de espaços contrarrevolucionários e células de espionagem, desmoralizando politicamente jovens, inclusive trabalhadores e planejando se infiltrar no exército e na marinha. Stalin, por sua vez, responde veementemente: “esses patifes devem receber uma punição exemplar, e um decreto orientador correspondente deve ser introduzido em nossas legislações”²⁴ (HEALEY, 2003, p. 184).

A geografia da perversão tornou-se ferramenta estrutural da construção de nacionalidade europeia para lidar com relações homossexuais: “os franceses chamaram de “os vícios ingleses”, a cultura finlandesa culpou os suecos por importar o amor entre homens e os primeiros alemães modernos viam como uma obsessão florentina” (tradução minha) (HEALEY, 2003, p.1). Acredito que possamos falar em uma acusação de ideologia da perversão, no que concerne a retórica homofóbica: Comunistas acusavam nazistas de serem homossexuais, os nazistas devolviam na mesma moeda. Há um embate para decidir quem carregaria a culpa pela perversão de uma sexualidade dissidente e seria, conseqüentemente, menos homem. Na medida em que ser homem, numa sociedade patriarcal heteronormativa e

²⁴(tradução minha) “these scoundrels must receive a exemplary punishment, and a corresponding guiding decree must be introduced in our legislations”.

colonialista tem a ver com a dominação e subjugação de corpos de mulheres, relacionar-se com outro homem diminui a masculinidade²⁵.

O Partido Comunista Brasileiro surge em 1922, sob influência dos ideais russos. E, até 1953, com a morte de Stalin e as denúncias dos crimes cometidos durante o regime ditatorial por ele imposto, os comunistas brasileiros seguiam a mesma cartilha do Partido Comunista soviético. Isso significa que se importam, também, ideais e perspectivas sobre a homossexualidade.

No artigo “O que o cinema nunca contou”, na primeira edição do conhecido jornal homossexual *Lampião da Esquina*, João Silvério Trevisan (1978) nos conta que socialistas europeus ligavam a virilidade aos socialistas e a homossexualidade aos fascistas. A lógica era conhecida entre os nazistas, contudo, entre eles, “bicha era sinônimo de comunista (...). Ou seja, os homossexuais são bodes-expiatórios tanto da direita quanto da esquerda repressiva. Esse é um bom motivo para eles começarem a contar sua própria história. No Brasil também” (TREVISAN, 1978, p. 12). Ainda na mesma edição do periódico, Quebec (1978), pseudônimo de um autor que se declara gay e de esquerda, na carta do leitor “Rodando a baiana”, afirma que

a moralidade presente nesta ‘esquerda’ é às vezes pior que a da Igreja do Medievo. (...) Cuba perseguiu intelectuais (não só homossexuais) como a Santa Inquisição apenas porque estes divergiam dos dogmas do Papai Fidel (que posa de machão com um charutão fálico na boca; que come Gina Lolobrigida numa clara alusão à função da mulher na vida de um ‘líder’ como ele) (p. 15).

Ao que os editores responderam “(...) para um homossexual, a atuação a nível político é duas vezes mais complicada. Isso fica bem claro na sua carta, que é muito oportuna quando fala na esquerda autoritária”. Na segunda edição do *Lampião*, João Carneiro aborda novamente a questão, estendendo um pouco:

relembra aos leitores os “quase mil homossexuais notórios” (p. 4) fuzilados nos paredões de Cuba sob ordem de Fidel Castro, assim como os milhares enviados aos campos de reeducação na Sibéria por Stalin, e também outros milhares de homossexuais que “desapareceram” na Grande Revolução Proletária de Mao Tsé. Traça um paralelo “à direita” sobre outros milhares de homossexuais assassinados no Chile de Pinochet, na Argentina de Videla, na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, na França de Lavai e na Espanha

²⁵ Obviamente, é possível construir uma relação homossexual sob os moldes heteronormativos, contribuindo para o funcionamento do sistema de exploração patriarcal, mas agora subjugando corpos femininos/feminilizados, não exclusivamente de mulheres.

de Franco. Carneiro argumenta que a questão da libertação e da opressão às sexualidades não pode ser tipificada pelos regimes de direita, centro ou esquerda, “(...) porque a repressão, em todas as suas formas, é isso sim, característica de todo e qualquer poder estabelecido. (MORETTI-PIRES; TESSER JÚNIOR; KOVALESKI, 2018, p. 6)

Fato é que a homofobia da esquerda brasileira era condizente com os pensamentos socialistas da época. Em carta a Engels, Marx afirma:

Os pederastas já são numerosos e estão descobrindo que constituem um poder no Estado. (...) Daqui em diante, vai virar moda dizer ‘guerra às xoxotas, paz para os fiofós’. Que sorte a nossa, por sermos demasiado idosos; assim, não teremos a obrigação de pagar tributo com nosso corpo à vitória desse partido. (BORRILLO, 2010)

Dessa forma, não é de se espantar que a estrutura do Partido Comunista Brasileiro traga entre suas vigas a homofobia, o que também se refletia nas obras comunistas que seguiam os preceitos do partido. O inédito de Jorge Amado não foge à regra ao retratar o personagem Heitor. O chefe do grupo militante que se reúne na fazenda de Augusto, esperando pelo sinal para o levante, resolve simplesmente que a vida parece muito melhor do que morrer pela causa comunista. Contudo, a construção de traidor e covarde parece estar naturalmente tão atrelada à homossexualidade que o único que desiste da revolução armada é o personagem com desejos por outro homem.

Heitor surge pela primeira vez na narrativa enquanto observa Edith, sua esposa, se render ao sono que chega insistente. E, assim que a mulher adormece, Heitor passa a mão em seu corpo; então, com a memória ativada pelos poros de seus dedos, vem à tona a lembrança de quando era menino:

(...) nádegas de adolescente, coxas bem feitas porém magras, o pijama fazendo-a ainda mais um rapaz e aquele cabelo cortado curto como cabelo de homem... quis beijar o pescoço da mulher para acordar, mas lembrou-se do pescoço de um rapazinho no internato, há tantos anos. Estava na carteira da frente. Heitor viu de súbito o pescoço do colega com os olhos do sexo. Era muito alvo, aos poucos o cabelo negro ia aumentando, até se derramar pela testa. Então, o estudante lhe parecia uma mulher de cabelos cortados como homem e o desejo foi tão violento e o dominou de uma maneira tão brutal que ele se levantou e beijou desesperadamente o pescoço do outro. Depois caiu em espasmos na sala, os alunos correram, os padres e os bedéis. Ele estrebuchava no chão, dizia palavras incoerentes, um padre jovem murmurara que o demônio o possuía, outro rezava orações de exorcismo. E o menino que

ele atacara chorava humilhado entre os sorrisos maliciosos dos colegas.
(AMADO, 1942, p. 24)

Enquanto Heitor justifica o desejo que o leva a beijar o pescoço do colega, afirmando que “o estudante lhe parecera uma mulher de cabelos cortados como homem”, o narrador descreve Edith “como um rapaz” (p. 24) e, aos poucos, como que convencido pela narração através de um diálogo silencioso, o próprio personagem parece perceber as fronteiras difusas entre Edith e o rapaz e admite o que antes tentava negar:

Era como um rapaz, era como se possuísse o jovem do colégio. Agora compreendia... Suas mãos tremiam no reconhecimento repentino das nádegas que sempre amara. Desde rapazola... desde rapazola... – repetia para si mesmo com espanto. E tinha os olhos desmensuradamente abertos mas logo os fechou porque assim via melhor o adolescente na carteira da frente (...), o pescoço níveo – níveo –, as coxas que apareciam bem feitas sob as calças curtas e apertadas. Reconhecia agora esse pescoço, essas coxas e essas nádegas, com as mãos trêmulas.

Este ciclo vicioso em que se entra na tentativa de definir o desejo só pode ser quebrado se sairmos da lógica binária de construção de gênero e sexualidade. Na gana de encaixar o personagem em uma identidade sexual binária específica, a partir da performatividade de gênero²⁶ do outro, classificada de forma binarista, cria-se um paradoxo indecifrável dentro da visão imposta por lentes que só sabem contar até dois. Sobre a característica fluida do gênero, Maggie Nelson (2017) reflete:

Tenho um amigo que pensa no gênero como uma cor. O gênero e a cor têm em comum certa indeterminação ontológica: não é correto dizer que um objeto

²⁶ “Enquanto processo, a significação alberga em si aquilo que o discurso epistemológico refere como o ‘agência’. As regras que governam a identidade inteligível, isto é, que permitem e restringem a afirmação inteligível de um ‘eu’, regras que são parcialmente estruturadas em matrizes de hierarquias de gêneros e heterossexualidade obrigatória, operam através da *reiteração*. De facto, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer somente que o sujeito é uma consequência de determinados discursos governados por regras que regem a invocação inteligível da identidade. O sujeito não é *determinado* pelas regras mediante as quais se gera, pois a significação *não é um ato fundador, mas um processo regulado de reiteração* que se dissimula e impõe as suas regras justamente pela produção de efeitos substancializadores. De certo modo, toda a significação ocorre na órbita da obrigação de repetir; a ‘agência’ localiza-se, pois, na possibilidade de variar essa reiteração. (...) só é possível subverter a identidade dentro das práticas de significação reiterada. O preceito de *ser* um gênero concreto produz fracassos necessários, um sem-número de configurações incoerentes que, na sua multiplicidade, excedem e desafiam o preceito por que se geram” (BUTLER, 2017, p. 285-286).

é uma cor, nem que o objeto tem uma cor. O contexto também a modifica: todos os gatos são pardos, etc. A cor também não é, a rigor, voluntária. Mas nenhuma dessas fórmulas quer dizer que o objeto em questão é incolor. (p. 20)

Entre Edith e o colega de classe há uma semelhança entre performances de gênero e corpos não normativos, desencadeando, por assim dizer, uma falha na percepção da matriz binária. Ora Edith se parece com um rapaz, ora o rapaz é quem parece uma mulher, mas, assim como o objeto que não *é* nem *tem* uma cor, a percepção de gênero dos dois indivíduos modifica-se, pois só é possível caminhar nas fronteiras quando existem territórios demarcados:

(...) essas identidades correspondem a uma ilusão criada pelas sociedades misóginas e heterossexistas que estruturam e sustentam a ficção da existência concreta de homens e mulheres. Essa ficção, esse mito estruturante cria as condições para a emergência das expressões do gênero, tomadas e vivenciadas como identidades, estruturadas por via da diferença sexual, verdadeira ideologia reguladora das identidades (OLIVEIRA 201, p. 59).

Ainda que Heitor não tenha consciência dos aspectos fronteirizos da performatividade de Edith e do rapaz, mais tarde, parece fazer as pazes com as simetrias. Contudo, antes do momento de aceitação, ele encara nos olhos o iminente desejo e já não teme a revolução ou a tempestade, tudo se torna diminuto perto do momento epifânico:

Já não tremia de medo do horror da noite de temporal, de tudo que ia acontecer de mau naquela madrugada, já não tremia com medo da luta e da morte, da dor física que tanto o acovardara, mas tremia de medo dos sentimentos que se desencadeavam dentro dele. (...) Esquecera tudo, tudo que durante as longas horas do princípio infindável da noite tentara em vão esquecer. (AMADO, 1942, p. 24)

Num embate íntimo, Heitor, ao se deparar com a sinceridade dos seus sentimentos, desespera-se e toma consciência do julgamento que virá dos companheiros de luta. Neste trecho delinea-se o início da retórica homofóbica na construção do personagem:

Esqueceu dos homens que o esperavam para receber dele ordens que o levariam ao triunfo ou à morte, esqueceu os que naquele momento, diante de um aparelho de rádio, aguardavam ansiosos o aviso de a hora era chegada e que deviam estar a perguntar o que era feito dele, o que acontecera com Heitor e que talvez já o tivessem julgado entre si e *decidido da sua covardia*. (AMADO, 1942, p. 24)

O que se desenha é reflexo da lógica homofóbica presente nos ensinamentos de uma sociedade heteronormativa e, ademais, na construção do inimigo político: Heitor está convencido de que já foi julgado covarde pelos companheiros, contudo, essa certeza advém da sua ausência na reunião na fazenda de Augusto ou pelo desejo que o atormenta? O personagem, então, alucina com os homens, visualizando todos dentro do quarto, como se pudessem observá-lo não só no cômodo, mas tivessem acesso às suas emoções:

Ficaram junto à cômoda e Heitor não sabia bem como cinquenta homens cabiam naquele canto. É verdade que via quase que somente as cabeças mas, de negro Filomeno ele via o corpo inteiro (...) Mas os lábios estavam semi-abertos e, através da amizade do sorriso, Heitor percebia claramente pronunciada no quarto a palavra que lia nos outros, que adivinhava nas mãos crispadas: “Covarde” lhe diziam todos (...) (AMADO, 1942, p. 25)

Não apenas na apresentação de Heitor é que o discurso da homofobia como ferramenta para criação de inimigos é utilizado, este reaparece em outro trecho do romance, quando os personagens conversam. Prensa é o personagem pintado como o mais frio e seco dos revolucionários: “o ódio de Prensa é maior que qualquer piedade. Sua mão ferirá sem pena, em nenhum minuto seu coração será maior. Nele só existe lugar para um sentimento: o ódio” (AMADO, 1942, p.13). Num diálogo, os companheiros, ao zombarem dele, utilizam-se novamente da retórica homofóbica:

— A estas horas Heloísa está dançando... Como ela gosta de dançar...

Lopes se interessa imediatamente:

— Tua pequena?

— É, sim. Não é por ser minha noiva mas lhe garanto que dança maravilhosamente. Valsa, então, nem se fala...

(...)

— Tem uma dança nova, americana, que dizem que é fabulosa...

Prensa despregou da janela:

— Pra mim esse negócio de dança é puradescaração. Vício de burguês. É só pra se esfregarem... Safadeza da grossa. Não é coisa pra revolucionário...

Lopes riu:

— Será que você também não anda com mulher, Prensa? Acha que isso também é vício de burguês? (...) (AMADO, 1942, p. 39)

Com a certeza de que desejar alguém com sexo/gênero igual ao seu é ser, ao mesmo tempo, covarde, traidor e inimigo, é compreensível que Heitor tema mais seus sentimentos não normativos do que o levante armado ou sua iminente morte. Contudo, é também a paixão pelo colega de classe que desperta no chefe do grupo de comunistas o amor à vida e, de repente, o encanto com a morte pela revolução é desfeito. Como que numa estratégia de sobrevivência, Heitor faz as pazes rapidamente com a semelhança entre Edith e o rapaz, transmutando os dois indivíduos em um, e, dessa forma, parece amar ainda mais a esposa agora que enxergava de onde viera a paixão que ninguém mais compreendia, já que todos consideravam-na uma “mulher medíocre”. Ao mesmo tempo em que elenca os motivos para viver, o narrador junta-se ao coro dos homens que chamam Heitor de covarde ao trazer para a narrativa o contraponto dos oprimidos que dependiam da revolução para terem justiça:

Por que morrer se é tão bom viver? Se numa noite tão má e feia o homem tinha uma casa boa e tranquila, flores em lindos jarros, a paz em cada cortina, a alegria em cada gesto da mulher amada? (...) Não enxergava os sem pão que deviam comer, os sem alegria que deviam ter alegria, os sem paz que deviam ter paz, os sem amor que estavam famintos de amor e bem mereciam ser amados. Só enxergava que sua casa era boa, um porto na tempestade, que o vento passava em torno mas não entrava, que se derrubava folhas nas árvores da rua não bolia nas flores dos jarros, que sua mulher era alegre quando era triste a noite, que ele tinha tudo e não podia perder nada disso, que a vida sempre fora assim e nada podia evitar que ela continuasse assim: uns com alegria, outros sem alegria. (AMADO, 1942, p. 28)

Para os militantes, a revolução tem rosto de mulher. Há uma romantização da luta e da morte como o êxtase final do encontro com a amada:

E se a visão da morte passa diante dos seus olhos ela se parece com uma mulher. Para Mario é Maria Franco pedindo que ele não vá. Raymundo vê Heloísa valsando, os longos cabeços enchendo a sala. Miguel pensa em Celestina, que a morte também pode ser uma mulata²⁷ de amplos quadris.

²⁷ Novamente, na possibilidade de análise e reelaboração do passado e estudo dos problemas morais que surgem apenas quando o *ethos* coletivo deixa de dominar, é necessário ressaltar o caráter racista do termo “mulata”: “Os movimentos negros brasileiros refutam a utilização da palavra por dois motivos: 1) linguístico – derivação de ‘mulus’, do latim, atualizado por ‘mula’, o animal que surge da cópula de duas raças diferentes – o asno e a égua, que, no século XVI, derivou-se na América hispânica para ‘mulato’ como uma analogia ao caráter híbrido do animal, considerado uma raça inferior já que não possui a possibilidade da reprodução; e 2) cultural – a falsa

Prensa vê a a mulher que se afastou dele com nojo na entrada do cinema, há muitos anos, e agora ele a pode possuir. Só Lopes não tem essa visão pessoal de uma mulher. Vê alguma coisa que lhe parece todas aquelas mulheres tristes e pobres que nas cidades, nas margens dos rios, na fimbria dos mares, nas janelas das pensões alegres, esperam que tudo seja melhor e o amor seja possível. Se a morte vai na frente do automóvel não importa. Ela é uma bela mulher. (AMADO, 1942, p. 16)

Heitor é o único personagem que volta atrás e desiste do encontro com a morte, com a bela mulher; além disso, é o único dos militantes com desejos não heterossexuais. A construção narrativa do personagem tenta, a todo custo, reafirmar o desejo homossexual de Heitor através da ligação deste com a desistência da luta, com sua covardia. Por se tratar de um romance inacabado, não é possível concluir a trajetória do personagem e este continua no espaço interdito aguardando um desfecho para sua transgressão ideológica e sexual. Contudo, sendo a própria ausência de final para a narrativa um final metafórico de que a revolução nunca aconteceu, todos os temores e ansiedades de Heitor poderiam ter permanecido adormecidos na cama ao lado de Edith.

1.5.2 EDITH: A VIRAGO ADORMECIDA

Edith dorme durante todo o momento em que se passa o romance. Adormecida, não se mexe na cama nem fala durante o sono. Toda a imagem da personagem, na cena em que Heitor aparece e reflete sobre ir ou não para a revolução, é construída na inércia, no sonho. Se nos lembrarmos de algumas crenças espíritas de que o espírito abandona o corpo durante o período de repouso, temos o físico vazio de alma: uma casca. O que já nos aponta para o que, de fato, ocorre na narrativa: Edith existe apenas na medida em que descreve e dá vida aos desejos de Heitor; é ausente de personalidade ou ação. Já tendo apresentado os trechos referentes a Edith, reflito teoricamente sua construção ao evocar, novamente, Wittig e Irigaray, acompanhadas agora por Adrienne Rich ao discutirmos a lesbofobia como uma violência não apenas às lésbicas, mas a todo e qualquer afeto masculino, bem como às mulheres que, de alguma forma, não se encaixam dentro dos padrões de feminilidade.

impressão de democracia racial que há no país, associado à representação da mulher negra ou mestiça através do corpo branqueado e hiperssexualizado” (DA SILVA, 2018, p.77).

Retomando o pensamento de Monique Wittig, a autora defende que a feminilidade seja entendida como negatividade do masculino, o que caracteriza a mulher como categoria política; para ela, é preciso que se desenvolva uma linguagem nova, novas categorias, para operar com a potência desse lugar ambivalente, com a subjetividade dos sujeitos complexos que ocupam. Para ela, persistir na utilização da nomenclatura produzida pelo pensamento *straight*²⁸ é uma forma de se submeter a ele. A ambivalência, pra Wittig, não está na oposição entre o caráter positivo e o negativo da experiência feminina, mas na ideia de sujeito excêntrico, no deslocamento do sujeito para além da categoria política "mulher".

O caráter totalizante das linguagens e discursos “legítimos” nega àqueles que vivem à margem, que caminham nas (e transbordam as) fronteiras da norma, qualquer possibilidade de produzir suas próprias categorias e nomear a própria experiência. Para ela, recusar a linguagem e, portanto, as categorias herdadas do pensamento *straight*, é essencial para que se produzam espaços em que seja possível pensar uma linguagem própria e, com ela, relações que não se submetam à estrutura normativa binária da dominação.

A partir do materialismo francês, Wittig compreende a mulheridade como uma categoria social produzida pelo regime político da heterossexualidade e, portanto, a lesbianidade como um espaço especulativo em que outras formas de relação podem ser construídas. Fazer-se mulher, como dizia Beauvoir, é um processo de submissão à lógica heterossexual, à lógica normativa, ao pensamento *straight*. As categorias sociais mulher e homem são produzidas pela mesma operação que as categorias biológicas macho e fêmea: a circunscrição da sexualidade à reprodução, tanto em seu sentido fisiológico quanto em seu sentido social. A categoria mulher não precede a opressão, mas se produz como marca deste regime específico de relações de poder.

Un análisis feminista materialista muestra que lo que nosotras consideramos causa y origen de la opresión, es solamente la «marca»¹⁰ que el opresor impone sobre los oprimidos: el «mito de la mujer»¹¹, con sus manifestaciones y efectos materiales en las conciencias y en los cuerpos apropiados de las mujeres. (WITTIG, 2006, p. 34).

Contudo, a evasão da categoria mulher não implica a conversão em homem:

²⁸Sobre a utilização do termo *straight*, cito Mônica Saldanha (2021, p. 158): “Quanto à questão lexical, embora *straight* possa se traduzir como “heterossexual”, o termo também carrega significados como “direto”, “correto”, “honesto” ou “lógico”; é um termo que referencia, em amplo espectro, a ordem, a norma. O próprio Sam Bourcier, responsável pela tradução francesa do ensaio, comenta que a manutenção do termo *straight* no título foi uma decisão conjunta de ambos, indicando que Wittig de fato pretendeu conscientemente abranger muito mais do que o campo da sexualidade em sua análise”.

Tener una conciencia lesbiana supone no olvidar nunca hasta qué punto ser «la-mujer» era para nosotras algo «contra natura», algo limitador, totalmente opresivo y destructivo en los viejos tiempos anteriores al movimiento de liberación de las mujeres. Era una constricción política y aquellas que resistían eran acusadas de no ser «verdaderas» mujeres. Pero entonces estábamos orgullosas de ello, porque en la acusación había ya como una sombra de triunfo: el reconocimiento, por el opresor, de que «mujer» no es un concepto tan simple, porque para ser una, era necesario ser una «verdadera». Al mismo tiempo, éramos acusadas de querer ser hombres. Hoy, esta doble acusación ha sido retomada con entusiasmo en el contexto del movimiento de liberación de las mujeres, por algunas feministas y también, por desgracia, por algunas lesbianas cuyo objetivo político parece ser volverse cada vez más «femeninas». Pero negarse a ser una mujer, sin embargo, no significa tener que ser un hombre. Además, si tomamos como ejemplo la perfecta «butch»¹³ —el ejemplo clásico que provoca más horror, a quien Proust llamó mujer/hombre—, ¿en qué difiere enajenación de la de alguien que quiere volverse mujer? Tal para cual. Por lo menos, para una mujer, querer ser un hombre significa que ha escapado a su programación inicial. Pero, aunque deseara con todas sus fuerzas, no podría llegar a ser un hombre, porque eso exigiría no sólo tener una apariencia externa de hombre, sino también tener una conciencia de hombre, o sea, la conciencia de alguien que dispone, por derecho, de dos —si no más— esclavos «naturales» durante su vida. Esto es imposible, y una característica de la opresión de las lesbianas consiste, precisamente, en que colocamos a las mujeres fuera de nuestro alcance, ya que las mujeres pertenecen a los hombres. Así, una lesbiana debe ser cualquier otra cosa, una no-mujer, un no-hombre, un producto de la sociedad y no de la «naturaleza», porque no hay «naturaleza» en la sociedad. (WITTIG, 2006, p. 34 – 25)

Se Wittig propõe a construção de novas categorias a partir de uma nova linguagem, afirmando que uma lésbica deve ser algo diferente de mulher, pois crê que a mulheridade se baseia na feminilidade como negatividade e que, lésbicas, fugiriam dos padrões ao se negar a emular padrões e relações de poder imbricadas nesta lógica binária, Adrienne Rich propôs o conceito de heterossexualidade compulsória como ferramenta para questionar o apagamento da existência lésbica da literatura feminista, compreendido como antilésbico e antifeminista, assim como causador de uma distorção da experiência heterossexual. A intenção era “encorajar as feministas heterossexuais ao exame da heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres” (1982, p. 19).

A sua crítica passa pela recusa da lesbianidade como um estilo de vida alternativo, uma mera preferência sexual, uma imagem espelhada da heterossexualidade ou da homossexualidade masculina; para isso, Rich opera com a invisibilidade das relações lésbicas e com o resgate das relações entre mulheres, deslocando as práticas reprodutivas – e as práticas sexuais relacionadas a elas - do eixo organizador da sexualidade.

Quando nós encaramos de modo mais crítico e claro a abrangência e a elaboração das medidas formuladas a fim de manter as mulheres dentro dos limites sexuais masculinos, quaisquer que sejam suas origens, torna-se uma questão inescapável que o problema que as feministas devem tratar não é simplesmente a “desigualdade de gênero”, nem a dominação da cultura por parte dos homens, nem qualquer “tabu contra a homossexualidade”, mas, sobretudo, o reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas. Um dos muitos meios de reforço é, obviamente, deixar invisível a possibilidade lésbica, um continente engolfado que emerge à nossa vista de modo fragmentado de tempos em tempos para, depois, voltar a ser submerso novamente (p. 34).

Rich opta pelo uso das expressões “existência lésbica” e “*continuum* lesbiano” como forma de escapar às definições heteronormativas (ou *straight*, como colocaria Wittig) da lesbianidade, que considera ter “alcance limitado e clínico” (1982, p. 35). Além disso, critica a definição da lésbica a partir do ódio aos homens, preferindo retratá-la como “uma carga de energia elétrica de empoderamento entre mulheres” (1982, p. 42). Para Rich, as relações entre mulheres – mesmo aquelas que não se definem pelo desejo sexual, mas que representam qualquer tipo de recusa à dinâmica normativa da heterossexualidade, como a reprodução – encerram uma potencialidade limitada pela instituição da heterossexualidade.

Existência lésbica sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua de significado dessa mesma existência. Entendo que o termo *continuum* lésbico possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o fato de que uma mulher tivesse alguma vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher. Se nós ampliamos isso a fim de abarcar muito mais formas de intensidade primária entre mulheres, inclusive o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e receber de apoio prático e político, se nós podemos ouvir isso em associações como uma resistência ao casamento e em um comportamento, digamos, “exaurido”, identificado por Mary Dale (significados obsoletos: “intratável”, “obstinada”, “licenciosa” e “impudica”, “uma mulher relutante de se submeter a cortejos”), nós começaremos a compreender a abrangência da história e da psicologia feminina que permaneceu fora de alcance como consequência de definições mais limitadas, na maioria clínicas, de lesbianismo. (1982, p. 35-36).

Como o termo lésbica tem sido empregado com associações clínicas, limitadas com definição patriarcal, a amizade e o companheirismo feminino são colocados à parte do erótico, limitando, portanto, o erótico em si mesmo. Quando, porém, nos aprofundamos e ampliamos o conjunto do que definimos como existência lésbica, quando delineamos um *continuum* lésbico, começamos a descobrir o erótico em termos femininos (...) (1982, p. 37)

Edith não é lésbica, no que se refere à orientação sexual. É mulher, se mulher significar, como acredita Wittig, se submetendo às dinâmicas da relação fundante da mulheridade. Contudo, por não se encaixar nos padrões moldados de feminilidade do pensamento *straight*, é considerada uma mulher incompleta, malfeita, medíocre, como afirmam os colegas de Heitor. É nesse espaço de incompletude que Edith se assemelha à lésbica: feia, incapaz de ser desejada, muitas vezes vista como rancorosa e frustrada com os homens, como Simone de Beauvoir afirma ao falar da figura das “viragos” que, se retomarmos Irigaray, seriam aquelas mulheres incapazes de produzir uma feminilidade como mascarada:

E, bem entendido, a natureza de suas experiências heterossexuais que leva a mulher "viril" a escolher, assumir ou repudiar o seu sexo. O desdém masculino confirma a mulher feia no sentimento de sua falta de graça; a arrogância de um amante fere a orgulhosa. Todos os motivos de frieza que já consideram: rancor, despeito, temor da gravidez, traumatismo provocado por um aborto etc., se encontram aqui. (BEAUVOIR, 1967, p. 151)

Essas particularidades podem motivar mais ou menos diretamente uma vocação lésbica. Uma pessoa dotada de uma vitalidade vigorosa, agressiva, exuberante, almeja despender-se ativamente e recusa ordinariamente a passividade; desgraciosa, mal constituída, uma mulher pode compensar sua inferioridade adquirindo qualidades viris; se sua sensibilidade erógena não está desenvolvida, ela não deseja as carícias masculinas. (BEAUVOIR, 1967, p. 145)

O corpo de Edith não é, portanto, um corpo de mulher. Também não é o de um homem, mas transita na fronteira, sendo comparado, todo o tempo, com um menino, pré-púbere. Se encarada como falha de gênero, podemos enxergar Edith dentro da lesbianidade e, portanto, a violência a ela imposta, principalmente pelo discurso dos amigos de Heitor que declaram sua inferioridade, se caracterizaria como lesbofobia.

Há, então, no corpo de Edith, uma ambiguidade latente, o que nos remete às discussões da medicina acerca da categorização do sexo biológico e dos corpos ditos masculinos e femininos. Em “Dualismos em Duelo”, Anne Fausto-Sterling (2002) relata o caso da corredora espanhola Maria Patiño, que, em 1988, foi proibida de participar das Olimpíadas porque testes demonstraram que ela tinha cromossomos XY e, portanto, não seria considerada mulher pelo COI (Comitê Olímpico Internacional). Patiño se submeteu a uma nova série de exames que demonstraram sua intersexualidade: em razão de uma síndrome de insensibilidade ao andrógino, o corpo dela não reconhecia a testosterona produzida e desenvolveu caracteres femininos a partir dos estrógenos também produzidos pelos testículos.

Fausto-Sterling utiliza o caso para ilustrar a preocupação quanto à verdade do sexo que opera no contexto de uma política (e do conseqüente policiamento) de gênero: a atividade esportiva em si mesma é considerada uma prática masculina – e masculinizadora – e, portanto, antinatural para as mulheres. A certificação da mulheridade se faz necessária como forma de garantir a separação estrita e indiscutível entre os sexos, excluindo aqueles corpos que, por sua natureza ambígua e irredutível às categorias binárias, são descritos como anormais. O caso de Patiño, descrito por Fausto-Sterling, demonstra que o modelo isomórfico não se substitui pelo dimórfico moderno, mas se atualiza nele. Acionam-se diferentes regimes de verdade sobre o corpo na operação de categorizá-lo, estando a masculinidade sempre ligada à potência plena do corpo.

Indo além, o caso descrito pela pesquisadora faz eco às discussões de Thomas Laqueur (2001) no que concerne às diferenças anatômicas do corpo em seu aspecto reprodutivo no âmbito do modelo isomórfico, ou modelo do sexo único, que prevaleceu no Ocidente até meados dos séculos XVII e XVIII.

Laqueur descreve um conjunto de saberes sobre o corpo que concebe a diferença sexual como uma questão de grau, não de espécie, determinada pela sua relação com o motor do universo: o calor. Corpos quentes, ativos, dotados de racionalidade e inteligência, desenvolveriam plenamente sua anatomia, chegando à maturidade como corpos masculinos. Corpos frios, passivos e destituídos de capacidade intelectual, permaneceriam atrofiados, apresentando órgãos sexuais e reprodutivos internos. Sendo o calor o combustível desta maturação, seria possível que um corpo feminino, ao se engajar em atividades que elevassem sua temperatura, desenvolvesse caracteres masculinos, formando um corpo intermediário, não totalmente submetido às categorias de sexo que habitam o imaginário moderno. Corpos femininos e corpos masculinos pré-púberes representariam duas possibilidades de corpos não plenamente desenvolvidos.

Dessa maneira, no modelo isomórfico só há a potência masculina, o ápice só pode ser descrito na figura de um homem. A mulher era uma forma subdesenvolvida deste. Logo, Edith seria uma versão da mulher no modelo do sexo único, em que se parece com um menino, ainda não plenamente desenvolvido, sem ter conseguido alcançar o seu auge, o que também dialoga com a visão da lésbica enquanto incompleta, malfeita, disforme. Edith é possuidora de um corpo incompleto, como se estivesse adormecido, sem ter de fato “acordado” para a sua evolução total, assim como a própria personagem, que dorme durante toda a narrativa. A ambigüidade

da existência de Edith corresponde à ambiguidade do desejo de Heitor: Ela não é bem uma mulher, nem um homem; ele não é gay, mas também não corresponde à representação orgulhosa da masculinidade comunista. Sendo assim, Edith existe na medida em que o desejo de Heitor necessita ser expresso e representado, permanecendo vazia e inerte na cama.

2. FAZENDO AS MALAS: ARQUIVOS EM EXÍLIO

Antes que possamos analisar a construção da terceira personagem mulher presente na Mala de Jorge Amado, mergulharemos no período de escrita do romance: o exílio em terras portenhas, momento em que Jorge Amado deixa o Brasil em busca de detalhes sobre a vida de Prestes, para a escrita de sua biografia.

Ninguém sabia ao certo como havia ocorrido a ida de Jorge Amado ao exílio, com exceção de que, ainda que não tivesse sido mandado diretamente, o escritor escolheu deixar seu país porque temia pela sua segurança, em virtude de sua atuação política. As condições de sua viagem, se estava sozinho ou acompanhado ou mesmo o conteúdo de sua bagagem eram incógnitas e, mesmo quando o assunto era abordado, era feito de forma superficial ou desencontrada. A partir da análise do conteúdo da Mala, da biografia escrita por Josélia Aguiar e de trechos esparsos de *Navegação de cabotagem*, pudemos descobrir, pouco a pouco, a narrativa do exílio do escritor baiano.

Consigo, Jorge Amado levava uma carteira do Jornal *A Noite*, com permissão para entrar nos Estados Unidos. Escondido dentro da carteira, um bilhete rasgado com um endereço em Moscou: “Kounetski Most 12 Ou Boite postale 527 Moscou”²⁹. Possíveis saídas caso fosse necessário deixar a América do Sul.

²⁹Junto do endereço, um fio de cabelo castanho, até hoje guardado na sala 511 do CCE B, na UFSC

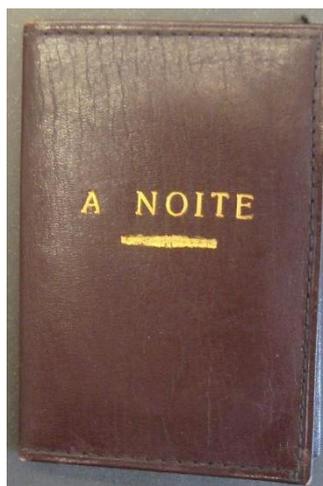


Figura 1: Documento 1425 - 1427 10C – Acervo Mala de Jorge Amado 1941 - 1942

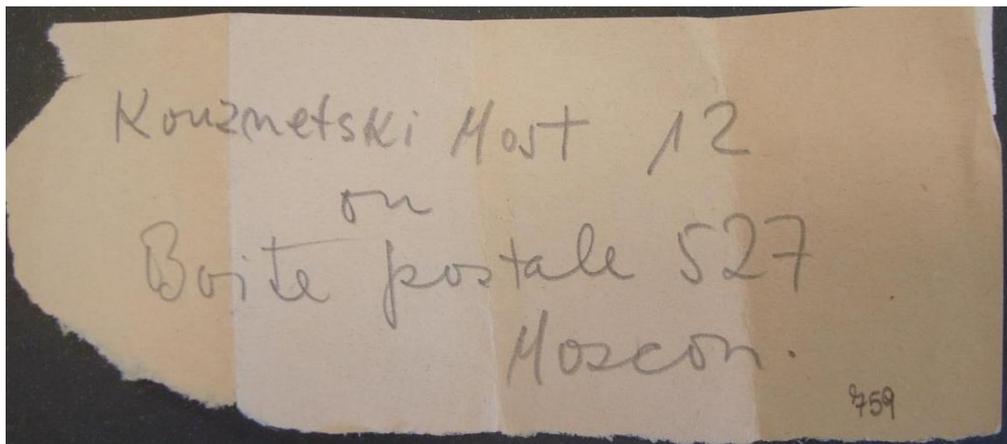


Figura 2: Documento 1262 04B Acervo Mala de Jorge Amado 1941 – 1942

Em carta a Érico Veríssimo, relata que possivelmente ficará em Buenos Aires por um tempo, antes de seguir viagem, dependente que estava dos rumos que a guerra tomasse. Com ele, Pedro Motta Lima³⁰ e Brasil Gerson. (AGUIAR, 2018). Em Buenos Aires, capital da Argentina que vivia sob o governo de Roberto Ortíz³¹, um pouco mais brando em relação às outras ditaduras vigentes, tornou-se um ponto de encontro para todo tipo de exilado: liberais, comunistas, oficiais e civis que participaram da Intentona, membros da ANL, foragidos. Além da pesquisa para a realização da biografia do maior líder comunista brasileiro e do contato com nomes importantes relacionados a Prestes, Jorge Amado foi incumbido, a pedido do Partido, que mantivesse laços com políticos de direita, era preciso formar alianças; em Navegação de Cabotagem, o escritor relata como veio a se tornar amigo de Júlio de Mesquita Filho, um dos donos do jornal Estado de S. Paulo, naquele momento sob controle do governo getulista:

(...) em 1941 quando cheguei a Buenos Aires para escrever *O Cavaleiro da Esperança* e o Partido me deu a tarefa de tratar com os *liberalóides*, a gente de Armando Sales de Oliveira, a hora era de alianças na luta contra o fascismo e de convivência com os políticos que rotulávamos liberais com menosprezo e desconfiança (AMADO, 2012, posição 834).

³⁰Pedro Motta Lima é um dos personagens recorrentes no Acervo Mala de Jorge Amado. Percebemos através da análise linguística e da caligrafia que Palma e Pedro são, na verdade, a mesma pessoa. Além disso, em determinada carta, Pedro fala sobre a sua idade e o ano de nascimento confere com a informação. Em determinada carta (1033 02FG), Ambrosio fala em “Mota”, provavelmente se referindo a Pedro Mota Lima. No documento 1045 – 1046 Pedro Mota Lima é citado. Na carta 1038 02EG enviada a Palma, o remetente afirma “um escritor e jornalista de teu prestígio sempre tem as ‘coisas pensadas’”. Aparece em muitas correspondências do PCB e enviadas diretamente a Jorge Amado.

³¹ A situação mudou com a morte de Ortíz e a ascensão de seu vice, Ramon Castillo.

As pesquisas para a escrita da biografia de Prestes, que seria publicada inicialmente em espanhol pelo Editorial Claridad, passaram por construir uma memorabilia do líder comunista: no Acervo estão presentes 98 documentos que o citam diretamente, entre correspondências pessoais de Jorge Amado, do Partido Comunista e da ANL (incluindo um microfilme de uma carta de Prestes), recortes de jornais, textos, fotos e poemas feitos para o Capitão.

Jorge Amado, por exemplo, descreve dessa maneira a tomada de decisão de voltar para o Brasil, em 1942, bem como sua saída da prisão após a volta do exílio:

Vou visitar Júlio de Mesquita Filho para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevideu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil declarou guerra ao eixo nazi-fascista, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso posto de combate é na pátria, o tempo de exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço da guerra (AMADO, 2012, posição 834)

No meio da noite somos retirados da Casa de Correção, levados à Polícia Central, mais uma vez identificados, notificados da residência obrigatória, cada um na cidade de seu nascimento – no meu caso a polícia se engana, dá-me a capital do Estado como domicílio, sou baiano da zona do cacau, nasci em Itabuna. Mandam-nos em liberdade por volta das três da madrugada, chove a cântaros.

Somos os seis comunas que, juntamente com mais uma quarentena de exilados, voltaram para a pátria, entregaram-se, quando o governo brasileiro declarou guerra ao eixo nazi-fascista, os seis que não estávamos condenados nem processados, os demais têm pena a cumprir, vão gramar três anos de prisão até o decreto da anistia. Seis comigo, os outros cinco são Fernando de Lacerda, comunista histórico, exilado na União Soviética desde 1930, o escritor Ivan Pedro de Martins³², dois operários gaúchos, não me recordo quem fosse o quinto. (AMADO, 2012, posição 731)

Algumas passagens merecem destaque por sua importância na narrativa de como o escritor rompeu com seu passado comunista, o que, muito provavelmente, é um dos fatores de influência na tomada de decisão de abandonar a Mala:

Tinha eu seis anos de idade ao término da Primeira Grande Guerra, a de 1914/1918, quando do impacto da Revolução de Outubro, do estabelecimento do Congresso dos Soviéticos em nome dos

³² Ivan Pedro é personagem recorrente no Acervo Mala de Jorge Amado, tendo sido por muito tempo o endereço oficial das cartas de Jorge Amado em Buenos Aires, na Argentina.

trabalhadores, chego aos oitenta anos quando o mundo nascido de duas guerras mundiais e da revolução socialista se esboroa e nas ruas se discute e se planeja uma nova carta geográfica e política, quando o impossível acontece, ruem muros, nações, impérios. Fragmentos do Muro de Berlim são vendidos como brinde por espertos negociantes norte-americanos.

Teorias, ideologias – teorias ditas científicas, ideologias consideradas de pureza incontestável – que seduziram intelectuais, mobilizaram multidões, massas populares, comandaram lutas, revoltas, guerras em nome da felicidade do homem, dividiram o mundo em dois, um bom, um ruim, se revelam falsas, pérfidas, limitadoras; conduziram à opressão e não à liberdade e à fartura. *Proletários de todos os países, perdoai-nos!* Lia-se na faixa conduzida pelos moscovitas na Praça Vermelha durante o desfile de um 7 de novembro recente.

O que parecia definitivo se desintegra, deixa simplesmente de existir. (AMADO, 2012, posição 86 a 101)

Em outra passagem de *Navegação de cabotagem*, o escritor revive o momento de descoberta da morte de Josef Stalin e a movimentação gerada dentro do PCB. Por coincidência, o ditador soviético e o escritor Graciliano Ramos falecem quase que concomitantemente. Abalado com a morte do amigo e incumbido pelo Partido de acompanhar seu corpo no enterro e falar à beira do túmulo:

Em Buenos Aires trato do assunto com os camaradas do Partido argentino, encontro Rodolfo Ghioldi³³ e Codovilla na última lona, na maior depressão com as notícias alarmantes da saúde de Stalin: é como se nosso pai estivesse à morte. Depois, noite da Avenida de Mayo, leio no placar de um jornal a informação, nem por esperada, menos tremenda, do falecimento, fico parado, solitário, perdido, os olhos secos, o coração apertado. (...) Não acompanho os funerais de Stalin, levo ao cemitério o corpo de Graciliano Ramos, deram-se a tarefa de falar à beira do túmulo em nome do Partido. Tento fazê-lo, as lágrimas crescem em soluços, deixo a despedida partidária a Dalcídio Jurandir. (AMADO, 2012, posição 1831)

Certo de que regressaria ao Brasil acompanhado dos demais companheiros, Jorge Amado é impedido por Rodolfo Ghioldi, dirigente do Partido Comunista Argentino, a mando da direção de Uruguai e Argentina: não voltará ao Brasil junto dos camaradas; para ele, uma última missão antes de desembarcar no Rio de Janeiro: Iria a Porto Alegre ter com o interventor do Estado do Rio Grande do Sul, general Cordeiro Farias (que havia sido um dos comandantes

³³ Rodolfo Ghioldi

da Coluna Prestes), no intuito de convencê-lo a fazer visita ao Capitão. Ao chegar à capital gaúcha, Jorge Amado se hospeda na casa de Henrique Scliar, pai de Carlos Scliar:

Homenagem de despedida em Montevideu, aos exilados brasileiros que regressam à pátria – o Brasil declarou guerra ao Eixo nazifascista, decidimos ser nosso dever cooperar com o governo no esforço de guerra, iremos impávidos para a cadeia. Ato político, gesto altissonante, de repercussão, alguns milhares de uruguaios se reúnem para saudar os últimos Soviéticos. Discursos, hinos, vivas às nações, à União frente, aos líderes, a Churchill, a Roosevelt, a Stalin, Stalin à frente e acima, Deus é bigodudo e nasceu em Gori, Geórgia. Rodolfo Ghioldi ao fim da oratória chama-me para conversa a sós, anuncia-me a decisão dos pecês da Argentina e do Uruguai:

– Tu não irás com eles.

Irrompo em desagrado, por que motivo tentam roubar-me a glória de estar entre os patriotas que se oferecem em holocausto? Rodolfo aplaca minha ira; tranquiliza-te, irás amanhã para o Brasil, apenas não irás no trem com os demais, vais de avião cumprir uma tarefa em Porto Alegre, de importância. Passa a explicar, escuto com atenção, tem a ver com Prestes, sinto-me recompensado. (AMADO, 2012, posição 5100)

Entre as anotações para o livro de memórias que se tornou *Navegação de Cabotagem*, restou muito pouco dos dois anos em exílio na América do Sul. Contudo, em conjunto com a Mala, foi-nos possível completar as lacunas referentes ao período. A seguir, debruço-me sobre os personagens que mais me chamaram a atenção enquanto pesquisadora em busca de dar sentido aos espaços interditos dos arquivos.

2.1 OS PERSONAGENS DA MALA: JORGE, MARIA E POMPEU

Durante todos os anos em que trabalhei com o Acervo Mala de Jorge Amado inúmeras foram as vezes em que me senti tal qual uma detetive. Horas e horas lendo, desvendando caligrafias, rasuras, codinomes, descobrindo relações, ligações políticas em meio a cartas, recortes de jornal, rascunhos de textos. Cada pequena suspeita que se confirmava verdadeira era motivo para muita comemoração, mas nenhuma foi tão feliz quanto a mais recente delas: as informações referentes a Maria Cruz, companheira de Jorge Amado durante 1941 e parte de 1942, no período em que o escritor esteve exilado em Buenos Aires. Sua identidade foi sendo traçada peça por peça, uma pista de cada vez, mas havia muito mais silêncio do que gostaríamos. Só o tempo foi capaz de trazer, como a correnteza vagarosa de um rio sem nenhuma pressa de

desembocar no mar, as informações que faltavam para traçar o perfil de Maria. Ou seja, foi a combinação de paciência e insistência num equilíbrio quase inalcançável que possibilitou os achados aqui descritos. Primeiramente, antes de me aprofundar nas novas descobertas é preciso reabrir a Mala de Jorge Amado e explorar o que o arquivo nos trouxe sobre estes personagens.

Para que seja possível entender Maria, como pessoa e personagem, é preciso voltar alguns passos na história dos laços afetivos contidos no Acervo. Logo no início do trabalho de catalogação e leitura dos documentos, as correspondências para Jorge Amado enviadas pelo companheiro da ANL e tradutor da biografia de Prestes, Thomáz Pompeu Aciólly Borges saltaram aos olhos: cartas manuscritas que mesclavam detalhes da vida política, literária e pessoal de remetente e destinatário; assinadas por P., Pom, Pompeu, Pompilho ou Campeão, esse último codinome, em alusão à sua vitória no Campeonato Carioca de Xadrez, em 1930, e a seu título de Campeão Brasileiro, em 1935. Curiosamente, foi por sua atividade na ANL que não foi capaz de defender seu título: na ocasião da partida, estava preso e, assim que foi libertado, logo precisou buscar exílio no Peru, Paris e, enfim, em Buenos Aires; ainda assim, o pseudônimo era utilizado com orgulho e frequência para tratar de assuntos relacionados a Prestes ou ao Partido. O dono de todos esses pseudônimos e apelidos é presença marcante no Acervo Mala de Jorge Amado.

Pompeu era engenheiro, economista, enxadrista e tradutor. Foi companheiro de cela de Graciliano Ramos, citado, inclusive, em *Memórias do cárcere*, sempre a tramar um xeque-mate. Segundo contam lendas familiares, aprendeu xadrez enquanto esteve preso:

(...) o engenheiro Pompeu Accioly, um grande rapaz amável, campeão de xadrez. Jogava três partidas simultâneas, sem ver os tabuleiros. Num cubículo do andar superior, sentado na cama, sob vigilância, de olhos fechados, ditava as marcações, que um sujeito, no passadiço, transmitia aos rés-do-chão, onde se juntavam mirones em torno dos jogadores. Vinham as respostas, ordenadas com apuro e vagar; Pompeu lançava rápido, imóvel, a mão em pala na testa, os lances vistos na imaginação. — “Tabuleiro número 1, número 2, número 3”. Vi-o entregue a esse exercício. Ganhou facilmente duas partidas, empatou uma. (RAMOS, 2011, p. 155)

Era membro ativo da Aliança Nacional Libertadora (ANL), apesar de não ser um membro do Partido Comunista, era nome de confiança dos comunistas exilados às margens do Prata. Após o exílio, ironicamente, trabalhou na Fundação Getúlio Vargas entre 1945 e 1958 e

na revista Conjuntura Econômica, exerceu cargo no Departamento Nacional de Obras contra as Secas e no escritório do Banco do Nordeste do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1958 foi chefe de equipe do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e de 1961 a 1962 diretor de programas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil (CPDOC, 2001).

A prisão preventiva dos extremistas

Os accordãos do Tribunal de Segurança — Cinco parlamentares, 35 cabeças e 121 co-réos

O desembargador Frederico de Barros Barreto, presidente do Tribunal de Segurança Nacional, redigiu os dois primeiros accordãos, relativos à concessão da prisão preventiva solicitada àquella Tribunal Especial pelo delegado Beliens Porto, o qual realizou o inquerito policial em torno dos surtos extremistas nesta capital, em 1935.

Os dois accordãos em questão estão assignados pelos juizes do Tribunal de Segurança. O primeiro, além do presidente, assignam também os juizes Costa Neto, Lemos Bastos, Pereira Braga e Raul Machado. O segundo todos estes, com excepção do sr. Raul Machado, que assim se justificou: — "Abstive-me de votar, por amizade íntima relativamente aos accusados João Mangabeira e Mauricio de Lacerda.

OS PARLAMENTARES

Os cinco parlamentares, cuja prisão preventiva foi decretada, são os seguintes: — Deputados Octavio da Silveira, João Mangabeira, Abguar Bastos, Domingos Velasco e senador Abel Chermont.

OS CABEÇAS

Relativamente à prisão preventiva dos cabeças da rebelião são elles os seguintes:

Luiz Carlos Prestes, Arthur Ernest Ewert ou Harry Berger, Rodolpho Chiodi, Leon Jules Vallée, Antonio Maciel Bomfim ou Adalberto de Andrade Fernandes, Honorio de Freitas Guimarães, Lauro Reginaldo da Rocha ou Lauro Reginaldo Teixeira, Adelino Devcola dos Santos, José Medina Filho, Carlos da Costa Leite, Ivo Furtado Soares Melles, Pedro Ernesto Baptista, Hercolino Cascardo, Roberto Falter Sisson, Francisco Mangabeira, Manoel Venancio Campos da Paz, Carlos Amorety Osorio, Benjamin Soares Cabello, Agildo da Gama Barato Ribeiro, Alvaro Francisco de Souza, José Leite Brasil, Socrates Goncalves da Silva, Benedicto de Carvalho, Celso Tovar Bicuado de Castro, José Gutmann, Francisco Antonio Leivas Otero, Raul Pedroso, Antonio Bento Monteiro Tourninho, Ivan Ramos Ribeiro, Humberto Baena de Moraes Rego, Victor Ayres da Cruz, David de Medeiros Filho, Agliberto Vieira de Azevedo, Durval Miguel de Barros e Mario de Souza.

São os seguintes os cento e vinte e um co-réos, cuja prisão preventiva foi decretada:

Francisco Romero, Raul Francisco Riff, Pedro Luiz Teixeira,

Adolpho Barbosa Bastos, Valentin Leite Barbosa Bastos, Gastão Pratti de Aguiar, Oswaldo Costa, Pedro da Motta Lima, Thomaz Pompeu Accioly Borges, Euclydes de Oliveira, Felipe Moreira Lima, Eliezer Montenegro Magalhães, Jofre Alonso da Costa, Valerio Regis Koner, Nemo Canabarro, Lucas Custodio Lobo, André Trifflino Corrêa, Abelardo Leite de Figueiredo Araujo, Antonio Soares de Oliveira, José Desiderio da Silva, Josué Francisco de Campos, Americo Dias Leite, Mauricio Paiva de Lacerda, Benjamin Schneider, Agripola Baptista, Aristides Correa Leal, Luiz Gonzaga Lins de Barros, Lourenço Moreira Lima, Joaquim Timotheo Ribeiro da Silva, Raul de Queiroz Maia, João Baptista Barreto Leite Filho, Alvaro Baptista Cavalcanti, Arraio Moraes do Souto, Armando da Rocha do O', Emmanuel Alves da Silva, Julio Ferreira Alves, Celso Pinheiro filho, Paulo Machado Carrion, Lauro Fontoura, Helio de Albuquerque Lima, Augusto Paes Barreto, Julio Silveira de Medeiros, Arlindo Antonio de Pinho, Anthero de Almeida, Dinarte Silveira, Joaquim Silveira, Dinarco Reis, Carlos Brunswick Franca, José Gay da Cunha, Walter José Benjamin da Silva, Frederico Cunha, Luiz Cunha, Aristoteles Rodrigues Rangel, Francisco Isidoro da Rocha, José de Lima, Manoel Felisberto de Carvalho, René Bastos de Miranda, Zacharias Francisco de Lima, Vicente Augusto de Oliveira, Hugo Mariano Flores, Arthur Gomes da Silva, Antonio Gomes Nogueira, Adalberto Costa, Alberto Dualib, Benedicto de Oliveira, Divaldo Leão de Almeida, Benhur Teixeira Lessa, Braslino dos Santos, Cesar Bittencourt Bezerra, Digo Soares Cardoso, Eneu Goncalves de Paula, José Basilio de Lima, João Victor dos Santos, Jayme Rezende Pacheco, Jair Santos Almeida, João Gomes Marinho, Luiz Ferreira de Sá, Maurilio Galvão Monteiro, Ornilo de Sousa Rodrigues, Sylvio Pinheiro de Aguiar, Waldemar Saldanha de Araujo, Azor Galvão de Sousa, Alvaro Belda, Antonio Pessoa de Araujo, Annibal Dias Torres, Sandoval Fonseca, Joselito Borges Rios, Bruno Peixoto Gomide, Claudio Bartolleti, Claudionor Corrêa da Silva, Clementino Moreira Rondon, Hermes Paixão e Silva, David Capistrano da Costa, Lucas Jorge de Andrade, Ernesto Zimmer, Hermenegildo de Assis Brasil, José Homem Corrêa de Sá, Joaquim Thomé da Silva, Jorge Braz Torres, José dos Santos Ferreira, José Alves da Silva, Dolabella, José Ludovico Ribeiro, José Francisco Neves, Jancy Sgarbi Davila, Luiz Broto Neto, Mario Salema Teixeira Coelho, Mozart Corrêa de Sá, Werner Eusanowick, Mario Naha, Nazareno Ferreira Itajubá, Olíbio Guilherme Maculan, Walter Campi Laus, Zemer Carvalho de Santis e Josias Reis, por unanimidade de votos, e dos indicados João Mangabeira, Armando Alvaro Alberto e Maria Moraes Werneck de Castro, por maioria de votos.

O IMPARCIAL

Director-proprietario:

J. S. MACHADO FILHO

AV. RIO BRANCO N.º 131

(2.º andar)

Secretario: 23-4314

Publicidade: 23-3487

Das 8 às 18 horas:

23-3387 (rede interna)

Oas 18 horas em diante:

Gerencia: 23-6384

Officina: 23-6385

Sport: 23-4864

Endereço Telephonico:

"IMPARCIAL"

Rio de Janeiro

VENDA AVULSA.

A nossa do ganer?

Figura 3: Jornal O Imparcial de 1936 constando o nome de Pompeu Borges na lista de réus do levante da ANL.

(Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=107670_03&pagfis=6164&url=http://memoria.bn.br/docreader#)

Nas páginas do Acervo Mala de Jorge Amado, Pompeu era o remetente mais recorrente do escritor baiano. Jorge manteve contato com, ou, ao menos, recordava tranquilamente de boa parte dos colegas de exílio que, inclusive, são citados no livro de memórias *Navegação de Cabotagem*, como Rodolfo Ghioldi, citando também por Graciliano Ramos, Ivan Pedro Martins, Carmen Ghioldi, Pedro Motta Lima e Júlio de Mesquita Filho. Pompeu, no entanto, teve um fim diferente nas lembranças do antigo companheiro: seu nome não aparece em nenhuma das poucas menções ao período de exílio em Uruguai e Argentina; é como se não tivesse cruzado o caminho do escritor e fica relacionado a biografia deste apenas como tradutor da biografia de Prestes para o espanhol. Contudo, suas histórias se entrelaçam além do profissional, ligadas, especialmente, por Maria José Cruz Borges.

Enquanto esteve em Buenos Aires, Jorge Amado não estava só: sua companheira, que respondia cartas em seu nome, assinando com seu sobrenome, era Maria Cruz, também conhecida como Maria Amado, em alguns envelopes presentes no Acervo, ou, apenas e suficientemente: Maria. Seu nome, tão comum em terras brasileiras, no arquivo de documentos que pertenceu ao escritor, parece ganhar ares de exclusividade: se falavam de Maria, era dela, sem necessidade de sobrenome.

Apesar de Jorge Amado, à época, ser casado oficialmente com Matilde Garcia Rosa, desde 1933, a esposa e a filha, Lila,³⁴ permaneceram no Rio de Janeiro enquanto o baiano esteve na Argentina. Não se sabe se, ao menos de corpos, Jorge e Matilde estavam separados ou em vias de iniciar o desquite. Faz-se necessário frisar que na década de 1940 ainda não era possível divorciar-se, sendo a lei 6515 de 26 de dezembro regulamentada apenas em 1977. Antes disso, a única opção era o desquite como forma de finalizar a sociedade conjugal, sem possibilidade de recasamento.

Contudo, como sabemos, a lei não dita a existência de algo, mas normatiza o reconhecimento ou a sua invisibilidade. Era comum que se formassem novas configurações familiares que fugiam dos moldes legais. Em 1941, tanto Maria quanto Jorge eram casados, perante a lei, com outros. Quanto a Jorge, não se sabe em que pé estava a relação com Matilde; a única certeza possível é de que a lei não possibilitava o divórcio e outras maneiras de reconfigurar famílias eram exercidas, ainda que fossem pouco ou nada valorizadas socialmente. Além dessa localização temporal em referência às vigências legais, é imperativo relembrar que,

³⁴ Eulália Dalila Amado, primeira filha do escritor juntamente com Matilde nasceu em 1935 e faleceu, vítima de leucemia, aos 15 anos.

ideologicamente falando, sob as lentes do comunismo, o casamento e o amor burguês servem enquanto instrumentos de exploração do capital. A “estúpida trindade”, como Maria se refere à Sociedade, Lei e Igreja em carta enviada a Jorge Amado; aparentemente comprometida com os ideais comunistas e de amor camarada de Kollontai, Maria relembra o escritor sobre suas próprias crenças e bússolas ideológicas.

Nos documentos presentes na Mala, Amado é o único sobrenome a ela atribuído (e são raras as ocasiões); o Cruz chega depois, uma das pistas que vieram sorrateiras no meio das investigações.

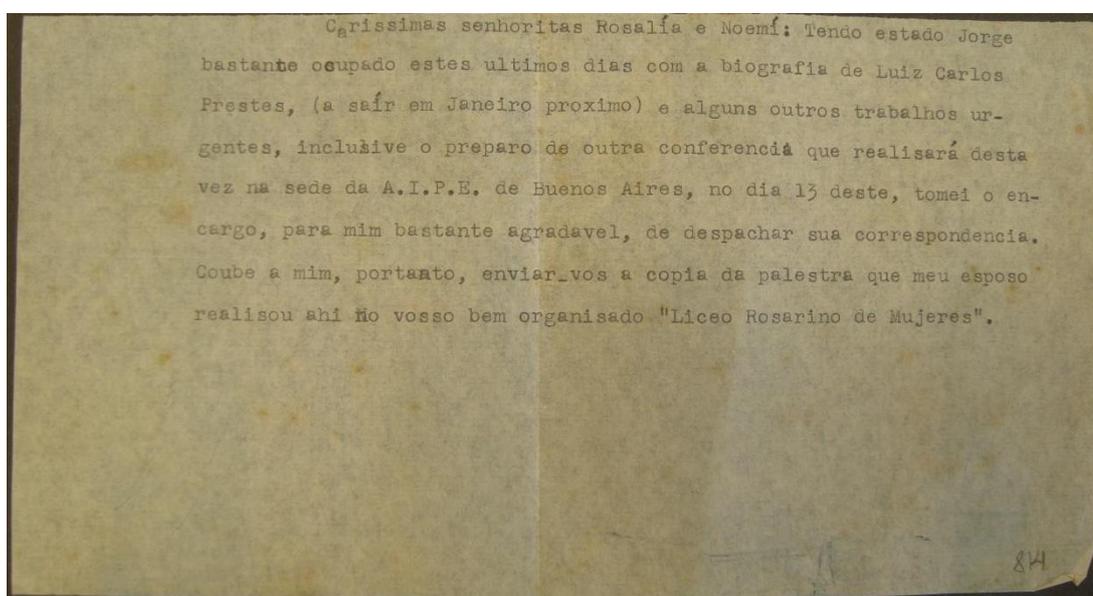


Figura 4: Documento 826 – 827 02C - Acervo Mala de Jorge Amado 1941 – 1942 - escrito por Maria Cruz, refere-se a Jorge Amado como “esposo”.



Figura 5: Envelope em que estava o documento 826 - 827 02C. Nele se lê: Maria Amado, Bonifacini 1149. Stos Lugares, Província de Buenos Aires.

Em *Navegação de cabotagem*, Jorge Amado decide que chamará todas as mulheres com quem teve algum tipo de relação amorosa de Maria:

Nesta navegação de cabotagem nomes de mulheres foram, por um motivo ou outro, substituídos pelo nome único de Maria, nenhum mais belo: Maria cada uma, todas elas, passageiras embarcadas nas escalas, sombras fugidias no cais do porto, de porto em porto, ciranda do velho marinheiro (AMADO, 2012, posição 86).

Apesar dessa unificação, é possível saber, pela característica, data e pelo local, se tratar de Maria Cruz. O escritor faz menção ao período em que estava com Maria, ainda em Curitiba, antes de embarcarem para Buenos Aires:

Curitiba, 1941.

Paixão

Maria³⁵ a Chinesa desembarca com armas e bagagens na cama do hotel de Curitiba, aproveitamos cada minuto da noite de esponsais, agora e sempre, ai eu ladrão! (AMADO, 2012, posição 1086)

A especificação “a Chinesa” permaneceu um mistério desde 2012 e a explicação da alcunha só veio quando a família de Maria relatou as origens da militante:

De fato, constava que uma avó da minha avó baiana Isaura (a mãe da minha mãe) era chinesa. Uma ocasião vi até minha mãe manuseando um pano bordado com o que seriam ideogramas chineses e ela disse que era um trabalho da própria chinesa. E mais, numa oportunidade, quando eu e meu irmão éramos crianças, já aqui no Rio, minha mãe levou-o a um médico (não lembro a especialidade) que, após vários exames perguntou a ela se havia ascendência oriental na família, pois, ao que disse ele, havia identificado nos olhos dele uma "pleura mongólica", seja isso lá o que for.

(Luiz Fernando Cruz Marcondes, em depoimento, via e-mail. 2021)

Ainda que não possamos afirmar a condição em que se encontrava o relacionamento de Jorge e Matilde, é fato que, tendo a história da união com Maria chegado ao conhecimento dos Amado, o pai de Jorge, João, embarca Matilde e Lila num avião rumo a Montevideú, em 1942 (AGUIAR, 2018). Era o fim do romance de Maria e Jorge e, ousado dizer, o começo de uma reconfiguração que dá início, em minha hipótese, à criação das personagens Maria Franco, José Franco e Mario, personagens do romance inacabado.

Sobre a separação, Jorge faz outra referência em seu livro de memórias, logo abaixo do texto em que relata a sua união:

Buenos Aires, 1942

Separação

Maria a Chinesa arrecada armas e bagagens, amanhã irá embora, aproveitamos cada minuto da noite de despedida, agora e nunca mais, ai eu ladrão! (AMADO, 2012, posição 1086)

Apesar de enigmático e deixar pouco espaço para interpretações muito certeiras, é interessante notar como Maria vem e vai embora com “armas e bagagens”. As armas, talvez uma referência às suas atividades políticas, tão engajadas quanto as do próprio Jorge Amado; talvez, uma metáfora para sua personalidade forte; as bagagens referindo-se ao “casamento”: veio de mala e cuia, para ficar. Até que, precisando ir, recolhe tudo e se vai.

Já em Montevideú e acompanhado de Matilde e Lila, em 18 de maio de 1942, a reviravolta na narrativa ocorre: Jorge recebe correspondência de Pompeu comunicando que ele

e Maria estão juntos. A conversa sobre o assunto se alonga em mais algumas correspondências³⁶ de Pompeu e Jorge; abaixo, seguem algumas cartas recebidas pelo escritor. Infelizmente, não há muitas cópias das cartas enviadas por este:

Buenos Aires, 18 de maio de 1942

Caro Jorge,

Vou fazer-lhe uma revelação, que muito o surpreenderá. Era meu pensamento esperar que você aqui viesse para, de viva voz, contar-lhe tudo. Cheguei, porém, à conclusão de que não devo retardá-la mais tempo, sob pena de faltar a meus deveres de companheiro e amigo franco e leal.

Maria e eu resolvemos casar-nos tão logo aquela obtenha o desquite, do qual já está tratando ativamente.

Experimento pela Maria o mais profundo carinho e estamos ambos seguros de que seremos felizes.

Você me permitirá que eu deixe, por ora, de relatar o curso do nosso processo sentimental. Basta, contudo, que saiba ter tido ele início quando você espontaneamente rompia os últimos laços que o prendiam à Maria. Claro está que, em data bem mais remota, nasceu o meu afeto por ela. Nunca, porém o pus de manifesto e, pelo contrário, sempre timbrei em ocultá-lo cuidadosamente. (...) (Documento 889 – 890 02BG. Acervo Mala de Jorge Amado – 1941 – 1942)

Buenos Aires, 20 de maio de 1942

Caro Jorge:

(...)

A Maria me contou, ontem, que, em carta a ela dirigida, você diz já estar ao par de seus "projetos" para o futuro. Quero explicar uma coisa, para que fique bem clara. Anteontem, quando lhe escrevi relatando o meu caso com a Maria, ainda não tinha chegado sua carta para esta. Pelas datas e, levando em conta o tempo gasto pela correspondência de Montevideu até aqui e vice-versa, é fácil verificá-lo.

Meu propósito era justamente evitar que você viesse a saber por terceiros, nem sempre muito honestos na interpretação de nossas intenções, do que Maria e eu pretendíamos manter em reserva até um tempo mais. Como lhe disse na carta anterior, somente duas pessoas, além de minha família, estão inteirados do assunto. Elas são - não vejo inconveniente em revelar-lhe - o Pedro (informado por mim) e a Carmen Ghioldi (informada pela Maria).

³⁶Correspondências presentes no Acervo Mala de Jorge Amado – 1941 – 1942, localizado no nuLIME (UFSC). As cartas citadas são manuscritas e escritas em português. A ortografia de algumas palavras foi atualizada para melhor entendimento.

Agora, em vista do que você manda contar, isto é, de que outras pessoas já conhecem o fato, pretendo contá-lo aos companheiros e amigos daqui.

Espero que você faça justiça à minha lealdade e à minha correção e que continuemos a manter boas relações de amizade e camaradagem. Temos ambos a necessária superioridade, para pôr de lado quaisquer ressentimentos ou pruridos de amor próprio. Eles, aliás, não tem razão de existir, visto como Maria e você já haviam terminado tudo definitivamente e ninguém pode negar àquela o direito de reorganizar sua vida com quem sempre se mostrou digno e honesto.

Creia que gosto imensamente da Maria e estou certo de que a farei feliz. Não tenha nenhuma dúvida a respeito.

Pelo entusiasmo que Carmen e o Pedro mostraram, ao saber da notícia, deduzo que todos os demais amigos e companheiros aprovarão meus projetos com respeito à Maria. Isso para nós tem uma grande significação.

Bom, por hoje é só. Fico esperando sua resposta - e para que negá-lo? - com uma certa ansiedade.

(...)

Lembranças a todos os amigos daí e receba um grande abraço do Pompeu (Documento 907 – 908 02B – Acervo Mala de Jorge Amado 1942 – 1942)

Ainda que tenhamos acesso apenas a um lado das correspondências trocadas, é possível notar o tom de discussão que permeava a conversa, ainda que muito respeitoso e comedido. Enquanto Pompeu, que demonstrava sensibilidade e cuidado com o amigo, escreve três cartas, Maria se limita a enviar apenas uma, em resposta a outra enviada pelo baiano; ela encerra o assunto veementemente e aproveita para cutucar Jorge Amado, referindo-se ao casamento como algo superestimado e acima de qualquer outro compromisso. Ironicamente, chama-o de “Mestre”, quando este parece querer ditar os próximos passos de sua vida com seu companheiro. Na carta, fica evidente, também, que Maria está intimamente ligada aos assuntos políticos, tanto do partido como da ANL. Os grifos inseridos no texto foram feitos pela autora da carta:

Jorge, acabo de ler sua carta e confesso que pelos termos em que foi escrita, causou-me uma profunda decepção. Não pelo fato de v., pela terceira vez cumprimentar-me, o que eu compreendo e justifico nessa última, mais que nas primeiras vezes, uma vez que Pompeu se dirigiu, de modo franco e honesto que lhe é comum, a você, pondo-o ao par dos acontecimentos como porque, talvez abusando do seu velho instinto divinatório dos romancistas e poetas... v. tivesse tentado uma falsa

interpretação do caso. v. sabe, tem certeza que eu ignorava completamente os sentimentos de Pompeu por mim, porque do contrário ele não teria aos meus olhos nenhum valor. O que me aproximou dele foi em parte essa imensa capacidade que eu tenho de acreditar nos outros e de querer bem. e também o desprendimento dele lutando para que v. voltasse para o meu lado. Poucos agiriam assim.

"Trate do seu desquite e case. Mas case". Aceito o seu conselho. Para dar uma satisfação às pessoas, que colocam o casamento acima de qualquer compromisso que não seja aprovado pela lei ou pela igreja e muito menos pela sociedade, estou disposta a representar pela segunda vez essa pantomima. E saiba que se eu e Pompeu não nos casamos ainda, dispensando o consentimento dessa estúpida trindade, é porque infelizmente nossas famílias também fazem parte dela, e nós queremos evitar-lhes um provável desengano que a minha já sofreu uma vez. Aceito o seu conselho, Mestre.

Vou consultar o pessoal sobre o recado que v. me pede para Prestes. Se não houver o inconveniente de interceptarem as cartas, fique certo que o darei. Por mim, creio que o meio mais prático seria pedir a seu advogado que lhe desse pessoalmente a notícia.

Soube pelo Pedro que em São Paulo os estudantes fizeram um desfile com carros alegóricos apresentando em jaulas as três feras (H. M. Kanji não identificado³⁷) da atualidade e chegando na praça de São Francisco, considerada pelos rapazes qualquer coisa assim como "praça da Liberdade", um outro estudante com bigodes fez um discurso às massas dizendo que já era tempo de aniquilar as feras, etc. Isso por ocasião do desfile dos calouros.

Essa é a última vez que lhe escrevo. Parece que não nos compreendemos nem mesmo por carta.

Agradeço por mim e por Pompeu as felicitações. Sabemos que elas são sinceras. Desejamos também que v. seja muito feliz. Esperamos ter o prazer de ler em breve seu romance e que ele reafirme as suas passadas vitórias.

Agora devo dizer-lhe adeus.

Maria.

Bs. As. 21-05-42 (Documento 894 – 895 02BG – Acervo Mala de Jorge Amado 1941 – 1942)

³⁷ Provavelmente se refere a Hitler, Mussolini e Hirohito, líderes da Alemanha, Itália e Japão, respectivamente; ou seja, o Eixo da Segunda Guerra Mundial.

Buenos Aires, 22/05/42

Meu caro Jorge:

Sua carta do dia 20 me deu muita alegria. Francamente não esperava uma carta assim, tão compreensiva e amiga. No que estava cometendo com você uma grande injustiça.

Fico-lhe imensamente grato por suas palavras de carinho e pelos votos que formula. Não há dúvida que somente entre nós, revolucionários, se pode encontrar essa superioridade e espírito de companheirismo no encarar tais questões. Concordo plenamente com você, quando manifesta a certeza de que Maria e eu seremos felizes. **Apesar de que estou convencido de uma coisa: amo a Maria muito mais do que ela pode querer e mesmo do que venha um dia a querer-me. Me contentaria com que ela gostasse de mim, como gostou de você. E isso, de qualquer modo, lhe deve ser agradável ouvir de meus lábios. (grifo meu)**

(...) (Documento 891 02BG – Acervo Mala de Jorge Amado – 1941 – 1942)

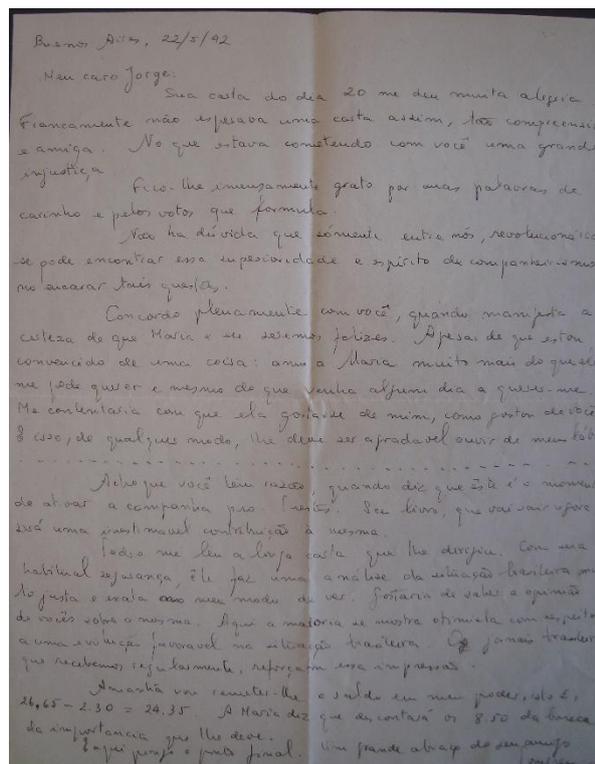


Figura 7: Correspondência enviada por Pompeu para Jorge Amado. Acervo Mala de Jorge Amado.

Sabendo do desenrolar da história de Pompeu e Maria posteriormente e tendo contato com a família que nasce dessa relação, essa carta soa fora de lugar; talvez por refletir uma insegurança que a união de mais de 40 anos tratou de resolver. Contudo, apesar do tom conciliador e amigável da última correspondência escrita pelo engenheiro, alguns dias depois, em resposta à carta de Jorge Amado, Pompeu escreve com visível chateação sobre um esquema feito por Jorge para que Maria aceitasse receber uma pensão disfarçada de emprego como copiadora de artigos:

Bs. As. 26/5/42

Meu caro Jorge:

Tenho à vista suas cartas de 21 e 23 deste.

Acho que v. fez bem, contando-me tudo a respeito do "emprego" da Maria. Foi uma surpresa-mãe.

Estou em completo desacordo com a maneira providenciada para ajudar a Maria. Desde o momento em que ela recusava terminantemente qualquer auxílio seu, nenhum direito tinha v. de recorrer a semelhante subterfúgio. A uma companheira - e todos nós a consideramos como tal - há que falar sempre claramente, planteando-lhe as questões de frente. Nunca pô-la numa situação de constrangimento e, até certo ponto, de humilhação.

Desculpe-me essa franqueza, mas não posso exprimir-me de outra forma.

Justamente por assim pensar e, não obstante o seu pedido, é que resolvi revelar tudo à Maria. a tanto me obrigava a lealdade com que invariavelmente ajo com ela e o desejo de não colaborar nessa trampa, como v. a chama, mantendo-a na ignorância da origem do "emprego". Acaso v. imaginou que, tendo eu compromissos de casamento com a Maria, poderia concordar com que estivesse ela recebendo dinheiro de você?

A Maria, como é natural, ficou muito decepcionada e sentida com você, o Ivan³⁸ e o Pedro³⁹. Sua principal e justa queixa é que, quando teve do Sorocabana uma oferta de emprego, com 120 cruzeiros mensais, e a rejeitou para ficar com o do Ivan, ninguém lhe avisou. Realmente, Jorge, essa é uma coisa que não compreendo.

A Maria decidiu com o meu apoio caloroso recusar os 120 cruzeiros que v., por intermédio do Ivan, lhe ia mandar este mês como remuneração pelo trabalho de cópias de artigos daí enviados.

Ela vai tratar agora de conseguir um verdadeiro emprego.

Há um outro ponto que desejaria esclarecer com você até porque sei, tive a impressão, através de suas cartas, que você imagina que mantenho

³⁸ Ivan Pedro Martins, escritor gaúcho e exilado político às margens do Prata.

³⁹ Pedro Motta Lima, jornalista alagoano e comunista, exilado em Buenos Aires.

relações com Maria. É absolutamente inexato, afirmo categoricamente. Se assim não fosse, ou me falaria, ou, então, di-lo-ia com franqueza. (...) (Documento 905 – 906 02BH – Acervo Mala de Jorge Amado 1941 – 1942)

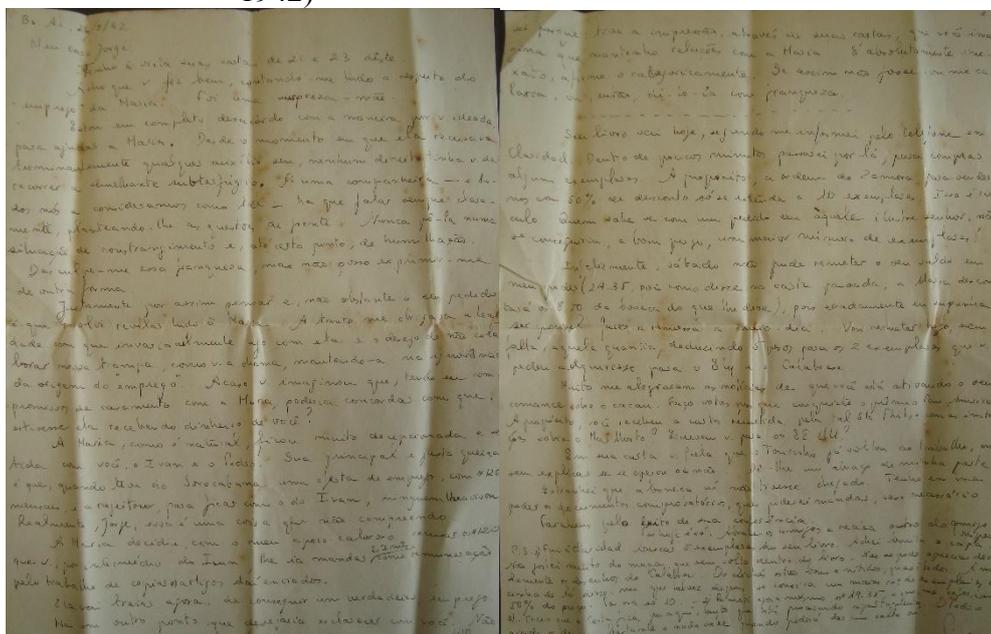


Figura 8: Correspondência enviada por Pompeu a Jorge Amado. Acervo Mala de Jorge Amado

As pistas encontradas na Mala terminam por aqui; foi a partir dessas correspondências presentes no Acervo que me foi possível traçar um perfil de personalidade para Maria Cruz, ainda que sem poder aprofundar e datado. Uma mulher forte, independente, à frente de seu tempo, decidida, envolvida com a militância comunista, vivendo entre os exilados. Era ela quem fazia a ponte para o contato dos militantes com Prestes, como pudemos descobrir através de alguns comentários em cartas. Além disso, nada mais sabíamos.

Posteriormente, encontramos o livro de João Falcão, *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*; nele, o autor relata seu encontro com Pompeu e Maria, aqui usando o codinome Maria Torres, sobrenome de solteira de sua mãe. Era ela quem servia de intermediária de correspondências para os exilados em Buenos Aires. Pompeu havia acabado de traduzir a biografia de Prestes para o espanhol, segundo o autor, era “inteligente, culto, sério e determinado” (FALCÃO, 1988, p. 168); Para Maria também não faltaram elogios: “uma moça muito bonita, jovem e gentil e uma pessoa de toda a confiança”. No seu livro de memórias, Falcão foi espectador da aproximação e, mais tarde, do relacionamento de Pompeu e Maria. Acabou se tornando confidante de Pompeu e auxiliando no início do romance entre o casal.

Pompeu era o único brasileiro não-comunista com o qual eu podia manter relações de amizade. E foi muito gratificante para mim esse relacionamento. A certa altura do nosso amistoso convívio, surgiu uma situação nova na sua vida particular: apaixonou-se por Maria Torres, a intermediária de correspondência que vinha do Brasil para mim. Um pouco tímido, aos 33 anos de idade, soava para Pompeu a hora de casar. Saíamos juntos frequentemente e eu servia de confidente e tive a satisfação de ter contribuído para a união dos dois. Ao regressar para o Brasil, despedimo-nos, para só nos encontrarmos quarenta e quatro anos depois, quando procurei o casal em 1986, na sua residência no Rio de Janeiro, para relembrar o passado. Infelizmente, Pompeu faleceu poucos meses depois. (FALCÃO, 1988, p. 168)

Além dos relatos da paixão de Pompeu e Maria, outra pista surgiu do mesmo livro, de uma edição publicada um pouco depois: João dedica o livro de memórias, em uma de suas edições, para uma série de companheiros, entre eles, Pompeu e sua companheira Maria José Cruz Borges. De fato, Pompeu e Maria casaram-se e permaneceram juntos oficialmente até a morte do engenheiro. A partir dessa informação, iniciou-se uma pesquisa sobre Maria, que só seria bem-sucedida ao fim de 2020 e início de 2021.

2.2. HERANÇAS: LAÇOS E AFETOS EM FAMÍLIA

As descobertas sobre Maria, figura tão emblemática do Acervo e para a inspiração/construção/interpretação do romance inédito, me permitem abrir um espaço tão pessoal de agradecimento no corpo do trabalho para Sald, cujo papel e importância destaco na dedicatória da tese. No diálogo e na afinidade que também passavam pelos estudos literários, procuramos incansavelmente por mais informações sobre Maria e Pompeu, tudo aquilo que nos confirmasse sobre a identidade da militante a partir das hipóteses tão bem levantadas nas pesquisas iniciais das duas etapas de minha formação. Como arqueólogas, museólogas, historiadoras, leitoras, fomos buscar nos espaços virtuais, mais pontualmente na rede social MyHeritage⁴⁰ – espaço que já havia visitado em busca da mesma informação, sem sucesso porque as buscas nas redes precisam ser menos feitas não de certezas mas muito mais indiciais, de possibilidades. Ironicamente, não era a árvore genealógica da minha família que desejava descobrir: fui sedenta nos Acciólly Borges, um nome próprio que parecia nos dizer dentro da Mala o referente histórico que nos levaria à Maria. Dessa vez, diferentemente das buscas realizadas nos anos anteriores, encontramos um nome completo⁴¹: Maria José Cruz Borges. Os dados foram inseridos na plataforma no fim de 2018 e o acesso a eles era restrito: somente mediante pagamento. Além dos resultados do MyHeritage, o Family Search também continha peças fundamentais para a montagem da minha pesquisa, não mais como quebra-cabeça, puzzle, retalhos, mas como uma narrativa necessária.

Após o casamento com Pompeu, em meados de 1940, Maria adota o sobrenome do marido e passa a se chamar Maria José Cruz Borges. Mãe de Luiz Fernando Cruz Marcondes⁴² e Sérgio Armando Cruz Marcondes,⁴³ falece em 2 de outubro de 2000⁴⁴, no Rio de Janeiro, já viúva de Pompeu; com o engenheiro não teve nenhum filho biológico – embora Pompeu esteja registrado nas plataformas MyHeritage e Family Search como pai de ambos, Luiz Fernando e

⁴⁰ Rede social criada para que os interessados na sua ancestralidade possam descobrir suas origens.

⁴¹O nome de Maria já havia sido descoberto por nós quando encontramos a biografia de Pompeu Borges no site do CPDOC. Além disso, João Falcão também cita seu nome em sua obra “O Partido Comunista que eu conheci”.

⁴²Luiz Fernando Cruz Marcondes é economista, editor de arte e autor do renomado Dicionário de Termos Artísticos (Pinakothek, 1998). Vive atualmente no Rio de Janeiro, aos 85 anos.

⁴³ Sérgio Armando nasceu em 8 de fevereiro de 1937 e faleceu no dia 18 de junho de 1995, em São Paulo. Foi enterrado em Curitiba. Sérgio era jornalista, tendo ocupado cargo de diretor na antiga Rede Bandeirantes.

⁴⁴ Informação encontrada numa publicação referente ao arquivamento do pedido de isenção do Imposto de Renda; Maria era pensionista do Senado Federal, graças ao cargo de assessor legislativo que Pompeu ocupou.

Sérgio e, para a família, tenha sido, indubitavelmente, o pai das crianças. Na Certidão de Óbito de Pompeu, consta que deixa dois filhos maiores e esposa.

Além de todas as informações já citadas, outro elemento importante, biografema fundamental, encontrado nas redes sociais foi a primeira foto de Maria:



Figura 9: Thomás Pompeu Accióly Borges e Maria José Cruz Borges (Fonte: MyHeritage, 2020)



Figura 10: Sérgio Armando Cruz Marcondes, o caçula de Maria e Pompeu. (Fonte: MyHeritage, 2020)

Paranaense, nascida em Paranaguá em 3 de maio de 1914, filha de Isaura Georgina Torres Cruz e Cristiano Pessoa Cruz, Maria José Cruz assume o nome Maria José Cruz

Marcondes, na ocasião de seu primeiro casamento com Amazonas Marcondes Neto⁴⁵ (também conhecido como Neneco). Entre 1936 e 1937, antes do nascimento de seu segundo filho, o casamento termina de forma turbulenta e delicada, o que culmina com a fuga de Maria, auxiliada por um de seus irmãos⁴⁶. Grávida do caçula e com o primogênito ainda muito pequeno, muda-se para o Rio de Janeiro e passa a residir no Morro da Viúva. Nessa época, estava envolvida com o movimento sufragista brasileiro, indo às reuniões com os filhos a tiracolo. Em certa ocasião, como nos relata seu filho:

Realmente, minha mãe estava lá entre as primeiras a batalhar pelo voto feminino, nos anos 1930 e qualquer coisa. Quando Sérgio e eu éramos garotos, morando no Morro da Viúva, (praia de Botafogo), sem ter com quem nos deixar à noite, ela nos levava a um casarão na rua Marquês de Abrantes, às reuniões da União Feminina de Botafogo. Uma noite deu polícia, foram todas presas e o delegado só "aliviou" a D. Maria por estar acompanhada dos 2 filhotes. (Luiz Fernando Cruz Marcondes em depoimento por e-mail)

Luiz Fernando compartilhou, também, o trabalho da mãe como enfermeira, no Rio de Janeiro, onde moraram durante toda a vida após o exílio às margens do Prata:

Ela fez um curso que havia sido instalado recentemente no Rio, a AVAN - Associação de Voluntárias Ana Neri. Não sei quanto tempo depois ela tornou-se instrumentadora do Dr. Paulo Niemeyer, irmão do Oscar e pai do atual de mesmo nome. Mais tarde ela deixou de instrumentar e assumiu um posto na Casa de Saúde Dr. Eiras, que fazia eletroencefalograma. Era vinculado ao Dr. Paulo e o responsável direto era um médico de sobrenome Belo. (Luiz Fernando Cruz Marcondes em relato por e-mail, 2021).

⁴⁵ Informação encontrada na certidão de óbito de Sérgio Armando, disponível nos registros civis do Cartório do 28º subdistrito, no Jardim Paulista, em São Paulo, mediante pagamento e confirmada pelos familiares. Amazonas Marcondes Neto era neto do Coronel Amazonas de Araújo Marcondes, fundador de União da Vitória e Porto Amazonas, tendo sido prefeito da primeira durante 15 anos consecutivos.

⁴⁶ História compartilhada por José Eduardo, neto de Maria Cruz, filho de Sérgio Armando, numa de nossas conversas; é parte do discurso da memória, como o foi a história da Mala, segundo Leonor, sob o signo das memórias traumáticas da infância



Figura 11: Fotografia de Maria em seu ambiente de trabalho na Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro. Fonte: Acervo familiar.

Além das reuniões da União Feminina de Botafogo e do trabalho de instrumentadora, Maria foi empregada da Revista Esfera, tornando-se amiga da fundadora e editora Sylvia de Leon Chalreo, nome recorrente na casa, como conta Luiz Fernando.

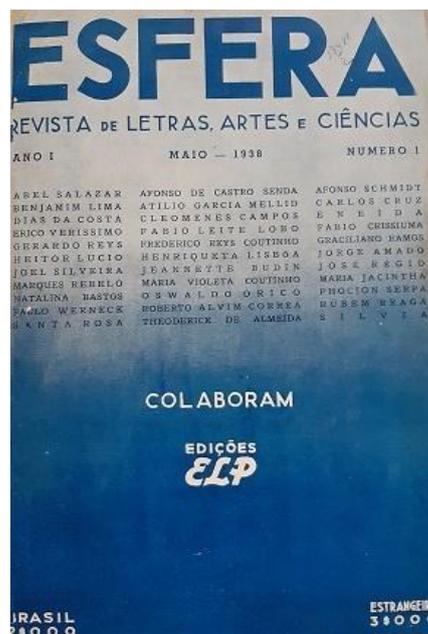


Figura 12: Capa da primeira edição da Revista Esfera, lançada em maio de 1938. Entre os colaboradores destaca-se o nome de Jorge Amado

A Esfera era um dos periódicos de divulgação de material antifascista, comunista e de interesses da ANL que circulou em terras brasileiras e portuguesas entre 1938 e 1950. Grandes nomes intelectuais da época foram colaboradores, entre eles Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Erico Veríssimo, Elisa Lispector, Rubem Braga e, claro, Jorge Amado. Segundo os relatos do filho mais velho, Luiz Fernando, foi no prédio da Esfera que a mãe e o escritor se esbarraram pela primeira vez, em data imprecisa, mas que se localiza entre 1938 e 1941, ano de lançamento do periódico e o ano em que Jorge e Maria embarcam rumo a Buenos Aires, respectivamente.

Todas essas informações foram obtidas pelo Acervo Mala de Jorge Amado, em um primeiro momento, e, em parte imensamente mais comprovável através de testemunhos e documentações disponíveis *online*. Quando tudo parecia, finalmente, exaurido ou, ao menos, fora de meu alcance, resolvi buscar os herdeiros dos filhos de Maria e Pompeu, quando me deparei com o blog de José Eduardo Machado Marcondes, ou apenas Eduardo Marcondes, ou, ainda, Dado, como era chamado pela avó paterna (MARCONDES, 2013). Filho de Sérgio Armando, jornalista e cronista, Eduardo escrevia um blog com textos, atualizado até 2018. Lá, mais algumas peças históricas e afetivas de Maria surgiram. Com autorização de José Eduardo, transcrevo aqui alguns trechos das crônicas e uma delas na íntegra:

“(…) É claro que, para ele, a solução estava nos livros. Ele era muito culto e vinha de uma família de pessoas muito cultas. Meu avô e minha avó, seus pais, tinham em casa milhares de livros em diversas estantes. Eram todos catalogados e fichados (ou seja, lidos). Na minha casa, quando eu era criança, havia uma centena de livros. Meu pai e minha mãe já tinham lido todos. E eu não abria nenhum. (...)” (MARCONDES, 2017)

“(…) Minha avó por parte de pai, Maria, era uma fortaleza. Foi uma mulher à frente do seu tempo. Separou-se do primeiro marido numa época em que isso era absolutamente condenável pela sociedade. Aprendeu a trabalhar como instrumentadora cirúrgica (aquela pessoa que passa aos médicos os instrumentos durante uma cirurgia). Era uma mulher muito bonita, então foi a primeira enfermeira a aparecer naqueles cartazes com sinal de silêncio em hospitais, que se tornaram comuns naquela época. Casou-se novamente com o avô que eu conheci. Vó Maria me ensinou muito e eu já fiz uma crônica sobre as lições que aprendi com ela certa vez. (...)” (MARCONDES, 2017)

“A casa da minha avó tinha tudo para ter cheiro de mofo e papel velho – mas não tinha. Era coberta por estantes e, em cada uma delas, mil livros. Não é uma hipérbole não, nem sei como ela e meu avô conseguiram juntar tanto conhecimento contido em simples prateleiras. É por isso que o cheiro daquele lugar, pra mim, não tinha a severidade da poeira que dava fortes crises de asma a meu irmão. O cheiro era outro. Era cheiro de cultura.

Eu era super moleque e me divertia apenas olhando para as lombadas. Eu conferia sempre aquela união de cores que não combinavam. Uma coleção de livros que eu nunca li. Mas estavam todos lá, ao alcance da mão. E estão gravados em minha memória afetiva. Eu amo aqueles livros com o mesmo amor que tenho (até hoje) pela minha já falecida avó.

Foi ela, Dona Maria, que me ensinou uma das lições mais profundas que sigo até hoje: “Quando não souber algo e ficar com a dúvida, consulte imediatamente”. Ela nunca usou essas palavras. Mas me mostrou na prática como fazer isso. Digamos que eu perguntasse a ela:

– “Vó, o que quer dizer palíndromo?”

Mesmo que soubesse, ela não me diria a resposta. Ela me orientaria: “vá lá, pegue o dicionário e consulte você mesmo”. Sábia lição! Até hoje mantenho o hábito de correr para pesquisar imediatamente qualquer dúvida que me venha à cabeça, sobre qualquer assunto. Por isso, uma de minhas frases preferidas é: “Culto é aquele que sabe onde encontrar aquilo que não sabe”, do sociólogo alemão Georg Simmel (obrigado, Wikipedia, por me confirmar a nacionalidade dele, até aqui eu estava achando que o homem era francês). Não sei se minha avó tinha a intenção de me ensinar essa frase, mas ela me **mostrou** esse conceito.

Minha avó amava a cultura. Todos os milhares de livros na casa dela eram catalogados, qual uma biblioteca. Já não disse que eram mil deles em cada prateleira? Imagina o trabalhão...

Pois foi na casa dela que eu comecei a escrever. Eu devia ter uns doze anos quando fui fuçando nas coisas (ah, a curiosidade das crianças) e achei uma velha máquina de escrever. Minha avó me avisou: “não mexa nisso para não quebrar, essa máquina é do seu pai!”. Fiquei surpreso! Jamais imaginei que meu pai tivesse um segredo escondido ali! Uma peça que eu nunca vira meu pai usar, mas que ele tinha. E eu logo quis descobrir para que servia. Afinal, se meu pai “brincava” com aquilo, só podia ser algo legal. Minha avó me ensinou a enfiar o papel. Era uma coisa que a nova geração nem sonha como é:

“Põe se o papel, solta-se as travas, junta-se as pontinhas até ficarem alinhadas, volta o papel, dá um tapa nessa peça do lado esquerdo pro carro voltar ao ponto do início do papel e agora é só escrever”

Foi então que o desafio de uma página em branco me conquistou pela primeira vez. “Só escrever? Como assim? Escrever o que? O QUE EU QUISER?????????”

Foi então que eu quis. Peguei uma história que meu pai vivia contando sobre ele mesmo e a mágica se deu: transformei a história em letras impressas no papel e escrevi minha primeira crônica. Já mencionei que eu tinha apenas uns doze anos?

Saí correndo para tornar minha história pública (eu já era um futuro jornalista, né? – que adianta escrever algo e não mostrar pra ninguém??). Mostrei para a família toda. Meu pai começou ali um jogo que não acabou nunca, e que mantemos até hoje, mesmo depois de sua morte. Disse que estava bom, mas que podia melhorar. Ele sempre fez isso. Ele queria mais! Ele queria ver

em mim um pequeno Rubem Braga, não se contentava com menos. Por isso insisti tanto para que eu lesse mais livros. Até eu me viciar em Fernando Sabino aos quatorze anos. E ele incentivou muito meu vício me comprando todos os livros e até me levando para pegar um autógrafa do meu autor preferido (que tenho até hoje). Cheirei muito os livros do Fernando Sabino, até aprender sobre como é ser um cronista. Não me refiro a nenhum hábito ilícito. Afinal, como eu disse lá no início, o cheiro da casa da minha avó era de cultura, não falei? Pois foi assim que eu absorvi tudo o que li: pelo olfato!” (MARCONDES, 2013)

Depois de quem só tinha nome e personalidade, agora ter um rosto, uma imagem, de ter construído uma breve árvore genealógica e encontrado pedaços literários de memórias, parte da pesquisa pareceu ter encontrado o caminho buscado. Contudo, a história incompleta e as possibilidades virtuais me permitiram encontrar o cronista, jornalista e neto de Maria Cruz Borges. Por fim, foi graças a um comentário no site do Reclame aqui⁴⁷ que nossa aproximação e troca se iniciaram; tive acesso ao endereço eletrônico do cronista e confiante no trabalho de resgate respeitoso e afetuoso que efetuamos, escrevi um e-mail longo sobre uma personagem histórica do Acervo Jorge Amado que, porventura, era também a avó do destinatário.

Como era esperado, o primeiro sentimento foi de choque. Sempre gentil e educado, Eduardo pediu-me tempo para que ele pudesse contatar o restante da família e conversar sobre o assunto, alegando que sua avó era uma mulher extremamente reservada – mas muito à frente de seu tempo. Após alguns dias, recebi resposta e pude entrar em contato com Luiz Fernando, filho mais velho de Maria e Pompeu, hoje com 85 anos de idade. Entre reuniões no zoom e e-mails-testemunhos, desencadeou-se um processo de rememoração familiar sobre a mãe, a sogra e a avó que foi Maria. O primeiro contato deu-se por e-mail e seguiu-se a troca, todas as histórias vinham recheadas com detalhes impressionantes guardados pela memória impecável do filho mais velho de Maria. De minha parte, pude retribuir as importantes narrativas com algumas cartas de Pompeu e Maria durante a estada na Argentina.

Quando acreditava ter, finalmente, conseguido todas as informações sobre Maria, surpreendi-me com a proposta feita por Luiz Fernando: gentilmente, me oferecia o material deixado por sua mãe e seu pai, documentos que se relacionavam ao período de 1941-1942. Foi graças a esse gesto generoso que tive a oportunidade de acessar um arquivo capaz de alargar os horizontes narrativos do Acervo Jorge Amado e que agregaria enormemente à minha pesquisa.

⁴⁷ Site que dá visibilidade às reclamações de clientes sobre produtos e empresas, pressionando os responsáveis a resolverem a questão de forma mais rápida. Serve também para verificar a reputação de empresas, de acordo com o índice de resposta e solução dos problemas.

Sem pestanejar, comprei as passagens para o Rio de Janeiro e me pus na estrada em tempo de receios, medos e cuidados. Após certa organização para evitar contato direto entre Luiz Fernando, sua esposa e eu, por medidas de segurança referentes à pandemia de COVID-19, combinamos que o material ficaria na portaria do prédio em que mora o casal. Coletados os documentos, retornamos para casa e dei início a abertura da Mala de Maria, realizando, antes de tudo, a organização e a transcrição já apresentadas nesta tese.

Os documentos presentes no Arquivo Mala de Maria contam histórias fragmentadas sobre Maria Cruz; como já pudemos ver, muitas com Jorge Amado, outras tantas com Pompeu, que conheceu graças ao escritor baiano. Maria e Pompeu iniciaram relacionamento em 1942, como relatado anteriormente, casaram-se e permaneceram juntos até a morte de Pompeu, em 1986. Juntos, criaram os filhos biológicos de Maria, de seu primeiro casamento, Luiz Fernando Cruz Marcondes e Sérgio Armando Cruz Marcondes, tendo Pompeu adotado as crianças ainda muito jovens e sido a referência paterna.

Entre os documentos que abordam a história de Maria e Pompeu, estão recortes de jornal e documentos oficiais, especialmente ligados à morte do tradutor e engenheiro, criando uma pequena memorabilia de seu desencarne e das homenagens prestadas a ele. Abaixo, apresento as imagens e transcrições, quando necessário:

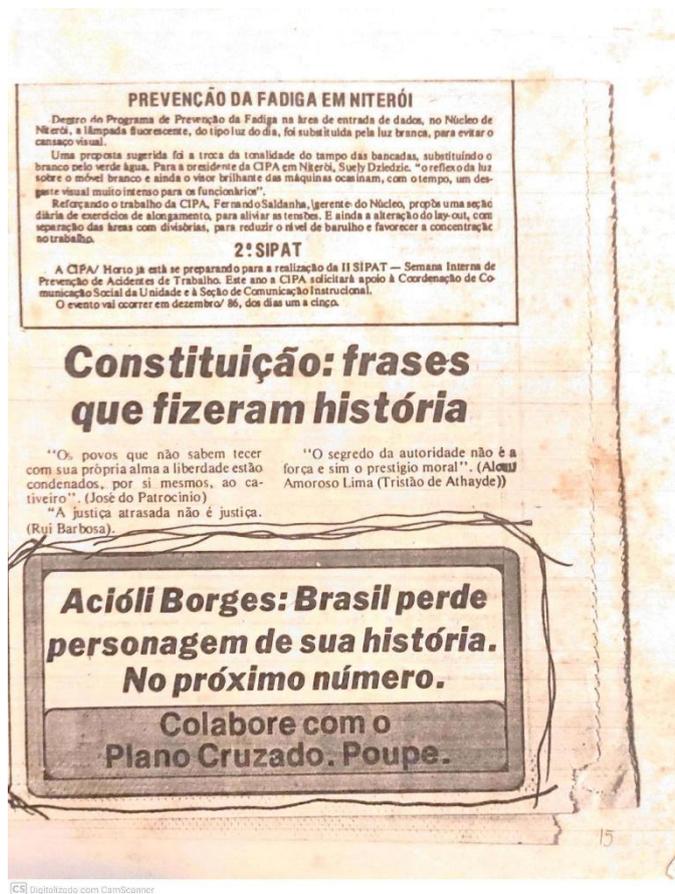


Figura 13: Recorte de jornal não identificado com previsão de uma matéria sobre Pompeu Borges. Documento 15. Arquivo Mala de Maria.

Obituário**Rio de Janeiro**

Thomaz Pompeu Accioly Borges, 77, de insuficiência respiratória, no Hospital Silvestre. Cearense, engenheiro e economista. Casado com Maria José Cruz Borges, tinha dois filhos: Luis Fernando e Sérgio Armando Cruz Marcondes; oito netos e uma bisneta. Trabalhava no Serpro. Foi diretor da FAO (Food and Agriculture Organization), órgão da ONU, no México e no Brasil. Assessor do Senado Federal, participou de diversas comissões de formação do Estatuto da Terra, no governo Vargas, no seu último período. Ex-campeão brasileiro de xadrez.

Murillo Wamondes Niemeyer, 73, de infarto, no Instituto Brasileiro de Cardiologia. Paulista, médico urologista. Casado com Heloísa Costa Niemeyer, tinha uma filha: Elza; três netos e um bisneto. Trabalhou por muitos anos nos hospitais do estado e atualmente trabalhava em seu consultório particular. Morava em Copacabana.

Izabel Barcellos Mendes, 70, de insuficiência cardíaca, no Hospital São Sebastião. Carioca, costureira. Casada com Natalino Gonçalves Mendes, tinha uma filha: Celi, dois netos. Morava no Catete.

Joames Maciel Dimitri, 25, com fratura do crânio, no Hospital Souza Aguiar. Paulista, garim-

peiro. Casado com Heloisa Helena Sampaio Dimitri, tinha uma filha. Morava em Bonsucesso.

Sebastião Rodrigues Moreira, 68, de insuficiência cardíaca, no Hospital Gafrée Guinle. Português, casado com Maria Izolina Brito Rodrigues. Tinha dois filhos. Morava na Tijuca.

Antonio Marinho de Lima, 66, de pneumonia, no Hospital de Clínicas do 4º Centenário. Carioca, casado com Elídia Vieira de Lima. Tinha sete filhos, morava na Tijuca.

Bencardino Carmelo, 65, de derrame, na Clínica Prontocor. Italiano, comerciante. Casado com Elygia Mitidieri Carmelo, tinha um filho. Morava na rua Oito de Dezembro.

Alayde dos Santos Lima Luppino, 79, de derrame, no Hospital São Lucas. Carioca, professora. Casado com Rocco Luppino. Morava em Copacabana.

Hernandez Pinto Ferreira, 70, de câncer, na Clínica de Repouso Campo Belo. Carioca, despachante. Casado com Eugenia Rosa Teixeira, tinha dois filhos. Morava em São Cristóvão.

Antonio Fonseca, 84, de anemia, no Hospital São Vicente de Paula. Português, comerciante. Viúvo de Maria José Monteiro, tinha duas filhas. Morava na Tijuca.

Figura 14: Recorte de jornal não identificado contendo obituário de Pompeu Borges. Documento 11. Arquivo Mala de Maria.

“Obituário

Rio de Janeiro

Thomaz Pompeu Accioly Borges, 77, de insuficiência respiratória, no Hospital Silvestre. Cearense, engenheiro e economista. Casado com Maria José Cruz Borges, tinha dois filhos: Luís Fernando e Sérgio Armando Cruz Marcondes; oito netos e uma bisneta. Trabalhava no Serpro. Foi diretor da FAO (Food and Agriculture Organization), órgão da ONU, no México e

no Brasil. Assessor do Senado Federal, participou de diversas comissões de formação do Estatuto da Terra, no governo Vargas, no seu último período. Ex-campeão brasileiro de xadrez.



Figura 15: Recorte de jornal não identificado contendo obituário de Pompeu Borges. Documento 07. Arquivo Mala de Maria.

Ainda parte da memorabilia de Pompeu, o Arquivo Mala de Maria guarda as certidões de nascimento e de óbito do marido:

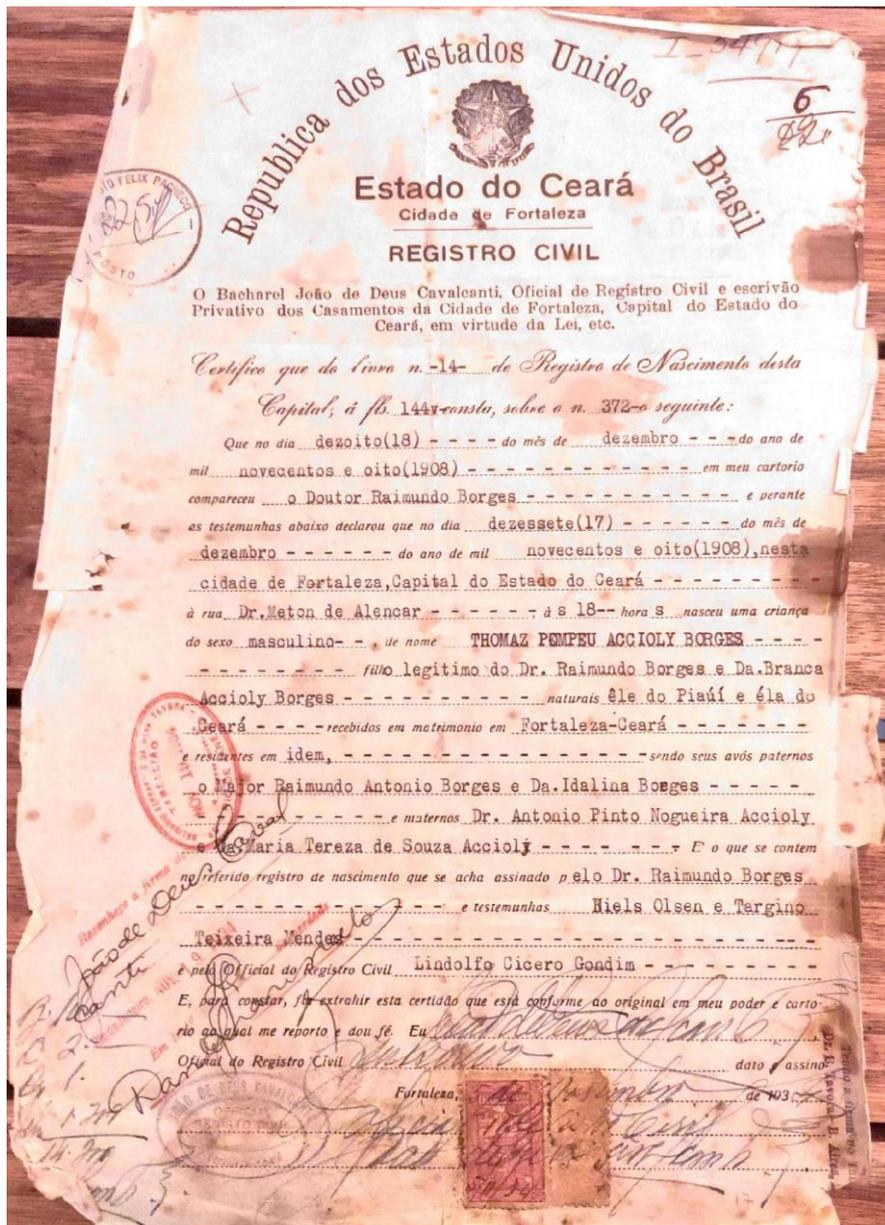


Figura 16: Certidão de nascimento de Pompeu Borges. Documento 17. Arquivo Mala de Maria.



N 50724

ATORIO DE OFICIO DE REGISTRO CIVIL
 115 - SALA C - 114
 FALCIMENTO E MORTO
 115 - SALA C - 114
 115 - SALA C - 114
 115 - SALA C - 114

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 TRIBUNAL JUDICIÁRIO - COMARCA DA CAPITAL
 Circunscrição de Registro Civil das Pessoas Naturais - Freguesia da Glória
 Palácio de Justiça - Avenida Erasmo Braga, 115 - Sala C - 114

Darcy Hauschildt
 OFICIAL

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que às fls. 232 v do livro nº 6-103 sob o termo nº 77.674
 de registro de óbitos consta o de Thomas Pompeu Accioly Borges.

falecido(a) a dezoito de setembro de mil novecentos e oitenta
 e seis, às 4 horas e -- minutos, na Jardim dos Guararapes
263.

do sexo masculino filho(a) Raymundo Borges e
 de Francisca Accioly Borges.

idade 77 anos, profissão aposentado.
 Estado Civil casado com Maria José Cruz Borges.

residência Rua Xavier da Silveira 118 / 701.
 Natural Estado do Ceará.

Causa mortis parada cardio respiratória, insuficiência respiratória crônica,
 esclerose lateral amiotrófica, infecção vias respiratórias.

Médico Atestante Dr. Daniel Jogaib Daher.
 Local do Sepultamento: Cemitério São Francisco Xavier.

foi declarante Antonio Jorge da Conceição dos Santos.
 Termo lavrado em 18 de setembro de 1986.
 Observações: Deixou dois filhos maiores, deixou herdeiros e fez testamento.

92976
 GILGIO BULLATI
 EXALIBER FUNDADO JURAMENTADO
 ALEMÃO, FRANCÊS, INGLÊS, ITALIANO
 Av. Rio Branco, 158 - Sala 2230
 Tele. 262-1143 - 262-2087

Eu, Darcy Hauschildt, Oficial Judiciário extraí.
 O Referido é verdade e dou fé. 24 FEV 1987

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 19 86

CUSTAS
 TAB 2
 ATOS 1 + 1
 Mod. 3 E

O Oficial

00.001 = 51.000, 0/80

Figura 17: Certidão de óbito de Pompeu Borges. Documento 19. Arquivo Mala de Maria.

Um dos recortes de jornal com matéria em homenagem a Pompeu, feita após sua morte, traz uma entrevista com Maria e um pouco mais de detalhes sobre a vida do casal após a volta do exílio, já no Brasil:

Serpro perde um colaborador ilustre

Em 18 de setembro deste ano a antiga Divisão de Sistemas de Informações Rurais (DSR) perdeu o seu mais ilustre e dedicado colaborador, Tomás Pompeu Acióli Borges, engenheiro, economista e um dos maiores estudiosos da questão agrária brasileira.

Segundo Ezequiel Pinto Dias, diretor de Operações (DIOPE), que era gerente da DSR, o professor Acióli, como era chamado pelos colegas, "foi um companheiro inestimável que, enquanto técnico do SERPRO, cumpriu a missão de dar um tratamento de urgência à reforma agrária" e, — continua —, abraçou com determinação "o espírito da Divisão de não se limitar ao estudo técnico do problema, mas considerar sempre o aspecto social e político das questões".

Acióli participou de quase todos os trabalhos de análise de dados no SERPRO e fez diversos trabalhos na Área de Zoneamento Agrário do Brasil, do Nordeste e do Amazonas.

Foi editor, junto com Luiz Marcos Magalhães Gomes, hoje Diretor do Cadastro de Informações do INCRA, da Revista de Estudos Agrários que o SERPRO preparou para o INCRA. Além disso, Acióli escreveu inúmeros artigos, fez palestras e participou de reuniões e seminários sobre o tema que sempre o apaixonou: a reforma agrária no Brasil.

Sobre o vasto "currículo" de Acióli é Carlos Artur Pimentel, adjunto de Ezequiel, egresso da DSR, quem explica que ele foi o tradutor do "Cavaleiro da Esperança", para a língua espanhola. Lembra também da passagem do livro "Memórias do Cárcere", de Graciliano Ramos, onde o autor faz menção ao seu companheiro de prisão, o nosso Acióli. Passagem esta na qual Graciliano narra a concentração do camponês brasileiro de xadrez diante do tabuleiro, ao jogar simultaneamente contra adversários localizados em outro ponto do presídio. Além disso — completa Artur — "ele manteve uma liderança sobre o grupo de trabalho, bem mais jovem que ele, e passou para nós — explica — muita experiência e muito conhecimento da questão agrária".

EXPERIÊNCIA E LIDERANÇA

Do grupo, liderado por Acióli, a que Artur se refere, A FOLHA DA 7ª URO conviveu com Geraldo Granato, Virginia Maria de Mattos, Odivo Lobo Cazal, Lucília Haas Macedo e Aurora Nunes Lucas.

Muitas estórias foram contadas e, em todas, a tônica era o bom humor, o espírito de colaboração e o brilhantismo do companheiro.

Um dos seus colegas da equipe da DSR, Geraldo Granato, explica que "o professor não abria mão de seus princípios, era absolutamente seguro de suas opiniões e não havia autoridade que o intimidasse na defesa de suas ideias".

A pontualidade, o humor e a inteligência são características que marcaram o grupo de trabalho que Acióli liderou no SERPRO. Soubemos, por exemplo, que Acióli não gostava de engarrafamento e, por isso, entrava às oito horas da manhã e saía às 17 horas. "Não havia reunião ou diretor que o prendesse depois das cinco" — explica Granato. Todo dia Acióli trazia uma piada ou uma estória pitoresca, do tipo charada, para descontrair o ambiente de trabalho.

Sobre a liderança e experiência do "professor" é Virginia Maria de Mattos quem conta: "apesar de sua sabedoria, aceitava com humildade sugestões ou outras alternativas de solução".

Hoje — continua Virginia — o grupo está meio acéfalo, estamos continuando o último trabalho que

ele nos pediu. Ele deixou um limão vazio e muitas lições de vida e de trabalho" — concluiu.

Num depoimento emocionado, Odivo Lobo Cazal lembra que almoçou com o "professor" no Dia dos Pais e sentiu que ele não estava bem disposto: "parecia um momento de despedida, e foi — prossegue — só fui

encontrá-lo de novo no Hospital. Falava com as mãos, querendo saber sobre as mudanças do Ministério da Reforma Agrária e do INCRA. Até o fim, o compromisso sincero e real com os trabalhadores rurais não foi esquecido. Acióli deixou para nós um exemplo de dignidade, caráter e humildade" — finalizou.

ACIÓLI: um nome para a história

Tomás Pompeu Acióli Borges nasceu em Fortaleza, no dia 17 de dezembro de 1906. Filho do general Raimundo Borges e de Branca Acióli Borges. Formou-se em Engenharia, no Rio, então Distrito Federal, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Em 1935 entrou para a Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento organizado por correntes políticas e sociais distintas, que lutavam contra o fascismo, o imperialismo, o latifúndio e a miséria. Fechada a ANL, pelo presidente Getúlio Vargas, Acióli manteve-se na clandestinidade.

MUITAS DIFICULDADES

Foi preso em março de 1936 e libertado em junho de 1937. Apesar de absolvido pelo TSN, por falta de provas, voltou a ser julgado pelo Supremo Tribunal Militar em janeiro de 1938, quando foi condenado a três anos e dez meses de prisão.

Refugiou-se na embaixada do Peru e daí seguiu para Paris, onde ficou durante seis meses. De lá, seguiu para Buenos Aires, onde viveu por quatro anos e seis meses e onde conheceu sua mulher, Maria Cruz Borges.

Na Argentina, Acióli garantiu a sua sobrevivência com uma modesta atividade de venda: foi vendedor da água mineral Villa Vicenzo e posteriormente, de um remédio, Trolifolam.

NOVA PRISÃO

De volta ao Brasil, Acióli apresentou-se à Polícia Federal e ficou preso, lá mesmo, na Rua da Relação e no dia seguinte foi transportado para a Ilha Grande.

Dona Maria, esposa de Acióli, conta que embarcou para a Ilha, onde compartilhou com o marido, durante um ano, da vida comunitária dos presos políticos brasileiros.

A tolerância e a imparcialidade de Acióli, explica Dona Maria serviram para apaziguar "os rachas ideológicos" dos diversos grupos de presos que conviviam numa mesma casa. Acióli iniciou na Ilha um serviço de assistência aos aldeões que trabalhava das gestantes, dos casos de verminose etc. Fizeram uma horta para balancear a ração fraca que recebiam.

Acióli dava aulas de inglês para os guardas do presídio e fazia traduções para a Casa dos Estudantes, atividade esta que lhe rendia algum recurso para sua modesta sobrevivência com sua esposa na Ilha.

CIDADÃO DO MUNDO

Libertado da prisão, Acióli continuou sua vida intelectual ativa, que o levou a diversas partes do mundo e à chefia de diversos órgãos e departamentos governamentais: Centro de Inquéritos e



Acióli e sua mulher, Maria Borges

Análises da FGV, Seção de Obras e Equipamentos do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS); Centro de Estudos Sociais FGV; Serviço de Administração do DNOCS; Redator-chefe da Revista Conjuntura Econômica, da FGV, Centro-Rio do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Banco do Nordeste do Brasil; Setor de Estudos Econômicos do Conselho Coordenador de Abastecimento.

Delegado do Brasil na Conferência Mundial da FAO, da ONU, em Roma, em 1958, foi habilitado como economista, por tempo de serviço na área e passou a exercer a chefia do Centro Latino-Americano de Pesquisa.

Vistou a China, a convite do governo Chinês, em 1960.

Foi diretor regional da FAO para a zona norte da América Latina e depois para a zona leste, também da América Latina, de 1962 a 1969. Residiu no México de 62 a 64 e visitou vários países latino-americanos, e participou de diversas conferências mundiais da FAO.

Em junho de 1975, entrou para o SERPRO, como analista de informações socio-econômicas da antiga DSR/DISEF, onde ficou até sua morte.

Os principais trabalhos realizados sob a orientação de Acióli no SERPRO, são: 1) Zoneamento Agrário do Brasil, publicado em 1971, em quatro volumes; 2) Zoneamento Agrário do Nordeste, publicado em 1979, três volumes; e 3) Zoneamento Agrário da Amazônia Legal, três volumes.

Figura 18: Matéria da Folha, de dezembro de 1986 sobre Pompeu Borges. Documento 03. Arquivo Mala de Maria.

“Serpro perde um colaborador ilustre

Em 18 de setembro deste ano a antiga Divisão de Sistemas de Informações Rurais (DSR) perdeu o seu mais ilustre e dedicado colaborador, Tomás Pompeu Acióli Borges, engenheiro, economista e um dos maiores estudiosos da questão agrária brasileira. Segundo Ezequiel Pinto Dias, diretor de Operações (DIOPE), que era gerente da DSR, o professor Acióli, como era chamado pelos colegas, “foi um companheiro inestimável que, enquanto técnico do SERPRO, cumpriu a missão de dar um tratamento de urgência à reforma agrária” e, — continua — abraçou com determinação “o espírito da Divisão de não se limitar ao estudo técnico do problema, mas considerar sempre o aspecto social e político das questões”.

Acióli participou de quase todos os trabalhos de análise de dados no SERPRO e fez diversos trabalhos na Área de Zoneamento Agrário do Brasil, do Nordeste e do Amazonas.

Foi editor, junto com Luiz Marcos Magalhães Gomes, hoje Diretor do Cadastro de Informações do INCRA, da Revista de Estudos Agrários que o SERPRO preparou para o INCRA. Além disso, Acióli escreveu inúmeros artigos, fez palestras e participou de reuniões e seminários sobre o tema que sempre o apaixonou: a reforma agrária no Brasil.

Sobre o vasto “currículo” de Acióli é Carlos Artur Pimentel, adjunto de Ezequiel, egresso da DSR, quem explica que ele foi o tradutor de “Cavaleiro da Esperança”, para a língua

espanhola. Lembra também da passagem do livro “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos, onde o autor faz menção ao seu companheiro de prisão, o nosso Acióli. Passagem esta na qual Graciliano narra a concentração do campeão brasileiro de xadrez diante do tabuleiro, ao jogar simultaneamente contra adversários localizados em outro ponto do presídio. Além disso – completa Arthur – “ele manteve uma liderança sobre o grupo de trabalho, bem mais jovem que ele, e passou para nós – explica – muita experiência e muito conhecimento da questão agrária”.

Experiência e liderança

Do grupo liderado por Acióli, a que Artur se refere, A FOLHA DA 7ª URO conversou com Geraldo Granato, Virginia Maria de Mattos, Olavo Lobo Casal, Lucila Haas Macedo e Aureo Nunes Lucas.

Muitas histórias foram contadas e, em todas, a tônica era o bom humor, o espírito de colaboração e o brilhantismo do companheiro.

Um dos seus colegas de equipe da DSR, Geraldo Granato, explica que “o professor não abria mão de seus princípios, era absolutamente seguro de suas convicções e não havia autoridade que o intimidasse na defesa de suas ideias”.

A pontualidade, o humor e a inteligência são características que marcaram o grupo de trabalho que Acióli liderou na SERPRO. Soubemos, por exemplo, que Acióli não gostava de engarrafamento e, por isso, entrava às oito horas da manhã e saía às 17 horas. “Não havia reunião ou diretor que o prendesse depois das cinco” – explica Granato. Todo dia Acióli trazia uma piada ou uma história pitoresca, do tipo charada, para descontrair o ambiente de trabalho.

Sobre a liderança e experiência do “professor” é Virginia Maria de Mattos quem conta. “apesar de sua sabedoria, aceitava com humildade sugestões ou outras alternativas de solução”.

“Hoje – continua Virginia - o grupo está meio acéfalo, estamos continuando o último trabalho que ele nos pediu. Ele deixou um imenso vazio e muitas lições de vida e de trabalho” – concluiu.

Num depoimento emocionado, Olavo Lobo Casal lembra que almoçou com o “professor” no Dia dos Pais e sentiu que ele não estava bem disposto: “parecia um momento de despedida, e foi – prossegue – só fui encontrá-lo de novo no Hospital. Falava com as mãos, querendo saber sobre as mudanças do Ministério da Reforma Agrária e do INCRA. Até o fim, o compromisso sincero e leal com os trabalhadores rurais não foi esquecido. Acióli deixou para nós um exemplo de dignidade, caráter e humildade” – finalizou.

Acióli: um nome para a história

Tomás Pompeu Acióli Borges nasceu em Fortaleza, no dia 17 de dezembro de 1908. Filho do general Raimundo Borges e de Branca Acióli Borges. Formou-se em Engenharia, no Rio, então Distrito Federal, na Escolta Politécnica do Rio de Janeiro.

Em 1935 entrou para a Aliança Nacional Libertadora (ANL), movimento organizado por correntes políticas e sociais distintas, que lutavam contra o fascismo e imperialismo, o latifúndio e a miséria. Fechada a ANL, pelo presidente Getúlio Vargas, Acióli manteve-se na clandestinidade.

Muitas dificuldades

Foi preso em março de 1936 e libertado em junho de 1937. Apesar de absolvido pelo TSN, por falta de provas, voltou a ser julgado pelo Supremo Tribunal Militar em janeiro de 1938, quando foi condenado a três anos e dez meses de prisão.

Refugiou-se na embaixada do Peru e daí seguiu para Paris, onde ficou durante seis meses. De lá, seguiu para Buenos Aires, onde viveu por quatro anos e seis meses e onde conheceu sua mulher Maria Cruz Borges.

Na Argentina, Acióli garantia a sua sobrevivência com uma modesta atividade de venda, foi vendedor da água mineral Villa Vicenzio e, posteriormente, de um remédio, Trofolipan.

Nova Prisão

De volta ao Brasil, Acióli apresentou-se à Polícia Federal e ficou preso, lá mesmo, na Rua da Relação e no dia seguinte foi transportado para a Ilha Grande.

Dona Maria, esposa de Aciólli, conta que embarcou para a Ilha, onde compartilhou com o marido, durante um ano, da vida comunitária dos presos políticos brasileiros.

A tolerância e a imparcialidade de Accióli, explica Dona Maria, serviram para apaziguar “os rachas ideológicos” dos diversos grupos de presos que conviviam numa mesma casa. Accióli iniciou na Ilha um serviço de assistência aos aldeões que tratava das gestantes, dos casos de verminose, etc. Fizeram uma horta para balancear a ração fraca que recebiam. Accióli dava aulas de inglês para os guardas do presídio e fazia traduções para a Casa dos Estudantes, atividade esta que lhe rendia algum recurso para sua modesta sobrevivência com sua esposa na Ilha.

Libertado da prisão, Acióli continuou sua vida intelectual ativa, que o levou à diversas partes do mundo e à chefia de inúmeros órgãos e departamentos governamentais. Centro de Inquéritos e Análises da FGV; Seção de Obras e Equipamentos do Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS); Centro de Estudos Sociais FGV; Serviço de Administração do DNOCS; Redator-chefe da Revista Conjuntura Econômica, da FGV; Centro-Rio do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Banco do Nordeste do Brasil; Setor de Estudos Econômicos do Conselho Coordenador de Abastecimento.

Delegado do Brasil na Conferência Mundial da FAO, da ONU, em Roma. Em 1958, foi habilitado como economista por tempo de serviço na área e passou a exercer a chefia do Centro Latino-Americano de Pesquisa.

Visitou a China, a convite do governo chinês, em 1960.

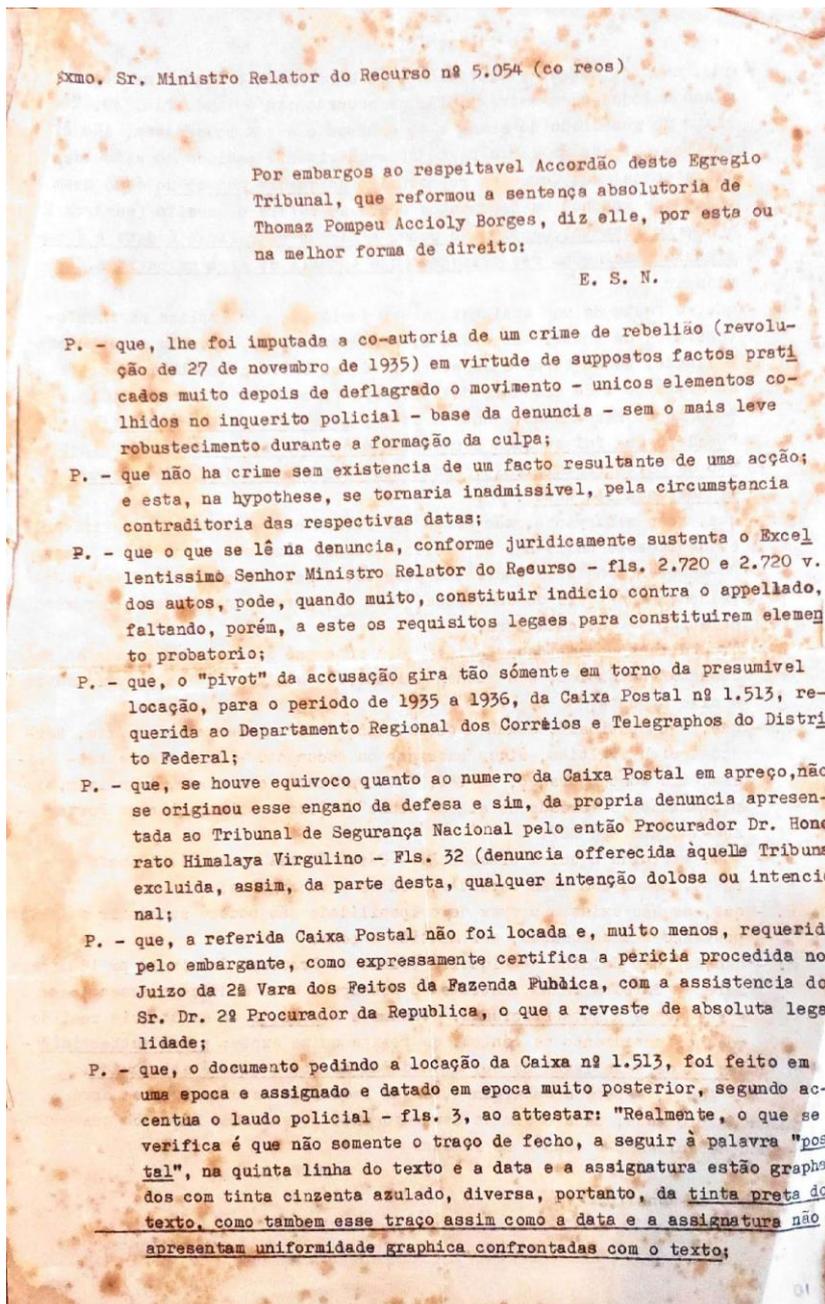
Foi o diretor regional da FAO para a zona norte da América Latina, de 1962 a 1969. Residiu no México de 62 a 64 e visitou vários países latino-americanos e participou de diversas conferências mundiais da FAO.

Em junho de 1975 entrou para o SERPRO, como analista de informações sócio-econômicas da antiga DSR/DISEF, onde ficou até sua morte.

Os principais trabalhos realizados sob a coordenação de Acióli no SERPRO, são: 1) Zoneamento agrário do Brasil, publicado em 1977, em quatro volumes: 2) Zoneamento agrário

do Nordeste, publicado em 1979, três volumes e 3) Zoneamento agrário da Amazônia Legal, três volumes.”

O último documento relacionado a Pompeu presente no Arquivo Mala de Maria é a sua absolvição das condenações referentes ao período de militância na Aliança Nacional Libertadora (ANL):



P. - que, não foi datado e assignado pelo embargante o requerimento pedindo a locação da caixa 1.513, de accordo com o laudo fls. 39, "À vista do resultado do exame e do confronto a que procederam, são os peritos de parecer que o texto do requerimento pedindo locação da caixa postal dos Correios reproduzido no quadro numero um é do mesmo punho que graphou os documentos a que se refere o queáito (quadros 2 a 9); outrotanto, pensam não poder affirmar em relação á data e á assignatura do mesmo requerimento cuja autoria é, para os peritos, duvidosa;

P. - que, o facto de uma assignatura ser duvidosa, não implica na inexistencia de um autor. Este veio e, espontaneamente, assumiu a responsabilidade, pondo termo á incerteza. O Dr. Elyezer Magalhães declara em carta de 1 de setembro de 1938, com firma e letra reconhecidas, em 3 do mesmo mez e anno, junto a este - mais de anno antes da pericia: "Declaro que fui eu quem firmou junto á repartição competente a petição da Caixa Postal 1.513, assumindo aqui plena e inteira responsabilidade daquelle acto".

P. - que, se o embargante, não datou nem firmou o requerimento questionado, evidentemente delle não se queria utilizar como não se utilizou, fazendo-o porém, conforme confissão propria, o seu cunhado, Dr. Elyezer Magalhães em demasia de confiança, afim de, porventura, poder tirar acto os efeitos que calculara;

P. - que, a responsabilidade juridica dos actos só se expressa quando em documento authenticico, e a authenticidade é a assignatura do proprio autor a elle apposta;

P. - que, "authenticar", segundo os lexicons é reconhecer como proprio, verdadeiro ou legitimo, algum escripto ou documento - Caldas Aulette - Dicionario contemporaneo, pg 180; "authenticar - autorizar, legalizar, juridicamente a verdade de alguma cousa" - Dicionario da Lingua Portuguesa - Moraes -pg 287;

P. - que, excluida a unica presumpção - Caixa Postal numero 1.513 nada mais resta, mesmo com esse character, contra o embargante;

P. - que, se não existem provas de culpabilidade não poderá subsistir o delicto prevalecer a accusação, ser mantida a pena;

P. - que, segundo Galdino de Siqueira (Curso de Processo Criminal) pg 189) para merecer inteira fé um instrumento presuppõe duas condições essenciaes: a verdade e a authenticidade. Consiste a verdade na existencia real do que no instrumento se contem, se relata ou se expõe; a sua authenticidade, da certeza legal de ser emanado da pessoa a quem é attribuida.

Assim, espera o embargante, sejam recebidos os presentes embargos, julgados provados, para o fim de ser reformado o Venerando Accordão que o condemnou, absolvendo-o como é de inteira

JUSTIÇA.

Rio de Janeiro,

02

Figura 19: Absolvição de Pompeu Borges. Documento 01 - 02. Arquivo Mala de Maria.

A epistemologia das macumbas, tão significativa para Jorge Amado no início de sua carreira como escritor, nos lembra que o desencarne não significa a morte, mas morre aquele que deixa de ser potência, energia, afeto entre os vivos; A morte é o esquecimento. Os documentos de Pompeu constroem uma narrativa que entrelaça morte e vida, partindo do momento de seu falecimento para recordar que parte do “professor” permanece e marca aqueles com quem conviveu. A própria entrega desta documentação por parte da família que, de comum acordo, decidiu o melhor caminho para a história de Pompeu e Maria, acredito ser uma das manifestações da potência de vida de Maria Cruz Borges e Pompeu Borges e do significado desta história para a biografia de Jorge Amado. É esta potência também que, muito provavelmente, inspira Luiz Fernando a compartilhar suas memórias de infância e juventude por e-mail e *Whatsapp*, enviando fotos de família e relatos surpreendentemente detalhados acerca da mãe e do pai. A confiança da família no trabalho que realizaríamos é tanta que abriram histórias íntimas e há muito tempo fechadas nesta Mala de Maria. A seguir, com autorização concedida por Luiz Fernando, transcrevo alguns de seus e-mails e anexo as fotos do Acervo Familiar, no intuito de contar esta memória de Maria e Pompeu – e de Jorge Amado – a partir dos olhos da família, dando voz a um lado que permaneceu interdito no que concerne o estudo da biografia do escritor baiano. As conversas serão apresentadas cronologicamente a partir de meu contato com Luiz Fernando e José Eduardo. Em rodapé, faço minhas anotações e descobertas sobre o que foi contado pelo filho mais velho:

“Bom dia, Professora

Meu sobrinho José Eduardo me contou do seu interesse em um período da vida de minha mãe, Maria, e de meu padrasto (meu pai) Pompeu Accioly Borges. Ele me estendeu seu contato e, em primeiro lugar, agradeço seu interesse.

Contei para ele que inúmeras vezes na adolescência lembro de ter perguntado à minha mãe - sabedor da grande amizade entre eles e o Jorge Amado - por que não o encontrávamos, visitávamos ou ele a nós. A resposta era sempre a de que Jorge vivia mais na Bahia ou que estava sempre na Europa.

O José Eduardo disse muito bem que ela era muito reservada. Tanto é verdade que, após sua morte, ao desfazer o apartamento, encontrei com surpresa, em um ponto quase inacessível de um armário na biblioteca-escritório do Pompeu uma sacola em que estava uma documentação a respeito dela e do Jorge: as passagens para Buenos Aires, recortes de jornal local com a notícia e fotos do casal, cartas do

Jorge para ela (já no Paraná), querendo saber o porquê da falta de notícias, uma vez que ela o deixara e voltara para o Brasil, para ver os filhos, que moravam com os pais dela.

Jorge havia ido a Bs As, entre outras coisas, para encontrar o Pompeu, então exilado naquele país, e ver como andava a tradução para o espanhol de seu livro a respeito do Prestes. O Cavaleiro da esperança era o título, se não me equivoco. O exemplar que tive (herdado da biblioteca do Pompeu) doei para a Biblioteca Nacional, que não possuía uma cópia. Foi então que ela e Pompeu se conheceram.

Há alguns anos, em Bs As, visitando a Casa Museu do Ernesto Sábato, conversando com a neta dele, muito amável, soube que o Jorge havia morado lá (a casa é bem grande e interessante) e imaginei que minha mãe possa ter vivido alguns dias lá, em Santos Lugares.

Isto leva a outro ponto: onde se conheceram Jorge e Maria. Ela trabalhava em uma revista cujo nome eu sabia mas não consigo recordar (85 anos nas costas fazem diferença) e da qual ele era colaborador.⁴⁸”

Conversa via e-mail em 13 de janeiro de 2021.

“Professora

Em anexo um retrato de minha mãe pintado por Yoshiya Takaoka⁴⁹ creio que lá pelos anos 1950. Conta a lenda que ele, morador de São Paulo, querendo mudar para o Rio e sem dinheiro para a passagem, botou a mala nas costas e veio andando.

O outro é um desenho do Scliar, que era iniciante na época. A revista que foi com o material anterior o classifica como paulista, embora gaúcho fosse.

Cordialmente

LFC Marcondes”

Conversa via e-mail no dia 01 de fevereiro de 2021

⁴⁸ Em e-mail posterior, Luiz Fernando recorda o nome da Revista Esfera e me comunica em uma mensagem rápida enviada por Whatsapp.

⁴⁹ Segundo a Enciclopédia do Itaú Cultural, “Yoshiya Takaoka (Tóquio, Japão 1909 - São Paulo SP 1978). Pintor, desenhista, caricaturista, cenógrafo. Aprende pintura com Shin Kurihara, em Tóquio, entre 1921 e 1925. Em 1925, vem com a família para o Brasil para trabalhar na lavoura de café. Atua como pintor de paredes e caricaturista. Em São Paulo, de 1926 a 1929, cursa a Escola Profissional Masculina do Brás e, a partir de 1931, freqüenta o Grupo Santa Helena. Transfere-se, em 1934, para o Rio de Janeiro, onde aperfeiçoa sua pintura com Bruno Lechowski (1887 - 1941) e na Escola Nacional de Belas Artes - Enba”. (ITAÚ CULTURAL, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9329/yoshiya-takaoka>).

Figura 20: Retrato de Maria, obra do pintor japonês Yoshiya Takaoka. Acervo Familiar.

Figura 21: Retrato de Jorge Amado, de Carlos Scliar. Acervo Familiar.

“Oi

A Wikipedia diz que o Graciliano Ramos foi preso na Ilha Grande em 1936.

No verbete referente ao Pompeu diz: Foi companheiro de cela do escritor Graciliano Ramos, na Ilha Grande. Em 1937 foi posto em liberdade, mas logo em seguida condenado novamente pelo Supremo Tribunal Militar a 3 anos e 10 meses de prisão. Para não ser capturado procurou asilo na embaixada do Peru.

Eu acho que na Ilha Grande não era prisão de cela, eram casas em que havia quartos para muitos. (Minha mãe não morou com o Graciliano.)⁵⁰

Pompeu se "escamou" da Embaixada do Peru e embarcou clandestinamente num navio chamado Reina del Pacífico. Qdo fora das águas territoriais brasileiras, ele se apresentou ao comandante. Na parada no porto de Dacar ele foi à Embaixada do Brasil e o Embaixador, ciente que ele era sobrinho do Embaixador Hildebrando Accioly, então Ministro das Relações Exteriores, deu-lhe um passaporte (coitado!).

Munido do passaporte, Pompeu se mandou pra Paris, onde morava com o cunhado Eliézer Magalhães, irmão do Juracy. Eram dois irmãos casados com duas irmãs.

Qdo a Guerra esquentou por lá, ele se mandou pra Bs As, onde fazia traduções e era vendedor de um vinho chamado Toro, do qual ele repetia muito o slogan "*se digo pan es pan, se digo vino es Toro*".

Pelo que ouvi, ele, como muitos outros brasileiros que eram oficiais da reserva, qdo o Brasil entrou na Guerra, se apresentaram para combater e foram encaminhados ao seu encontro com as grades.

É isso aí.

bjs

Conversa via e-mail no 04 de fevereiro de 2021

“Olá, Professora

Sou muito ruim de WhatsApp, só comecei há pouco tempo, não sei enviar fotos.⁵¹

Nesta, o casal Pompeu/Maria está com meu falecido irmão Sérgio e os filhos dele (do 2º casamento). Entre ele e minha mãe está o José Eduardo, seu "velho" conhecido.

⁵⁰ O comentário de Luiz Fernando é confirmado pela matéria da Folha que traz entrevista de Maria. Documento 03 do Arquivo Mala de Maria.

⁵¹ Na ocasião, conversávamos por Whatsapp, contudo, pela dificuldade de lidar com o aplicativo, Luiz Fernando deu continuidade à conversa por e-mail, enviando uma série de fotos da família.

[] LF”

Conversa via e-mail no dia 21 de março de 2021

Figura 22: Foto da família reunida para o almoço: Pompeu, ao seu lado, Luiz Fernando, filho de Sérgio Armando. Maria, ao lado de José Eduardo e de Sérgio. Acervo Familiar.

“Mais uma, na praia (ela ainda fumava) está com Elisa Nutels, mulher do Noel Nutels⁵².

LF”

Conversa realizada via e-mail no dia 21 de março de 2021.

Figura 23: De joelhos, Maria Cruz Borges, junto de Elisa Nutels, na praia. Acervo Familiar.

“Em algum lugar da Europa (Veneza?) com a primeira mulher de meu irmão(já falecida)⁵³.

LF”

Conversa por e-mail no dia 21 de março de 2021.

Figura 24: Maria ao lado de Zélia Maria e Pompeu, em Veneza. Acervo Familiar.

“Olá,

Professora

Achei

mais

um

álbum.

Anexas:

Foto do casal é de Cambuquira em 1952 - a dela sozinha, não sei a época,mas parece ser na varanda do apartamento que tivemos na rua Domingos Ferreira, em Copacabana.

A do Pompeu com meu irmão Sérgio é de 1949 no apartamento anterior, na Praia de Botafogo, 22.

⁵² Noel Nutels foi um médico sanitarista e indigenista ucraniano, conhecido por denunciar o descaso do poder público brasileiro com os povos originários e por percorrer o Brasil cuidando da saúde de indígenas. Elisa era publicitária e entomologista, como contado pela filha do casal, Bertha Nutels, em entrevista a Paulo Sampaio, na UOL.

⁵³ A primeira esposa de Sérgio Armando Cruz Marcondes se chamava Zélia Maria Cavaggioni, faleceu em 2011. Posteriormente, Sérgio casou-se com Rosa Marina Lacerda Machado Marcondes, mãe de Luiz Fernando e José Eduardo Machado Marcondes.

A do grupo é de fevereiro de 1956, na Fazenda Marabô⁵⁴, em Matias Barbosa, MG, que era propriedade de um engenheiro, Renato Lira, irmão do general Lira Tavares⁵⁵, da junta de 1964. Ele foi colega de Pompeu na Faculdade. É curioso que ele fez uma sociedade com um camarada que era pequeno empreiteiro em São Paulo e precisava de um engenheiro. O sócio era o Sebastião Camargo⁵⁶ e a firma a empreiteira Camargo Corrêa. O Lira ganhou tanto dinheiro que resolveu aposentar. Bem mais tarde veio a suicidar. A Outra da foto parece, mas não estou certo se era a mulher dele, Alair Tavares. Eu sou o que segura o bezerro.

A última é também na Fazenda Marabô, o casal e eu. Não tenho ideia da razão pela qual meu irmão não está nas fotos, pois creio que ele estava na Marabô com a gente.

Cds sds LF”

Conversa por e-mail no dia 21 de março de 2021.

Figuras 25 e 26: Maria ao lado Pompeu, em Cambuquira, 1952. Maria sozinha na varanda do apartamento em que viviam em Copacabana. Acervo Familiar.

Figura 27: Sérgio Armando ao lado de Pompeu, na varanda do apartamento de Botafogo, 1949. Acervo Familiar.

Figura 28: Pompeu, Maria, Alair Tavares e Luiz Fernando na Fazenda Marabô, em 1956. Acervo Familiar.

Figura 29: Luiz Fernando, Maria e Pompeu, na Fazenda Marabô, 1956. Acervo Familiar.

⁵⁴Marabô é corruptela de Barabô, um dos nomes de Exu, como nos explica o professor Luiz Antonio Simas, em seu perfil na rede social *Twitter*: “A denominação vem de um canto famoso no Brasil e em Cuba :Ibarabô, agômojubá, Elegbara... (algo como “Eu homenageio e peço a proteção de Elegbara”)”. Como ouvimos dentro de terreiros e barracões, “nunca foi sorte, sempre foi Exú”: parece coincidência demais que a Fazenda em questão levasse o nome de um dos exús chefes de falange, atuantes na Umbanda, Candomblé e Quimbanda. A presença do orixá e seus “encarregados”, por assim dizer, está presente mesmo quando Jorge Amado se ausenta.

⁵⁵ Aurélio Lira Tavares foi general de exército brasileiro, membro da junta provisória que governou o Brasil durante 60 dias durante a ditadura militar, em 1969.

⁵⁶ Sebastião Camargo foi o fundador da famosa construtora Camargo Corrêa, responsável por obras como as de construção de Brasília, da hidrelétrica Usina Hidrelétrica Engenheiro Sousa Dias, a Usina de Jupuíá, no Rio Paraná e da Ponte Rio-Niterói, entre outras mais de mil obras.

2.30 ARQUIVO-HERANÇA: ABRINDO A MALA DE MARIA

Minha tese toma corpo enquanto recuperação da memória de uma mulher à frente de seu tempo, envolvida com a luta sufragista no Brasil, que se separou do primeiro marido, no fim da década de 1930, indo viver no Rio de Janeiro, cidade em que trabalhou numa das maiores revistas de literatura, a Revista Esfera. Uma mulher que viveu um romance com um dos maiores escritores da época, convivendo e compondo a cena carioca com outros tantos e tantas intelectuais referências; foi embora para a Argentina com Jorge Amado, separou-se dele por circunstâncias pessoais e políticas; lá conheceu seu futuro marido, Thomáz Pompeu Acióly Borges, o tradutor para a língua espanhola da biografia de Luís Carlos Prestes, produzida pelo escritor baiano; fez tudo isso enquanto servia de interlocutora entre os militantes brasileiros exilados às margens do Prata e os comunistas perseguidos no Brasil. Depois de retornar ao país, essa mulher ainda viveu em Ilha Grande com o marido e demais presos políticos, e, em seguida, ao voltar para o Rio de Janeiro, tornou-se uma das primeiras instrumentadoras cirúrgicas do Brasil.⁵⁷

Tudo isso se relaciona intimamente com a construção de Maria enquanto personagem, fosse do acervo Mala de Jorge Amado, da sua própria Mala ou do romance inédito. Assim, minha pesquisa exigiu uma reelaboração: o romance inacabado e, sob essa outra perspectiva, as cartas de Pompeu e Maria se complementariam como páginas do mesmo livro. Debrucei-me sobre o romance abandonado, inacabado, ideologicamente comunista, que seguia todos os preceitos do realismo socialista e que, literalmente, chamava o povo às armas. Com o aparecimento do segundo e importante arquivo, pude dar continuidade ao estudo de todas as mulheres, que opto chamar de Marias presentes nas memórias fragmentadas que me foram apresentadas.

Para esta reelaboração é fundamental desvelar os documentos de Maria juntamente com quem lê esta tese, como se, juntas e juntos, estivéssemos abrindo as pastas e folheando o arquivo, descobrindo e desvendando parte da história de Maria, Pompeu e Jorge, assim tratados na intimidade. Então, organizei os documentos por temáticas gerais que facilitassem a sua localização. Sendo assim, os documentos foram separados em cinco pastas intituladas: Pompeu e Maria, Textos de Jorge para Maria, Correspondências, Fotos, recortes e passagens e,

⁵⁷Segundo relato de seu filho mais velho, Luiz Fernando Cruz Marcondes.

finalmente, Pastas, onde estão as pastas de papel que originalmente guardavam os documentos. Estes foram acomodados em papel filifold, o mesmo material em que está acondicionado o Acervo Mala de Jorge Amado no nuLIME na UFSC. Grampos e cliques de papel foram retirados para evitar danos ao arquivo, mas foram armazenados em envelopes.

Pasta 01: Pompeu e Maria:

01 – 02: um fragmento de processo com sentença de absolvição de Pompeu por “crime de rebelião”, sem data

03 – 06: Página do jornal A Folha, de novembro e dezembro de 1986; destaca-se a matéria “Serpro perde um colaborador ilustre” abordando a morte de Pompeu e contando um pouco de sua biografia, abordando sua luta contra a ditadura estadonovista e seu trabalho posterior com reforma agrária, assim como sua volta ao Brasil após o exílio. Há uma foto de Pompeu e Maria na matéria.

07 – 08: Obituário de Pompeu no jornal O Globo, datado de 19 de setembro de 1986.

09 – 10: Recorte de jornal não identificado com os dizeres “Acióli Borges: Brasil perde personagem de sua história. No próximo número”. Sem data.

11 – 12: Obituário de Pompeu em jornal não identificado, datado de 19 de setembro de 1986.

13 – 14: Carta escrita por Luiz Fernando Cruz Marcondes ao então prefeito do Rio de Janeiro, Saturnino Braga, questionando o pedido de homenagem a Pompeu que não fora atendido: a nomeação de uma das ruas da cidade com o nome do engenheiro. Cito: “Poderia falar muito do Pompeu, Senhor Prefeito, pois tive a honra de ser criado por ele como seu filho, mas creio que o Dicionário Biográfico do CEPDOC é mais eloquente e mais isento”. Datada de 30 de junho de 1988.

15 – 16: Cópia sem recorte do documento 09 – 10. Panfleto de jornal não identificado com os dizeres “Acióli Borges: Brasil perde personagem de sua história. No próximo número”. Sem data.

17 – 18: Certidão de nascimento de Thomaz Pompeu de Accióly Borges, como grafado no documento. Documento datado de novembro de 1934.

19 -20: Certidão de óbito de Thomaz Pompeu de Accióly Borges. Datada de 30 de setembro de 1986.

Pasta 02 Textos literário de Jorge Amado para Maria Cruz:

21 – 22: Texto em verso datilografado chamado “Rimance do barco”, de autoria de Jorge Amado, possível de identificar pelo padrão de correções. O texto, com viés revolucionário, utiliza-se de uma interlocutora sempre chamada de “negra”, apelido de Jorge Amado para Maria, muito utilizado nas cartas e bilhetes pessoais do então casal.

23 – 24: Texto em prosa datilografado intitulado “Conversa do homem do caes com Yemanjá”, assinado por Jorge Amado. O texto se dirige a Yemanjá, mas fica claro se tratar de uma amante aqui simbolizada pela orixá. Yemanjá era, também, um dos apelidos frequentes de Jorge para Maria em grande parte de suas cartas e bilhetes. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1939.

25 – 28: Texto em prosa datilografado, sem nome, assinado por Jorge Amado. Nele, o narrador reflete sobre os mistérios da Bahia e, mais uma vez, fala de Yemanjá.

29 – 30: Texto em verso datilografado intitulado Pedido para a amada, assinado por Jorge Amado. Um dos versos, “Serei feliz como um morto” está, também, no romance inédito contido no Acervo Mala de Jorge Amado.

31 – 32: Texto em verso manuscrito intitulado “Por que me odeias hoje?”, assinado por Jorge Amado. Escrito num papel do cinema Alliança Starfilm. Rio de Janeiro, abril de 1941.

33 – 34: Texto em verso datilografado intitulado Poema do Natal de 1939, de autoria de Jorge Amado.

35 – 36: Texto em verso datilografado intitulado Não chores, de autoria de Jorge Amado. Nele, mais uma vez, o escritor conversa com uma mulher apelidada de “negra” e, desta vez, confirma ser Maria no verso “Lá vai Maria sorrindo, sorrindo com seu amor”. Rio de Janeiro, janeiro de 1941.

37 – 38: Texto em prosa datilografado intitulado Poema da nossa grande aventura, assinado por Jorge Amado.

39 – 40: Texto em verso datilografado intitulado Domingo de bairro, de autoria de Jorge Amado. Rio de Janeiro, março de 1941.

41 – 44: Texto em verso datilografado intitulado Rimance das três irmãs camponesas, de autoria de Jorge Amado. Há uma versão deste texto no Acervo Mala de Jorge Amado.

45 – 48: Texto em verso datilografado intitulado Rimance da amada do preso político que cumpre pena em Fernando de Noronha, de autoria de Jorge Amado.

49 – 52: Cópia do documento 23 – 24. Datado de 27 de novembro de 1939.

53 – 56: Texto em verso manuscrito intitulado Poema de Inaê, outro nome da orixá Iemanjá, outro dos apelidos frequentes de Jorge Amado para Maria Cruz.

57 – 58: Texto em verso manuscrito intitulado Visão do mar no teu corpo, de autoria de Jorge Amado. Datado de 19 de dezembro de 1939.

Pasta 03 Correspondências:

59 – 62: Envelope endereçado a D. Maria Torres Cruz, na rua 15 de novembro, 27. Paranaguá – Estado do Paraná, Brasil. Carta datilografada de Jorge Amado para Maria. Na correspondência, Jorge diz estar saudosos de Maria mas pede que esta permaneça em Paranaguá, com os filhos, e não retorne até que as coisas não estejam tão complicadas em Buenos Aires. Ele comenta sobre a publicação da biografia de Prestes, a livraria e a editora Problemas havia sido fechada pela polícia no dia 4 de fevereiro de 1942. Temendo complicações maiores, ele solicita que Maria permaneça longe da cidade portenha. Buenos Aires, 6 de fevereiro de 1942.

63 – 66: Envelope endereçado a D. Maria Torres Cruz, na rua 15 de novembro, 27. Paranaguá – Estado do Paraná, Brasil. Carta datilografada de Jorge Amado para Maria. O escritor dá notícias sobre o fechamento da livraria e editora Problemas, impossibilitando a publicação da biografia de Prestes. Comenta algumas possíveis soluções para o caso, cita Pompeu ao falar sobre a tradução do Cavaleiro da Esperança. Buenos Aires, 13 de fevereiro de 1942.

67 – 68: Envelope manuscrito enviado da Argentina para o Brasil, de Jorge Amado para Maria Torres Cruz, na rua 15 de novembro, 27. Paranaguá – Estado do Paraná, Brasil.

69 – 72: Envelope datilografado enviado da Argentina para o Brasil, de Jorge Amado para Maria Torres Cruz, na rua 15 de novembro, 27. Paranaguá – Estado do Paraná, Brasil.

Carta datilografada, Jorge chama Maria de “Negra” e conta a ela as novidades sobre a publicação da biografia de Prestes. Reclama de não receber carta dela e diz estar mandando uma besteira para os filhos e para ela. Sem data.

73 – 76: Envelope datilografado enviado da Argentina para o Brasil, de Jorge Amado para Maria Torres Cruz, na rua 15 de novembro, 27. Paranaguá – Estado do Paraná, Brasil. Carta datilografada, Jorge escreve novamente pedindo notícias de Maria, já aflito e cogitando que ela esteja doente ou brava consigo. Sem data.

77 – 78: Carta datilografada de Jorge Amado para Maria Torres Cruz. Jorge a chama de “Mulata” e conta a ela sobre a escrita de um romance: “Mas vou dizer uma coisa que vae alegrar teu coraçãozinho: o romance vae andando maravilhosamente. Estou conseguindo um material formidável, v. vae ficar abafada. Aqui acabaram os cabarets, pode ficar descançada. Estou dormindo cedo, acordando cedo, conversando, conversando, conversando, com coronéis, gene velha, antiga que sabe de tudo daqui. Material riquíssimo. Vae ser um romance batuta. Se não fosse a saudade de você, negra...”. Ilhéus, 11 de setembro de 1940.

79 – 83: Envelope e bilhete manuscritos, endereçado a D. Maria Torres Cruz. Nele, lê-se: “Tenho te visto tão pouco! Mas te amo cada vez mais”. 2 de agosto de 1940.

84 – 87: Envelope e bilhete manuscritos, endereçado a Maria J. Cruz, Edifício do Liceu Literário Portuguez, 7º andar – sala 708. No bilhete lê-se: “Do seu mais humilde admirador”. 3 de dezembro de 1939.

88 – 89: Bilhete com desenho a lápis de uma casa. Atrás, lê-se: “Essa é a casa em que a negra nasceu em Paranaguá”.

90 – 91: Bilhete manuscrito a caneta num papel da Revista Esfera: “Negra, você não tem sido minha amiga estes dias. Zangado. Negro”. 17 de março de 1940.

92 – 93: Bilhete manuscrito a lápis num papel da Revista Esfera: “Maria, boa tarde, Caso v. venha antes de 12 horas (meio dia) e caso queira me prestar um favor, lhe ficarei muito grato se v. disser ao Rubem Braga (que virá aqui ao meio dia) que me espere um pouco, pois vou chegar atrasado. Muito grato, Jorge Amado. PS: outro obséquio (com que direito a incomodo tanto?): Helio Dino deve deixar um dinheiro meu em suas mãos.

94 – 95: Bilhete manuscrito a lápis num papel da Revista Esfera: “Maria, logo que v. chegue me telefone para “Diretrizes.” Jorge Amado”.

96 – 97: Bilhete manuscrito a lápis num papel da Revista Esfera: “Negra, não te espero mais porque tenho que chegar cedo em casa para trabalhar. Amanhã virei cedo. Foste ao médico? Um beijo do teu, Negro”.

98 – 99: Bilhete manuscrito a caneta em papel de carta: “Negra: Como foste passear fico impossibilitado de te explicar pessoalmente o motivo que me leva a ir mais cedo hoje. Sem te espera para levar-te ao bonde. Amanhã explicarei. Ia também ficar triste por não ter te visto, mas agora te vi e não fico mais triste. Até amanhã, Jorge Amado”.

100 -101: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria, ele no Rio de Janeiro e ela em Paranaguá: “CHEGUEI BEM IMPOSSÍVEL IR PARANAH AGORA PT VOLTE PT TELEGRAFE NAVIO PARA DIRETRIZES SAUDADES = JORGE=”. 30 de setembro de 1940.

102 – 103: Bilhete manuscrito a lápis: “Maria: aqui estive duas vezes (às 8 horas e às 9 ½). Voltarei depois com tempo. Bom dia, Jorge.”

104 – 105: Bilhete manuscrito a caneta: “Maria: Aí vae máquina, papel, (ilegível). Passarei aí daqui a pouco. Não saia. Saudades. Jorge. 4 de dezembro de 1939.

106 – 107: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria, ele em Ilhéus e ela em Paranaguá: “DEVIDO MAU TEMPO SIGO AVIÃO 28 SABADO PT PROXIMA SEMANA.. EMBARCAREI PARANAH CONVERSAR PLACIDO BUSCAR VOCE SAUDADES JORGE =. 26 de setembro de 1940.

108 – 109: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria, ele no Rio de Janeiro e ela em Paranaguá: = ESPERO NOTICIAS ABRACOS JORGE =. 4 de outubro de 1940.

110 – 111: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria, ele no Rio de Janeiro e ela em Paranaguá: VENHA ITAGIBA SAUDADES JORGE. 06 de outubro de 1940.

112 – 113: Bilhete manuscrito a caneta: “Maria: Estou em “Diretrizes”. Me telefone assim que chegue. Jorge.”

114 – 115: Bilhete manuscrito a caneta numa folha da Revista Dom Casmurro: “M. bom dia, Impossível ir aí agora 10h! banquete, oh! Banquete assassino!). Só poderei ir às 3 horas. Saudosíssimo, Jorge”.

116 – 117: Bilhete manuscrito a lápis: “Negrinha: não fiques triste. Tu bem sabes quanto eu te amo e quanto tua alegria me é necessária. Um, dois, três, mil, dois mil beijos. Jorge”. 26 de maio de 1940.

118 – 119: Bilhete manuscrito a caneta: “recado das 11 horas 40 m. Maria: Chegando me telefone para “Diretrizes”. Jorge”.

120 – 121: Papel manuscrito a caneta com assinatura de Jorge Amado.

122 – 125: Envelope e bilhete manuscritos a lápis para Maria José: “Dona Maria: boa noite, a senhora se, por acaso, voltando antes das 7 horas quer me telefonar para “Diretrizes”? Jorge. PS: Por que demoras sabendo que eu fico preocupado? Jorge”.

126 – 127: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria, ele em Ilhéus e ela em Paranaguá: = SIGO QUINTA 26 PONTO EMBARQUE RIO LOGO DEPOIS 26 PT ESCREVI HOJE AVIAO PT IMENSAS SAUDADES TUAS NEGRA QUERIDA JORGE =. 20 de setembro de 1940.

128 – 129: Bilhete manuscrito escrito a lápis, de Jorge para Maria: “Negra: São 7h15 e eu tenho que ir (acredite que eu tenho necessidade) ver o Carlos, motivo porque não posso lhe esperar mais. Que fizeste este tempo todo? Negro. 18 de julho de 1940”.

130 – 133: Envelope da Revista Esfera manuscrito a lápis endereçado a “Dona Maria Torres Cruz – a passeiadeira. Bilhete manuscrito escrito a caneta, de Jorge para Maria: Negra: Cheguei aqui, encontrei esse recado junto para você. Vai logo. Eu também vou sair pois Samuel acaba de me telefonar chamando um (ilegível). Afinal que hábito é este de ficar na Rua depois das 4 horas até uma hora qualquer? Já não estou gostando. Desejo que v. encontre o Sérgio já sem nada. Um beijo. Jorge. 19 de julho de 1940.

134 – 137: Envelope do telégrafo nacional e telegrama Jorge para Maria, ele em Botucatu e ela no Rio de Janeiro: “ESTOU FASENDA SAUDOSO CHEGAREI AHI ESTA SEMANA EXPLICAREI MOTIVOS DEMORA PT QUEIRA BEM TENHA PASCICENCIA COM INGRATO JORGE = = = = =”

138 – 141: Envelope da Revista Esfera manuscrito a lápis endereçado a “Dona Maria Torres Cruz”. Bilhete manuscrito escrito a lápis, de Jorge para Maria: “Maria, cedo lhe telefonei para que v. fosse me encontrar, v. não estava. Passei aqui, não lhe encontrei, esperei, v. não chegou. Infelizmente não pude esperar mais. Jorge.”

142 – 145: Envelope do Dom Casmurro manuscrito a caneta endereçado a D. Maria José, Edifício Colombo, 8º andar – sala 807. Bilhete manuscrito a caneta: Maria: boa tarde, Quero enviar o conto do Afonso? Saudades, Jorge”.

146 – 147: Uma folha com vários nomes manuscritos em lápis de cor: Maria Torres Amado, Maria Cruz Amado, Maria José Amado, Maria Torres Jorge Amado, Maria Jorge Amado.

148 – 151: Envelope da Revista Esfera manuscrito a lápis endereçado a “Dona Maria Torres”. Bilhete manuscrito a lápis no papel da Revista Esfera: “Maria, Te esperei até 6 horas, saí, antes de v. chegar, porque estou muito gripado e não quero pegar sereno. Onde andavas? Jorge”.

152 – 155: Envelope do Hotel Internacional, em Tucuman, na Argentina, manuscrito a caneta: Para D. Maria Amado, favor de Córdoba Iturburu, Buenos Aires. Correspondência datilografada, de Jorge Amado para Maria Cruz. Na carta, Jorge avisa que ficará mais dois dias sem vê-la pois irá diretamente do Congresso em Tucuman para Salta. Maria, por sua vez, estava hospedada na casa de Cayetano Córdoba Iturburu, intelectual argentino membro do Partido Comunista e casado com Carmen de la Serna de la Llosa, também parte do Partido, irmã mais velha e responsável pela criação de Celia de la Serna, mãe de Che Guevara.

156 – 159: Envelope manuscrito: D. Maria Torres Cruz, Empresa de Publicidade Ltda, Edifício Colombo, 8º – sala 806. 38, Beco Manuel de Carvalho – 38 e correspondência manuscrita a caneta, de Jorge Amado. Jorge avisa que se atrasará dois dias para voltar para o Rio de Janeiro. São Paulo, 1 de julho de 1940.

160 – 165: Envelope manuscrito: D. Maria Torres Cruz, EPL – Edifício Colombo, 8º andar, s. 800. Beco Manuel de Carvalho – 38, Rio de Janeiro e correspondência manuscrita a caneta, de Jorge Amado. Na carta, Jorge avisa que chegou e volta a São Paulo e logo retornará para o Rio de Janeiro junto de Herculano. São Paulo, 12 de julho de 1940.

166 – 169: Envelope datilografado endereçado a Ivan Martins, favor de Sisson e correspondência datilografada, de Jorge Amado. Na carta, Jorge dá notícias sobre a tradução e edição da biografia de Prestes e pede a Ivan que hospede Maria em sua casa enquanto esta estiver em terras gaúchas antes de ir para Paranaguá visitar a família. Buenos Aires, 23 de janeiro de 1942.

170 – 172: Envelope do Jornal Dom Casmurro manuscrito e endereçado a Maria José e bilhete manuscrito: Maria, Diga que vae almoçar em casa e venha almoçar comigo, vou te buscar. Teu, Jorge. PS: Esta pulseira é para fazer duo com o teu clips. Jorge. 29 de novembro de 1939.

173 – 176: Envelope do jornal Dom Casmurro manuscrito, endereçado a D. Yemanjá, um dos apelidos de Jorge para Maria, e bilhete manuscrito no papel do jornal: Maria: Por aí daqui a pouco, Yemanjá. Estou apenas esperando o Caymmi que está vindo para aqui. Abençoe, Inaê, quem te quer bem. Jorge”. Primeiro de dezembro de 1939.

177 – 180: Envelope datilografado: “D. Maria Torres Cruz, 27 – Rua 15 de Novembro – 27. Paranaguá – Estado do Paraná”. Correspondência datilografada, de Jorge Amado, dizendo estar saudoso e mandando beijos para Maria e seus filhos. O escritor estava no povoado de Pirangy, atual cidade de Itajuípe. 13 de setembro de 1940.

181 – 182: Telegrama enviado de Jorge Amado para Maria, ele no Rio de Janeiro e ela em Paranaguá: SAUDOSO PT ESPERE RESTABELECIMENTO CRENÇAS POIS EMBARCO 15 SÃO PAULO CASAMENTO TEREZA MALTA PT ESCREVO AVIAO = JORGE. 15 de novembro de 1940.

183 – 186: Envelope da Revista Esfera manuscrito: “D. Maria Torres Cruz, E/m”. Bilhete manuscrito a lápis: “D. Maria: bom dia. Almoçaste? Eu vou fazê-lo em casa do Samuel. Peço-te um favor: telefona para o Dias, até encontrá-lo, dizendo que eu preciso falar com ele hoje, sem falta. Marque com ele. Estarei aqui depois do almoço. Um beijo do Negro.”

187 – 190: Envelope datilografado: “D. Maria Torres Cruz, 27 – Rua 15 de novembro – 27. Paranaguá. Estado do Paraná”. Correspondência datilografada, de Jorge Amado. O escritor avisa que demorará a voltar ao Rio de Janeiro por ocasião do aniversário de seu pai, Jorge comenta sobre a escrita do ABC de Castro Alves e avisa que enviará junto um recorte de jornal que fala sobre sua estadia em Ilhéus. Ilhéus, 20 de setembro de 1940.

191 – 192: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria, ele no Rio de Janeiro e ela em Paranaguá: “ESCREVI SEMANA PASSADA HOJE NOVAMENTE PONTO PREFIXO VOCE SIGA FIM MEZ DIRETO BAIA ACOMPANHAR COMIGO FILMAGEM MAR MORTO PONTO CASO PENSE CONTRARIO VENHA PONTO CRISE MOMENTO ABSOLUTA PT TODAS SAUDADES TODO AMOR - - JORGE”. 18 de outubro de 1940.

193 – 194: Envelope do jornal Dom Casmurro manuscrito endereçado a Maria.

195 – 198: Envelope da Revista Esfera manuscrito e endereçado a Maria Torres Cruz. Bilhete manuscrito a caneta: “Maria, Lembre-me amanhã às 11 ½ da manhã para eu ir buscar Caymmi para almoçar. Jorge”.

199 – 200: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria, ele em Ilhéus, ela em Paranaguá: “OUVINDO VELHAS HISTORIAS BEBENDO AGUA DE COCO ENTUSIASMADO ROMANCE MUITAS SAUDADES NEYNA QUERIDA PT ESCREVO AVIAO CONDOR JORGE =”. 10 de setembro de 1940.

201 – 202: Correspondência manuscrita a caneta, de Jorge Amado para Maria Cruz. O escritor fala da viagem que faria à Bahia para as gravações de Mar Morto e comenta que levará Maria para lá em novembro. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1940.

203 – 206: Envelope da Revista Esfera manuscrito: Dona Maria Torres Cruz, Em mão. Bilhete manuscrito a caneta no papel da Revista Esfera: “Dona Maria, Peça-lhe o obséquo de telefonar para mim amanhã às 11 horas da manhã para o Dom Casmurro”.

207 – 210: Envelope do jornal Dom Casmurro manuscrito endereçado a Maria José. Bilhete manuscrito a lápis no papel do jornal: “Negra: Vou daqui a pouco aí. Teu, J.”. Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1939.

211 – 216: Cartão manuscrito a caneta de Jorge Amado para Maria Cruz. A capa traz uma ilustração da China. Jorge fala sobre a diferença de encontrar uma companheira e uma esposa ou amante, fazendo uma descrição dos conceitos que muito se aproxima do conceito de amor camarada de Alexandra Kollontai. 2 de janeiro de 1940.

Pasta 04 Fotos, recortes de jornal e imagens

217 – 218: Foto de Jorge Amado em sépia. Jorge, muito jovem, está encarando a câmera, sentado numa mesa com papéis e numa das mãos segura um cigarro. A foto está colada por uma das pontas num papel firme creme.

219 – 221: Fotos em preto em branco de uma mesma conferência. Entre os participantes, Jorge e Maria estão sentados, lado a lado. Cada foto mostra um ângulo diferente. Na foto também está Max Dickmann, escritor argentino, presente também no Acervo Mala de Jorge Amado.

222 – 223: Cartão postal com foto em preto e branco de Jorge e Maria caminhando nas ruas de Buenos Aires, por volta de 1941. Os dois usam roupas de inverno.

224 – 225: Recorte do jornal Noticias gráficas, de sábado, 28 de junho de 1941. Na nota, uma foto de Jorge Amado, Maria e o escritor C. Di Vruno: “El escritor brasileño y su Esposa. Jorge Amado está em Buenos Aires. El novelista brasileño de prestigio continental, autor de “Jubiabá”, “Mar Muerto” y “Cacao” visito esta tarde la redacción de NOTICIAS GRAFICAS acompañado por su esposa y el escritor C. Di Vruno, en cuya compañía aparece”.

226 – 231: Cartões de passagem aérea da Varig nos nomes de Jorge Amado e Maria Marcondes. Saindo de Porto Alegre e indo para Jaguarão, de onde saíam os voos para Buenos Aires. 18 de junho de 1941.

232 – 299: Periódico Vamos ler, do Rio de Janeiro, 13 de março de 1941. Na capa, várias pinturas de Carlos Scliar, incluindo uma de Maria e outra de Jorge Amado.

300: Papel plástico da Floricultura Avenida, na Av. Rio Branco, 159, Rio de Janeiro. Provavelmente dentro do plástico estava um cartão.

Pasta 05 Outras coisas não relacionadas a Maria

301 – 320: Rascunho datilografado de o ABC de Castro Alves, com correções, e primeiras páginas da publicação no periódico Diretrizes. 1940.

321 – 324: Rascunho manuscrito a caneta, com correções, da canção “É doce morrer no mar”, de Jorge Amado e Dorival Caymmi, baseada na obra do escritor baiano, Mar Morto, publicado em 1936.

325 – 330: Envelope manuscrito endereçado a Maria J. Torres e um convite para o “Banquete de Confraternização Intelectual oferecido pelo jornal Dom Casmurro, no ano de centenário de Machado de Assis, aos ficcionistas brasileiros de 1939”. O convite, feito à Maria, diz: “DOM CASMURRO tem a honra de convidar V. Excia. Para esse banquete, que se realizará no “Casino da Urca”, no dia 14 de fevereiro do corrente mês, às 21 ½ horas, agradecendo, antecipadamente, o apoio de V. Excia. trará à classe intelectual com a vossa presença. Por DOM CASMURRO. Jorge Amado (assinatura)”.

331 – 332: Folha das Ediciones Imán, de Buenos Aires com um telefone: Benjamin de (ilegível)
U.T. – 35 – 2288

333 – 336: Recorte de jornal de Ilhéus listando todas as homenagens feitas a Jorge Amado durante sua estadia na cidade no ano de 1940. Este documento é citado na correspondência número 187 – 180.

337 – 338: Recorte de jornal com fragmentos de textos de Jorge Amado do livro “A Estrada do mar”. Um dos textos está no arquivo como rascunho e endereçado a Maria.

339 -340: Recorte de jornal com o conto A Volta, de Jorge Amado. Na história, um homem está saudoso de Maria. Texto publicado na Revista Esfera, volume 1.

341 – 350: Texto datilografado em espanhol, El nuevo imortal, de Jorge Amado. Aborda a candidatura de Getúlio Vargas para a Academia Brasileira de Letras.

351 – 352: Texto manuscrito a caneta, conteúdo idêntico ao documento 25 – 28.

353 – 1007: Rascunhos datilografados do ABC de Castro Alves, com correções e anotações a lápis e caneta.

1008 – 1009: Papel firme de cor creme com marca de uma foto, que foi arrancada. Uma dedicatória manuscrita a caneta está localizada no canto direito da folha: “Para Maria – fonte de toda a poesia – Jorge Amado. Rio, 938”.

1010 – 1013: Pastas de papelão que guardavam os documentos do arquivo e um envelope com os dizeres “Para a Professora Thalita, em mãos”, enviado por Luiz Fernando para mim com fotos que este encontrou em casa. Uma das pastas está grafada com “Jorge Amado” com uma letra que muito lembra a do próprio escritor.

2.4 REVIRAVOLTAS NA NARRATIVA

O real não está na saída nem na chegada; ele dispõe para a gente é no meio da travessia.

Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

Jorge Amado tornou-se, além de escritor, um arquivista. Deixou organizado tudo aquilo que desejava que se transformasse em memória material, sua e da obra. Um acervo consciente

e volumoso⁵⁸, que se divide entre a Fundação Casa de Jorge Amado e a Casa do Rio Vermelho, ambas significativamente com assentamentos de Exú em seus portões: *Se for de paz, pode entrar*. Pensando melhor, corrijo-me: Jorge Amado não se tornou um arquivista no que se entende na tradição, mas arquivou porque tinha consciência de que todo arquivo suscita narrativas, exige fabulações. Que outro jeito melhor de manter certo controle sobre a história contada do que deixando uma trilha a ser seguida, como um roteiro que amarra as pontas do enredo e da vida? Mas, para além do acervo em que a narrativa foi criada pelo próprio escritor e sob a proteção do orixá e sua falange⁵⁹, reverberaram nas encruzilhadas⁶⁰ outros pedaços de si, narrativas não desenhadas com o próprio punho: o Acervo Mala de Jorge Amado e, agora, sem o seu controle e seu esquecimento o Arquivo-herança de Maria Cruz, bagagens repletas de vivências políticas, literárias e, fundamentalmente, afetivas.

Desde 2012, quando abrimos o arquivo de aço que guardava, com espanto e admiração a Mala⁶¹ do escritor, venho trabalhando com as entrelinhas e os espaços potenciais que nos proporciona o contato com um arquivo. Escolhi seguir por outro caminho quando finalizei meu mestrado, trocando de linha de pesquisa no doutorado e logo me vi enredada na criação de pequenos arquivos, construindo enredos a partir de fragmentos memorialísticos, buscando pistas como se fosse detetive: assim como Jorge Amado, acredito ter me tornado uma arquivista incorrigível: me parece que tudo só adquire real sentido a partir dos engendramentos da memória. Talvez, como o escritor baiano, seja meu lado escritora que se sobressaia, e não o arquivista: procurando narrativas possíveis nos respingos memorialísticos dos arquivos materiais com que entrei em contato desde a minha graduação no Curso de Letras da UFSC.

⁵⁸ A Fundação Casa de Jorge Amado tem em seu acervo mais de 250 mil documentos acondicionados no casarão situado no Pelourinho, em Salvador, Bahia.

⁵⁹ Jorge Amado era candomblecista, filho de um dos terreiros mais tradicionais da Bahia, o Ilê Axé Opó Afonjá. Sua literatura também esteve significativamente marcada pelo axé; sendo eu, também, parte de uma religião com origens afro-brasileiras, a Umbanda, que muito traz do Candomblé em si, acredito que pude enxergar alguns pontos cruciais destas marcas. Além disso, a reflexão teórica sobre a macumba enquanto perspectiva de mundo, não apenas religião, é uma forma de descolonizar o pensamento. Como nos disse Luiz Antônio Simas, “decolonial não é a anulação do pensamento do ocidente em nome de um pensar outro. Decolonial é reler sabenças, encontrar, encruzilhar, encantar o que padece de desencanto, produzir afetos cruzados, temperar o tempo. Não é eu ou outro, mas é EU E O OUTRO”.

⁶⁰ “A encruzilhada, afinal, é o lugar das incertezas, das veredas e do espanto de se perceber que viver pressupõe o risco das escolhas. Para onde caminhar? A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio.” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 23 – 24)

⁶¹ Sobre o nome dado ao acervo, cito: “O próprio autor pouco falava desses dois anos, silenciara sobre essa fase de sua vida, esse vazio, essa lacuna se justificam pela história contida numa “mala”, imagem que melhor representa a nossa pesquisa, por que no ato da doação assim foi a expressão usada.” (RAMOS, 2012, p. 158)

Dito isso, de um arquivo, passei a três. Escolhi entre 1543 páginas de documentos que se constituíram enquanto memória material para trabalhar as questões centrais de minha tese: além do Acervo que chamamos de Mala de Jorge Amado, presente no nuLIME, um outro arquivo se ramificou, reunindo informações em acesso aberto, semiaberto e depoimentos de familiares sobre pessoas/personagens importantes no Arquivo catalogado e já transformado em dissertações e teses por pesquisadoras do nuLIME⁶². Quando dois arquivos pareciam suficientes, um terceiro surgiu: os documentos de Maria Torres Cruz, companheira de Jorge Amado durante o exílio na Argentina.⁶³

A rota de fuga que eu havia escolhido para não trabalhar mais com a materialidade física de arquivos, trajetória já feita como trabalhos finais de graduação e Mestrado se mostrou uma armadilha e, mais uma vez, me deparei com um arquivo para ser desvendado, lido, organizado, enumerado, catalogado e num necessário e urgente diálogo possível com todas as nossas hipóteses de pesquisas anteriores. Ainda mais espantoso do que o aparecimento dos documentos de Maria Cruz, personagem fulcral no enredo possível das pesquisas anteriores foi, para mim, o momento em que tomei consciência de que minhas pesquisas anteriores com catalogação não tinham realmente tido um fim. Quando fiz meu projeto de doutorado, escolhi como eixo central o que para mim era o elemento mais valioso da Mala: um romance inédito e acabado presente em duas versões entre os documentos catalogados. Contudo, os arquivos são narrativas abertas e possíveis. Além disso, foi muito mais fácil compreender tudo quando reencontrei a necessidade de ser arquivista – e escritora. O inesperado, o imprevisto, o urgente, outro acaso devolveram a necessidade de voltar para páginas amareladas e investir meu conhecimento anterior também em novos enigmas, desvendar caligrafias.

⁶²*A Mala de Jorge Amado – 1941 – 1942*, Trabalho de conclusão de curso defendido em 2013, de Thalita da Silva Coelho; *Jorge Amado e a renúncia biográfica – 1941 – 1942*, Trabalho de conclusão de curso defendido em 2015, de Marina Siqueira Drey; *O (in)visível no Acervo Jorge Amado*, Trabalho de conclusão de curso defendido em 2016, de Ailê Vieira Gonçalves; *Enlaces: memória e subjetividade no acervo Jorge Amado*, dissertação de mestrado defendida em 2015, de Roberta Martins; *O cavaleiro biografado e outros ecos*, dissertação de mestrado defendida em 2016, de Nicola Gonzaga; *Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado 1941 - 1942*, dissertação de mestrado defendida em 2016, de Thalita da Silva Coelho; *“Não fiz anotações, morrem comigo”: o arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado*, dissertação de mestrado defendida em 2017, de Marina Siqueira Drey; *A Mala de Jorge Amado revelada por imagens*, dissertação de mestrado defendida em 2019, de Ailê Vieira Gonçalves; *Da leitura literária e suas invisibilidades: o lugar de Jorge Amado*, tese de doutorado defendida em 2019, de Rosane Hart.

⁶³Após busca incessante entrei em contato com a família de Maria Cruz e Pompeu Borges. Os familiares foram atualizados sobre as pesquisas e o Acervo Mala de Jorge Amado. Depois de algum tempo de trocas, me foram oferecidos, por seu filho mais velho, Luiz Fernando Cruz Marcondes, os documentos que compõem este novo arquivo.

O novo arquivo com os documentos de Maria veio cheio de pistas: 1013 páginas que exigiam um olhar cuidadoso e que trariam importantes biografemas⁶⁴ para a obra e biografia do escritor baiano e, especialmente, para a narrativa do próprio Acervo Mala de Jorge Amado: seria impossível não pesquisar estas novas descobertas. Tomada a decisão de focar a tese no diálogo entre os arquivos e nas lacunas que esta nova documentação preenchia, fazendo, também, um resgate histórico da figura de Maria Cruz, foi hora de teorizar e construir novas fabulações.

Uma das certezas de nossas análises da documentação de Jorge Amado nestes dois anos 1941-1942 era que sem a criação de narrativas era impossível entender as redes ali construídas: a história não existe por si só, mas através do imaginário construído por quem a conta. Para guiar a criação de um fio condutor que entrelace os dois arquivos, temos agora os valiosos testemunhos da herdeira e dos herdeiros: Professora Leonor Scliar Cabral, filha de Rosa, militante comunista que foi guardiã da Mala de Jorge Amado até os anos 90; e Luiz Fernando Cruz Marcondes, filho mais velho de Maria Cruz Borges e Pompeu Borges que, após a morte de sua mãe, encontrou, o que descreve como sacola de documentos, em um armário do escritório do pai. Coincidentemente, os testemunhos de ambos vêm de um momento em que as percepções são repletas de fábulas: Leonor e Luiz Fernando, praticamente com a mesma idade, rememoram a infância e a juventude ao lado de suas respectivas mães para falar das personagens que possibilitaram a existência dos arquivos.

Foi assim que a fábula ganhou espaço em minha pesquisa: lembranças, testemunhos, registros oficiais e não oficiais, a memória enquanto literatura, a literatura enquanto memória. Foi preciso fabular a partir da realidade de um fora:

A narrativa é o movimento para um ponto, não apenas desconhecido, ignorado, estranho, mas tal que parece não ter, antecipadamente e fora desse movimento, qualquer espécie de realidade, e tão imperioso no entanto que só ele atrai a narrativa, de modo que esta nem sequer pode “começar” antes de o ter atingido, e no entanto apenas a narrativa e o movimento imprevisível da narrativa fornecem o espaço onde o ponto se torna real, poderoso e atraente. (BLANCHOT, 1987, p. 14)

⁶⁴Segundo Costa, “A noção de biografema, proposta por Roland Barthes, é uma potente estratégia para se pensar a escritura de vida aberta à criação de novas possibilidades de se dizer e, principalmente, de se viver uma vida. O surgimento do biografema acompanha uma mudança de abordagem em relação às próprias vidas biografadas, acarretando num novo tratamento biográfico por parte das disciplinas. Trata-se de outra postura de leitura, de seleção e de valorização de signos de vida. Ao invés de percorrer as grandes linhas da historiografia, a prática biografemática volta-se para o detalhe, para a potência daquilo que é ínfimo numa vida, para suas imprecisões e insignificâncias.” (2010, p. 4)

Os sujeitos dos arquivos aqui trabalhados foram reais, almas corporificadas, contudo, são também personagens etéreos, versões de si mesmos nesse outro, como diria Blanchot. As memórias funcionam como rastros na criação narrativa, reinventando os protagonistas: “Compete à função fabuladora inventar um povo. Não se escreve com as próprias lembranças, ao menos que delas se faça a origem ou a destinação coletiva de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e renegações” (LEVY, 2011, p. 47). É impossível contar a história dessa documentação sem a linguagem ficcional que está longe do desejo de representar a realidade, mas almeja criar um outro mundo, não no intuito de imitar o real, mas de realizá-lo:

Quando se fala da relação com o fora, não se fala de um mundo que se encontra além ou aquém do nosso. Fala-se precisamente deste mundo, mas desdobrando em sua outra versão. Tudo se passa como se na literatura o espaço, o tempo e a linguagem se constituíssem num devir-imagem, em que o mundo se encontra desvirado, refletido. Não se trata pois de um outro mundo evocado pela literatura, mas do outro de todos os mundos: o deserto, o espaço do exílio e da errância, o fora. (LEVY, 2011, posição 230)

Enquanto experiência, o fora de Blanchot repensa questões centrais para a literatura e que, até aquele momento, início do século XX, permaneciam mais ou menos intocadas: autor, linguagem, experiência, realidade e pensamento. Com o contato com escritores como Kafka e Mallarmé, o crítico francês defende a autonomia da palavra literária em se tornar fundadora da sua própria realidade, indo de encontro a ideia da literatura como meio de chegar ao mundo exterior e ali se envolver. Para ele, assim como para Audre Lorde funciona com a poesia, a literatura é capaz de tornar real aquilo que nomeia.

O fora, conceito de Blanchot, conversa com os efeitos dos trabalhos nas encruzadas: A literatura não é uma descrição do mundo, mas possibilita que vivenciemos o *outro* do mundo, assim como a “encruzilhada é o tempo e espaço onde se desferem os contragolpes do homem comum. Lá se joga o punhal de ponta para cima, para que o mesmo caia de ponta para baixo.” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 20). É no fora, no espaço da encruzilhada que se desdobram realidades outras, baseadas no irrealizável, são mundos de encantamentos, de narrativas, da possibilidade daquilo que é impossível. Em *O livro por vir*, uma das obras mais icônicas de Blanchot, ele reflete sobre o deserto como “um espaço sem lugar e um tempo sem engendramento” (BLANCHOT, 1984, p. 88), onde se pode caminhar sem passado, presente ou

futuro, ou seja, estar no fora. São os espaços de exílio, como aqueles em que o sujeitos do arquivo estavam, onde se está e não se permanece porque estar lá é estar fora:

A palavra literária, assim como a palavra profética, impõe-se de fora, ou melhor, constitui o próprio fora: ela ocupa todo o espaço e é essencialmente não fixa. O deserto como imagem do fora não é simplesmente o inacessível, mas o sem acesso. O espaço literário é o exílio fora da terra prometida, no deserto, onde erra o exilado. A errância é a característica de um espaço móvel, onde nada se fixa: o espaço da escrita. (...) Experimentar o fora é, pois, fazer-se um errante, um exilado que se deixa levar pelo imprevisível de um espaço sem lugar, pelo inesperado de uma palavra que não começou, de um livro que está ainda e sempre por vir (LEVY, 2011, posição 343).

Esse espaço do interdito, exilado, do fora, é também o espaço de Exu. Não foi à toa que Jorge Amado escolheu o orixá como patrono protetor de suas duas casas. Exu é aquele que rege os caminhos, que torce o tempo, que controla a comunicação, as palavras; logo, acredito que também a literatura, ao menos nos moldes de Blanchot, seja do reino de Exu⁶⁵.

Dito isso, não intento definir e narrar a realidade, pois ela não pertence a nenhum discurso. Não desejo montar uma linha do tempo, seja da vida ou da obra, que verse com exatidão sobre as relações de Jorge Amado, Maria Cruz e Pompeu Borges. Ainda que meus interlocutores sejam testemunhas do real, familiares, amigos, conhecidos, peço a eles licença para contar, a partir dos fragmentos que me entregaram, uma narrativa de encruzilhada, do fora, do outro de todos os mundos, do deserto, buscando “uma experiência que, ilusória ou não, aparece como meio de descoberta e de um esforço, não para expressar o que sabemos, mas para sentir o que não sabemos” (BLANCHOT, 1997, p. 82), na tentativa de, a exemplo do que faz Exu, tão respeitado pelo escritor, ao receber as oferendas: comer, absorver o axé presente no alimento, cuspir uma coisa outra, restituir a energia, agora, transmutada.

⁶⁵No prefácio do livro “Um Exu em Nova York”, de Cidinha da Silva, Wanderson Flor do Nascimento, professor de Filosofia na UnB desvela: Andarilho, mensageiro, comunicador, afeito à política. Senhor das contradições e dos caminhos, Exu anda com as palavras, anda nas palavras, anda pelas palavras, anda as palavras. Por viver (n)as palavras, como vive (n)as encruzilhadas, (n)os caminhos, Exu as tem como ferramentas para fazer mundos, encontros, memórias. A memória não é só feita de imagens, ela é erigida em palavras, que se modificam e modificam quem as ouve, quem as lê, quem as escreve. (NASCIMENTO, 2019, p. 11)

2.5 TRAJETOS

Uma das fontes que possibilitou a leitura da relação de Jorge e Maria foi a leitura de suas correspondências, ou seja, do registro de momentos em que estavam separados – fosse por uma distância de 550 metros, entre o Edifício Colombo e a redação de Dom Casmurro, ou 2056 km que separam Ilhéus de Paranaguá. As cartas, mensagens e bilhetes são todos datados entre 1939 e 1942, enviadas por Jorge Amado para Maria Cruz, não havendo nenhuma cópia de correspondência escrita por ela. Os bilhetes são, em sua grande maioria, de 1939 até 1940, período em que trabalhavam na região central do Rio de Janeiro, a alguns minutos de distância um do outro, conforme mapas da geografia da cidade na época. O escritor, segundo seus próprios registros, por vezes trabalhava na Rua do Passeio, no prédio da Revista Dom Casmurro; em outras ocasiões se encontrava na Rua Senador Dantas, ali perto, num dos prédios da Revista Diretrizes, dirigida por seu amigo Samuel Wainer. Maria, por sua vez, trabalhava na Revista Esfera, de sua amiga Sylvia Chalreo⁶⁶, periódico de que Jorge Amado também era colaborador e que se localizava no famoso Edifício Colombo, que viria a desabar no ano de 2012. Deste período, há também algumas cartas documentando as viagens de Jorge Amado para São Paulo e Bahia, assim como as viagens de Maria para o estado do Paraná, para visitar sua família.

Os anos de 1941 e 1942, período em que Jorge e Maria viveram juntos em Buenos Aires, aparecem nas cartas quando o baiano pede notícias a ela que se encontrava no Brasil, na casa dos pais. O primeiro registro de comunicação entre os dois é um bilhete, de 29 de novembro de 1939; nele, Jorge combina o encontro com Maria e lhe deixa um presente. O último registro de comunicação entre os dois deu-se em maio de 1942 e está no Acervo Mala de Jorge Amado, em carta já transcrita nesta tese. Contudo, a última correspondência trocada enquanto ainda estavam juntos data de 26 de fevereiro de 1942. Logo, registro um relacionamento que durou, comprovadamente, desde novembro de 1939 até fevereiro de 1942; as datas de início ou término são imprecisas, embora possamos supor o período, sempre baseando-nos no que os registros materiais desta memória nos dizem.

⁶⁶ Conforme relatado por Luiz Fernando Cruz Marcondes, em *e-mail*: Remexendo no material da minha mãe encontrei o nome da revista em que ela trabalhava e onde teria conhecido o Jorge. Era a Esfera, na rua Uruguaiana e cuja editora (também amiga dela, pelo tanto que a ouvi mencionar) era Sylvia Chalreo.

Trabalhar com bilhetes, telegramas e correspondências é trabalhar com o espaço da ausência. Conosco, nos arquivos, ficaram as reminiscências dos desencontros e as promessas de cruzamentos. Entre estes bilhetes, um espaço de permanências do casal, que não foi documentado. Só nos resta lembrar a partir dos rastros da ausência e do desejo dar fim à distância.

2.5.1 RIO DE JANEIRO

Foi necessário, com os rastros pesquisados, construir a narrativa possível desta relação, onde nosso olhar de cronista se mescla com o da historiadora e pesquisadora de um acervo⁶⁷: da Rua do Passeio até o Edifício Colombo eram uns 5 minutos de caminhada mansa⁶⁸. Nos dias em que tudo dava certo, ao cair da tarde, Jorge andava até a Avenida Treze de Maio, passando pela Praça Floriano, depois em frente à Câmara Municipal, até avistar o Theatro Municipal se erguendo imponente e virar no Beco Manuel de Carvalho⁶⁹, entrar na Colombo Colombo e subir até o 8º andar, abrir a porta da Sala 806⁷⁰ e procurar por Maria. Quando esta não havia ido passear, os dois se encontravam e andavam juntos até o ponto do bonde, às vezes ele a levava flores e um cartão da Floricultura Avenida⁷¹. Nos dias em que Maria já não estava mais lá, Jorge encontrava um papel disponível na própria Revista Esfera e lhe deixava um bilhete em que a indagava: onde andavas, passeiadeira?⁷² E punha num envelope. O nome da destinatária variava: Maria, Maria José, Maria Cruz Torres, Dona Maria, Yemanjá. Como se desdobráveis.

Quando não eram os recados perguntando onde andava, eram os bilhetes marcando almoços e caminhadas até a condução, enviadas entre as redações dos dois periódicos,

⁶⁷ Retomo Joan Scott e sua reflexão sobre narrativas e arquivos: The challenge, ofcourse, (...) is that the texts don't speak for themselves; the whispers are heard only through a process of translation, and every words – spoken or written – carry different meanings in each of their iterations. The dead don't come back to life as they were, but as we represent them(SCOTT, 2011, p. 145).

⁶⁸O adjetivo está aqui em referência a um dos poemas feitos por Jorge Amado e dedicados a Maria, “Domingo de bairro”: Vinhas na rua tão mansa,/Senhora da mansidão,/Naquela tarde quieta (...)

⁶⁹ Trajeto provável entre a redação da Dom Casmurro e da Revista Esfera. Endereços retirados dos envelopes de correspondências entre Jorge Amado e Maria Cruz.

⁷⁰Endereço da Revista Esfera, onde trabalhava Maria Cruz, segundo o documento 156 – 159, envelope endereçado a ela.

⁷¹Documento 300, embalagem da Floricultura Avenida, localizada na Avenida Rio Branco, 159.

⁷²Documento 130 – 133, envelope e bilhete endereçado a “D. Maria, a passeiadeira”.

provavelmente entregues por um mensageiro. O primeiro bilhete do arquivo é justamente um destes:

“Maria

Diga que vae almoçar em casa e venha almoçar comigo. Vou te buscar.

Teu,

Jorge.

PS – Esta pulseira é para fazer duo com o teu clips.

Jorge

29-11-39”

Figura 30: Documento 170 - 172. Arquivo Mala de Maria

Por vezes, Jorge e Maria se comunicavam por recados enviados entre as redações dos periódicos em que trabalhavam, ela na Revista Esfera e ele no Dom Casmurro e no Diretrizes, dirigido pelo companheiro Samuel Wainer. Nestes bilhetes iam convites para almoços, pedidos de favores e avisos de que o escritor passaria mais tarde para vê-la:

Figura 31: Bilhete enviado por Jorge Amado para Maria (aqui chamada de Negra). Documento 209-210 do Arquivo Mala de Maria.

Com frequência Jorge escrevia a Maria pedindo algum favor, quase sempre pedindo-lhe para transmitir recados. Por isso, no arquivo há também registros de contato com Rubem Braga, Dorival Caymmi, Samuel Wainer e Carlos Scliar:

“Maria, boa tarde, Caso v. venha antes de 12 horas (meio dia) e caso queira me prestar um favor, lhe ficarei muito grato se v. disser ao Rubem Braga (que virá aqui ao meio dia) que me espere um pouco, pois vou chegar atrasado. Muito grato, Jorge Amado. PS: outro obséquio (com que direito a incomodo tanto?): Helio Dino deve deixar um dinheiro meu em suas mãos.

Figura 32: Bilhete de Jorge Amado para Maria solicitando favores, entre eles, um recado para o escritor Rubem Braga. Documento 92 - 93. Arquivo Mala de Maria

“Maria, Lembre-me amanhã às 11 ½ da manhã para eu ir buscar Caymmi para almoçar. Jorge”.

Figura 33: Documento 195 - 197. Bilhete enviado por Jorge Amado a Maria Torres Cruz.

D. Maria: bom dia. Almoçaste? Eu vou fazê-lo em casa do Samuel. Peço-te um favor: telefona para o Dias, até encontrá-lo, dizendo que eu preciso falar com ele hoje, sem falta. Marque com ele. Estarei aqui depois do almoço. Um beijo do Negro.

Figura 34: Bilhete enviado por Jorge Amado (Negro) a Maria Torres Cruz. Sem data. Documento 183 - 185. Arquivo Mala de Maria.

Negra: São 7h15 e eu tenho que ir (acredite que eu tenho necessidade) ver o Carlos, motivo porque não posso lhe esperar mais. Que fizeste este tempo todo? Negro. 18 de julho de 1940

Figura 35: Bilhete enviado por Jorge Amado (Negro) para Maria (Negra). 18/07/1940. Documento 128. Arquivo Mala de Maria.

Do seu mais humilde admirador.

Tento te visto tão pouco, mas te amo cada vez mais.

Figura 36: Cartões enviados de Jorge Amado para Maria. 3 de dezembro de 1939. Documentos 78 – 84

Além dos bilhetes que trocavam enquanto estavam trabalhando, há também registros afetuosos, alguns incluindo desenhos. A primeira foto é de um papel de carta, muito fino e transparente, o que acabou dificultando a visibilidade da imagem, em que está escrito: Maria Torres Amado, Maria Cruz Amado, Maria José Amado, Maria José Jorge Amado e Maria Jorge Amado. Logo depois, a imagem de um desenho feito a lápis, atrás estão os dizeres: “Essa é a casa em que a Negra nasceu em cresceu em Paranaguá”:

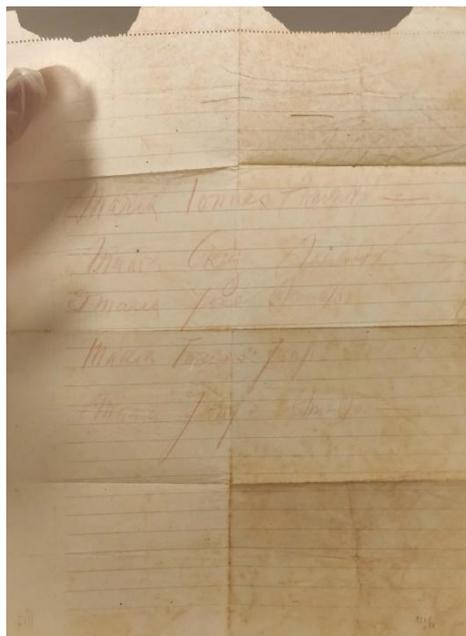


Figura 37: Folha com nomes possíveis de Maria após casar-se e adotar sobrenome de Jorge Amado. Documento 196. Arquivo Mala de Maria.

Figura 38: Folha com desenhos feitos a lápis. Sem data. Documento 88 - 89. Arquivo Mala de Maria.

Entre os bilhetes, os desenhos e as brincadeiras, um convite para um banquete com intelectuais da época, promovido *pela Dom Casmurro*:

Figura 39: Convite para o Banquete aos ficcionistas brasileiros. Documento 327 - 330. Arquivo Mala de Maria.

Encontra-se no arquivo uma série de cartas de Jorge Amado para Maria enquanto ela esteve em Paranaguá, *cidade do Paraná*, e ele em cidades no estado de São Paulo e na Bahia. As cartas trazem muitas informações históricas e pessoais e que acrescentam detalhes importantes para a construção biográfica de Jorge Amado e de Maria.

No primeiro cartão, datado de janeiro de 1940, em referência às origens chinesas da família de Maria, Jorge presenteou-a com um cartão inspirado nas pinturas e gravuras da China. Dentro, uma declaração de amor que muito se assemelha ao conceito de amor camaradagem apresentados por Alexandra Kollontai, analisado com mais fôlego em capítulo posterior, no

momento da discussão sobre o romance inédito escrito pelo escritor baiano durante o exílio. Abaixo, a transcrição e, em seguida, as imagens:

“Companheira:

Aqueles que se cançam e deixam de se amar é porque se enganaram e em vez de encontrarem a companheira encontraram apenas a amante ou a esposa. Não encontraram essa coisa total e completa que é a companheira, aquela a quem damos o braço e com quem partimos para a aventura da vida. A companheira que é a esposa para os dias de luta e trabalho, amante para as noites cheias de carícias. Aqueles que encontram a companheira, como eu te encontrei jamais se cançam e se enfastiam. É um amor único e definitivo que vence a vida e vence também a morte, porque em algo de fraude e de belo se perpetua e immortaliza.

Assim eu te amo, negra. Assim penso eu que me ames, companheira.

Jorge Amado

Do início de 1940 – 2 de janeiro.”

Figura 40: Cartão enviado por Jorge Amado para Maria Cruz. Documento 211 - 216. Arquivo Mala de Maria.

Nas primeiras cartas, Jorge está em São Paulo e Maria no Rio de Janeiro. Na primeira, datada de 1º de julho de 1940, Jorge chama Maria de mulherzinha e se refere a si mesmo como “marido”. Abaixo, transcrevo as cartas e, em seguida, estão as imagens dos originais, bem como seus envelopes, quando houver:

Figura 41: Correspondências enviadas por Jorge Amado para Maria Cruz. Documento 158 - 162. Arquivo Mala de Maria.

Na correspondência a seguir, Jorge Amado fala que está em Ilhéus fazendo pesquisa para a produção de um romance. Pela data, levanta-se a hipótese de ser *Terras do Sem Fim* ou um dos livros prometidos que não foram terminados, como o inédito que aqui será estudado:

Figura 42: Correspondência enviada por Jorge Amado a Maria. Documento 87. Arquivo Mala de Maria.

No curto bilhete a seguir, Jorge está no antigo povoado de Pirangy, atual cidade de Itajuípe, próximo de Ilhéus. Ainda em viagem pela Bahia, Jorge fazia pesquisas para a produção de seu novo romance. Maria, por sua vez, visitava a casa de seus pais, onde moravam seus filhos, os quais são mencionados nas cartas, sempre com os adjetivos “velho e feio”, que parecia ser algum tipo de apelido carinhoso entre o casal.

Figura 43: Correspondência e envelope enviados por Jorge Amado a Maria. Documento 177 - 180. Arquivo Mala de Maria.

Já de volta em Ilhéus, Jorge Amado escreve novamente para Maria, a quem chama de “Mulata”. Os apelidos dados a ela eram muitos, contudo, em grande parte das cartas Jorge a chama de “Negra”. Nesta carta, Jorge avisa sobre a mudança de planos de retornar ao Rio e comenta sobre a estadia em Ilhéus, enviando recorte de jornal sobre sua chegada à cidade. Finaliza a correspondência comentando que irá escrever o próximo capítulo do *ABC de Castro Alves*, publicando primeiramente em *Diretrizes*, de Samuel Wainer:

Figura 44: Correspondência enviada por Jorge Amado para Maria Cruz. Documento 187 - 189. Arquivo Mala de Maria.

Figura 45: Recorte de jornal de Ilhéus falando sobre a ida de Jorge Amado à cidade natal. Documento 335. Arquivo Mala de Maria.

No dia 30 Jorge manda telegrama avisando que retornou ao Rio mas não pode ir ao Paraná, pedindo para que Maria volte: “CHEGUEI BEM IMPOSSÍVEL IR PARANAH AGORA PT VOLTE PT TELEGRAFE NAVIO PARA DIRETRIZES SAUDADES = JORGE=”. 30 de setembro de 1940”.

Figura 46: Telegrama enviado por Jorge Amado para Maria. Documento 100. Arquivo Mala de Maria.

Jorge Amado retorna ao Rio de Janeiro no dia 30 de setembro de 1940, como registrado pelo telegrama enviado a Maria. No dia 26 de outubro, o escritor volta a escrever para Maria, que ainda estava em Paranaguá. Ele conta que irá viajar novamente para a Bahia, dessa vez para gravar *Mar Morto*. É provável que Jorge estivesse se referindo à radionovela baseada na obra, que seria transmitida pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, e pela Rádio El Mundo, de Buenos Aires, na década de 1940. Jorge ainda comenta que voltará em novembro para a Bahia, dessa vez acompanhado de Maria. (AGUIAR, 2018):

Figura 47: Correspondência enviada por Jorge Amado a Maria Cruz. Documento 201. Arquivo Mala de Maria.

Este é o último registro de correspondências entre Jorge Amado e Maria Cruz antes de sua viagem para a Argentina, em junho de 1941. Antes de apresentar as correspondências referentes a este período em terras portenhas, é necessário reavaliar a linha do tempo e as informações oficiais da biografia do escritor.

Além das cartas, no período anterior à ida para a Argentina, há no arquivo um exemplar do periódico *Vamos ler!*, produzido pelo jornal *A Noite*. No volume em questão, há a apresentação do “novo artista” Carlos Scliar, já citado, e algumas de suas obras. Entre as gravuras, alguns retratos, incluindo um autorretrato e uma pintura a guache de Maria, outra de Jorge:

Figura 48: Capa do periódico Vamos ler! e a matéria que apresenta Carlos Scliar. Documento 232. Arquivo Mala de Maria.

Figura 49: Retratos de Jorge Amado e Maria Cruz, de Carlos Scliar. Documento 232. Arquivo Mala de Maria.

2.5.2 ÀS MARGENS DO PRATA

Segundo Josélia Aguiar, autora da biografia oficial de Jorge Amado, ganhadora do Prêmio Jabuti em 2019, o escritor afirmava ter ido sozinho para Buenos Aires: “Jorge se lembrava de ter deixado o Brasil às pressas, sozinho e sem documento para cruzar a fronteira – seu passaporte, no entanto, registra pedido de visto em 3 de junho de 1941.” (AGUIAR, 2018, posição 2127). Contudo, de acordo com os documentos presentes no Arquivo de Maria, a história é diferente: Maria e Jorge embarcam em voo de Porto Alegre a Jaguarão, no Rio Grande do Sul, no dia 18 de junho de 1941. De Jaguarão, cidade situada no extremo sul do estado, ambos fariam a travessia para a Argentina – resta saber se por via aérea, de ônibus ou por balsa. Os rastros encontrados no arquivo de Maria contrariam a história contada por Jorge Amado, sobre ter ido só e sem documento para Buenos Aires. Abaixo, as imagens das passagens da Varig em nome de Jorge Amado e Maria Marcondes⁷³:

Figurinha 50: Frente do cartão de embarque de passagem da Varig

⁷³À época Maria ainda possuía o nome do primeiro marido, Amazonas Marcondes Neto.

Figura 51: Passagens de avião de Porto Alegre a Jaguarão em nome de Jorge Amado e Maria Cruz Marcondes

Além das passagens de avião que confirmam a ida de Jorge e Maria, juntos, para Jaguarão, parada anterior à Argentina, um recorte do jornal argentino *Noticias Graficas*, datado de 28 de junho de 1941, comprova que o escritor estava acompanhado:

Figura 52: Recorte do jornal Noticias Gráficas, de sábado, 28 de junho de 1941.

Na manchete: “Nos visitó Jorge Amado” e, logo abaixo: “El escritor Brasileño y su Esposa”. Na foto, da esquerda para a direita estão o escritor C. Di Vruno, Maria Cruz e, na outra ponta, Jorge Amado. A nota conta sobre a visita do autor na redação do jornal, acompanhado de sua esposa, não nomeada pelo periódico. A identidade de Maria nos foi confirmada pela família e pela comparação de demais fotos presentes no Arquivo:

Figura 53: Fotos de um grupo de intelectuais, na Argentina. Na primeira foto estão Jorge Amado e Maria Cruz (de costas) e Max Dieckmann, de óculos. Documento 220. Arquivo Mala de Maria. Na segunda, Jorge Amado e Maria estão sentados lado a lado, ela de chapéu branco. Documento 219. Arquivo Mala de Maria.

Figura 54: Outro ângulo da reunião de intelectuais. Na foto vê-se Jorge Amado. Documento 221. Arquivo Mala de Maria.

Figura 55: Jorge Amado e Maria Cruz passeando pelas ruas de Buenos Aires, em 1941. Documento 222. Arquivo Mala de Maria.

Pelas fotos e cartas trocadas entre o casal, Jorge e Maria, e como já nos referimos, viveram juntos em Buenos Aires, como marido e mulher, ainda que, ao menos no papel, os dois tivessem, civilmente, casamentos anteriores. Contudo, faz-se importante lembrar que o desquite no Brasil fora permitido apenas em 1944. Não sabemos se Matilde sabia sobre o relacionamento com Maria ou se, de alguma forma, estavam os dois separados. Porém, sabemos que a relação de Maria e Jorge uma relação publicamente assumida. O próprio Jorge Amado dedicara o *ABC de Castro Alves* “a uma mulher que está me dando muita alegria”, como nos conta a pesquisadora e biógrafa Josélia Aguiar (2018, posição 2173). Além disso, nos arquivos de Maria há cópias dos rascunhos da biografia de Castro Alves e, por vezes, o narrador se refere a “amiga”, interlocutora da obra, como “Negra”. Até então, imaginava-se que a mulher com quem o narrador conversava era fictícia, imaginária, um recurso narrativo. Contudo, pela época em que foi escrita a obra, pelas cartas e bilhetes em que Jorge Amado se refere a Maria como “Negra”, é possível que ela fosse a interlocutora do *ABC* ou, ao menos tenha servido de inspiração para a criação desta interlocutora personagem, que representava a leitora que exerce a escuta. Abaixo, registros do arquivo de Maria:

Figura 56: Rascunhos do ABC de Castro Alves com correções a lápis feitas por Jorge Amado. Documento 301 - 320. Arquivo Mala de Maria.

Figura 57: Primeira publicação do ABC de Castro Alves, em fevereiro de 1941, na Diretrizes.

A primeira carta enviada por Jorge Amado já na Argentina é dirigida a Ivan Pedro de Martins, personagem recorrente na documentação da Mala de Jorge Amado, escritor e intelectual mineiro, radicado no Rio Grande do Sul, que foi companheiro de Jorge no exílio em Montevideú, em 1942. Antes de se encontrarem na capital uruguaia, Ivan e sua esposa Mary, o baiano escreve ao amigo solicitando um favor: que ele e sua mulher recebessem Maria em sua casa, que estaria de passagem para ver sua família em Paranaguá.

Figura 58: Envelope enviado a Ivan Pedro Martins, por Roberto Sisson, a pedido de Jorge Amado.. Documento 166-169. Arquivo Mala de Maria.

Figura 59: Carta enviada a Ivan Pedro Martins, por Jorge Amado. Documento 166 - 169. Arquivo Mala de Maria.

Em fevereiro do mesmo ano, Maria já em Paranaguá, Jorge escreve a ela pedindo por notícias e fica claro que o escritor pede que ela viaje pois temia por sua segurança ao lado dele em Buenos Aires com a publicação da biografia de Prestes. A princípio, *O Cavaleiro da Esperança* seria publicado pela Editora Problemas, contudo, esta fora fechada em fevereiro de 1942 pela polícia argentina. Em carta enviada à Maria em 13 de fevereiro de 1942, Jorge comenta sobre uma possível solução, que de fato veio a se concretizar: “Eu estou forçando uma decisão no negócio do livro. Carlos acertou que esperássemos até o dia 20. Se até lá a editora não for aberta então se cuidará de uma solução para o caso. Existem as seguintes: 1º) a melhor: que uma editora daqui, Claridad, por exemplo comprasse o livro como está, isso é, com uma parte já composta, continuasse o trabalho, etc, me pagasse, a Pompeu, etc. (...)”.

Na mesma carta, ele ainda avisa à Maria que deseja que ela permaneça em Paranaguá até que a situação se resolva e comenta que todos os brasileiros estão com passaportes prontos para ir ao Uruguai num possível agravamento da situação na capital portenha. Abaixo, seguem as transcrições completas as cartas que detalham a situação em que se encontravam os exilados brasileiros:

“Buenos Ayres, 6 de fevereiro de 1942

Negrinha: muitas saudades.

Recebi tua carta de Montevidéu. Tu és uma tola se pensas que não tenho saudades tuas e não sinto a tua falta. Apenas, negra, era necessária a tua ida e unicamente por esse motivo estás aí

agora. É preciso que compreendas que só faço as coisas quando elas são necessárias. Eu queria estar sosinho para a saída do livro, e mal viajaste veio a melhor prova disso: no dia 4 a editora e a livraria foram fechadas pela policia. Junto lhe envio um recorte com a notícia. Ninguém foi preso, mas continuam fechadas. Levaram também os livros de la hora e orientacion mas não fecharam esses dois. No primeiro dia e hontem o pessoal estava meio otimista quanto á reabertura. Hoje já estão bastante mais pessimistas. Eu não sou muito otimista não. Estou é chateado porque isso vem atrapalhar a publicação do livro. Combinei com Rodolfo e Carlos o seguinte: se até dia 10 (terça-feira) não for reaberta vamos tratar de outra editora para o livro. Se possível uma editora daqui (o que me parece dificil), senão uma do Chile. Rodolfo acha que o mais importante é o livro sair quanto antes. E disse que eu não devia te-lo dado a Problemas. Não sabe ele que eu consultei Claridad e que Zamora me disse, como tu sabes, que só depois do estado de sitio, etc. Como ves, mal saiste as coisas se complicaram. O que eu não quero, negrinha, em hipótese alguma é ter aqui a ti enquanto dure as complicações a que esse livro possa dar causa. Inclusive, porque eu sosinho sei me movimentar. E, por outro lado, estou certo da utilidade do livro e da necessidade de publica-lo. E vou publica-lo, seja aqui (espero ainda que seja aqui), seja no Chile, seja no inferno. O pior é o atraso que esse fechamento traz. De dias e mais dias longe de ti são anos. Bem sabes que não posso pedir a Pompeu que continue a tradução sem saber como ele vae receber nem quando. Tu o sabes. Enfim até 10 nada te poderei escrever em definitivo sobre o livro. Logo que tenha algo decidido te escreverei. Resta a esperança que problemas seja reaberta.

Casualmente eu não estava na livraria na hora em que fecharam. Havia saído para trabalhar com Varela na revisão dos originaes. Felizmente, porque tomaram nome e endereço dos que estavam.

Quero ver esse negocio do livro decidido quanto antes. Quanto a ti não saias de Paranaguá sem que eu te diga que saias. Pode ser que precise de repente de alguma coisa de ti aí.

Não estou na pensão da Chola. Escreva para o mesmo endereço de antes.

Negrinha, queria te dizer de minha saudade e só te disse da minha ansiedade por ver esse livro publicado. É que uma coisa está ligada a outra.

Espero que hajas encontrado os teus bem. Que passes uns dias felizes com eles, com teus filhos principalmente. Um beijo saudoso do

Jorge.”

“Buenos Aires, 13 de fevereiro de 1942

Porretinho, como é, estás engordando ou emagrecendo? Não quero que emagreças, hein? Não vá de aproveitar para fazer regimens e outras besteiras dessas.

Mulata, vou te dar primeiro as notícias boas, depois as ruins. A boa notícia é que tive carta de meu pae, dizendo que pagou minha divida. Assim te peço que rasgue a carta para o Geraldo

Rocha⁷⁴, já que não preciso dele. Tive também carta de Ligia, dizendo que deve receber o meu dinheiro de um momento para outro e perguntando novamente se o trazia com ela. Escrevi por via aérea dizendo que ela o enviasse pelo City Bank, imediatamente que o recebesse. Se ela o recebe por esses dias não será necessário você incomodar aí ninguém. Em todo caso ainda não rasgue as outras cartas porque essas promessas do Mexico por vezes falam em amanhã e levam dois anos. Espera carta minha sobre o assunto. Essas são as notícias boas.

As más, além de que ainda não tive carta tua do Brasil, é que a situação da editora continua a mesma: fechada. Pelo correio comum te envio uma serie de recortes sobre o assunto. O pessoal está mais pessimista e eu inteiramente pessimista quanto á reabertura. Felizmente Pompeu continuou a tradução. Hontem terminou a 4ª parte e hoje pegou a ultima ou sejam as ultimas 150 folhas (com o apêndice). Coisa de 8 dias diz ele. Ele está agindo bem. Eu estou forçando uma decisão no negocio do livro. Carlos acertou que o esperássemos até o dia 20. Se até lá a editora não for aberta então se cuidará de uma solução para o caso. Existem as seguintes: 1º) a melhor: que uma editora daqui, Claridad, por exemplo (Carlos fala em El Ateneo) comprasse o livro como está, isso é, com uma parte já composta, continuasse o trabalho, etc, me pagasse, a Pompeu, etc. Outra é que uma editora daqui comprasse o livro para fazer nas próprias oficinas e Carlos tivesse o prejuízo da parte já comporta e eu o da demora que isso traria. A terceira é que nenhuma editora daqui o queira devido ao momento e tenhamos que negocia-lo com o Chile. Estou doido, negrinha, para ver isso decidido. Eu já andava com os nervos ruins, agora estão piores. Não posso viajar, o dinheiro está curto, apesar de que o Carlos continua a pagar os salários como se a editora estivesse aberta. Eu não creio que a abram. Rodolfo também é pessimista.

Hontem trabalhei com Carmem, jantei com eles. Eu e Pedro. Mandam muitas lembranças para você. Hoje vou almoçar com Rosa e o major.

Estou passando parte do dia na maquina datilografando a tradução do livro. Pelo menos assim tenho o que fazer.

Quero que fiques aí (em Paranaguá) até ter carta minha dizendo o que tu deves fazer. Mesmo eu nesse momento não sei como esses assuntos vão se resolver. De qualquer modo estamos quase todos os brasileiros de passaporta visados para o Uruguay, devido ao rumo que as coisas podem tomar aqui.

Espero carta tua, como vão teus filhos? Calculo que devem estar muito felizes com a tua presença.

Muitas saudades, porretinho, do teu

Jorge”

⁷⁴ Diretor e proprietário do jornal carioca A Noite.

Figura 60: Carta enviada a Maria Cruz, por Jorge Amado. Documento 59 - 62. Arquivo Mala de Maria.

Figura 61: Envelope enviado a Maria Cruz, por Jorge Amado. Documento 59 - 62. Arquivo Mala de Maria.

Figura 62: Carta enviada a Maria Cruz, por Jorge Amado. Documento 63 - 66. Arquivo Mala de Maria.

Sem nenhuma resposta de Maria, Jorge escreve novamente em carta sem data especificada e depois no dia 26 de fevereiro de 1942. A primeira carta, apesar de não estar datada, é possível deduzir pela continuidade do assunto e por Jorge comentar sobre o Carnaval que seja de 17 ou 18 de fevereiro de 1942, já que a data dos festejos, naquele ano, foi no dia 17 de fevereiro. Em relação ao arquivo, a carta seguinte é a última trocada entre os dois enquanto ainda eram um casal. Nela, Jorge Amado demonstra certa chateação e insegurança por não ter ouvido da companheira:

Figura 63: Carta enviada a Maria Cruz, por Jorge Amado. Documento 69 - 72. Arquivo Mala de Maria.

Figura 64: Carta enviada a Maria Cruz, por Jorge Amado. Documento 73 - 76. Arquivo Mala de Maria.

Figura 65: Carta enviada a Maria Cruz, por Jorge Amado. Documento 73 - 76. Arquivo Mala de Maria.

Além das cartas já citadas, há uma outra carta sem data, enviada por Jorge Amado enquanto estava em Tucuman, na Argentina. Maria se encontrava em Buenos Aires, em casa de Cayetano Córdova Iturburu, intelectual argentino que foi casado com a tia de Che Guevara, Carmen de la Serna de la Llosa. Os dois eram membros do Partido.

As peças do arquivo de Maria e o contato com sua família auxiliaram na interpretação de pistas contidas na Mala de Jorge Amado, analisada em trabalhos e publicações anteriores: por exemplo, em conversa via Whatsapp, com Luiz Fernando Cruz Marcondes, um dos filhos de Maria, ele disse identificar claramente seu padrasto Pompeu, ao lado de Jorge Amado, numa das fotos presentes no Arquivo. A mulher entre os dois lembrou sua mãe, mas ele não soube confirmar. Além disso, após as descobertas advindas da Mala de Maria, conseguimos identificar quem era a artista que assinou ilustração com retrato de Jorge Amado, presente no arquivo do escritor. A assinatura é de “Inaê”.⁷⁵ Agora, com a informação de que era um dos tratamentos pessoais e afetivos de Jorge para Maria e um dos nomes de Iemanjá⁷⁶, eixo de pesquisas

⁷⁵ À época em que tentávamos descobrir quem seria a autora do retrato, nada conseguimos.

⁷⁶ Segundo o Professor Luiz Antonio Simas: “Inaê – Um dos nomes da rainha do mar. Segundo Yeda Pessoa de Castro – grande conhecedora das línguas africanas no Brasil – o termo tem origem fon (povo jeje, do antigo

constantes feitas por Jorge Amado na época, temos fortes evidências de que o desenho foi feito pelas mãos da companheira do escritor baiano:

Figura 66: Recorte de foto. À esquerda, Pompeu, ao lado de Jorge Amado. A mulher entre eles é, possivelmente, Maria. Acervo Mala de Jorge Amado.

Figura 67: Desenho a lápis com retrato de Jorge Amado, possivelmente de Maria, assinado como Inaê, um de seus apelidos. Acervo Mala de Jorge Amado.

Para finalizar os caminhos do exílio de Maria Cruz e Jorge Amado, com as informações aqui apresentadas, montei uma linha do tempo que resume os passos cruciais

Daomé) e deve vir de inon (mãe) e nawé (um título respeitoso)” (do seu perfil na rede social Twitter, publicado em 30 de dezembro de 2019).

desta travessia tão importante para a história literária e política do Brasil:

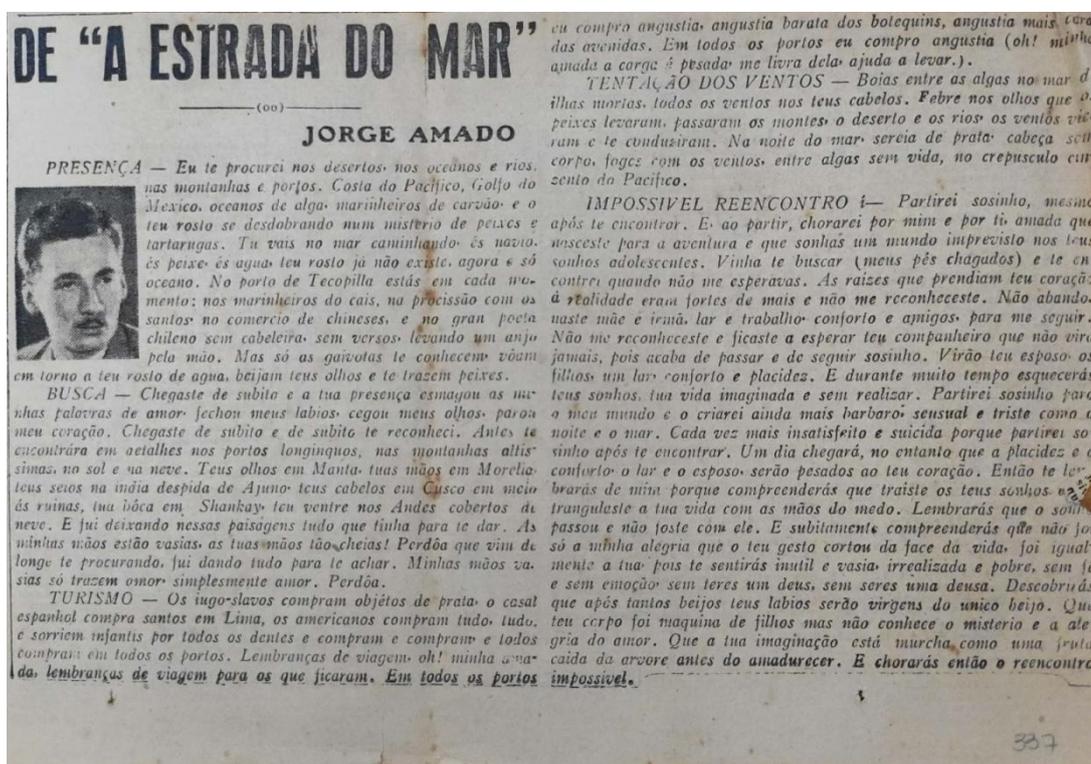


Figura 68: Linha do tempo do exílio de Jorge Amado e Maria Cruz.

3. MARIA COMO PERSONAGEM LITERÁRIA

Maria está presente no arquivo de muitas formas: era a dona, a guardiã e a arquivista dos documentos. Além disso, é sua protagonista, seja nas cartas trocadas com Jorge Amado ou nos textos literários escritos para ela. Entre os textos encontrados no arquivo, estão poemas e prosas poéticas, algumas dedicadas a Yemanjá, outras a Inaê, outras, ainda, para Negra. A escrita poética exíguas de Jorge Amado foi registrada no raro e esgotado livro *Estrada do Mar*, publicado pelo próprio autor em 1938, em data incerta. Todos os exemplares foram distribuídos a amigos próximos e, atualmente, nem mesmo a Fundação Casa de Jorge Amado possui cópia.

Logo, é bastante complexo afirmar categoricamente se o texto faz parte ou não da coletânea. Ainda assim, dois textos, chamados *Presença* e *Volta*, foram publicados num jornal e anunciados como trechos da *Estrada do Mar*. Além do recorte de jornal, *Presença* está no arquivo de Maria como trecho de CONVERSA DO HOMEM DO CAES COM YEMANJÁ, texto datilografado com correções feitas à mão, escrito no Rio de Janeiro em novembro de 1939. Abaixo, as fotos dos documentos citados, porém, deixarei a transcrição para ser retomada em capítulo posterior, quando serão discutidos os textos que fazem referência direta à Iemanjá:



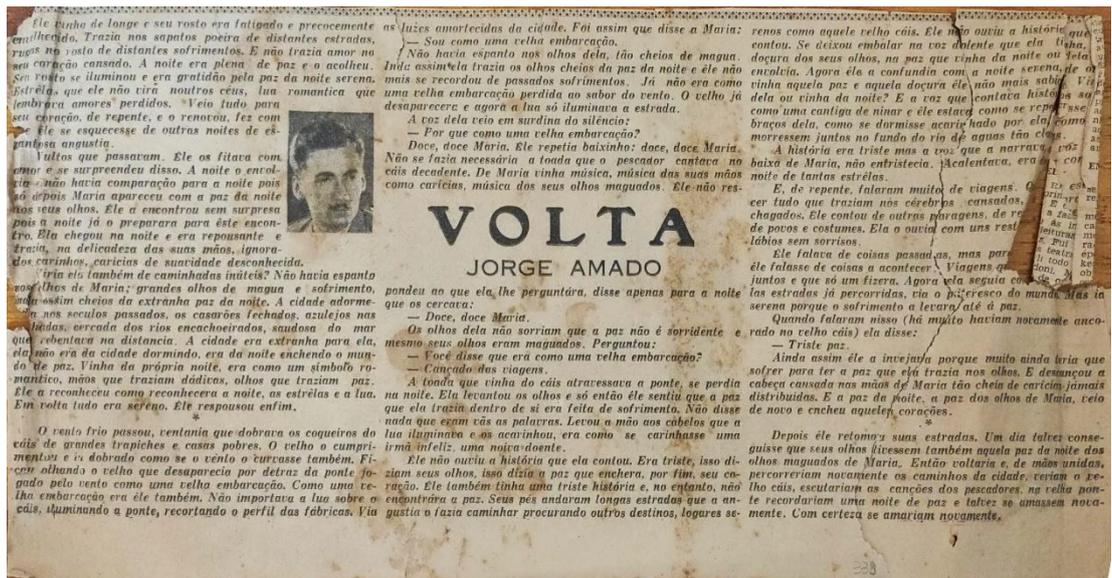


Figura 69: Recortes de jornal com supostos trechos de Estrada do Mar. Documento 337 - 340 Acervo Mala de Maria.

Volta foi publicado também em maio de 1938 no primeiro volume da Revista Esfera, periódico em que Maria trabalhava e onde Jorge a conheceu, segundo relatos de Luiz Fernando Cruz Marcondes. No recorte do jornal não identificado, a personagem do conto se chama Maria; quando publicado em Esfera, Jorge muda o nome para Amélia:

Figura 70: O texto *Volta* publicado na Revista Esfera. Disponível em: <http://www.illumina.fot.br/pdf/Esfera1.pdf>

Ainda sobre o texto *Volta*, a Revista Esfera publica, na mesma edição, crítica ao texto e ao escritor baiano, feita por Benjamin Lima, crítico literário. No texto, ele afirma: “Pois não é que o homem se prevaleceu abusivamente da oportunidade para dirigir galanteios do pior gosto a uma namorada?”:

Figura 71: Crítica do texto *Volta* publicado na Revista *Esfera*. Disponível em: <http://www.illumina.fot.br/pdf/Esfera1.pdf>

Além de *Presença* e *Volta*, pela temática semelhante ao dos textos anteriores e por se encontrar logo após estes na organização original do arquivo, é possível que tenhamos mais um fragmento da *Estrada do mar* com *Pedido para a amada*, poema que traz um verso que é citado no romance inédito presente no Acervo Mala de Jorge Amado, mais um indício de que toda a produção dessa época era, em geral, inspirada em Maria Cruz:

Figura 72: Texto “*Pedido para a amada*”, suposto trecho de *Estrada do Mar*. Documento 337 - 340 Acervo Mala de Maria.

Pela época em que foram escritos e publicados anotações, referências, esboços, presentes no arquivo, é possível que Maria Cruz tenha sido, de fato, a inspiração para os textos, talvez até para outras poesias que compõem a obra *Estrada do mar*.

Entre os demais textos escritos para Maria, alguns estão datados. Dentre estes, o primeiro é “Poema do Natal de 1939”, poema de amor que versa sobre a importância da amada acima de tudo que veio antes:

Figura 73: Texto “Poema do Natal de 1939”, escrito por Jorge Amado.. Documento 33 – 34. Acervo Mala de Maria.

No poema “Não chores”, o eu lírico consola a amada que chora por conta daqueles que invejam o casal. O texto é uma conversa com “negra”, também chamada de “Maria”. Além disso, ele cita uma ida para a China, mais uma vez trazendo a ascendência chinesa de Maria Cruz como referência: “Põe o teu braço no meu,/Passemos sobre essa gente,/Andemos nosso caminho./Vamos entrar pelo mar,/Sair em terras da China: /“Maria mais seu amor!”. O poema foi escrito ainda no Rio de Janeiro, e é datado de janeiro de 1941, alguns meses antes de Maria e Jorge terem, de fato, saído do Brasil, concretizando a ação prevista na estrofe: mas para a Argentina.”

Figura 74: Texto “Não chores”, escrito por Jorge Amado para Maria Cruz. Documento 35 – 36. Acervo Mala de Maria.

Seguindo a sequência dos textos datados, o poema “Domingo de bairro” descreve a chegada de uma mulher, caminhando mansa, usando um “pobre vestido azul”. Aqui, o eu lírico

a chama de “esposa”, mas narra os olhares assustados de quem os vê juntos: Teu pobre vestido azul,/Seria tão azul assim?/Talvez velho e desbotado,/Vinhas vestida de esposa,/No bairro tu me encontravas./No cine familiar/De olhos arregalados/O bairro nos contemplava:/-“trata-se de namorados”,/Diziam pelos ouvidos”. A situação parece ser inspirada na relação de Jorge Amado e Maria Cruz, que, como indicam os rastros do arquivo, viviam como um casal abertamente pelas ruas do Rio de Janeiro, frequentando, inclusive, o “cine familiar”:

Figura 75: Texto “Domingo de bairro”, escrito por Jorge Amado para Maria Cruz. Documento 35 – 36. Acervo Mala de Maria.

Em abril de 1941, em terras cariocas, Jorge Amado escreveu a mão o poema *Porque me odeias hoje?*. Estando com Maria, podemos supor que tenha sido um texto feito com intuito de selar a paz entre o casal, quem sabe, depois de uma desavença, de um conflito, como tantas histórias de amor contadas posteriormente pelo autor.

Figura 76: Texto “Porque me odeias hoje?”, escrito por Jorge Amado para Maria Cruz. Documento 31 – 32. Acervo Mala de Maria.

Jorge Amado escreveu ainda o *Poema da nossa grande aventura*. No poema o eu lírico convida sua interlocutora para uma aventura por terras distantes aproximando-se da estética dos poemas do amor romântico: Os homens se comoverão e, de repente, a paz baixará sobre o mundo/Porque o espetáculo do nosso amor será tão belo e grande/Que criará novas paisagens na terra e nos homens,/Se me deres o braço e sairmos os dois/Por ignorados caminhos para novas paisagens.”:

Figura 77: Texto “Poema da nossa grande aventura”, escrito por Jorge Amado para Maria Cruz. Documento 31 – 32. Acervo Mala de Maria.

Jorge Amado escreveu, ainda, mais cinco textos para Maria Cruz, que serão aqui apresentados. As obras foram reunidas pela temática com a figura de Maria enquanto Iemanjá, a orixá das águas, mãe de todos os *orís*⁷⁷. Pela força da representação e complexidade do assunto, preferi reuni-los, acompanhados de alguns bilhetes que também trabalham a metáfora, num capítulo que versa sobre a macumba enquanto linguagem utilizada pelo escritor na construção do imaginário literário.

4. MACUMBA ENQUANTO LINGUAGEM

“Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 9);

Jorge Amado se considerava ateu, mas era filho de Oxóssi⁷⁸, ogã e obá de Xangô no terreiro de Mãe Senhora, Axé Opô Afonjá. Na Casa do Rio Vermelho, uma escultura de Exu feita por Mestre Didi, está assentada. Exu, o orixá⁷⁹ da comunicação, da encruzilhada, das confusões, tem fundamento no jardim de Amado e Zélia Gattai, feito com farofa amarela, charuto, cachaça, dendê e sangue de galo preto. Toda segunda, contou Zélia Gattai no livro *A casa do Rio Vermelho* (1999), ela dava de beber para o *compadre*: meio copo de cachaça jogado na terra que o alimentava. Em troca, ele cuida da entrada da casa que um dia foi a morada do casal e que, hoje, é guardiã de parte do acervo dos escritores; na porta, o recado de Exu: quem for de paz, pode entrar. É do orixá também a Fundação Casa de Jorge Amado, no Pelourinho, como relata a saudosa Myriam Fraga:

O primeiro passo, o passo inicial foi a colocação da imagem de Exu, plantado na escadaria em frente à Casa, pelas mãos abençoadas de Stela de Oxóssi, em

⁷⁷*Orí*, em iorubá, significa “cabeça”. Nas religiões de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda, o orí é regido e cuidado pelos orixás regentes de cada indivíduo. É pelo *orí* que se dá a ligação direta com o *Orum*, com a espiritualidade, de forma geral.

⁷⁸Oxóssi é o orixá das matas, caçador, que cuida da fartura, tanto de alimento quanto de conhecimento. No Brasil, sofre sincretismo, a depender da localidade, com São Sebastião ou São Jorge.

⁷⁹Os orixás foram trazidos ao Brasil pelos negros escravizados vindos da região sudoeste da Nigéria e partes da República do Benim. Em resumo, são divindades com energias relacionadas aos reinos da natureza: água, ar, terra e fogo. (BENISTE, 2011)

cerimônia inesquecível em sua simplicidade, na profunda inteireza de seu significado.

Naquele momento, mais do que nas assinaturas de documentos e protocolos, estava instituída a Fundação Casa de Jorge Amado, casa do povo da Bahia, como desejava seu patrono; aberta à convivência e ao conhecimento. E assim foi feito. Axé. (FRAGA, 2013, p. 151)

Exu, o orixá do conhecimento, do tempo, da comunicação, aquele que come e cospe a transmutação, foge da lógica e dos padrões normativos colonialistas. Jorge Amado enxergava seu percurso na vida como se estivesse sempre às avessas, transitando nas fronteiras, a exemplo do orixá:

Vivi ardentemente cada dia, cada hora, cada instante, fiz coisas que Deus duvida, conivente com o Diabo, compadre de Exu nas encruzilhadas dos ebós. Briguei pela boa causa, a do homem e a da grandeza, a do pão e a da liberdade, bati-me contra os preconceitos, usei as práticas condenadas, percorri os caminhos proibidos, fui o oposto, o vice-versa, o não, me consumi, chorei e ri, sofri, amei, me diverti. (AMADO, 2006, p.374)

Além de presente em sua vida pessoal, o candomblé esteve na obra de Jorge Amado de forma expressiva, desde o início, como bem exemplifica *Mar Morto*, publicado em 1936: o enredo conta a história dos mestres de saveiro em Salvador e sua relação com Iemanjá, orixá dos mares, responsável por dar-lhes o alimento e tirar-lhes a vida em meio às tempestades. No livro, Jorge Amado retrata a luta pela sobrevivência dos pescadores e o destino das viúvas que, sem seus maridos, acabavam se prostituindo no cais do porto, como aconteceu com Rosa Palmeirão, personagem que leva no peito um punhal e na barra da saia uma navalha, possível homenagem à pombogira⁸⁰ Maria Navalha, encontrada em terreiros descendo em cavalos de santo quando toca o ponto “Toma cuidado com ela/ela esconde uma navalha/ na barra da sua saia/Rainha de Ouros, com ela ninguém se mete/Maria Navalha/A morena bola sete”. Sobre as pombogiras, Luiz Antônio Simas, professor, sambista e estudioso das macumbas afirmou, em entrevista concedida à Revista Trip:

A pomba-gira traz a força da corporeidade da mulher. Aquela que não é domada, não é domesticada por uma lógica em que o corpo é submetido exclusivamente à ordem reprodutiva ou para servir à virilidade do homem. A

⁸⁰ Entre roças, barracões, tendas e terreiros, os termos variam entre pombogira e pomba-gira, ambos os vocábulos são corruptelas de *Bongbogirá*, do iorubá, nas tradições do candomblé bantu se refere a Exu, então, pombogira acabou se tornando uma característica da energia feminina do orixá e dos espíritos que compõem a falange dos exus.

pomba-gira nos surpreende e nos coloca numa posição de desconforto. Em uma civilização erguida em nome de um heteropatriarcalismo branco, essas pombas operam na dimensão da cura do corpo, é o corpo que cura pela experiência da liberdade da beleza. Nesse sentido, é buscar o protagonismo do corpo da mulher, e isso assombra. A sensualidade e a libido da pomba-gira incomodam muito. A gente tá domesticado numa dimensão que demoniza o corpo da mulher. E a pomba-gira vem transgredir tudo isso propondo uma experiência radical de liberdade ligada à soberania do corpo. (SIMAS, 2020)

As personagens de Jorge Amado são, muitas vezes, representações das entidades que baixam nos terreiros: exus, pombogiras, malandros, ou seja, o povo da rua, mesmo quando não são chamados dessa forma, suas caracterizações, seu espaço, sua personalidade fazem menção às linhas falangeiras do candomblé e da umbanda. Em outras ocasiões, os próprios orixás se tornaram personagens do escritor, como se a literatura de Jorge Amado fosse, também, uma espécie de *itan*⁸¹. É parte do imaginário do escritor a construção de um olhar permeado pela macumba, muito além do que o pensamento colonial pode enxergar apenas como religião. Sendo assim, pode parecer estranho pensar num ateu tão envolvido com as simbologias, ritualísticas e representações do candomblé, porém, tudo passa a fazer mais sentido se pensarmos na macumba enquanto linguagem e epistemologia.

Amado retratou a história dos despossuídos, dos heróis pobres e proletários e dos coronéis tiranos e grotescos, **cuja s personagens são encontradas diariamente pelas ladeiras, becos e vielas das ruas de São Salvador. As mulheres fortes e insubmissas com seus corpos intensos, libidinosos e cheios de desejos, apontam para um texto subversivo** (grifo meu). (FERNANDES, 2017, p. 30)

Franz Fanon, no clássico *Peles negras, máscaras brancas*, reflete sobre o racismo enquanto herança do colonialismo e a discriminação dos bens simbólicos: visões de mundo, crenças, formas de educar, de dançar e de cantar. Parte de extinguir um povo passa por destruir sua cultura. Com os negros e negras escravizados não foi diferente: depois de sequestrados, separados de suas famílias, colocados em navios conhecidos como tumbeiros, terem sua língua negada, seus nomes, suas identidades, aqueles poucos que sobreviveram à travessia da calunga

⁸¹*Itan*, do iorubá, significa história. Na cultura das religiões afro-brasileiras diz respeito aos contos sobre os orixás. Ao contrário de religiões cristãs, os itans fazem parte da tradição oral, não havendo nenhum registro oficial ou único, o que acarreta diferentes histórias sobre um mesmo orixá, sem exigências de coerência entre estas.

grande⁸² foram torturados e obrigados a servir o colonizador, esvaziados de si e de suas histórias, individuais e coletivas:

A diáspora africana trasladou uma infinidade de seres humanos para o chamado Novo Mundo. Durante séculos o colonialismo investiu em uma das maiores migrações forçadas da história. Nas travessias, experiências de morte física e simbólica, os corpos negros trasladados reinventaram-se, recriando práticas e modos de vida nas bandas de cá do Atlântico. A diáspora africana aponta para muitos caminhos. Nessa trama de muitas possibilidades para pensarmos as dispersões e travessias das populações negras, ressaltamos os aspectos que evidenciam o poder das sabedorias atravessadas e a inventividade dos seres afetados pela retirada compulsória de seus lugares de origem. É nesse sentido que para nós a diáspora africana configura-se como uma encruzilhada (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 41).

Simas e Rufino trabalham com a ideia de encruzilhada não como o lugar que representa a escolha de caminhos, mas como o entrelugar entre os caminhos apresentados, o espaço em que se há a potência da transformação e onde o impossível é possível, não é à toa que o espaço da encruza pertença a Exu, o orixá, e aos exús e pombogiras, os guardiões da rua. Para os pesquisadores, a diáspora africana se caracteriza enquanto encruzilhada que deu origem a saberes e vivências modificadas, transmutadas.

Para a cultura ocidental, a morte ocorre quando o corpo padece. Para as culturas de matriz africana e saberes ameríndios que influenciaram as macumbas, morrer está intimamente ligado ao esquecimento. O ancestrais, ainda que desencarnados, participam das dinâmicas cotidianas do grupo: são lembrados, reverenciados, baixam nas rodas de macumba e se corporificam através dos médiums, os cavalos de santo. Permanecem vivos, porque sua potência está encarnada:

A partir das noções de ancestralidade e de encantamento praticamos uma dobra nas limitações da razão intransigente cultuada pela normatividade ocidental. É a partir também dessas duas noções que se enveredam grande parte dos saberes assentes no completo epistemológico das macumbas. Dobrar a morte, lida nesse caso como assombro, carrego e desencantamento, fundamentado no colonialismo, se faz necessário para praticarmos outros caminhos, esta dobra política e epistemológica é crucial para um reposicionamento ético e estético das populações e das suas produções, que historicamente foram vistas, a partir de rigores totalitários, como formas subalternas, não credíveis. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 11)

⁸² “Calunga grande é o mar, a enormidade de seu destino e de seu horizonte. Calunga pequeno é a terra que recebe esses corpos e os transforma em semente. Mas no caso da escravidão, reinventada no Novo Mundo, a terra tragou os corpos desses milhares de cativos, que foram antes transformados em prisioneiros, brutalizados pela violência desse sistema que supôs a posse de um homem por outro.” (SHWARCZ, 2001, p. 227)

As religiões de matriz africana e dos povos originários não são crenças de tradição escrita, é de seu caráter a oralidade vinda da ancestralidade. Verger (2000) nos contou que, para os iorubás, apenas a palavra falada, proferida é que contém o axé, diferentemente da palavra escrita, que não possui a mesma força. As histórias e o axé tomam corpo na boca do povo, se transmutando, modificando, recontando como precisar ser reinventado para que faça sentido ao contexto em que está. O que é fato é que as crenças dos povos que foram dizimados e escravizados resistiram às tentativas severas de destruição do colonialismo:

O Atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ela atravessaram sabedorias de outras terras que vieram imantadas nos corpos, suportes de memórias e de experiências múltiplas que, lançadas na via do não retorno, da desterritorialização e do despedaçamento cognitivo e identitário, reconstruíram-se no próprio curso, no transe, reinventando a si e o mundo. O colonialismo se edificou em detrimento daquilo que foi produzido como sendo o seu outro. A agenda colonial produz a descridibilidade de inúmeras formas de existências e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial.

Nos cruzos transatlânticos, porém, a morte foi dobrada por perspectivas de mundo desconhecidas das limitadas pretensões do colonialismo europeu-ocidental. Elas são as experiências de ancestralidade e de encantamento. Para grande parte das populações negro-africanas que cruzaram o Atlântico e para as populações ameríndias do Novo Mundo, a morte é lida como espiritualidade e não como conceito de oposição à vida. Assim, para a perspectiva da ancestralidade só há morte quando há esquecimento, e para a perspectiva do encantamento tanto a morte quanto a vida são transgredidas para uma condição de sobrevivência (SIMAS; RUFINO, 2018, p.11).

Por que recuperar esta questão da relação de Jorge Amado com o candomblé e os orixás? Pela visita feita Casa do Rio Vermelho, quando me vi em frente à escultura de Exu ou quando, nas escadas da Fundação, sobre o assentamento feito ao *compadre*; deparei-me com poesias, cantos, citações a Iemanjá dentro do próprio Acervo Mala de Jorge Amado. Contudo, foi a partir da mudança de uma única perspectiva e do olhar da macumba enquanto epistemologia que pude, finalmente, compreender que a macumba codifica a vida e obra de meus objetos de estudo.

Em *ensinando a transgredir*, de bell hooks, a partir de um poema de Adrienne Rich, a autora reflete sobre a necessidade de criação de linguagens comuns para a comunicação. A partir do verso “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você”, estabelece uma relação com a história dos povos africanos escravizados que, impossibilitados de se comunicar através de suas línguas maternas, tiveram de reclamar a língua do opressor e fazê-la

arma de resistência e fizeram de tal forma que o próprio colonizador não conseguia compreender mais seu idioma, graças às junções de palavra, no uso impróprio da língua:

“(…) no uso incorreto das palavras, na colocação incorreta das palavras, havia um espírito de rebelião que tomava posse da língua como local de resistência. Um uso do inglês que rompia o costume e o sentido padronizados, de tal modo que os brancos muitas vezes não conseguissem compreender a fala dos negros, transformou o inglês em algo mais que a simples língua do opressor.” (HOOKS, 2013, p. 227)

Na criação desta linguagem morava não só a resistência à supremacia branca, mas o poder “de forjar um espaço para a produção cultural alternativa e para epistemologias alternativas – diferentes maneiras de pensar e saber que foram cruciais para a criação de uma visão de mundo contra-hegemônica” (HOOKS, 2013, p. 228).

Segundo Alexandre Fernandes (2017, p. 30), Jorge Amado foi:

Intelectual comunista e contador de histórias, partidário e singular, ateu e milagroso, materialista e religioso, excelente capoeirista sem nunca o ter sido, Jorge Amado demonstrou ginga de corpo, amplo molejo de um corpo fronteiriço a desnudar a precariedade da divisão, a bestialidade dos preconceitos e as agruras dos fundamentalismos.

Desta forma, pensando em encontrar uma linguagem comum e não hegemônica para conversar com os textos de Jorge Amado, percebi que teria de passar, obrigatoriamente, pelas fronteiras que a macumba constrói enquanto epistemologia. Como apontam Simas e Rufino, “as macumbas brasileiras, codificadas como contextos educativos, de formações e produções de saberes que se assentam em racionalidades opostas à normatividade do cânone ocidental, vêm potencializar as experiências subalternas como ações transgressoras” (2018, p. 27). Por isso, foi preciso incorporar os saberes fronteiriços, resistentes, aqueles que procuraram as frestas como sobrevivência possível, longe do pensamento colonialista, para começar a compreender a linguagem proposta pelo escritor baiano, sua visão de mundo, bem como a construção de seus afetos. Assim, inicio a apresentação dos textos literários que constroem Maria como Iemanjá, refletindo sobre a orixá, seus itans⁸³ e sua influência na cultura brasileira.

4.1 IEMANJÁ, INAÊ, PRINCESA DE AIOKÁ, MARIA

*"E foi como se o corpo fosse apenas concha
E como se a vida fosse apenas água"*

Iemanjá deriva de Yemojá e significa mãe dos filhos peixes⁸⁴. Orixá originalmente dos egbás, nação iorubá que se localizava entre Ifé e Ibadan e onde, até hoje, existe o Rio Yemonjá. Para os egbás, Yemojá era uma característica de Oxum, orixá hoje cultuada por terreiros, tendas e roças como aquela que reina sobre as águas doces. Por isso, Yemojá é a divindade de todas as águas, doces ou salgadas e, ao desembocar no mar, expande sua energia e seus domínios, como contado em alguns de seus *itans*. (DAMASCENO, 2015).⁸⁵

Com as guerras e, principalmente, com o tráfico negro, a orixá ganha características e potencialidades diversas: é para Iemanjá que alguns preferem mergulhar, abandonando os tumbeiros que os levavam. Foi aí que o mar passou a ser a calunga grande, o cemitério daqueles que vão se deitar no colo da orixá. Iemanjá carrega a dualidade da Grande Mãe que afaga, mas que retém. Assim como os negros escravizados, Iemanjá chega modificada e criando espaços comuns para a resistência de seus filhos e filhas, agora desterritorializados. Para Tatiana Damasceno (2015, p. 33), “Iemanjá é água doce e água salgada: quente, morna, fria; parada, rápida, lenta; agitada, calma; transparente, turva; profunda, rosa; azul, amarela, transparente, verde”.

No Brasil, comemora-se o dia de Iemanjá em duas datas distintas⁸⁶: na Bahia, no dia 2 de fevereiro, sendo a maior festa realizada no bairro do Rio Vermelho, onde viveram Jorge Amado e Zélia Gattai. Em outras regiões do país, como no sudeste e sul, o dia da rainha do mar é em dezembro, poucos dias antes da virada de ano. É dela também a tradição das sete ondas puladas no Réveillon e as oferendas feitas e levadas ao mar.

Em África, Iemanjá foi representada sempre com os seios fartos, ancas largas, barriga grande, todo o seu corpo arredondado, além de, obviamente, ser negra. No Brasil, a deusa passa por um processo de atualização que embranquece a orixá, a emagrece consideravelmente, embora ainda tenha seios fartos e quadris largos, símbolos da fertilidade herdados dos cultos africanos. Para Cristiane Amaral de Barros, “acrescenta ser Iemanjá a única divindade africana

⁸⁴Do iorubá *yèyè* = mãe + *òmọ* = filho+ *ẹjá* = peixe.

⁸⁵ No Acervo Mala de Jorge Amado estão presentes poemas/músicas escritos pelo compositor e musicista Alberto Soriano Thebas que abordam a figura de Iemanjá, alguns dedicados a Jorge Amado: *Inaê/tus cabelos son largos/para boipiá/largos enel largo mar.*”

⁸⁶ Iemanjá é sincretizada com Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora da Glória, a depender a região do país.

a ter sua representação, sua imagem exclusiva no Brasil. [...] Teria sido obra da umbanda a criação de uma nova imagem.” (2006, p. 36).”

O professor Vagner Gonçalves da Silva (2005) aponta para a popularização da imagem de Iemanjá no Brasil, principalmente, às movimentações acontecidas a partir da década de 1960, quando o tropicalismo veio exaltar a cultura popular brasileira e movimentos como o da consciência negra se iniciaram. Tatiana Damasceno (2015) ressalta a importância da arte afro-brasileira neste aspecto:

Se a tradição oral do pensamento - uma forma de produzir e verbalizar ideias de modo não analítico (LIGIÉRO, 1998) - através dos adeptos, projetou o culto de Iemanjá no cotidiano. A produção da arte afro-brasileira composta por objetos e práticas bastante diversificadas popularizou a deusa. Iemanjá brota em letras de canções brasileiras cantadas por grandes intérpretes como Dorival Caymmi, Maria Bethânia, Elis Regina, Clara Nunes, Vinícius de Moraes, entre outros; se faz presente nos enredos das escolas de samba, no artesanato popular, na pintura, na escultura e na literatura, principalmente, de Jorge Amado. (DAMASCENO, 2015, p. 17)

Entre os arquivos da Mala de Maria encontra-se a letra da canção *É doce morrer no mar*, escrita por Jorge Amado, em 1941, para a melodia de Dorival Caymmi, inspirada pela obra do amigo escritor, *Mar Morto*; registro importantíssimo de uma das obras que ajudou a perpetrar a figura de Iemanjá no imaginário brasileiro:

Figura 78: Letra da canção “É doce morrer no mar”, escrita por Jorge Amado para melodia de Caymmi. Documento 321. Acervo Mala de Maria.

A canção feita em parceria de Jorge Amado e Caymmi, lembra um dos *itans* registrados por Reginaldo Prandi em seu livro *Mitologia dos orixás* (2001):

“Iemanjá afoga seus amantes no mar

Iemanjá é dona de rara beleza
E como tal, mulher caprichosa e de apetites extravagantes.
Certa vez saiu de sua morada nas profundezas do mar
E veio à terra em busca do prazer da carne.
Encontrou um pescador jovem e bonito
E o levou para seu líquido leito de amor.
Seus corpos conheceram todas as delícias do encontro,
Mas o pescador era apenas um humano
E morreu afogado nos braços da amante.
Quando amanheceu, Iemanjá devolveu o corpo à praia.
E assim acontece sempre, toda noite,
Quando Iemanjá Conlá se encanta com os pescadores
Que saem em seus barcos e jangadas para trabalhar.
Ela leva o escolhido para o fundo do mar e se deixa possuir
E depois o traz de novo, sem vida, para a areia.
As noivas e as esposas correm cedo para a praia
Esperando pela volta de seus homens que foram para o mar,
Implorando a Iemanjá que os deixe voltar vivos.
Elas levam para o mar muitos presentes,
Flores, espelhos e perfumes,
Para que Iemanjá mande sempre muitos peixes
E deixe viver os pescadores.”

(PRANDI, 2001, p. 391)

Assim como na cultura brasileira, influenciada pelas crenças de matriz africana, Iemanjá é presença constante no arquivo Mala de Maria; mais do que isso, as duas se tornam uma só nas palavras de Jorge Amado. São frequentes os bilhetes, cartas e textos em que Maria é comparada a orixá, alguns diretamente, em outros, através das simbologias ligadas à energia da mãe dos filhos peixes. Apresento, a seguir, alguns bilhetes, poemas e prosas que trazem a figura da orixá. Primeiramente, um poema de Jorge Amado, dedicado a Maria Cruz e, em seguida, um dos bilhetes enviados:

Figura 79: Poema “Visão do mar no teu corpo”, de Jorge Amado, dedicado a Maria Cruz.. Documento 57 – 58. Arquivo Mala de Maria.

Figura 80: Bilhete enviado a Maria, de Jorge Amado. Documento 173 - 176. Arquivo Mala de Maria.

Iemanjá é a mãe de todos os *orís* e, em algumas crenças do candomblé e da umbanda, é também a mãe de quase todos os orixás. A maternidade está atrelada à figura da sereia, contudo, o materno de Inaê foge aos moldes brancos e burgueses, faz parte da coletividade dos terreiros, barracões, roças e tendas que se configuram enquanto uma família, para além dos ritos, se estendendo ao cotidiano, espaço de compartilhamento, comunidade.

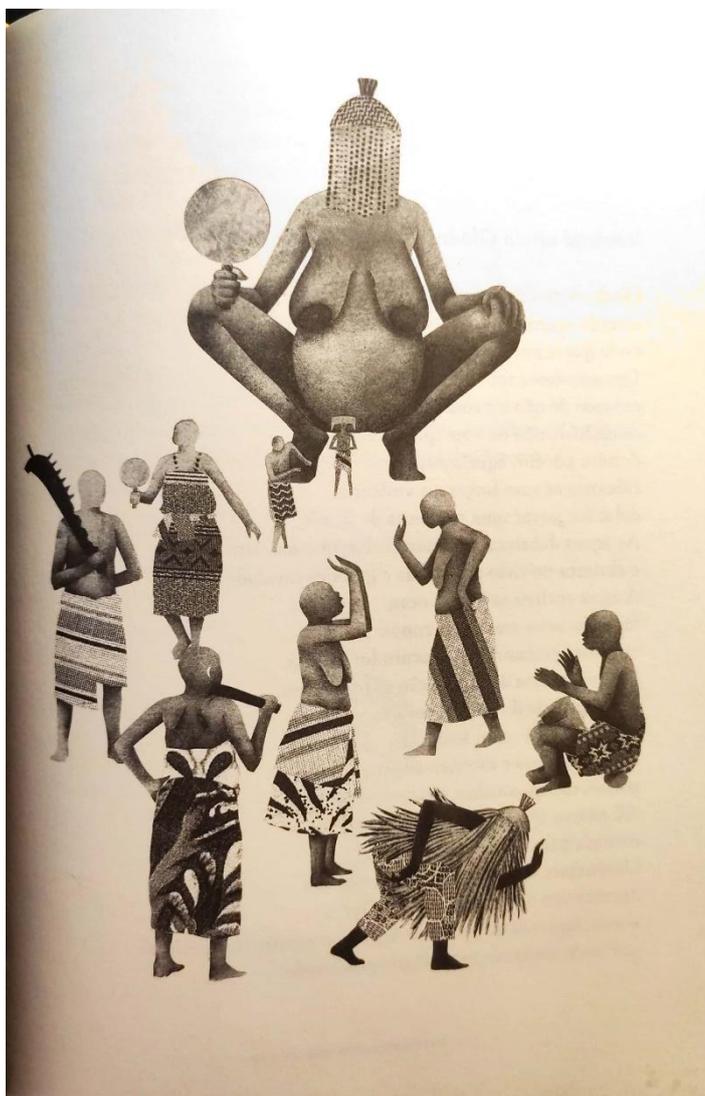


Figura 81: Ilustração de Pedro Rafael retratando Iemanjá e os orixás seus filhos. PRANDI, 2001, p. 379.

Há muitos *itans* diferentes que abordam o nascimento dos orixás, escolho apresentar aquele que melhor exemplifica a noção de família enquanto comunidade: aqueles com quem comemos, brincamos, conversamos e vivemos:

“Iemanjá dá à luz as estrelas, as nuvens e os orixás

Iemanjá vivia sozinha no Orum.

Ali ela vivia, ali dormia, ali se alimentava.

Um dia Olodumare decidiu que Iemanjá
precisava ter uma família,
ter com quem comer, conversar, brincar, viver.
Então o estômago de Iemanjá cresceu e cresceu e cresceu
E dele nasceram todas as estrelas.
Mas as estrelas foram se fixar na distante abóbada celeste.
Iemanjá continuava solitária.
Então de sua barriga crescida nasceram as nuvens.
Mas as nuvens perambulavam pelo céu
Até se precipitarem em chuva sobre a terra.
Iemanjá continuava solitária.
De se estômago nasceram então os orixás,
Nasceram Xangô, Oiá, Ogum, Ossaim, Obaluaê e os Ibejis.
Eles fizeram companhia a Iemanjá.”
(PRANDI, 2001, p. 386)

Num dos poemas escritos para Maria, *Poema da nossa grande aventura*, já apresentado na íntegra anteriormente, Jorge Amado trabalha com um imaginário simbólico muito característico de Iemanjá, em relação à maternidade e fertilidade: “Dos teus seios farei brotar o leite/Que alimentará os famintos/E matará a sede dos sequiosos”; os versos fazem lembrar, instantaneamente, Pierre Verger, que era amigo próximo do escritor baiano, falando sobre a orixá: “Teu filho será alimentado”. “Ela cria todas as crianças vindas de fora” (VERGER, 2000, p. 303). Segundo Verger, Iemanjá é retratada com nomes diversos, em lugares distintos, contudo, sua aparência sempre está ligada à fecundidade, seja com a barriga farta e seios grandes e caídos, ou com seios empinados e sem barriga. O que não muda são os seios sempre fartos, representando a fertilidade, o nutrir através do leite materno. Verger (2000), aliás, salienta que em Ibadan, a orixá é representada por uma mulher grávida. Jorge Amado retoma a simbologia da fecundidade em outro poema escrito para Maria, dessa vez, fazendo alusão direta à deusa:

Figura 82: "Poema de Inaê", de Jorge Amado. Documento 53 - 56. Arquivo Mala de Maria.

Além da produção em verso, Jorge Amado fez ainda dois textos em prosa em que cita a orixá, parecendo fazer uma referência à Maria. Um deles foi apresentado anteriormente e se trata de um trecho do livro raro *Estrada do Mar*, publicado num jornal não identificado e presente no Arquivo pelo recorte deste. Na versão publicada no periódico Jorge Amado retira o trecho em que pede perdão a Yemanjá que, no texto, parece ser muito mais uma amante do eu lírico do que, de fato, a orixá:

Por último, apresento um texto sem título e sem referência, com fortes indícios de pertencer à *Estrada do mar*: estava na sequência do texto anterior e possui características muito semelhantes, como uma prosa poética que traz sempre a figura de Yemanjá e do mar para falar

da amada. No texto, Jorge Amado se indaga: de onde vem a beleza da Bahia? E passa a refletir sobre as características mais emblemáticas de Salvador: as suas ruas calçadas de negras pedras centenárias, do baticum dos atabaques e agogôs das festas de Ogum e Iemanjá, dos sinos e das mulheres que cantam Ave-Maria nas igrejas.

A conclusão a que chega é reveladora, talvez até sobre sua relação com Maria: “Mas se perguntardes a um velho marinheiro de onde vem essa beleza, esse dengue, essa poesia e esse mistério da Bahia, ele vos dirá mostrando a pedra de dique, que tudo isso vem de Yemanjá, a dona das águas, senhora dos rios, dos mares (...)”. Se lembrarmos que Jorge Amado costumava referir-se a si mesmo como marinheiro, por diversas vezes, em contextos diferentes, por exemplo, em *Navegação de cabotagem*, podemos imaginar que a o marinheiro, Jorge Amado, dirá que a beleza vem de Yemanjá, Maria Cruz. E, como se não quisesse deixar dúvidas da referência que fazia à companheira, termina o texto com o seguinte trecho: “E vos dirá que Yemanjá tem cinco nomes, cinco nomes doces. Ela é Yemanjá, Inaê, Princesa de Aioká, Janaína, **dona Maria**, que é o seu nome mais bonito, e dela é que vem para a Bahia toda a sedução romântica, todo o lírico mistério que cerca a cidade”. Culpar Maria pela beleza da Bahia pode ser uma consequência da relação de Jorge Amado com ela, porém, é importante lembrar que a mãe de Maria era baiana⁸⁷, logo, embora sua filha tenha nascido em Paranaguá, suas raízes estão localizadas na Bahia de Todos os Santos.

Figura 83: Texto sem título, de Jorge Amado. Documento 25 -28. Arquivo Mala de Maria.

⁸⁷Informação fornecida por Luiz Fernando Cruz Marcondes, por contato via *e-mail*, no dia 14 de janeiro de 2021: “No mais, sempre me pergunto (nunca soube a resposta), como, no início doséculo XX, meu avô,paranaense, foi encontrar uma baiana para casar (eencontrou na Bahia). Não era rico, acho que não era vendedor, nãoconsegui explicação”.

4.2 TODA FELICIDADE É TRAIÇÃO: MARIA FRANCO, JOSÉ E MARIO

“— *Vamos largar tudo, Mario, nossa vida é mais importante que tudo isso.*

— *É mais uma traição...*

A voz dela era incisiva no desespero:

— *Toda felicidade é traição...*”

Jorge Amado, 1942. Romance inédito e inacabado. Acervo Mala de Jorge Amado – 1941 – 1942.

Depois de ler e reler o romance inacabado, por vezes intitulado *Agonia da Noite*, outras tantas como *São Jorge dos Ilhéus*, e de me voltar incessantemente ao conteúdo dos arquivos, capaz de desvelar a relação de Jorge, Maria e Pompeu, pareceu-me que a narrativa terminava de contar o que ficou interdito nas correspondências, dando rumo para as questões inacabadas entre os três. No prefácio do livro, Jorge Amado cita a poeta e ganhadora do Nobel: “Gabriela Mistral, a grande poetisa chilena, encontra que nenhum escritor da América, como Jorge Amado, tem sabido fazer da sua vida e da sua obra um único bloco”. É necessário salientar que esta leitura só é possível por conta dos acervos – do contrário, não teria acesso ao romance e às cartas pessoais de Pompeu para Jorge Amado e a carta de Maria para o escritor, muito menos das cartas de Jorge Amado para Maria, contidas no arquivo Mala de Maria. Somente com essa construção narrativa epistolar dos arquivos é que se pode analisar Maria Franco, José Franco e Mario do jeito que analiso nesta tese.

Maria Franco é uma versão de Maria Cruz; já Mario personifica Pompeu nas páginas do romance e José Franco representa uma faceta de Jorge Amado, aquele reflexo que o autor vê no espelho, a imagem criada de si: o marido ausente, que precisa ir embora por força maior e é traído duplamente – pela mulher e pelo melhor amigo. Além dos personagens que permeiam a biografia de Jorge Amado e o enredo que os conecta coincidirem com as páginas do romance, o momento escolhido pelo autor para ser retratado é aquele exatamente subsequente ao fim de seu contato com Pompeu e Maria: informado pelo amigo de que este se casaria com a mulher que esteve ao seu lado durante um ano, no papel de esposa, Jorge rompe as relações com os dois, ainda que sutilmente; então, volta ao Brasil, em 1942 e nunca mais os encontra. Já o romance inicia-se com a relação já consolidada de Mario (Pompeu Borges) e Maria Franco (Maria Cruz), tendo José (Jorge Amado) deixado a cidade por conta de perseguições políticas

– motivo que também levou Jorge Amado a deixar Buenos Aires rumo à Montevideu, como o próprio escritor relata em correspondências à Maria Cruz.⁸⁸

Na narrativa, o presente nos mostra Mario consumido pela culpa, pronto a buscar a redenção através da morte iminente na revolução armada e Maria arduamente argumentando para que este fugisse com ela – fugisse da luta, fugisse de José. Além da relação mais óbvia das personagens com o triângulo que se construiu na realidade, a escolha dos nomes dos personagens também parece querer deixar muito clara a referência à ex-mulher: não só a personagem principal tem o exato primeiro nome desta, mas seu marido chama-se José, segundo nome de Maria José Cruz, e, seu amante, melhor amigo de José, chama-se Mario, uma versão masculina descarada do nome Maria, inclusive sem o acento comum do nome Mário. A sutileza não era o objetivo de Jorge Amado naquele momento, talvez movido pela vontade de desabafar, sobre a situação recém ocorrida, nas teclas da máquina de escrever. Por fim, parece ter sido suficiente transpor para o papel os sentimentos que versam sobre a culpa do casal em estar juntos e o escritor abandona o romance, desistindo da revolução, justamente quando Mario abandona Maria para se juntar ao grupo de comunistas que entrará em combate – ou seja, quando o casal se separa, a morte do militante é iminente e Maria Franco permanecerá sozinha.

Diferentemente de Heitor, a dúvida de Mario desaparece no último segundo e este decide ir ao encontro dos companheiros. Contudo, por um minuto ou uma hora, sem saber precisar, permaneceu encarando a porta fechada que o separava da impossibilidade de desistir da luta. Para ele, não era o medo o responsável pelo momento de hesitação, mas a felicidade, o amor, ambos em forma de mulher: Maria Franco.

Medo... Não tinha medo, não se recordava de jamais o ter sentido. Muitos perigos passara em sua vida, sempre se mostrara corajoso. Por isso mesmo, pela sua coragem, tinha chegado a ser um dos chefes do levante na cidade. Mas agora era diferente... Se entrasse tinha que ser para morrer, para se sacrificar. Assim pelo menos lavaria seu nome. José Franco não poderia nunca acusá-lo. Mesmo quando viesse a saber que ele não sujaria a sua memória. Era para ele a única solução: deixar-se matar na luta. Pagaria assim... Mas era tão grande a felicidade que o esperava se rompesse com tudo, com os companheiros, os compromissos, José Franco, as ideias, tudo, felicidade tão grande que ele se viu tentado. (AMADO, 1941, p. 10. Documento 01 – 90. Arquivo Mala de Jorge Amado 1941 - 1942)

⁸⁸Documento 59 a 62, descrito na página 157 da tese.

Na narrativa, duas são as personagens que consideram desistir do levante armado: Heitor e Mario. Heitor é pintado como o covarde, aquele que ama a esposa por esta lembrar um rapaz, a esposa que é igual ao colega de classe. Heitor, o gay, o covarde, desiste de ir e fica na cama com Edith, sofrendo alucinações com todos os companheiros dentro de seu quarto. Mario é corajoso, o líder do levante da cidade, mas a felicidade, o amor por uma mulher o prende; mesmo assim, corajoso que é, característica atribuída pelo ideário patriarcal aos homens de verdade, opta por deixar para trás a amada e provar sua honra através de seu sacrifício:

Mesmo na hora de sair, no horror da noite, Maria Franco (não conseguia pensar no nome dela a não ser juntando-lhe o sobrenome) passara-lhe os braços em volta do pescoço e mais uma vez dissera:

— Não vá, Mario. Não vá. Então agora é que você acha de se desgraçar? Agora que nos encontramos? Não vá, vamos fugir, o mundo é grande, viveremos em qualquer parte. Largue tudo, pense em mim. Nunca mais você poderá viver junto deles tendo a mim. Nunca eu poderia ficar com você ao lado deles. E José? Não, Mario, vamos fugir. Não vá, eu te peço.

Ficara calado, beijando os olhos dela. Por que ela viera tão tarde? Por que viera com José, não viera sozinha? Desgraça. Como a felicidade traz desgraça! Desgraça. Era a única palavra. Naquele momento, os braços dela no seu pescoço, sentia o pensamento oco, não pensava mesmo em nada, nem em fuga, nem em luta. Desgraça. A voz dela era terrível de medo de perder tudo que tinham conquistado de repente, conquistado (e com ela, pensava Mario) traíndo a confiança de um homem bom. (AMADO, 1941, p. 10. Documento 01 – 90. Arquivo Mala de Jorge Amado 1941 - 1942)

É curioso perceber que a única fala de uma mulher com mais de três linhas em todo o romance é essa, retratada acima, de Maria Franco. Maria é também a única das personagens que consegue articular e argumentar, as demais permanecem sem voz e, quando falam, são frases vazias, normalmente estereotipadas ou serviçais (oferecendo café, por exemplo).

Mesmo com o apelo da companheira, Mario escolhe a morte, escolhe os homens, escolhe a redenção da culpa de ter traído José Franco, seu melhor amigo e marido de Maria. Mesmo com o amigo tendo abandonado a esposa, Mario não consegue desvencilhar o sentimento de posse causado pelo matrimônio e pelo pensamento burguês, ironicamente incrustado no militante comunista: para ele, era impossível chamá-la sem o sobrenome do marido; ela só existe dentro da posse do casamento, o que se evidencia com mais clareza no trecho a seguir:

— Vamos largar tudo, Mario, nossa vida é mais importante que tudo isso.

— É mais uma traição...

A voz dela era incisiva no desespero:

— Toda felicidade é traição...

Como tivera coragem de a deixar? Saíra como um desgraçado açoitado pelo vento e pela chuva, e ia quase correndo, doido para alcançar logo a garagem e não pensar mais em nada senão em morrer, em lavar, assim, a sua vida. **Traíra um homem bom, traíra sua confiança, se apossara do bem que ele lhe dera a guardar quando fugia perseguido.** (grifo meu) Devia morrer por isso, desejava morrer por isso. E se fugisse? Se tomasse de Maria Franco e fosse com ela para outro mundo, outra gente que os conhecesse, **um lugar onde ela não fosse Maria Franco, onde a chamasse de Maria de Oliveira?** (grifo meu) “Toda felicidade é traição”, ela dissera, era mais forte que ele, ela defendia com mais coragem o seu amor e a sua felicidade. (...) Anda não compreendera como a conquistara, tão inacessível ela lhe parecera desde há muitos anos já, quando Maria Franco ainda era uma menina-moça e José Franco a desposou. Um dia José Franco teve que sair às pressas, fugitivo e lhe entregou Maria para que ele cuidasse dela. E foi assim quase de súbito que um dia veio a saber que ela também o amava. No delírio dos braços dela, na claridade daquela felicidade que tudo ofuscava, **conseguiu esquecer que estava se apossando de um bem do amigo, um bem confiado a sua guarda** (grifo meu). (AMADO, 1942, p. 10-11. Documento 01 – 90. Arquivo Mala de Jorge Amado 1941 - 1942)

José é descrito sempre como um homem bom, de coração grande, que nunca perdoaria uma traição; sua figura permanece sempre entre Mario e Maria, dividindo o casal, com seu olhar triste e decepcionado. Ao contrário de Maria, Mario não suporta o fantasma de José e decide que a morte pela revolução é a única forma de conseguir perdão. Neste ponto, o narrador deixa evidente que Maria é infinitamente mais forte do que o amado:

Ele não tem a fortaleza de Maria Franco que sacrifica tudo, passando sobre tudo. Essas coisas nos lábios dela saíam sempre num tom dramático de desespero e tinham uma marca de sinceridade que abalavam Mario. E ficava sem saber se devia ir para lutar pela felicidade de milhares e milhares de homens ou se devia abandonar tudo, trair uma causa depois que traíra um amigo e fugir, levando Maria para muito longe, tão longe que o fantasma de José Franco não os acompanhasse. Seria que ela não encontrava entre si a felicidade daquele amor a figura do marido, sempre tão bom e tão terno, risonho e afável, apaixonado pela mulher? Ela era mais forte que Mario, muito mais forte. Dissera-lhe que a felicidade é sobre tudo egoísta e que o ser humano tem que despedaçar tudo que se encontre entre ele e a felicidade, sejam sentimentos, sejam homens”. (AMADO, 1942, página 11. Documento 01 – 90. Arquivo Mala de Jorge Amado 1941 - 1942).

Parece evidente e gritante que a personalidade de Maria Franco seja, de longe, a mais complexa de todas as três personagens mulheres com mais destaque na trama porque, de fato,

é a representação da personalidade de Maria Cruz: certa de seus desejos, de seus próximos passos, ciente do caráter burguês inculcado no matrimônio, como nos demonstrou a carta enviada a Jorge Amado em 1942, descrita na página 28, certa de como obter a felicidade sob seus próprios termos, quebrando toda regra que ficar no seu caminho, seja ela de qual lado for. Aqui, a coragem significa rebeldia, diferente das medidas utilizadas para marcar Heitor enquanto covarde. Se o militante que, tendo descoberto as origens homossexuais de seu desejo por sua esposa e, decide fugir da revolução, foi facilmente taxado enquanto medroso, Mario, que escolhe os homens, a revolução e a morte, também ganha o mesmo título do amigo Heitor:

(...) preferia se deixar matar por egoísmo. Por egoísmo, sim. Mario repete isso para si mesmo. Puro egoísmo morrer agora, libertando-se assim de tudo, encontrando um caminho só para ele. Morrer não era coragem. Nunca se precisa de coragem para morrer quando a morte é a mais alegre das perspectivas. Gesto corajoso era o de viver, de fugir, de não lutar naquela noite nem em outras noites futuras, coragem era ser covarde e traidor. Mario, a quem todos achavam um homem de coragem comprovada, não se sentia bastante corajoso para isso. Aquela frágil mulher que ficara em casa tinha muito mais coragem que ele. Ela não queria morrer. Ela preferia viver, mesmo que tivesse que carregar tão pesadas marcas na face. Achava que a felicidade valia qualquer sacrifício e que o dever do homem é defender sua felicidade acima de tudo. (AMADO, 1942, p. 11. Documento 01 – 90. Arquivo Mala de Jorge Amado 1941 - 1942)

Para Mario, a verdadeira coragem estava em conviver com o espectro de José Franco sempre entre ele e Maria, inclusive nos momentos de intimidade:

A paz só encontrava nos grandes momentos em que, penetrando em Maria, ficava na cama, os dois sem movimentos como a tomarem perfeito conhecimento que eram bem um do outro, que não havia ilusões e enganos. Nesses momentos nem o prazer procuravam no mistério da posse. Ficavam quietos e silenciosos, tranquilos porque estavam ligados, penetrados um no outro e eram um único ser e não havia sobre a face da terra nem tristezas nem alegrias. Tudo era tranquilo então e uma nova luz enchia o quarto e os olhos de Mario. Mas logo vinham os movimentos do prazer e isso já era como luta, um combate em busca do gozo e quando se separavam as trevas enchiam o quarto e próximo ao leito de Mario sabia que se encontrava José Franco, o dono da sua mulher. (AMADO, 1942, p. 12. Documento 01 – 90. Arquivo Mala de Jorge Amado 1941 - 1942)

Nesse trecho, o escritor utiliza penetração com dois significados não só distintos, mas em oposição: o primeiro, de encaixe, completude e igualdade, quando em inércia, paralisados. Nesse momento, José Franco sai de cena e restam na cama Mario e Maria, um só ser, em relação de companheirismo, unidade, próximo do que Kollontai trabalha como o amor camaradagem na dimensão sexual. O outro significado de penetrar invoca José Franco à cena: agora em

movimento, o corpo de Maria torna-se campo de batalha a ser conquistado, os movimentos da relação sexual passam a ser violentos e combativos, uma disputa impossível de ser vencida por Mario: para ele, o amigo sempre vence o cerco.

Para Irene Khan, secretária geral da Anistia, “o corpo das mulheres, a sua sexualidade e capacidade reprodutiva são utilizados como campo de batalha simbólico e literal” (KHAN apud ROSA, 2013, p. 60), ou seja, a mulher torna-se território a ser conquistado através de violências física e sexual. O que abre caminho para o corpo feminino ser tomado como campo de batalha é justamente a ausência de um lugar para a mulher e, portanto, para seu corpo. Esse cenário de guerra foi construído a partir do discurso e de mecanismos de dominação sociopolíticos enquanto tradição secular. Sem lugar próprio para o corpo feminino, há sempre espaço para ser tomado – com frequência, à força.

Além de todas as pistas e marcas de Maria Cruz na composição de Maria Franco, a semelhança torna-se cristalina quando Jorge Amado faz referência a um dos textos de *A estrada do mar*, presente também no Arquivo Mala de Maria, dedicado à companheira (a ser apresentado novamente, junto da imagem do documento original datilografado, na página 173 desta tese). Abaixo, transcrevo a referência feita no romance inédito e, em seguida, o texto original⁸⁹:

Além deste portão de garage está a felicidade da morte, “Feliz como um morto”, escrevera ou dissera alguém e a frase fora feita para Mario. Vira, certa noite de lua e violão, um marinheiro morto sobre as areias do caes. A melodia dos sambas conversavam dos seus feitos no mar e u’a mulher soluçava sobre o peito do afogado. Mas na fisionomia deste estava uma expressão de plena felicidade, uma paz e uma serenidade como jamais Mario encontraria em outra face humana. Ouvira um velho marítimo dizer que “aquele encontrara seu porto”. Depois quando lera que alguém “era feliz como um morto” lembrou-se do marinheiro feliz no seu porto da morte, a paz nos lábios finos, nos olhos abertos, nas mãos estendidas. Nada entendera dos mistérios de Yemanjá de que os marinheiros falavam. Mas entendera bem que na morte pode estar a paz, a tranquilidade para os mais desgraçados. Tudo era ruidoso no mundo, a felicidade e a desgraça. E Mario hoje só deseja o silêncio, a paz que fugiu do mundo e do coração dos homens.

⁸⁹O texto “Pedido para a amada”, possível fragmento de *A estrada do mar*, parece se remeter também à canção “É doce morrer no mar”, composta por Jorge Amado e Dorival Caymmi em 1941, baseada na história de Mar Morto, publicada em 1936 pelo escritor baiano: “É doce morrer no mar/nas ondas verdes do mar/A noite que ele não veio foi/Foi de tristeza pra mim/Saveiro voltou sozinho/Triste noite foi pra mim/ É doce morrer no mar/nas ondas verdes do mar/Saveiro partiu de noite, foi/ Madrugada não voltou/O marinheiro bonito/Sereia do mar levou/ É doce morrer no mar/nas ondas verdes do mar/Nas ondas verdes do mar, meu bem/ Ele se foi afogar/Fez sua cama de noivo/No colo de Iemanjá”

(AMADO, 1942, p. 12. Documento 01 – 90. Arquivo Mala de Jorge Amado 1941 – 1942)

(AMADO, sem ano. Documento 337 - 340 Arquivo Mala de Maria).

Os dois textos fazem referência à orixá Iemanjá, trabalhada com mais fôlego em capítulo anterior desta tese, por se tratar de figura emblemática dentro do Arquivo Mala de Maria. Jorge Amado se referia à companheira Maria Cruz frequentemente pelo nome da orixá em suas

variadas formas, com mais destaque para Inaê e Yemanjá. Entre as facetas de Maria está a da deusa dos mares, construída gradativamente no decorrer dos 4 anos em que estiveram juntos. Neste ponto específico da história de Mario e Maria Franco, este em que ainda formam um casal e o comunista não decidiu sobre deixar a amada ou não, Maria Franco é Iemanjá, assim como Maria Cruz o era.

Num primeiro momento, as reflexões de Mario e Maria orbitam na indecisão do homem sobre ir ou não para o levante armado; na culpa incrustada no peito e na certeza de Maria de que o melhor caminho é, sem sombra de dúvida, a felicidade acima de tudo. Se Maria é fortaleza, Mario se acaba em ruínas. Toda a cena que envolve os devaneios, reflexões e a sentença dada pelo próprio personagem se passa em frente à porta da garagem, nos minutos que antecedem a decisão de abandonar a amada ou fugir com esta. De tão paralisado, é Lopes quem decide por Mario, abrindo a porta e impossibilitando qualquer desistência. Agora, sem a opção de fugir com Maria, o sofrimento de Mario se foca na aridez dos olhos da namorada, pensando que ela não derrubará sequer uma lágrima por ele, aí, então, entramos em outro campo de análise e que, mais uma vez, aprofunda-se na personalidade marcante de Maria Franco/Cruz.

4.3 O sopro destrutivo de Oiá: a transformação de Maria Franco

*“O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oiá
E o povo chamava isso de tempestade.”
PRANDI, 2001, p. 307*

Para a construção deste capítulo, vali-me dos conhecimentos teóricos de Pierre Verger, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, Helena Theodoro e Reginaldo Prandi, contudo, fizeram parte da estruturação dos saberes referentes às crenças de matriz africana também a experiência dos mais velhos presentes dentro dos terreiros com quem tive contato e que estabeleceram o conhecimento acerca dos orixás que possuo por vivência da religião, através das danças, cantos e itans. Logo, os saberes escritos e os escutados se misturam na composição deste trecho da tese.

Helena Theodoro (2019) salienta que, a todos os escravizados, provenientes de diferentes etnias, foi dado o nome genérico de “negros”. Os negros tentaram, como foi possível, preservar suas tradições culturais, que se ramificaram no candomblé no Brasil, na *santería* em Cuba e nos voduns no Haiti. Especificamente em terras brasileiras, “nação” diz respeito aos

grupos que cultuam divindades de uma mesma etnia africana, divididos, resumidamente, em três nações: o culto nagô dos orixás, de língua iorubá, vindo da Nigéria; o culto jeje dos voduns, de língua fon, proveniente do antigo Daomé e o culto banto dos inquices de Angola, Congo e Costa do Marfim. Destas nações, há alguma subdivisões que referenciam etnias ou mesmo locais emblemáticos africanos, como Ketu e Oió. Por mais diversos e distintos que possam ser cada um dos braços das tradições do negros escravizados, todas possuem o culto e a representação simbólica de Oiá. Para que compreendamos quem é Oiá, precisamos nos voltar para as crenças básicas; de forma geral, todas as crenças de matriz africana dividem a mesma cosmogonia:

“(...) o universo se divide em duas partes: uma visível – o *aiyé*– e outra invisível – o *orum*. Olorum é frequentemente imaginado junto com outros seres que com ele vivem (energias menores) ou que por ele são protegidos, e que são responsáveis por diferentes departamentos do universo. Alguns atuam como mensageiros (*Exu*) ou ministros (orixás) de Olorum, e outros (caboclos e pretos-velhos) são como seus filhos. Desta maneira, para o cultos negros existem mais partes entre o céu e a terra do que o que nós podemos ver.” (THEODORO, 2019, p. 33)

No Brasil, especificamente em Salvador, iniciou-se um processo de assimilação dos santos da Igreja Católica a partir da perspectiva negro-africana, Oiá/Iansã foi sincretizada com Santa Bárbara, uma jovem de vestes vermelhas e espada na mão, uma santa guerreira. Este sincretismo e outros mais, como o de Nossa Senhora da Conceição com Oxum ou Nosso Senhor do Bonfim como Oxalá, espalhou-se por todo o território brasileiro, culminando, inclusive, em ritos oficiais do catolicismo: como a Lavagem do Bonfim ou o caruru de Santa Bárbara.⁹⁰

O-ya, em iorubá, significa “ela rasgou” (THEODORO, 2019, p. 103), o que faz menção direta ao vento violento que destrói tudo em seu caminho. Oiá é o nome de Iansã na Nigéria, a deusa a quem pertence o Rio Níger ou Odo Oiá, ou seja, o rio de Oiá. A água e a chuva fazem

⁹⁰ Em 1835, a Revolta dos Malês, em Salvador, proveniente da união de povos de todas as etnias que lutavam pela independência e fim da escravidão de negros e negras, deu início a onda que culminaria na abolição da escravatura. As perseguições, contudo, não cessaram: durante o século XVIII e XIX as casas de fé de matriz africana eram fortemente reprimidas pela polícia. Por isso, em 1935, a ialorixá Obá Biyi, do Ilê Axé Opô Afonjá organizou a casa como Sociedade Beneficente Cruz Santa Axé Opô Afonjá, com tradições e estrutura nagô, resgatando títulos de honra das sociedades africanas, como o corpo dos Obás de Xangô, que ajudou a dar visibilidade e trazer proteção para as tendas/barracões/terreiros/roças de candomblé - título este que Jorge Amado carregava com orgulho (THEODORO, 2019).

parte da origem de Oiá que, em alguns itans, é filha de Oxum⁹¹. É dela também o reino da tempestade, tendo aprendido com seu último companheiro, Xangô, o poder de controlar o raio (PRANDI, 2001). Segundo os mitos, Oiá pode se transformar em búfalo, borboleta ou coral, o que logo nos aponta para o caráter dinâmico de quem se transmuta naquilo que é considerado oposto. No Brasil, Oiá é mais conhecida como Iansã, a mãe de nove filhos. Os itans que contam a história de Oiá se tornando Iansã são diferentes, mas sempre versam sobre a luta da orixá para se tornar mãe. A seguir, apresento um dos itans do livro *Mitologia dos orixás*, de Reginaldo Prandi:

“Oiá recebe o nome de Iansã, mãe dos nove filhos

Oiá desejava ter filhos,

mas não podia conceber.

Oiá foi consultar um babalaô

e ele mandou que ela fizesse um ebó

Ela deveria oferecer um carneiro, um agutã,

muitos búzios e roupas coloridas.

Oiá fez o sacrifício e teve nove filhos.

Quando ela passava, indo em direção ao mercado, o povo dizia:

“Lá vai Iansã”.

Lá ia Iansã, que quer dizer mãe nove vezes.

E lá ia ela orgulhosa ao mercado vender azeite de dendê.

Oiá não podia ter filhos,

mas teve nove,

⁹¹Faz-se importante salientar que nas crenças africanas não há história oficial, apenas tradições orais que podem variar de culto para culto. Da mesma forma que Oiá aparece como a filha de Oxum em alguns *itans*, em outros as duas são irmãs ou amantes.

depois de sacrificar um carneiro.

E em sinal de respeito,

Por ter seu pedido atendido,

Iansã, a mãe dos nove filhos, nunca mais comeu carneiro”.

(PRANDI, 2001, p. 294 – 295)

Na cultura brasileira, Iansã é associada, principalmente, ao vento. Contudo, é dela também o fogo, posto que a movimentação do ar traz o fogo. É conhecida como uma orixá temperamental e, muitas vezes, raivosa. Segundo Helena Theodoro, “Iansã fala o que pensa, sendo o elemento purificador nas situações de tensão. Ela limpa a atmosfera das distorções existentes. É a deusa dos limites, da interação dinâmica entre as superfícies” (2019, p. 106), “Iansã é a representação social de luta e independência” (THEODORO, 2019, p. 150). É dela a responsabilidade por cuidar dos espíritos (eguns), com passagem livre entre o reino dos mortos e dos vivos, por isso é a única orixá a participar dos rituais de axexê, cerimônia fúnebre dos terreiros.

Oiá sempre tira das relações artefatos, ferramentas, poderes que possibilitam a sua transformação; assim como o vento, Iansã está sempre em movimento constante, seja brisa ou tempestade. Das suas relações afetivas, nunca saiu de mãos abanando e, por mais caóticos que fossem os embates que levaram aos rompimentos, não desperdiçou ou jogou fora aquilo que aprendeu com seus amantes. O que nos lembra, inclusive, uma semelhança com Maria Cruz que, apesar do término conturbado com Jorge Amado, guardou consigo memórias, documentos e obras que nasceram dessa relação e que vieram, futuramente, a compor o Arquivo Mala de Maria.

“Iansã ganha seus atributos de seus amantes

Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder.

Por isso entregou-se a vários homens,

deles recebendo sempre algum presente.

Com Ogum, casou-se e teve nove filhos,

adquirindo o direito de usar a espada

em sua defesa e dos demais.

Com Oxaguiã, adquiriu o direito de usar o escudo,

para proteger-se dos inimigos.

Com Exu, adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia,

para realizar os seus desejos e os de seus protegidos.

Com Oxóssi, adquiriu o saber da caça,

para suprir-se de carne e a seus filhos.

Aprimorou os ensinamentos que ganhou de Exu

e usou de sua magia para transformar-se em búfalo,

quando ia em defesa de seus filhos.

Com Logum Edé, adquiriu o direito de pescar

e tirar dos rios e cachoeiras os frutos d'água

para a sobrevivência sua e de seus filhos.

Com Obaluaê, Iansã tentou insinuar-se, porém, em vão.

Dele nada conseguiu.

Ao final de suas conquistas e aquisições,

Iansã partiu para o reino de Xangô,

Envolvendo-o apaixonando-se e vivendo com ele para a vida toda.

Com Xangô, adquiriu o poder do encantamento,

O posto da justiça e o domínio dos raios.”

(PRANDI, 2001, p. 296 – 297)



Figura 84: Iansã retratada por Pedro Rafael. *Mitologia dos orixás*, de Reginaldo Prandi.

A vida amorosa de Oiá é, assim como ela mesma, dinâmica e cheia de movimento. Envolveu-se com muitos dos orixás, tendo levado para si aprendizados advindos das relações. De todas as suas incursões afetivas, destacam-se dois nomes: Ogum e Xangô. Maria Cruz, assim como Iansã, não vê problema em deixar um companheiro e ir embora com outro, quando já não faz mais sentido estar naquele espaço, como acontece no itan em que Oiá deixa Ogum e vai viver com Oxaguiã, desenvolvendo o dom de controlar os ventos e soprar tempestades:

“Oiá sopra a forja de Ogum e cria o vento e a tempestade

Oxaguiã estava em guerra,

Mas a guerra não acabava nunca,
Tão poucas eram as armas para guerrear.
Ogum fazia as armas, mas fazia lentamente.
Oxaguiã pediu a seu amigo Ogum urgência,
Mas o ferreiro já fazia o possível.
O ferro era muito demorado para se forjar
E cada ferramenta nova tardava como o tempo.
Tanto reclamou Oxaguiã que Oiá, esposa do ferreiro,
Resolveu ajudar Ogum a apressar o fabrico.
Oiá se pôs a soprar o fogo da forja de Ogum
E seu fogo mais forte derretia mais rapidamente o ferro.
Logo Ogum pôde fazer muito mais armas
E com mais armas Oxaguiã venceu logo a guerra.

Oxaguiã veio então agradecer a Ogum.
E na casa de Ogum enamorou-se de Oiá.
Um dia fugiram Oxaguiã e Oiá,
Deixando Ogum enfurecido e sua forja fria.

Quando mais tarde Oxaguiã voltou à guerra
E quando precisou de armas muito urgentemente,
Oiá teve que reavivar a forja,
Mas não quis voltar para a casa de Ogum.
E lá da casa de Oxaguiã, onde vivia,

Oiá soprava em direção à forja de Ogum.

E seu sopro atravessava toda a terra

Que separava a cidade de Oxaguiã da de Ogum.

E seu sopro cruzava os ares

E arrastava consigo pó, folhas e tudo o mais pelo caminho,

Até chegar às chamas que com furor atiçava.

E o povo se acostumou com o sopro de Oiá cruzando os ares

E logo o chamou de vento.

E quanto mais a guerra era terrível

E mais urgia a fabricação das armas,

Mais forte soprava Oiá a forja de Ogum.

Tão forte que às vezes destruía tudo no caminho,

Levando casas, arrancando árvores,

Arrasando cidades e aldeias.

O povo reconhecia o sopro destrutivo de Oiá

E o povo chamava isso de tempestade.”

PRANDI, 2001, p. 303 – 304

Para Oiá, mesmo os rompimentos são produtivos e levam à evolução. A produtividade e o dinamismo de Iansã estão cravados na sua personalidade de tal forma, que mesmo as disputas se tornam campo para crescimento e aprendizado. Quando Ogum e Xangô iniciam uma competição pelo amor de Oiá, a ela são feitas oferendas, entre elas uma espada dada por Ogum, a espada que Oiá leva consigo:

“Oiá é disputada por Xangô e Ogum

Oiá era uma mulher muito desejada,
Que além de bela, sedutora e guerreira
Preparava deliciosos acarajés como ninguém.
Um dia Xangô raptou Oiá da casa de Ogum.
Voltando de uma caçada, Ogum ficou ciente do ocorrido
E mandou uma mensagem a Xangô:
Iria buscar sua mulher.
Começava a rivalidade pela conquista de Oiá.
Os dois prepararam-se para o litígio.
Cada um consultou Ifá e fez as oferendas necessárias
E ambos colocaram as oferendas numa estrada.
Ogum ofereceu inhames e farofa.
Xangô, por sua vez, ofereceu amalá e orobôs,
Ogum apresentou-se com sete escravos e Xangô com doze.
Ogum não se amedrontou e ambos partiram para a luta.
Antes, porém, comeram das comidas oferecidas.
Começaram a lutar e nunca mais pararam.
E até hoje dessa guerra muitas aventuras são contadas.
Nessa luta Oiá ganhou de Ogum uma espada
E nunca mais deixou de ser uma guerreira.
Muitas aventuras dessa guerra são contadas
E todas falam de uma Oiá guerreira e amante,
Sempre disputada por Xangô e Ogum, os seus amados”.

Se as semelhanças são grandes em relação à realidade, no romance inédito de Jorge Amado há uma transformação de Maria Franco de Iemanjá em Oiá. Se antes o imaginário de Mario lembrava da orixá sereia que leva os marinheiros para o mar e, ocasionalmente, não os devolve, agora a água secou e a possibilidade de afogamento e redenção desaparecem. Iemanjá, a orixá responsável pela calunga grande, o mar, chora quando vem ao *ayiê*, assim acontece com muitos de seus filhos e filhas que recebem os espíritos ancestrais. Foi do choro compulsivo e magoado que Inaê criou o mar, a junção de todas as suas lágrimas (PRANDI, 2001). Após se reunir com os companheiros, Mario começa a refletir sobre como Maria Franco reagiria após perceber que não mais veria o namorado:

Se Maria Franco não chorasse seria bem maior o sofrimento. (...) Sim, ela não terá lágrimas nos olhos belos. Ficarão secos, um ardor nas pálpebras, e completa sede de felicidade. Ela vinha toda através os olhos e quando falava, quando dizia que ele não devia ir, não era apenas a voz que o abalava. Eram também os olhos cheios de medo de o perder e de com ele perder a felicidade. Ela era corajosa e queria romper com tudo. Mesmo que lhes restasse pesadas marcas na face. Agora a ferida seria no coração e nada a curaria. **Nem o bálsamo das lágrimas ela teria e os belos olhos de Maria Franco murcharão de dor. Murchará seu coração também.** (grifo meu)

(AMADO, 1942, p. 21. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado 1941 – 1942)

Nos olhos de Maria Franco, a aridez. Não há chuva, como a que Mario encara correr pela janela e imagina, primeiramente, serem as lágrimas de Maria. Depois, dando-se conta da personalidade da mulher, de sua coragem, da sua força, imagina que não correrão lágrimas, sobrarão apenas o sofrimento que seca e murcha – coração e olhos. Segundo Helena Theodoro, “Analisar Oiá é entender a mulher brasileira atuante, dinâmica, transformadora e politizada” (2019, p. 85) Contudo, para Mario, as lágrimas são necessárias:

É quase com desespero que imagina Maria Franco de olhos ardendo, de olhos murchando porque as lágrimas não veem e não se derramam sobre a face. **Mais bravios são os temporais sem chuva, aqueles nos quais só o vento campeia.** Como que a terra fica seca e gretada, nada se opõe à fúria do vento, não existe o equilíbrio da chuva. **Assim será o temporal no coração de Maria Franco. O vento quente da desgraça secura seu coração,** fará que murchem os seus olhos que não mais encontrarão beleza nas paisagens da vida. (AMADO, 1942, p. 22. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado – 1941 – 1942)

Perturbado pelo pensamento de que Maria Franco não chorará a sua partida, é Mario quem sucumbe às lágrimas, enquanto encara a chuva na janela. Quanto à mulher, continuará

sofrendo um sofrimento seco, desértico, tempestuoso: “Ela sofrerá enquanto viver, é uma mulher forte e as mulheres como ela não esquecem” (AMADO, 1942, p. 41). Maria, assim como Oiá, é inteligente, astuta e forte, como uma guerreira. Não se deixa abalar ou sucumbir, ainda que o vento domine seu coração. Mario ainda salienta que, caso estivesse Maria com os militantes, ao redor do rádio à espera do levante, “teria sido capaz, como Lopes o fora, de levar os demais a uma conversa que os fizesse esquecer a noite e a morte” (AMADO, 1942, p. 42). A exemplo de Iansã, que é a única orixá a participar dos ritos fúnebres, por ser a mãe de todos os eguns; a única orixá que luta lado a lado de Xangô nas batalhas e divide com o marido as responsabilidades dos poderes do fogo, do raio e da tempestade, Maria é a única das mulheres com conhecimentos dos segredos do grupo de militantes, apenas ela compreende o que acontecerá quando soar o aviso da revolução armada na estação de rádio, somente ela seria capaz, de igual para igual, acalantar os companheiros e fazê-los esquecer do fim trágico que os aguardava.

Em última reflexão sobre Maria Franco, Mario divaga novamente sobre a ausência de lágrimas e deseja que a noite de sua morte fosse como a noite em que os dois estiveram juntos pela primeira vez, num barco, no meio do mar:

(...) gostaria que essa noite fosse também de luar, com estrelas no céu e alegria na terra. Porque talvez pudesse pensar nela sem desespero, sem imaginar que ela ia sofrer e que não mais deixaria de sofrer. (...) Se essa fosse uma noite de lua, romântica noite de estrelas e de canções, ele talvez marchasse para a morte sem desespero. (...) Se essa noite fosse bela, se lá fora não campeasse o vento, não caísse a tempestade, talvez que Maria Franco compreendesse que para Mario morrer é o mais desejado dos bens. E que esquecesse tudo, esquecesse até aquela outra noite, tão próxima e tão longínqua, tão feliz e tão desgraçada, e novamente fosse carinhosa e boa para José Franco. Assim o sacrifício de Mario não seria inútil e a paz desceria para todos eles. Mas essa é uma noite de cólera. O céu cortado de relâmpagos ilumina para Mario a visão de uma mulher desesperada. (...) **No seu coração jamais deixará de ser noite de tempestade.**”

(AMADO, 1942, p. 44. Documento 01 – 90. Acervo Mala de Jorge Amado 1941 – 1942).

Para Mario, o perdão de Maria e a solução dos problemas só viriam com uma noite limpa, de luar, sem os ventos da tempestade, ou seja, sem a transmutação de Iemanjá em Oiá. Contudo, a última frase dita sobre Maria Franco sela o destino de sua transformação: “No seu coração jamais deixará de ser noite de tempestade.” A mesma tempestade que assola a fazenda de Augusto e que permanece durante todo o tempo da narrativa inacabada de Jorge Amado; de alguma forma, Oiá dança sobre a cabeça dos militantes durante toda a narrativa.

É interessante notar a entrega de Mario em sacrifício que expurgará a culpa de ter traído seu melhor amigo, o homem bom, sem maldade no coração, José Franco. Mesmo ao fim da narrativa, Mario ainda deseja que Maria Franco volte para o marido.

As complexidades que envolvem a personagem de Maria Franco só são possíveis de existência porque, possivelmente, inspiradas numa mulher que oscilou entre pessoa e personagem desta tese: Maria Cruz. A hipótese se desvela ainda mais verossímil ao termos contato com as outras duas mulheres centrais do romance inédito: Edith e Dalva.

A construção de Maria Franco – e de Maria Cruz, enquanto personagem dos arquivos – demonstra, como argumenta Cláudia de Lima Costa em seu artigo “O sujeito no feminismo: revistando os debates”, a potência do sujeito feminino se encontra na positividade, contrariamente à Dalva e Edith, representadas enquanto sujeitos negativo do sujeito universal masculino. Maria Franco, por ser um duplo, uma versão, uma faceta de Maria Cruz, sujeito feminino em complexidade, político e atuante, constitui-se na positividade, dentro da ambivalência do espaço da mulher na sociedade. Dalva e Edith são a representação da mulher a partir do olhar masculino, Maria Franco/Cruz é irrepresentável, existindo num espaço não visível, num ponto cego do retrovisor, escondida pela estrutura do automóvel (LAURETIS, 1992). Cláudia (2002, p. 66) retoma Teresa de Lauretis para pensar essa ambivalência:

Em outras palavras, ela é “irrepresentável, a não ser como representação”, existindo em um constante deslizar entre “mulher” como signo e mulheres como sujeitos de “relações reais”. Aqui reside a dupla visão do feminismo: seu sujeito, longe de ser apenas uma metáfora ou uma questão de pura diferença, existe dentro e fora da ideologia de gênero, em um espaço que, usando terminologia cinematográfica, Lauretis define como *space off*. Isso não quer dizer que tal sujeito exista fora dos discursos e das representações, como no mundo “real”; ao contrário, tomando de empréstimo o exemplo do enquadramento cinematográfico, “esse espaço, embora não visível, pode ser inferido a partir daquilo que o enquadramento deixa visível”, existindo paralelamente a esse.

No que concerne ao pensamento de Alexandra Kollontai sobre o amor camaradagem, dentro do romance de Jorge Amado, os comunistas, ao se curvarem ao matrimônio, emulam automaticamente o amor burguês e romântico com suas esposas: Dalva e Edith. Heloísa, noiva de Augusto e que, ainda, não contraíra matrimônio, ocupa um espaço de entremeio, sendo quase uma das musas das cantigas de amizade e amor durante o trovadorismo: intocável, perfeita, quase sobrenatural. A única relação que se aproxima do ideal de amor camarada está fora do matrimônio: a de Maria e Mario. Fica a questão: foi intenção de Jorge Amado demonstrar como

a instituição do matrimônio soterra o potencial de amor e domina as mulheres ou apenas um reflexo da sociedade burguesa em que o autor estava inserido?

Com um olhar mais aproximado das relações construídas com as personagens mulheres, percebemos o desejo como irrealizável: quando se alcança a demanda, o desejo se frustra. Entramos também numa lógica burguesa de pensamento do amor em que o desejo da posse se disfarça de afeto e, tendo tomado para si o objeto cobiçado, perde o interesse. A única relação possível de companheirismo e ligação autêntica é a que é impossibilitada de ser realizada pelo matrimônio: Maria é casada com o melhor amigo de Mario – ou seja, pertence a José; são os laços matrimoniais indissolúveis – visto que o romance foi escrito em 1942 e que, à época, o desquite só previa a separação de corpos, mas não desfazia o casamento – e o amor/amizade entre Mario e José Franco, em uma sociedade regida pela monogamia a serviço da acumulação do capital, que constroem a culpa que Mario carrega e que, ao mesmo tempo, torna a relação dos amantes intocada pelas regras e termos de posse que o amor burguês impõe através do casamento. Então, o único amor camarada possível na narrativa de Jorge Amado é aquele que é também clandestino, como foi, em certa medida, sua relação com Maria Cruz.

5. CONCLUSÃO

Será possível apagar a memória e a presença de alguém da biografia de outrem, alguém que fez parte da rotina, do cotidiano, que esteve presente em momentos emblemáticos? Maria Cruz conviveu com Jorge Amado durante anos cruciais de sua formação enquanto escritor e intelectual, no Rio de Janeiro. Estavam juntos quando o escritor escreveu a letra de “É doce morrer no mar”, que seria, pouco depois, musicada pelo amigo Dorival Caymmi. Maria foi interlocutora de Amado, ao que tudo indica, em diversos textos: na biografia de Castro Alves, nos textos do raríssimo “Estrada do mar”, nos outros tantos poemas e prosas avulsos. Sobre o afeto que sentia por ela, Jorge Amado descreveu com perfeição o amor camaradagem que Alexandra Kollontai colocara como horizonte dos afetos comunistas. Os dois foram, juntos, para a Argentina: viveram em exílio, convivendo com militantes brasileiros, argentinos e uruguaios. Lá, Maria conhece Pompeu, por intermédio de Jorge Amado. A vida dos três mudaria consideravelmente a partir daquele encontro.

Quando deram fim ao relacionamento, Maria enquanto personagem ligada a Jorge Amado, permaneceu trancafiada nas duas Malas. Da biografia do baiano, Maria desapareceu quase que totalmente, tornou-se um fantasma. Contudo, se alguém deixa de existir, seja pela morte ou pela partida, sua existência prévia não pode ser completamente deletada, permanece a ausência, o silêncio. E são as lacunas que nos propiciam as narrativas, as fabulações. Dessa forma, Maria toma vida na biografia do escritor justamente enquanto figura etérea, que está ali e, concomitantemente, não está: nos nomes das mulheres com quem Amado se envolveu; nos trechos enigmáticos de “Navegação de cabotagem”; a partir da abertura da primeira Mala, nas correspondências com Pompeu, no romance inédito abandonado, enquanto personagem. A partir da ausência, Maria fez-se onipresente. Como nos diz Ecléa Bosi (2004, p. 18), “Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento”. Logo, cria-se um mistério a ser desvendado: quem é Maria? Pergunta que só poderia ser plenamente respondida a partir da existência e união de dois arquivos, os quais, felizmente, tive a honra de encontrar, conhecer e debruçar enquanto pesquisadora apaixonada.

Sem a existência dos arquivos Maria continuou sua vida, não há dúvida. Sua família está aqui para provar que sua memória, suas histórias e sua personalidade não foram esquecidas. Maria José Cruz Borges seguiu sua trajetória após cruzar seu caminho com o de Jorge Amado: tornou-se profissionalmente instrumentadora cirúrgica, envolveu-se com o movimento

sufragista, casou-se oficialmente com Pompeu Borges, viveu com ele em Ilha Grande, acompanhada de outros tantos presos políticos, criou seus filhos, agora com o apoio e companheirismo de Pompeu⁹², teve netos e netas, construiu uma casa, amores, lembranças. Da mesma maneira, segue Jorge Amado: cresce ainda mais enquanto escritor, traduzido para 49 idiomas, assumiu cadeira na Academia Brasileira de Letras, foi deputado estadual pelo PCB, exilou-se novamente, casou-se com Zélia Gattai, com quem viveu até sua morte. Contudo, a partir dos dois arquivos aqui apresentados, descobre-se uma série de facetas antes apagadas, esquecidas, talvez, renegadas. A partir da abertura das Malas, inicia-se o processo de invocação dessas vozes antes abafadas, reaviva-se aquilo que parecia morto. A Mala de Maria completa as lacunas existentes na Mala de Jorge que, por sua vez, completam outra série de espaços interditos da biografia do escritor.

Num contexto em que, como nos relembra Bosi (2004), o capitalismo se encarrega de corroer ou mesmo destruir a memória coletiva, agarrar-se aos fiapos da memória familiar e íntima é essencial. No cenário de exílio, enquanto militantes comunistas, a situação ganha caráter ainda mais complexo: qualquer materialidade pode se transmutar em confissão. Queimar, rasgar, abandonar pode parecer a decisão mais acertada. Um esquecimento não desejado, mas necessário.

No caso dos dois arquivos, foram as decisões de esquecimento que possibilitaram a rememoração: escolher abandonar a Mala, literal e metafórica, em outro país ou decidir guardar memórias de outra relação, de um período passado que acabou, mas não cessou de existir, entocar no armário a memória e esquecê-la: longe dos olhos, longe do coração. Sem as escolhas de esquecimento, os arquivos e sua potencialidade de vida não existiriam. É preciso esquecer para lembrar, afinal, como aponta Derrida⁹³, um arquivo não se configura enquanto espaço de depósito de lembranças, podendo ser acionado para conferir como ocorreu exatamente algum fato, como seria possível fazê-lo quando o arquivo é lacunar, rasurado, fragmentado, repleto de esquecimento? As narrativas fazem parte do intrínseco do arquivar e do desarquivar e, sem o arquivo, as fabulações que permitiram a existência desta tese, seriam incabíveis.

⁹² Pompeu foi pai dos filhos de Maria e avô de seus netos, inegavelmente. Prova disso é a homenagem que recebeu de José Eduardo, que nomeou seu filho em memória de Pompeu.

⁹³ DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001.

POSFÁCIOS

Inspirada pelos acontecimentos no processo de escrita da tese, resolvi deixar meu testemunho – quase crônicas, quase memórias – sobre algumas reflexões que teimaram aparecer.

Eu vi o Cristo – do tamanho de um imã

Em 2011, a professora Leonor deixou na porta do nuLIME uma mala. Em 2012, viajei usando a mesma mala e, sem me desfazer da bagagem, fui parar às margens do Rio Prata sem nunca ter tido, de fato, lá pisado. Em 2021, nunca tinha visto o Rio de Janeiro. Continuo nunca tendo visto, mesmo que tenha pisado em terras cariocas. Contudo, voltei, curiosamente, com o Rio, um pouco da Bahia e outro punhado da Argentina acomodados na minha bolsa.

Quando Luiz Fernando ofereceu-me o arquivo-herança deixado por Maria, comecei os planejamentos necessários para poder coletar o material da maneira mais segura possível em meio a uma pandemia. Após alguns desencontros e tentativas falhas, resolvemos, minha esposa e eu, irmos de ônibus, de madrugada, tentando evitar a lotação dos horários diurnos: chegaríamos às 7h, iríamos para o apartamento em que residem Luiz e sua esposa Beth, pegaríamos a sacola com o arquivo na portaria – evitando, dessa forma, um contato direto com Luiz. Depois, voltaríamos para a Rodoviária e, de lá, para casa. Sem passeios, sem rodeios, sem turismos. O rio virou promessa para depois.

Tudo ocorreu, perfeita e caoticamente, como combinado. Sem ter conseguido dormir durante a viagem de São José dos Campos até o Rio de Janeiro, passei cinco horas em claro imaginando que tipo de documento encontraria naquelas pastas: correspondências? Textos literários? Mais fotos? Estaria tudo em bom estado? E mesmo quando dormi, por uns minutos, sonhava com os barulhos do ônibus, os roncamentos dos passageiros, com Jorge Amado, com Maria. Tendo aceitado a viagem insone, passei a observar a estrada, o sol raiando, uns lagos no caminho, procurando o momento em que identificaria o Rio de Janeiro, até que vi o Cristo Redentor pela janela do ônibus e quis – e quase o fiz – acordar minha esposa, que já vira tantas vezes o Cristo, e muito maior, tudo para que ela ouvisse “Olha só, o Cristo!”. O ataque de turista seguiu conforme outros pontos famosos da cidade brotavam em meio ao itinerário desprezioso do ônibus, quando vi a Lapa, quis descer correndo.

A caminho do prédio antigo, adicionamos um desvio na rota milimetricamente planejada: uma parada num mercado para que pudéssemos comprar algo que comer e um vaso de rosas, uma lembrancinha boba perto do tesouro que receberia em breve. Depois de um sanduíche ruim, um pudim sem gosto e uns botões de rosa tímidos, mas promissores, caminhamos até a portaria, as pernas muito bambas. Enquanto o porteiro não vinha, tentei adivinhar qual das sacadas era a de Luiz. Escolhi uma cheia de plantas, provavelmente equivocada. Quando peguei em mãos as pastas e pedimos que o simpático porteiro entregasse as rosas, já parecia meio em transe e, até a rodoviária, segui meio extasiada espiando, delicadamente, as relíquias que me esperavam. O cheiro de papel velho atravessava a máscara e chegava nostálgico ao meu nariz de arquivista. A primeira coisa que vi foi um dos originais do ABC de Castro Alves, todo rabiscado com aquela caligrafia que conheci tão bem enquanto trabalhei com o Acervo Mala de Jorge Amado. Na rodoviária terminei de fuçar, superficialmente, tudo aquilo que se encontrava nas pastas e havia sido guardado com tanto zelo por Maria e Pompeu. Na viagem de volta, finalmente, abraçada com os documentos, dormi e, ao que me lembre, não sonhei.

Quando finalmente chegamos na cidade e entramos no carro, despençou uma tempestade monstruosa: nosso bairro alagou rapidamente e, temerosa, a motorista de aplicativo nos deixou numa farmácia, sem termos como chegar em casa. No fim, ainda não era o fim e a aventura continuava: enrolamos os documentos numa manta, colocamos dentro de duas sacolas plásticas, dentro de uma mochila e decidimos caminhar, já que carro nenhum nos buscaria no meio de um alagamento e uma tempestade que insistia em cair. Calçando chinelos e com um medo gigante, caminhamos – ou nadamos – por 2 km, com uma pausa para comer uma goiaba apanhada na beira da estrada. Depois de tanta água – da chuva e do choro, chegamos molhadas em casa – mas os documentos permaneceram intactos. Agora, para lembrar do Rio me bastaria abrir as pastas para desvendar tudo que guardavam – e, além disso, um imã do Cristo Redentor na geladeira, por acaso, do exato tamanho que eu pude vê-lo pela janela do ônibus.

Afantasia

Para muitos, palavras evocam imagens. Memórias são feitas de imagens, apesar de conseguirmos contá-las através das palavras. Para estas mesmas pessoas, a literatura não vai muito longe: palavras, mas a serviço da formação e descrição de imagens. No espaço literário em que a palavra tem o poder, assim como Exu, de criar, recriar, exuzilhar, parindo algo completamente novo, pensar no imaginário enquanto imagético, quase literal, é limitante e até encarcerador da potencialidade da palavra.

Para mim, imagem e palavra sempre foram entidades separadas: não enxergo o que falo, sou incapaz de imaginar imagens, embora, creio eu, seja muito capaz de *imaginar*. Essa condição, descobri recentemente, tem nome: afantasia; embora saibamos muito pouco sobre como ela funciona ou de onde se origina, trata-se da dificuldade ou incapacidade completa de enxergar imagens a partir de sua imaginação. Exemplifico: sempre que fazia meditação guiada, me pediam que imaginasse uma praia, com areia branca, o mar azul escuro, as ondas indo e voltando calmas. Para mim, o pedido significava que eu precisava resgatar, em algum lugar dentro de mim, a sensação de estar com os pés enfiados na areia, sentindo o vento trazer os respingos salgados, cheirando a maresia, o protetor solar, o milho vendido pelo ambulante. Para mim, era sobre os sentimentos diversos que as palavras me descreviam e suscitavam, uma grande metáfora sem nenhuma imagem concreta, pouco próxima do real, muito mais perto do coração selvagem, como diria Clarice. E eu jurava que era assim para todo mundo. *Ver* algo na sua mente? Impossível, nunca havia nem cogitado essa hipótese. Foi assim que o cheiro, o gosto, os sons, as texturas e, principalmente, as emoções invadiram minhas memórias. Não posso descrever em detalhe a roupa de alguém, mas sei o que ela me disse, o que eu senti, qual era o seu perfume e me lembrar da música que tocava no ambiente enquanto conversávamos. Palavras evocam imagens, descobri mais tarde. Para mim, contudo, palavras sempre invocaram sentimento.

Extravio

Algumas bagagens se extraviam no meio do caminho. São perdidas, esquecidas, abandonadas. Outras, chegam ao destino, mas são esquecidas num canto da casa movimentada, útil, dinâmica, apressada. A mala repleta de coisas importantes mas nem tanto assim, permanece em inércia conclamando todo o pó que flutua no cômodo. Até que um dia alguém decide desentulhar o quarto e descobre aquilo que já não lembrava mais que se tinha. O cheiro de guardado sobe pelas narinas. Se vão para o lixo ou para a doação a maioria das coisas, o resto volta para o armário, entupido de tudo, já nauseado de guardar e engolir naftalina. No fim, uma mala é um armário em movimento. Mas nem sempre movimentada. Depois de desfeita, volta a mala para o canto do quarto, vazia, vem uma sensação de dever cumprido que logo se substitui pelo tédio de estar oca, e ela indaga: e se eu tivesse caído da esteira no avião? Estaria em outro continente? Presa no aeroporto? Para sempre sozinha com tudo que coube em mim, desdobrado e sujo? E se eu carregasse comigo uma bomba? Documentos importantes? Um contorcionista? Será mesmo que o conteúdo dá conta de definir o destino da mala? Ou todas, enfim, padecem no canto dos quartos, em cima de armários, pegando poeira, até a próxima viagem e a esperança de ser perdida, esquecida, abandonada?

Laroyê

“Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje”. Na encruzilhada tudo começa, na encruza tudo termina, contudo, sem realmente acabar. Começo com Exu, chego ao fim, acompanhada dele, que torce o tempo para estar no início e nos finais, já que, a depender da perspectivas, já diria Maria Mulambo: os dois são mesmo a mesma coisa, *menina*.

REFERÊNCIAS

- ABADIA, Danúbia Mendes. Alexandra Kollontai: o Amor, a Mulher e a Revolução Russa. In: PINTO, João Alberto da Costa (Org). **Intelectuais dissidentes na Revolução Russa**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018.
- AMADO, Jorge. **Romance inédito**. Acervo Mala de Jorge Amado, nuLIME, UFSC. 1942.
- BARROS, Cristiane Amaral. Iemanjá e Pomba-Gira: imagens do feminino na umbanda. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF. Juiz de Fora, 2006.
- BARTHES, Roland. **Michelet**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BEHAR, Regina Maria Rodrigues. **PCB: Duas políticas culturais – 1945-1958**. Dissertação (Mestrado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 1992.
- BENISTE, José. **Dicionário yoruba-português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. **O Espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Lisboa: Relógio D'água, 1984.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo: Séculos XV – XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2015.
- CLARK, Alice. **The Working Life of Women in the 17th-Century England**. Londres: George Routledge and sons, 1919.
- COELHO, Thalita da Silva. **Entre esparsos e inéditos: a Mala de Jorge Amado 1941 -1942**. Florianópolis: UFSC, 2016. 116 p. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.
- COELHO, Thalita da Silva. **O eco de fantasmas: perpetuação da misoginia no cânone**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 1, e56309, 2019.
- COSSI, Rafael Kalaf. **A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo**. 2016. 276f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde25072017-090645/en.php>. Acesso em 26 set. 2021.
- COSTA, Cláudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. Campinas, Cadernos Pagu, n. 19, p. 59 – 90, 2002.
- COSTA, Luciano Bedin da. **Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 180 p. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação.
- DAMASCENO, Tatiana. **Nas águas de Iemanjá: um estudo das práticas performativas no candomblé e na festa à beira-mar**. Rio de Janeiro: Unirio, 2015. 235 p. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Rio de Janeiro, 2015.
- DA SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001.

DILGER, Gehrard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge. (Orgs.) **Descolonizar o imaginário**: Debates sobre pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Fundação Rosa de Luxemburgo, 2016.

DREY, Marina Siqueira. **A Mala de Jorge Amado – 1941 – 1942**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

DREY, Marina Siqueira. **“Não fiz anotações, morrem comigo”**: o arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado. Dissertação (Mestrado em Literaturas) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

EASLEA, Brian. **Witch-Hunting, Magic and the New Philosophy**. An Introduction to the Debates of the Scientific Revolution. Brighton: The Harvest Press, 1980.

Entrevista com Sílvia Federici: <https://revistacult.uol.com.br/home/silvia-federici-caliba-e-a-bruxa/>

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci**: 20 anos de clandestinidade. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1988.

FANNON, Franz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo**. Cadernos Pagu, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100002>. Acesso em 12 junho 2021.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Em narrativas amadianas, Exu: a boca que tudo come. **Revista Criação e Crítica**. São Paulo, n.18, p. 20 – 37. jun. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em 20 janeiro 2021.

FRAGA, Myriam. **Memórias de Alegria**. Salvador: FCJA, 2013.

FREITAS, T. M. G. Erfahrung e Erlebnis em Walter Benjamin. Revista Garrafa. Rio de Janeiro, número 33. p. 72 - 87.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 12-85.

GATTAI, Zélia. **A casa do Rio Vermelho**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOLDENBERG, MIRIAN. **Mulheres & militância política de esquerda no Brasil**: uma história não contada. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5395&Itemid=361. Acesso em 12 nov 2018.

GONÇALVES, Ailê. **(In)Visibilidades no Acervo Jorge Amado (1941 – 1942)**. 2016. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GONÇALVES, Ailê. **A Mala de Jorge Amado revelada por imagens**. 2019. 188 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GONZAGA, Nicola. **O cavaleiro biografado e outros ecos**. Dissertação (Mestrado em Literaturas) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. vol. 6. Civilização Brasileira, 2006.

HART, Rosana. **Da leitura literária e suas invisibilidades**: o lugar de Jorge Amado. Dissertação (Doutorado em Literaturas) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

HEALEY, Dan. **Homosexual desire in revolutionary Russia**: the regulation of sexual and gender dissent. Londres: The University of Chicago Press, 2001.

HEALEY, Dan. What can we learn from the history of homosexuality in Russia? **History Compass**, v.1. 2003. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1478-0542.047>>. Acesso em 13 mar 2020.

HOOBS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IASI, Mauro. **Ensaio sobre a consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

IRIGARAY, Luce. **A questão do outro**. Labrys, estudos feministas [online], n. 1-2, 2002. Disponível em: https://www.labrys.net.br/labrys1_2/irigaray1.html. Acesso em: 29 maio. 2021.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1997

JESUS, Diego Santos Vieira de. O camarada de um amor sem nome: medo e desejo na União Soviética (1917-1934). **Caderno Espaço Feminino**, v. 23, n. ½, 2010, p. 281-309.

KOLLONTAI, Alexandra. A nova mulher e a moral sexual. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KOLLONTAI, Alexandra. Autobiografia de uma mulher comunista sexualmente emancipada. São Paulo: Sundermann, 2007.

LANGLAND, William. **The Vision of Piers Plowman**. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/piers-plowman>. Acesso em: 05 dez 2018.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. Trad. de Suzana Bornéo Funck. In: **Tendências e impasses**: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Rocco, 1992. p. 206-242.

LAURETIS, Teresa de. **When lesbians were not women**. Labrys, études féministes, setembro de 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/special/special/delauretis.htm>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARCONDES, Eduardo. Dia Internacional da Mulher. Disponível em: <https://eduardomarcondes.wordpress.com/2017/03/08/dia-internacional-da-mulher/>. Acesso em 30 de dezembro de 2020.

MARCONDES, Eduardo. O cronista aprendiz. Disponível em: <https://eduardomarcondes.wordpress.com/2013/06/28/o-cronista-aprendiz/>. Acesso em 30 de dezembro de 2020.

MARCONDES, Eduardo. Você precisa ler mais! Disponível em: <https://eduardomarcondes.wordpress.com/2017/03/22/voce-precisa-ler-mais/>. Acesso em 30 de dezembro de 2020.

MARTINS, Roberta. **Enlaces**: memória e subjetividade no acervo Jorge Amado. Dissertação (Mestre em Literaturas) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

- MARX, Karl. **O capital. Tomo I.** São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte.** São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; TESSER-JÚNIOR, Zeno Carlos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Homofobia e os socialistas brasileiros em “O Lampion da Esquina” (1978-1981). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, nov. 2018. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/45989/37562>>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; TESSER-JÚNIOR, Zeno Carlos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Homofobia e os socialistas brasileiros em “O Lampion da Esquina” (1978-1981). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, nov. 2018. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/45989/37562>>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- NELSON, Maggie. *Argonautas.* Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- NUTELS, Bertha. Aos 72 anos, judia cria drag queen russa e homenageia antepassados. [Entrevista concedida a Paulo Sampaio] *Universa*, UOL, 2019. Disponível em: <https://paulosampaio.blogosfera.uol.com.br/2019/08/11/aos-72-anos-judia-cria-drag-queen-russa-e-homenageia-antepassados/>. Acesso em 16 de maio de 2021.
- O LAMPION DA ESQUINA. “Entrevista”. *Alô, Alô, classe operária: e o paraíso, nada?*, 1979, p. 9-11. (Entrevista concedida por Luiz Inácio Lula da Silva)
- O LAMPION DA ESQUINA. *Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita*, n. 10, 1979.
- OLIVEIRA, J. M. Fazer e desfazer o gênero: Performatividades, normas e epistemologias feministas. In S. Neves (Coord.), **Gênero e ciências sociais** (pp. 49-66). Maia: ISMAI, 2011.
- OTIS, Leah Lydia. **Prostitution in Medieval Society: The History of an Urban Institution in Languedoc.** Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- Perfil de Tomás Pompeu de Acciólly Borges – CPDOC https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/tomas_pompeu_acioli_borges
- RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado.** Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO. Breve Histórico do PCB. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PRESTES, A. L. 70 Anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=925%3Ajuarez-tavora&catid=45%3Aletra-j&Itemid=1. Acesso em: 15 out. 2020.
- SOUTO MAIOR, Laércio. *Luiz Carlos Prestes na poesia.* Curitiba: Travessa dos editores, 2006.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942.** Porto Alegre: Navegações, v.5, n.2, p. 156-161, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25529016.pdf>. Acesso em: 05 jan 2021.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). **A Mala de Jorge Amado (1941-1942).** Imprensa Universitária UFSC (no prelo).
- RICÉUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas: Editora Unicamp, 2012.

- ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias**: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. A militância política na obra de Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). **O Universo de Jorge Amado: cadernos de leituras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 22 – 33.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As cores da revolução**: a literatura de Jorge Amado nos anos 30. São Paulo: Annablume; Fapesp, UNICAMP, 2009.
- RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato**: a ciência das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SAID, Edward. **The world, the text and the critic**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.
- SALDANHA, Mônica. **Lesbianizar o irrepresentável**. v. 1 n. 3 (2018): REBEH V.1 N.3 (2018). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9168>. Acesso em 20 de maio de 2021.
- SALDANHA, Mônica. Um conceito de deslocamentos: notas para uma leitura decolonial de Straight Mind. In: ALVES, Bárbara Elcimar dos Reis; FERNANDES, Felipe Bruno Martins (Orgs). **Pensamento lésbico contemporâneo**: decolonialidade, memória, família, educação, política e artes. Florianópolis: Tribo Ilha, 2021. p. 156 – 169.
- SCHMIDT, Simone Pereira. **Como e por que somos feministas**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 12(N.E.): 264, setembro-dezembro/2004.
- SCHWANTES, Cíntia. **Como romancear a revolução ou A hora próxima, de Alina Paim**. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 20 – Julho-Dezembro de 2012 –Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num20/>. Acesso em 10 nov 2018.
- SCOTT, Joan. **The Fantasy of Feminist History**. Durham, London: Duke University Press, 2011.
- SILVA, Liliam Ramos da. **Não me chame de mulata**: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (57.1): 71-88, jan./abr. 2018.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- SIMAS, Luiz Antônio. Bato tambor, logo, existo. [Entrevista concedida a] Natália Zaccaro e David Carneiro. Revista Trip. Dezembro de 2020. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/luiz-antonio-simas-bato-tambor-logo-existo>. Acesso em janeiro de 2021.
- TAKAOKA, Yoshiya. Enciclopédia Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9329/yoshiya-takaoka>). Acesso em 10 de maio de 2021.
- TAWNEY, R. H. **The Agrarian Problem in the Sixteenth Century**. Nova York: Harcourt Brace, 1967.
- TELLES, Sérgio. Mal de Arquivo: as vicissitudes da memória segundo Derrida. Psychiatry Online Brasil, 11, fevereiro 2002. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano02/psi0202.php>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- THEODORO, Helena. **Iansã**: Rainha dos ventos e das tempestades. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.
- TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

Verbetes União Feminina do Brasil. CPDOC. Disponível em:
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-feminina-do-brasil>.
Acesso em 10 de maio de 2021.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona: Editorial Egales, 2006.